**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS**

MÁRCIO LUIZ MOITINHA RIBEIRO

**EPIGRAMAS DE HENRIQUE CAIADO:
ESTUDO E TRADUÇÃO DOS LIVROS I E II**

**São Paulo
maio de 2011**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

**EPIGRAMAS DE HENRIQUE CAIADO:
ESTUDO E TRADUÇÃO DOS LIVROS I E II**

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro

**Tese apresentada ao Departamento de
Letras Clássicas e Vernáculos (DLCV) da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas (FFLCH) da Universidade de São
Paulo (USP), para a obtenção do título de
Doutor em Letras Clássicas.**

Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho

**São Paulo
maio de 2011**

“Exemplar original”

DEDICATÓRIA

A Deus que deu-me saúde, paz e força para conseguir concluir esta magna empreitada de traduzir todos os epigramas de Caiado e de tecer comentários analíticos sobre os mesmos;

Ao meu grande amigo e orientador, prof. Dr. Seabra, grande latinista e livre-docente, sem o qual não haveria concretizado este trabalho que vem à luz;

Aos professores doutores Zelia de A. Cardoso e Ricardo Cunha Lima que permitiram que eu seguisse avante na pesquisa e na tradução da obra epigramática de Henrique Caiado;

Ao prezado professor doutor e titular da Universidade de Coimbra, Sebastião Tavares de Pinho por ter-me enviado toda a obra de Caiado e indicado um grande especialista em latim renascentista para ser o meu orientador no pós-doc., o prof. Dr. Ascenso André, que não mediu forças para participar de minha banca de doutorado no Brasil.

Aos meus pais pelo apoio em todos os momentos;

À esposa Maria José Ferreira de Barros Ribeiro pela paciência;

A meus filhos Juliana Ferreira e Christian Ferreira pela compreensão à minha falta de tempo e pela minha constante ausência paterna devido aos meus estudos de pós-graduação *stricto sensu* e à preparação de aulas;

A meus ex-alunos sem exceção, sobretudo, hoje docentes de latim em universidades públicas e particulares em especial à profa. Dra. Maria da Conceição Silveira de Almeida da UFRJ pelo reconhecimento de meu trabalho como latinista entusiasta da UERJ.

Ao Seminário São José de Niterói por todos os momentos de alegria e de santidade em que passei com todos com os quais convivi desde a sua criação em 2005 até 2009 quando saí.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador do doutorado, Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho, pela amizade, pela paciência nos momentos difíceis da vida, pela orientação em todos os momentos mormente nas passagens mais complexas da tradução dos epigramas, enfim pelo incentivo e apoio em todas as circunstâncias;

À professora Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso, pelas inúmeras provas de amizade e pela orientação no mestrado. Ela que me abriu as portas para ingresso na Pós-graduação em Letras Clássicas na USP;

À professora Dra. Flora Simonetti que incentivou-me, ensinou-me com sólida formação dos latins V a VIII da graduação e indicou-me para lecionar latim eclesiástico no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro;

Ao latinista, filólogo e acadêmico, prof. Dr. Amós Coêlho da Silva que me introduziu aos estudos dos latins I a IV na UERJ e a minha caríssima e inesquecível profa. Dra. Nícia Verдини de língua portuguesa;

Aos meus queridos docentes da USP, Antonio da Silveira Mendonça, Ariovaldo Peterlini e José Eduardo dos Santos Lohner que demonstraram em suas aulas na pós o amor à língua, à literatura, à estilística e sobretudo ao estudo etimológico do latim e que contribuíram muito pela minha formação acadêmica na área de Letras Clássicas;

Às minhas docentes da Especialização em Língua e Literatura Latinas professoras doutoras Alice da Silva Cunha, Mára Rodrigues Vieira e Vera Figueiredo pelas suas inesquecíveis aulas de língua, literatura e estilística latinas na UFRJ;

À equipe da Biblioteca Nacional e do Real Gabinete Português de Leitura pelo acesso ao preciosíssimo acervo;

À Biblioteca da Universidade do Coimbra que gentilmente disponibilizou uma cópia digitalizada na internet de toda a primeira edição de 1501 da obra de Henrique Caiado;

Enfim em particular aos excelentíssimos bispos de Niterói, D. Alano e D. Roberto do Seminário São José de Niterói, aos sacerdotes e seminaristas aos quais tenho muito amor e consideração.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha.
**Epigramas de Henrique Caiado: Estudo
e Tradução dos Livros I e II.**
São Paulo. USP, Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, 2011.
440 págs. mimeo. Tese de Doutorado em
Língua e Literatura Latinas.

Resumo

Focalizamos o estudo e a tradução dos livros I e II dos *Epigramas* do poeta renascentista português Henrique Caiado.

A tese está dividida em três partes: a primeira diz respeito à vida e obras do poeta; depois passamos às origens do gênero epigramático, subdivididas nas origens propriamente ditas, nos tipos, nas características e nos poetas epigramáticos gregos e romanos; na última parte, a partir da tradução dos poemas originais fazemos um estudo analítico dos epigramas no qual tecemos comentários linguísticos, estilísticos, moralizantes e laudatórios. Nesses últimos analisamos alguns encômios que o poeta faz a personagens portuguesas e italianas ilustres, e retiramos exemplos que comprovem nossas afirmações.

Para a elaboração deste trabalho, servimo-nos sobretudo da edição, cada vez mais rara, do *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum* do Pe. Antonio dos Reis e de Manuel Monteiro, editada em 1748 e fotocopiada gentilmente pelo professor Doutor Sebastião Tavares, da Universidade de Coimbra.

Palavras-chave

Epigramas
filologia clássico-renascentista
latim.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha.

Epigramas de Henrique Caiado: Estudo e Tradução dos Livros I e II.

São Paulo. USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

440 págs. mimeo. Tese de Doutorado em Língua e Literatura Latinas.

Abstract

We focus on the study and translation of Books I and II of epigrams of the Portuguese renaissance poet, Henrique Caiado.

The thesis is divided into three parts: the first concerns the life and works of the poet, after we have the origins of the epigrammatic genre, subdivided into their respective origins, types, features, and the epigrammatic Greek and Roman poets; in the last part from the translation of the original poems, we make an analytical study of the epigrams in which we weave linguistic, stylistic, uplifting and laudatory comments. In the latter, we analyze a passage in which the poet extols the distinguished Portuguese and Italian characters always presenting examples which prove our claim.

In carrying out this work, we used mainly the increasingly rare issue of the *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum* of Father Antonio dos Reis and Manuel Monteiro, published in 1748 and kindly photocopied by Professor Dr. Sebastião Tavares of the University of Coimbra .

Keywords

Epigrams
classical and Renaissance Philology,
latin language.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha.
**Epigramas de Henrique Caiado: Estudo
e Tradução dos Livros I e II.**
São Paulo. USP, Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, 2011.
440 págs. mimeo. Tese de Doutorado em
Língua e Literatura Latinas.

Résumé

Ce travail se concentre sur l'étude et la traduction des livres I et II du poète portugais de la Renaissance, Henry Caiado.

La thèse est divisée en trois parties: la première concerne la vie et l'œuvre du poète; la deuxième passe à l'origine du genre épigrammatique, subdivisée aux origines réelles, les types, les caractéristiques et les poètes épigrammatiques Grecs et les Romains; et dans la troisième partie de notre travail, de la traduction des poèmes nous faisons une étude analytique des épigrammes dont les commentaires seront armure linguistique, édifiante et de célébration. Dans ce dernier cas nous analysons quelques louables auxquels le poète rend les personnages toujours distingués italiens et portugais, avec des exemples qui prouvent nos revendications.

En effectuant ce travail, nous avons utilisé principalement l'édition de plus en plus rare le *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum* du prêtre Antonio Reis et Manuel Monteiro, publiée en 1748 et aimablement photocopiée par le professeur Dr Tavares Sebastião, Université de Coimbra.

Mots clés:

Épigrammes,

philologie classique et de la renaissance,

langue latine.

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Résumé

Sumário

Índice

Introdução

Capítulo 1: Vida e obras do poeta Henrique Caiado

Capítulo 2: Origens do gênero epigramático:

2.1. Origens

2.2. Tipos

2.3. Características

2.4. Poetas epigramáticos gregos e romanos

Capítulo 3: Estudo analítico dos epigramas

Conclusão

Referências Bibliográficas

Apêndice: Tradução dos *Epigrammata* dos livros I e II de Henrique Caiado

Índice Onomástico

Anexos em duas versões:

1. *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum*. Edição de Portugal de 1748.

2. *Epigrammata de Henrique Caiado*. Edição de Bolonha de 1501.

ÍNDICE

Introdução	10
Capítulo 1: Vida e obras do poeta Henrique Caiado	14
Capítulo 2: Origens do gênero epigramático:	29
2.1. Origens	29
2.2. Tipos	36
2.3. Características	43
2.4. Poetas epigramáticos gregos e romanos	44
Capítulo 3: Estudo analítico dos epigramas:	58
Conclusão	158
Referências Bibliográficas	166
Apêndice: Tradução dos <i>Epigrammata</i> dos livros I e II de Henrique Caiado	177
Índice Onomástico	413
Anexos em duas versões	440
1. <i>Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum</i>. Edição portuguesa de 1748.	
2. <i>Epigrammata de Henrique Caiado</i>. Edição de Bolonha de 1501.	

INTRODUÇÃO¹

Propomos tecer considerações num primeiro momento a respeito da vida e obras do poeta Henrique Caiado e depois acerca das origens do gênero epigramático, contemplando-o em seus tipos, características e poetas epigramáticos que mais se destacaram na Grécia e Roma antigas. Feitas as leituras dos textos teóricos a respeito dos temas que serão abordados, destacamos a visão desses especialistas como também, em alguns momentos, focalizamos a nossa opinião sobre as temáticas em questão.

Foi-nos sugerido um estudo analítico dos epigramas que terá um capítulo específico e podemos dizer que é o principal escopo de nosso trabalho. Tal estudo estará voltado às questões que, ao nosso ver, mais se distinguiram nos epigramas a partir dos quais teceremos comentários de várias naturezas.

Quanto às notas, apresentamo-las sempre que necessárias para melhor compreensão do texto. Não há as resumitivas de cada epigrama, visto que o próprio texto já basta para o entendimento do leitor. Por serem mais constantes, as referências aos epigramas aparecem com indicações como as do exemplo seguinte: II, 53, 1-5 (em algarismo romano o número do livro do epigrama, em arábico o do epigrama, em seguida a referência aos versos); não se fazem indicações do autor Caiado nem do vocábulo “epigrama” – desnecessárias, visto se estar trabalhando unicamente com essas informações).

No tocante à questão da intertextualidade da obra epigramática de Caiado não foi deveras o nosso foco, nem intenção; não obstante fizemos algumas alusões aos textos clássicos que o poeta pode ter modelado à sua maneira. Esperamos que no porvir novos pesquisadores e especialistas do latim e da literatura renascentista façam tal tarefa de identificação de semelhanças textuais, patentes no poema de Caiado e em outras obras clássicas.

Quanto à tradução, optamos pela em prosa sempre procurando traduzir literalmente os versos epigramáticos, sem deixar à parte – para não perder a beleza do texto poético - as metáforas e demais figuras estilísticas que nos sugere o texto original. O primeiro sentido do vocábulo latino intencionalmente nos foi preservado, sempre houve a preocupação de traduzir o que realmente Henrique Caiado nos quis dizer em

---

¹ Ressaltamos que seguiremos em nossa tese o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa a 19 de dezembro de 1991 e que entrou em vigor em janeiro de 2009.

seus epigramas. Vale ressaltar que a tarefa da tradução dos epigramas inéditos nos foi deveras muito árdua, em certos momentos difícil. Foi-nos uma grande empreitada dar à luz pela primeira vez em língua vernácula dois livros de epigramas, nunca traduzidos antes para nenhuma língua moderna.

No artigo *As Polivalências Léxicas e Sintáticas do Latim e as Traduções dos Poemas Latinos*, já dizia Zelia de Almeida Cardoso² que a tradução de textos poéticos costuma apresentar sérias dificuldades ao tradutor. Em primeiro lugar pelo fato do distanciamento das épocas e da cultura - como acontece aliás nos epigramas quinhentistas de Caiado. Além disso é necessário amplo conhecimento do especialista em língua latina para a correta compreensão do objeto a ser traduzido. Concordamos também com Zelia, quando ela afirma que a primeira dificuldade para traduzir com perfeição foi a acentuada barreira das estruturas morfossintáticas do latim em relação ao vernáculo, entre as quais citamos o enfraquecimento da noção de caso latino, modificação na ordem das palavras, uso mais frequente das preposições, perda da noção de aspecto verbal (*infectum* e *perfectum*), surgimento das formas analíticas sobretudo da voz passiva e o desaparecimento de algumas formas nominais. Enfim o latim sintético por natureza cede lugar à forma analítica do português, e esta pode tornar ambígua ou obscura a tradução³. Há também questões semânticas que não podem ser descartadas na tradução, visto que os signos linguísticos sofreram profundas alterações em seus significados básicos na passagem para o português. Quanto ao estilo, sobretudo aos “tropos”, podem estes ter-se tornado incompreensíveis com o tempo e conseqüentemente não serem bem conhecidos em nossa época. Outro item que destacamos na dificuldade de uma tradução bem feita é a plurivalência dos significados dos vocábulos latinos. Às vezes um mesmo vocábulo tem muitos significados, e eis então o verdadeiro desafio: escolher realmente a verídica intenção do poeta. Na tradução nem sempre a seleção vocabular é a mais adequada, e muitas vezes podemos chegar ao equívoco mesmo tendo feito inúmeras revisões na tradução.

Quanto à literatura, gostaríamos de destacar que Antonio Marcos Gonçalves Pimentel⁴ lembra em seu artigo que ela é uma relevante fonte - e também documento

---

² CARDOSO, Zelia de Almeida. *As polivalências léxicas e sintáticas do latim e as traduções dos poemas latinos*. **Atas da III Semana de filologia**. USP - FFLCH. São Paulo: 2010. pp. 55-70.

³ CARDOSO, Zelia de Almeida. *Op. cit.* p. 57.

⁴ PIMENTEL, Antonio Marcos Gonçalves. *Amor e Morte em Catulo: Limites e Aproximações*. In: Anais do IV CLCOIL – UERJ. Volume Único 2009: **IV Congresso de Letras Clássicas e Orientais** em homenagem à professora Dr. Ruth Junqueira de Faria, p. 29.

histórico – capaz de proporcionar descobertas as mais variadas possíveis como o autoconhecimento do leitor, passando por estudos culturais comparativos, construções de perfis sociológicos, antropológicos e, metalinguisticamente falando, produzir conhecimento sobre si mesma. Mas a literatura também é um relevante acesso para que se conheçam os escritores: suas motivações, paixões, relacionamentos, condições sociais, pensamentos e posições. Podemos afirmar que a obra de Caiado⁵ reflete a época renascentista com os costumes e personagens⁶ ilustres. Portanto o texto possui valor não só literário como também histórico, porque trata de Portugal do século XVI com todas as suas inovações, viagens ultramarinas e descobertas, e enfim com suas conquistas e derrotas. O valor literário do texto de Caiado está patente por ter sido registrado e publicado em Bolonha em forma de epigrama todo um contexto de época. Trata-se de texto riquíssimo seja nas mensagens moralizantes, seja no valor histórico-literário, seja no valor estético, inspirado sobretudo nos modelos da literatura da Roma antiga, seja no valor linguístico com passagens complexas, arcaizantes e em alguns momentos enigmáticas.

A seguir apresentamos os principais textos que serviram de base para a elaboração da tese. Para o estudo da vida⁷ e obras do poeta, serviram de base as seguintes publicações: em *Filologia e Literatura*, encontramos a resenha de Rebêlo Gonçalves, *As Éclogas de Henrique Caiado*, na qual ele faz comentários da edição inglesa de Wilfred Mustard sobre a vida, obras e estilo do poeta; outras fontes bibliográficas consultadas foram: *As Éclogas de Henrique Caiado*, de Tomás da Rosa; *Eclogues of H. Cayado*, de Wilfred Mustard; *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, de Marcel Bataillon, cujo capítulo *La Mort d' Henrique Caiado* nos interessou; também lemos *Les Écloges d'Henrique Caiado ou L'Humanisme Portugais a La Conquete de La Poesie Neo-latine*, escrito por Claudie Balavoine.

---

⁵ Tivemos acesso às principais edições da obra epigramática do poeta e que se encontram em anexo: a primeira, de Bolonha de 1501, foi digitalizada pela Biblioteca da Universidade de Coimbra, ao passo que a segunda foi reeditada *a posteriori* pelo padre Antonio do Reis e Manuel Monteiro no *Corpus Illustrum Poetarum Lusitanorum*, escrita entre os períodos de 1745 a 1748.

⁶ Infelizmente não nos foi possível pesquisar na íntegra a origem dos nomes das personagens portuguesas e italianas visto que o autor da pesquisa não pôde ir a Portugal ou à Itália por motivos diversos, além disso como já afirmamos, os escopos principais do nosso trabalho foram a tradução e a elaboração do estudo analítico dos epigramas.

⁷ Pouco sabemos sobre a biografia do poeta. Depois de longa pesquisa chegamos à conclusão de que os livros acima referidos são os únicos que lhe retratam toda a vida e morte, de modo que ficamos impossibilitados de fazer outras leituras sobre este capítulo.

Quanto às origens, aos tipos, às características e aos poetas gregos e romanos epigramáticos, citamos alguns livros e autores, respectivamente, que tratam desses assuntos: *Les genres littéraires à Rome*, de René Martin e Jacques Gaillard; *Histoire de la Litterature Grecque*, de Croiset; *Arte e Significado nos Epigramas Funerários de Calímaco: uma Abordagem Estilística*, de Gonçalves Munis Hime⁸, *História da Literatura Griega*, de López Férez, *Latin Literature: a history*, de Gian Biagio Conte. Também destacamos: *Falo no Jardim. Priapeia Grega e Latina e O Livro de Catulo: poemas traduzidos*, de João Angelo de Oliva Neto, *Literatura Latina*, de Zelia de Almeida Cardoso e *Litterature Latine* de Jean Bayet são algumas obras que tomamos por base para a elaboração do segundo capítulo.

Como obras de apoio para a tradução dos epigramas, servimo-nos dos seguintes dicionários e respectivos autores para a tradução dos epigramas: *Dicionário Escolar Latino-Português*, do Ernesto Faria; *Dicionário de Latim-Português*, de Antonio Gomes Ferreira; *Dicionário Latino-Vernáculo*, de Marques Leite. Contudo, faz-se necessário afirmar que os dicionários que mais nos serviram de suporte para traduzir as passagens mais complexas dos epigramas foram o *Dictionnaire Illustré Latin-Français*, de Félix Gaffiot e o *Dictionnaire Latin-Français*, de Quicherat. Baseamo-nos outrossim no *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine* de Ernout e Meiller, no *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, de Saraiva, e no *Dicionário Latino-Português*, de Francisco Torrinha.

---

⁸ Tese de doutorado, defendida na UFRJ.

CAPÍTULO 1: VIDA E OBRAS DO POETA HENRIQUE CAIADO

Sabemos muito pouco sobre a biografia de Henrique Caiado e o que registramos de sua vida e morte ou são frutos que colhemos dos livros dos pesquisadores supracitados ou são alusões do próprio poeta, patentes nas suas poesias⁹ ou são indicações de textos de seus contemporâneos. Claudie Balavoine¹⁰ também nos esclarece que a vida de Caiado permanece muito mal conhecida e as fontes biográficas se contradizem. Emanuel Monteiro¹¹ também escreve, em latim, um pouco sobre a vida do poeta português, seu trabalho se encontra na grande Antologia da poesia portuguesa latina, editada por Antônio dos Reis, nas páginas 35 a 41. Diogo Barbosa Machado¹² e Nicolau Antonio¹³ dedicam apenas uma página ao poeta Henrique Caiado.

Diz Tomás da Rosa¹⁴ que o Henrique Caiado foi um poeta português, nascido em Lisboa provavelmente no terceiro quartel do séc. XV, entre os anos 1450 e 1475. Nem Emanuel Monteiro, nem Barbosa Machado não nos oferecem sobre a data do nascimento do poeta indicações precisas. Claudie Balavoine¹⁵ ao discorrer sobre este assunto afirma que os eruditos modernos chegaram, por dedução, à conclusão do nascimento de Caiado.

Em sua idade adulta, desejou sair de Portugal para conhecer mais a fundo a cultura da Itália e para estudar e se formar em Direito com o consentimento e apoio financeiro de seu pai. Diz Claudie Balavoine¹⁶ que é sob pretexto de fazer sérios estudos de Direito que Caiado obtém os subsídios necessários para esta longa viagem. Em 1489, depois de se ter formado na Universidade de Bolonha em Direito, foi à Universidade de Florença começar a assistir às aulas de seu mestre predileto Ângelo Policiano. Claudie Balavoine¹⁷ nos propõe fixar a entrada de Henrique Caiado na Florença no momento

---

⁹ Na segunda nota da introdução do livro *Eclogues of H. Cayado*, de Mustard, este estudioso afirma que pouco se sabe sobre a vida de Caiado e o que se depreende provém de alusões de seus poemas: "Little seems to be known of him beyond what may be gleaned or guessed from his own writings."

¹⁰ BALAVOINE, Claudie. *Les Églogues D' Henrique Caiado ou L'Humanisme Portugais a La Conquete de La Poesie Neo-Latine*. Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p.4.

¹¹ MONTEIRO, Emanuel. *Vita Hermici Cayado iure consulti Ulyssiponensis*. In *Corpus Illustrium Lusitanorum qui latine scripserunt*. Tomo I, Lisbonne, 1745. pp. 35-41.

¹² MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana*, Lisbonne, 1833. Tomo II, pp. 407- 408.

¹³ ANTONIO, Nicolau. *Bibliotheca Hispana Nova*, Madrid, 1783. Tomo I, pp. 565-566.

¹⁴ ROSA, Tomás da. *As Éclogas de Henrique Caiado*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos. p. 4.

¹⁵ BALAVOINE, Claudie. Op. Cit. p. 4.

¹⁶ BALAVOINE, Claudie. Op. Cit. p. 8.

¹⁷ BALAVOINE, Claudie. Op. Cit. p. 9-10.

das férias universitárias do ano de 1494. Em efeito, Policiano deveria estar ainda vivendo para que um epigrama imortalizasse, nesses termos, este instante de felicidade e de ambiciosa confiança. Assim dizia Caiado:

*Eu deixei meu país por amor às Musas
Por esse lugar onde floresce o Parnaso divino.
Eu ganharei um dia as mais belas medalhas
Sim eu sou, ó Policiano, guiado por teus presságios.¹⁸*

Caiado, como afirma Rebêlo Gonçalves¹⁹, tinha devoção por esse mestre, mencionado acima, cujo ensino ambicionava. Procurava também conviver num círculo de amizades de mestres, confrades e humanistas. Vejamos a passagem abaixo:

*(...) devoção a Angelo Poliziano, cujo ensino ambicionava;
convivência com professores, patronos e confrades que
obteve na Itália (nas suas estadas em Florença, Bolonha,
Ferrara, Pádua), como o seu mestre Marcelo Adriani, o
inglês Robert Langton, a um tempo condiscípulo e protetor, e
os humanistas Pandolfo Colenuccio, Antonio Tebaldeo,
Filippo Beroaldo, o moço;*

Citamos a seguir outros colegas de Caiado, consoante o texto de Tomás da Rosa²⁰:

*Ali foram os seus colegas Martinho Figueiredo, João
Rodrigues de Sá e Meneses, Luís Teixeira Lobo, filho do
Chanceler-mor João Teixeira e futuro professor da
Universidade de Ferrara, e Aires Barbosa, o condiscípulo de
João de Medicis (Leão X), que regeu mais tarde uma cátedra
em Salamanca, onde foi professor de André de Resende.*

---

¹⁸ Tradução de Claudie Balavoine.

¹⁹ GONÇALVES, Rebêlo. *Filologia e Literatura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. p. 476.

²⁰ ROSA, Tomás da. Op. cit., p.4-5.

Apreciemos o fragmento abaixo do texto de Claudie Balavoine²¹ acerca de sua amizade na corte e de sua família:

De la famille de Caiado nous ne savons que le peu qu'il nous en dit. L'accueil qu'il reçut à la cour, où il semble avoir partagé avec le jeune Dom Jorge les leçons de Cataldo Parisio Siculo, l'intérêt que le roi lui-même prit à ses études, lès relations qu'il entretint d'Italie avec des personnages de l'entourage immédiat de Dom João II, comme son chroniqueur Rui de Pina ou l'ambassadeur Diogo de Sousa, nous laissent supposer un rang social élevé.

De fait son père, Alvaro Caiado, qu'il dut perdre assez tôt puisque son cousin Nonio joue le rôle de chef de famille dès le départ d'Henrique pour l'Italie, dirigea, au témoignage de son fils, d'importantes campagnes militaires où il se couvrit de gloire:

*<< Pour ma patrie mon père en héros combattit.
Général victorieux sur la terre et la mer,
Il éleva lui-même un millier de trophées²².>>*

O rei D. João II²³, dotado de ampla visão, não só de político, como também de homem culto, promoveu a formação de portugueses na Itália, destarte, permitiu que

---

²¹ BALAVOINE, Claudie. Op. Cit. p. 6-7.

²² “Da família de Caiado nós sabemos só o pouco que ele nos disse. A acolhida que recebeu na corte, onde parece haver dividido com o jovem Dom Jorge as lições de Cataldo Parisio Siculo, o interesse que o próprio rei tomou por seus estudos, as relações que mantinha da Itália com os personagens do círculo social mais íntimo do Dom João II, como seu cronista Ruy de Pina ou o embaixador Diogo de Souza, nos deixam supor um ambiente social elevado.

De fato seu pai, Álvaro Caiado, que ele deve ter perdido muito cedo já que seu primo Nônio faz o papel de chefe de família desde a partida de Henrique para a Itália, dirigiu, conforme o testemunho de seu filho, importantes campanhas militares onde se cobriu de glória:

*<< pela minha pátria meu pai, combate como herói.
General vitorioso sobre a terra e o mar,
ele próprio elevou um milhar de troféus.>>”*

Caiado saísse do país porque via nele um poeta promissor para os fins políticos da realeza em Portugal.

Tomás da Rosa²⁴ assim nos diz sobre o relevante papel dos reis no séc. XV:

Foi no século XV que a Europa descobriu Portugal no Infante D. Henrique e em D. João II. Foi também nessa época que Portugal descobriu a nova Europa humanista, com quem os nossos reis procuravam intensificar o intercâmbio cultural.

Assim também Tomás da Rosa²⁵ nos esclarece que o pai de Henrique Caiado se chamou Álvaro Caiado, e este prestou ao longo de sua vida bons serviços ao seu país por terra e por mar. Homem de muito prestígio e aceitação na corte em virtude dos seus feitos militares.

Quanto ao seu nome, chama-se Henrique e, em sua edição mais recente, faz questão de afirmar que é *Henricus*, por outro lado denomina-se na poesia *Hermicus*. Leiamos o início da introdução do Mustard²⁶:

The author was Henrique Cayado, a young Portuguese scholar who came from Lisbon and studied in various cities of Italy. In some of the prose dedications of the earlier edition he calls himself “Henricus”, but in his poetry he is regularly “Hermicus”²⁷.

Diz Claudie Balavoine²⁸ que Henrique Caiado segue o exemplo de Petrarca no qual cada nome de pastor havia um valor simbólico, o poeta português escolheu um pseudônimo. Como não prender o nome Hermicus a Hermes.

---

²³ ROSA, Tomás da. Op. cit., p.4.

²⁴ ROSA, Tomás da. Op. cit., p.6.

²⁵ ROSA, Tomás da. Op. cit., p.4.

²⁶ MUSTARD, Wilfred. *The Eclogues of Henrique Cayado*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1931. p.11.

²⁷ “O autor era Henrique Caiado um jovem estudante português que veio de Lisboa e estudou em várias cidades da Itália. Em algumas de suas dedicatórias em prosa da edição mais recente ele se chama “Henricus”, contudo em sua poesia ele é regularmente “Hermicus””.

²⁸ BALAVOINE, Claudie. Op. cit., p. 28.

Quanto aos seus estudos, ainda queremos destacar o fato de que Caiado se formou em Direito obrigado pelo seu pai, visto que na verdade a sua paixão e apreço se voltaram às Letras, à Literatura e à poesia. Citamos abaixo mais uma passagem do texto do Sr. Mustard²⁹ sobre este assunto:

*After studying at Lisbon under Gonçalo Rombo and Cataldo Parisio Siculo, he was sent to Italy to study law, but always found himself more interested in literature and poetry*³⁰.

Claudie Balavoine também registra, em seu livro *Les Égloges d'Henrique Caiado*, o fato do poeta português ter de estudar Direito em Bolonha por obrigação, não podendo desta maneira se dedicar inteiramente a atividade poética e mundana. Vejamos uma passagem do texto de Claudie Balavoine³¹:

*L'activité poétique et mondaine n'absorba probablement pas tout le temps de Caiado durant les trois années qu'il passa à Bologne. Il dut y entreprendre enfin ces études de droit que sa famille lui réclamait si instamment. Dans une épigramme antérieure à 1501, il avoue avoir renoncé à son opposition virulente des premiers temps: << J'apprends les lois, Nonio, comme tu me l'ordonnes*³² (...)>>

Diz Tomás da Rosa³³ que Caiado amara preferencialmente as Letras e desprezara a disciplina da oratória³⁴:

---

²⁹ MUSTARD, Wilfred. Op. cit., p. 11.

³⁰ “Depois do estudo em Lisboa, sob a direção de Gonçalo Rombo e Cataldo Parisio Siculo, ele foi enviado à Itália para estudar Direito, mas sempre se achou mais interessado na literatura e na poesia.”

³¹ BALAVOINE, Claudie. Op. cit., p.13.

³² “A atividade poética e mundana não absorveu provavelmente todo o tempo de Caiado durante os três anos que passou em Bolonha. Ele deve ter empreendido enfim seus estudos de Direito que sua família lhe exigia tão insistentemente. Em um epigrama anterior a 1501, ele admite ter renunciado a sua oposição virulenta dos primeiros tempos: << Aprendo as leis, Nônio, como tu me ordenas (...)>>”

³³ ROSA, Tomás da. Op. cit., p. 5.

³⁴ PARATORE, Ettore. *História da Literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. p. 703. Paratore neste livro nos informa que Marcial teve formação em estudos retóricos, isto é, fez

*Caiado dedicara-se de preferência às Letras, que o
seduziam, pondo de parte a árida disciplina de Direito.*

Rebêlo Gonçalves³⁵ também reforça esta ideia do poeta de amor à poesia e falta de estima aos estudos do Direito:

*(...) início dos estudos de direito na Itália, aos quais o
humanista estimava menos que o cultivo da musa latina.*

Claudie Balavoine³⁶ afirma que o principal iniciador de Caiado, na descoberta da Itália e de seus grandes homens do momento, foi precisamente Cataldo Parísio Sículo. Nosso poeta lhe rende uma vibrante homenagem nos seus *Epigramas* e recorda na carta que Caiado endereça ao jovem Dom Jorge em fevereiro de 1496, o valor excepcional do ensinamento. Ora esse humanista levava a Portugal os ensinamentos de Angelo Poliziano, cujos cursos foram apreendidos por Caiado na Florença e depois este pôde transmitir o eco das lições consagradas em 1482 e 1483.

Podemos afirmar, consoante Carlos Antonio Kalil³⁷ Tannus³⁸, em seu artigo, *Um olhar sobre a Literatura Novinalina em Portugal*, que o Humanismo Renascentista foi introduzido em Portugal, desde a chegada deste humanista italiano Cataldo Parísio Sículo, no último quartel do século XV, mais exatamente em 1485, o que teve profunda repercussão junto à corte, à nobreza e ao alto clero. A partir daí, surgem escritores e poetas, como Henrique Caiado, que lavraram suas obras no melhor latim clássico.

Em relação à morte de Caiado, diz Claudie Balavoine³⁹ que é a partir do mês de outubro de 1505 que já não se pode mais seguir com certeza o itinerário de seus últimos dias de vida. Existem duas versões para a sua morte, a primeira nos ensina que ele

---

advocacia, porém sentiu-se poeta e com vocação exclusivamente para a poesia. Deste modo, podemos observar uma identidade muito semelhante a de Caiado.

³⁵ GONÇALVES, Rebêlo, Op. cit., p. 476.

³⁶ BALAVOINE, Claudie. Op. cit. p. 7.

³⁷ Carlos Tannus, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, proferiu este trabalho numa conferência por ocasião do seu concurso para a cátedra de Língua e Literatura Latina na Universidade acima mencionada, em setembro de 2005. O referido docente foi o maior especialista em latim renascentista das universidades brasileiras e orientador, na Pós-graduação da UFRJ, de inúmeros doutorandos sobre este latim específico como também do latim arcaico, clássico e medieval.

³⁸ TANNUS, Carlos Antonio Kalil. *Um olhar sobre a Literatura Novilatina em Portugal*. In: Revista Calíope – Presença Clássica. Número 16, Rio de Janeiro: UFRJ, Dez/2007, p. 13.

³⁹ BALAVOINE, Claudie. Op. cit., p. 19.

faleceu em Roma, consoante os *adagia* de Erasmo, vítima em 1509 de uma crise de *angina uinaria*, não obstante, há a possibilidade do falecimento dele ter sido em Lisboa, na versão de Barbosa Machado⁴⁰ e Emanuel Monteiro.⁴¹

Tomás da Rosa⁴² assim se exprimiu quanto ao falecimento de Caiado:

Faleceu em Roma, em 1509, vitimado por uma <<angina uinaria>> segundo o testemunho de Erasmo, que o conheceu, - testemunho este aceite por Frei Fortunato de São Boaventura. Ignora-se em que se baseou Barbosa Machado, para asseverar, sem prova convincente, que Caiado terminou os seus dias em Benfica, desgostoso e despeitado com D. Manuel.

André de Resende⁴³, contemporâneo de Henrique Caiado, em *Oratio pro rostris*, escreve que a Itália foi fatal ao poeta.

Odette Sauvage⁴⁴, em seu livro *L'itinéraire érasmien d'Andre de Resende*, é da mesma opinião do poeta contemporâneo de Caiado. Vejamos a seguir os seus argumentos:

*Ce même remarquable poète, avant de partir pour l'Italie qui allait lui être fatale, commença à servir les Muses dans cette école, alors qu'il suivait les leçons du grammarien Rhombo*⁴⁵.

Marcel Bataillon⁴⁶, em seu livro *Études sur le Portugal au temps de l'humanisme*, escreveu um capítulo sobre a morte de Henrique Caiado no qual afirma que Erasmo, quando esteve na Itália, conheceu pessoalmente o poeta português. Observemos a seguir

---

⁴⁰ GONÇALVES, Rebêlo, Op. cit., p. 476.

⁴¹ BALAVOINE, Claudie. Op. cit., nota 80, p. 20.

⁴² ROSA, Tomás da. Op. cit., p.5.

⁴³ RESENDE, André de. *Oratio pro rostris*, Lisbonne, 1534.

⁴⁴ SAUVAGE, Odette. *L'itinéraire érasmien d'Andre de Resende*. Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, 1971.

⁴⁵ “Este mesmo notável poeta, antes de partir para a Itália que lhe ia ser fatal, começou a servir às Musas nesta escola, logo que ele seguia as lições do gramático Rombo.”

⁴⁶ BATAILLON, Marcel. *Études Sur le Portugal au Temps de L'Humanisme*. Paris: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1952, p. 2.

a descrição do poeta, feita por Erasmo, como também o motivo do seu falecimento:

J'ai connu personnellement à Rome un homme d'une erudition peu commune que mourut tout de bon de cette sorte d'angine. Il s'appelait Hermicus, et était Portugais de nation. Excessivement obèse, et porté, par suite, à l'essoufflement, il avait été pris d'une légère fièvre⁴⁷.

Logo a seguir em seu livro supracitado, Marcel Bataillon⁴⁸ nos informa da visita de um inglês e de seus conselhos ao doente Caiado:

Il était au lit quand l'Anglais Christophe Fisher vint le voir, et lui dit: << Vas-tu, Hermicus, écouter les médecins et leurs stupides ordonnances? C'est plutôt par le bon vin que tu feras passer ce mal. Là-dessus, Il fit apporter du vin corse de quatre ans.⁴⁹.>>

Erasmo também fala, consoante Marcel Bataillon⁵⁰, em um de seus adágios⁵¹, de uma doença, às vezes, mortal e muito frequente nos alemães, denominada *uinaria angina*. Vejamos mais esta passagem relevante:

Erasme parle, dans un de ses Adages, d'une maladie parfois mortelle, trop fréquente, dit-il, chez les Germains, et que l'on a baptisée plaisamment uinaria angina (étouffement par le vin). Il propose de lui donner le nom grec d'οινάγχη (oenancie), par analogie avec cette ἀργυράγχη (argyrancie, ou étouffement par l'argent), qui

---

⁴⁷ “Eu conheci pessoalmente em Roma um homem de uma erudição pouco comum que morreu de certa espécie de angina. Ele se chamava “Hermicus” e era português de nação. Excessivamente obeso, e levado, consequentemente, à sufocação, ele tinha sido tomado de uma ligeira febre”.

⁴⁸ BATAILLON, Marcel. Op. cit., p. 1.

⁴⁹ “Ele estava no leito quando o inglês Cristophe Fisher veio visitá-lo e lhe disse: << tu vais, “Hermicus”, escutar os médicos e suas estúpidas ordens? é antes pelo bom vinho que tu conseguirás passar deste mal. A este respeito, ele começa a valer-se de um vinho forte durante quatro anos.>>”

⁵⁰ BATAILLON, Marcel. Op. cit., p. 1.

⁵¹ ERASMO. *Opera Omnia*. Leyde, Tomo II: *Adagia*, Chi. IV. Cent. VIII, ad. II: *Vinaria angina*.

*fut fatale à plus orateur sans parler du grand Démosthène*⁵².

Passemos às obras de Caiado, que estão reunidas na edição⁵³ cada vez mais rara do *Corpus Illustrum Poetarum Lusitanorum* do séc. XVIII d. C. do Pe. António dos Reis e Manuel Monteiro no vol. I, páginas 55-259.

Assim afirmam Oscar Lopez e Antonio José Saraiva⁵⁴ na *História da Literatura Portuguesa* acerca dos escritores, poetas e gramáticos renascentistas portugueses que escreveram as suas obras em latim, em grego e no vernáculo e que estão presentes neste *corpus* acima referido:

(...) o uso do Latim, e mais escassamente do Grego, em discursos, cartas, obras de apologia nacional ou de panegírico dos grandes (André de Resende, Góis, Jerónimo Osório), todo um conjunto de poesias em latim, sobretudo bucólicas (Henrique Caiado, Jorge Coelho, as irmãs Sigeias, Joana Vaz, e outros incluídos no Corpus Illustrum Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt, editado pelos padres António dos Reis e Manuel Monteiro em 1745-48). É também por influência humanista que se fazem as primeiras gramáticas portuguesas, onde se manifesta a preocupação de nobilitar o vernáculo mostrando as suas semelhanças com o Latim (Fernão de Oliveira 1536, João de Barros 1540, seguidas pelas <<Ortografias>> de Magalhães Gândavo e Duarte Nunes do Leão em 1562 e 1576, respectivamente).

---

⁵² “Erasmus fala em um de seus Adágios, de uma doença, às vezes, mortal, muito frequente nos Alemães, e que batizaram-na caricatamente por *uinaria angina* (aniquilamento pelo vinho). Ele propõe conceder-lhe o nome grego *οὐνάγχη* (“enância”), por analogia com esta *ἀργυράγχη* (= aniquilamento pelo dinheiro), que foi muito fatal ao orador sem falar do grande Demóstenes”.

⁵³ Sabemos que há um exemplar desta edição na Universidade de Coimbra. Esta conceituada universidade tem a coletânea do Pe. António dos Reis e Manuel Monteiro com toda a obra de Caiado que foi reeditada por eles e que nos serviu de fonte para a elaboração da presente tese. Vale enfatizar que o professor Mustard em sua obra *The Eclogues of Henrique Cayado*, indica-nos no prefácio a edição que lhe serviu de base, a de Bolonha, de 1501, intitulada *Aeglogae et Syluae et Epigrammata Hermici*. Contudo a primeira edição de Caiado saiu, em 1496, incompleta e há um exemplar dela no Museu Britânico. As duas antigas edições foram dedicadas ao Rei Manuel I.

⁵⁴ LOPES, Oscar & SARAIVA, Antonio José. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, LTDA. p. 172-3.

Há alguns estrangeiros que se interessaram em pesquisar a obra bucólica de Caiado. Citemos por exemplo o estudioso inglês, Wilfred P. Mustard, que escreveu um livro denominado *The Eclogues of Henrique Cayado*. Neste, encontramos um prefácio, uma introdução, textos das éclogas, um apêndice⁵⁵ e notas nas quais há referências às fontes latinas em que Caiado se inspirou para escrever seus versos.

Em seu livro *Filologia e Literatura*, Rebêlo Gonçalves⁵⁶ faz uma resenha do livro de Mustard e afirma que se sente orgulhoso por saber que um autor estrangeiro se preocupara em pesquisar sobre um poeta português do Renascimento e em editar pela primeira vez com aparato moderno as composições latinas de Caiado. Vejamos abaixo o texto de Rebêlo Gonçalves:

Estamos diante duma obra que tem para nós, portugueses, estes dois valores essenciais: dar novo testemunho da consagração dum estrangeiro às nossas letras, e ser livro onde pela primeira vez se editam, com aparato moderno, composições latinas dum humanista português do Renascimento.

Rebêlo Gonçalves⁵⁷ reforça o seu pensamento acima, quando ele nos diz que estrangeiros anteporaram-se aos portugueses no que diz respeito aos assuntos da cultura portuguesa renascentista:

Mereceu-a agora um dos mais afamados, e repete-se, para nossa ponderação e instigação, esse fato tão vulgar da nossa história literária: anteporem-se estrangeiros a nacionais no revelar, ante a surpresa geral, muitas matérias importantes e sugestivas da cultura portuguesa.

A publicação das poesias de Henrique Caiado, ao menos das principais, de há muito se me afigurava, pela arte e classicismo desses trechos, necessária e útil.

---

⁵⁵ Neste apêndice encontramos a carta de Ângelo Poliziano ao chanceler João Teixeira.

⁵⁶ GONÇALVES, Rebêlo. Op. cit., p. 474.

⁵⁷ GONÇALVES, Rebêlo. Op. cit. p. 474.

No que tange à criação literária, Caiado escreveu três obras poéticas em latim:

- 1º) *Eclogae* (as Éclogas) já traduzidas para o vernáculo por Tomás da Rosa, em 1954; para o inglês, por Mustard, em 1931 e para o francês, por Claudie Balavoine, em 1983.
- 2º) *Epigrammata* (os Epigramas) composto por 82 títulos no livro I e 106 no II.
- 3º) *Siluae*⁵⁸. Trata-se até o momento de um texto inédito com o qual ninguém trabalhou.

Após Henrique Caiado ter escrito a sétima e a nona *Eclogae* (29 de Setembro e 23 de Outubro) e uma última *Silua* (13 de Janeiro), ele cessou toda a produção poética e fez publicar em Bolonha suas obras completas. Esta atitude nos convida a pensar, consoante Claudie Balavoine⁵⁹, que ele foi então absorvido por tarefas mais pesadas, talvez um novo ensinamento? Ou que ele cessou de gozar do prazer da fecunda ociosidade da vida na corte.

Vale lembrar que todos os textos de Caiado chegaram até aos nossos tempos na íntegra. A primeira obra poética já foi traduzida por Tomás da Rosa em 1954 entre outros aos quais acabamos de nos referir, há pouco, entretanto as duas últimas obras de Caiado nunca foram traduzidas na íntegra⁶⁰ para o vernáculo ou para qualquer língua moderna, por isto merecem ser pesquisadas, traduzidas e comentadas do ponto de vista histórico e filológico com notas explicativas. Percebemos portanto que até o momento ainda não surgiu algum estudioso que se interessasse e se aprofundasse por algumas dessas duas obras de Caiado: *Epigrammata et Siluae*. O foco das atenções sempre girou em torno de as *Eclogae* como nos ensina Rebêlo Gonçalves⁶¹:

*Razão é, pois, de meu contentamento ver que a produção
de Caiado, embora parcelarmente - só por meio das églogas,
ao mesmo tempo obtém, com o livrinho de Sr. Mustard,
facilidade dalguma divulgação em países de língua inglesa,
onde tão mal conhecidos somos, e fonte de maior*

---

⁵⁸ Optamos por prudência não traduzir o título da derradeira obra poética de Caiado, seguindo a sugestão do docente latinista da Universidade de Coimbra, Carlos Ascenso André.

⁵⁹ BALAVOINE, Claudie. Op. cit., p. 14-15.

⁶⁰ Sabemos que Rita Biscetti traduziu o primeiro livro de epigramas de Caiado, por outro lado não tivemos acesso ao seu trabalho. Cf. BISCETTI, Rita. *Contributo alla storia dell'umanesimo portoghese - il primo libro degli Epigrammi di Henrique Cayado*, Paris - Fundação Calouste Gulbenkian, - 1978, sep. do Arquivo do Centro Cultural Português.

⁶¹ GONÇALVES, Rebêlo. Op.cit., p. 474-5.

conhecimento em Portugal, onde a leitura de Caiado só é acessível nos exemplares, cada vez mais raros, do Corpus illustrium poetarum Lusitanorum do Pe. António dos Reis.

(vol.I, págs. 55-259).

Além dessas três obras poéticas, mencionadas anteriormente, encontramos também dois discursos elegantes de Caiado, chamados *Oratio cum Epistola ad Ludouicum Leonem Patauinum* (obra em prosa em defesa de Patávio)⁶² e *Iuris Consultum* e *Oratio cum Epistola ad Bartholomeum Blanchinum Bononiensem* (em defesa de Bartolomeu), há uma autobiografia de Caiado denominada *Vita Hermici Cayado, Jure consulti Ulyssiponensis*.

Caiado também escreve uma epístola dedicada ao rei D. Manuel cujo título é *Divo Emmanuelli Regi, dominoque suo Hermicus Cayado*. Destacamos, outrossim do *corpus poetarum lusitanorum, os testimonia (Authorum de Hermico Cayado)*

Claudie Balavoine⁶³ nos registra o aparecimento em Veneza da *Oratio publica habita Patauini nono calendas nouembris MDCIII*, em Maio de 1504, sob o título de *Oratio cum epistola ad Bartholomeum Blanchinum Bononiensem*. Este discurso foi pronunciado no momento da entrada universitária⁶⁴ e, em seu conteúdo, encontramos um elogio de direito civil, seguido de uma exortação aos estudantes. Claudie Balavoine nos convida a supor que Caiado foi encarregado de ministrar um curso de direito na Universidade de Pádua pelos anos 1503-1504. Cria-se esta hipótese exatamente com a obtenção, em 1503, do título de doutor que Emanuel Monteiro⁶⁵ menciona com precisão.

As obras de Caiado retratam o pensamento humanista da sua época em Portugal, bem como, refletem, no estrangeiro, mormente na Itália, o seu engenho, a sua cultura clássica e sensibilidade e, sobretudo, os valores culturais de seu país. Destacamos mais

---

⁶² Tomás da Rosa, na pág. 5, do livro *As Éclogas de Henrique Caiado*, afirma que em 1504, Bernardino Vital publicou uma oração latina em louvor da jurisprudência da autoria de Caiado, que a pronunciara, em 1503, na Academia de Pádua e que lhe grangeou reputação como jurisconsulto.

⁶³ BALAVOINE, Claudie. Op. cit., p. 16-17.

⁶⁴ FAVARO, A. *Atti Instituto Veneto*, S.5, T.6, Venice, 1879-1880, p.285-356.

⁶⁵ Cf. *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum*. p.39. Consoante Emanuel Monteiro, Nônio Caiado, sabendo que seu sobrinho Henrique Caiado continuava a preferir a atividade poética ao estudo de Direito, teria pedido a D. Manuel de intervir. O resultado desta medida teria sido que três anos apenas após a injunção do rei, ele (Henrique Caiado) foi condecorado em Pádua com o título de doutor no meio da admiração geral.

um pensamento de Rebêlo Gonçalves⁶⁶ que vem corroborar a nossa afirmação que acabamos de apresentar:

Quem com tanto brilho ilustrou, como poeta de língua latina, e mesmo como prosador (pois há dele uma elegante Oratio publica habita Patauii), o humanismo português do século XV e princípio do XVI, e levou lá fora, à Itália, valiosas amostras das nossas possibilidades culturais, a ponto de merecer elogios de Erasmo, tinha direito de sair da quase completa obscuridade em que a passagem de mais de quatro séculos lançou as suas poesias de puro sabor clássico.

Claudie Balavoine⁶⁷, em *Les Éclogues d'Henrique Caiado*, também discorre sobre o testemunho de Caiado em ser o reflexo de uma época e de uma nação:

En essayant de restituer la chronologie de son existence, comme en cherchant à le situer dans l'histoire d'un genre littéraire, nous avons été séduite par le témoignage exemplaire qu'il nous apportait sur la mentalité d'une nation et d'une époque⁶⁸.

Rebêlo Gonçalves⁶⁹ diz que Erasmo, Tebaldeo e Beroaldo teciam encômios a Caiado devido à sua leve apreciação da linguagem e pureza do seu latim.

O trajeto geográfico e literário de Caiado, como afirma Claudie Balavoine⁷⁰, recebeu uma orientação decisiva: o latim que lhe ensinava Cataldo Parísio Sículo seria portanto a arma com a qual ele embarcaria sua expedição para conquistar na Itália, sob a condução de Policiano, as terras ainda pouco conhecidas pela bucólica neo-latina. Para

---

⁶⁶ GONÇALVES, Rebêlo. Op.cit., p. 475.

⁶⁷ BALAVOINE, Claudie. Op. cit, p. 3.

⁶⁸ “Tentando restituir a cronologia da sua existência, como procurando situá-lo na história de um gênero literário, nós fomos seduzidos pelo testemunho exemplar que ele nos trouxe sobre a mentalidade de uma nação e de uma época.”

⁶⁹ GONÇALVES, Rebêlo. Op.cit., p. 476.

⁷⁰ BALAVOINE, Claudie. Op. cit., p. 8.

completar sua aprendizagem desta língua ele seguiu na Universidade de Lisboa os cursos de gramática de Pedro Rombo.

Tomás da Rosa⁷¹ dizia que ao conhecimento do latim de Henrique Caiado, acrescia a posse de todos os segredos da Arte.

Eis um extrato de Tomás da Rosa⁷² sobre o reconhecimento de Erasmo em Caiado, que nos pareceu digno de nota:

*E a sua consagração atinge a glória de ser reconhecido
por Erasmo, o grande corifeu do tempo, que lhe endereçou
encômios sinceros e desinteressados.*

Odette Sauvage⁷³, em seu livro *L'itinéraire érasmien d'Andre de Resende*, faz eco às palavras de André de Resende e dedica uma passagem consagrada ao nosso poeta:

*De notre temps la nation lusitanienne se vit beaucoup
honorée par Henrique Caiado, digne d'être comparé aux
anciens, et que Désiré Erasme (dont le jugement très aigu fait
un second Aristar- que pour apprécier les écrivains de notre
siècle) loue en des termes tels que l'éloge de notre Henrique
éveille une grande jalousie chez des nations auprès
desquelles le nom lusitanien n'est pas en faveur⁷⁴.*

Feliciano Ramos⁷⁵, crítico literário, comenta que os poetas Diogo de Teive e Henrique Caiado foram os dois que mais se destacaram em Portugal na arte de poetar no período do Renascimento. Vejamos:

*De entre os escritores que poetaram em latim,
merecem ser referenciados os nomes de Diogo de Teive,*

---

⁷¹ ROSA, Tomás da. Op. cit., p.9.

⁷² ROSA, Tomás da. Op. cit., p.6.

⁷³ SAUVAGE, Odette. Op. cit. p. 20.

⁷⁴ “Do nosso tempo tempo a nação lusitana se viu muito honrada por Henrique Caiado, digno de ser comparado aos antigos, e que desejou Erasmo (cujo julgamento muito agudo /o/ faz um segundo Aristarco para apreciar os escritores do nosso século) louva, em termos tais, que o elogio de nosso Henrique desperta um grande ciúme entre as nações junto as quais o nome lusitano não está em favor.”

⁷⁵ RAMOS, Feliciano. *História da Literatura Portuguesa*. Braga: Livraria Cruz, 1967. p. 203.

Henrique Caiado - cujas Éclogas têm sido objeto de certa atenção crítica no estrangeiro.

Concluimos este capítulo, lembrando o que o prof. Dr. Sebastião Tavares de Pinho⁷⁶ afirma em particular sobre os epigramas de Caiado. Ele nos diz que depois de realizada a tradução destes epigramas latinos para o vernáculo, uma pesquisa histórica e filológica bem aprofundada, deve ser feita pelo pesquisador estudioso sobretudo dos personagens portugueses e italianos que vão aparecendo ao longo do poema:

O Epigrama de Caiado é uma poesia de circunstância, dado o seu carácter episódico, e que exige um certo trabalho de pesquisa histórica e filológica.

Os personagens dos epigramas de Caiado são geralmente pessoas ilustres portuguesas ou italianas para as quais exigiria, outrossim, ir à Itália a fim de saber a origem destas figuras italianas. Grande parte dos epigramas de Caiado tem por objeto ou destinatário estes personagens acima expostos.

---

⁷⁶ Sebastião Tavares de Pinho é professor titular aposentado da Universidade de Coimbra. O texto foi escrito por ele e enviado por mensagem eletrônica ao autor da pesquisa.

CAPÍTULO 2: ORIGENS DO GÊNERO EPIGRAMÁTICO

Teceremos comentários sobre as origens dos epigramas, analisando posteriormente os seus tipos e características. Depois, focalizaremos os poetas epigramáticos gregos e romanos que mais se destacaram na antiguidade clássica.

2.1. Origens:

Começemos pelo significado etimológico do epigrama, consoante o pensamento de René Martin e Jacques Gaillard⁷⁷, tirado do livro *Les genres littéraires à Rome*:

L'étymologie du mot est claire: une épigramme, c'est une <<inscription>>, c'est-à-dire un texte, en prose ou en vers, grave sur un monument, en particulier sur un tombeau ou sur un socle de statue, et destine à indiquer en quelques mots qui est le personnage enseveli ou statufié⁷⁸.

Tais inscrições serviam, portanto, de homenagem às pessoas falecidas, como dedicatórias ou como simples descrições ou como legendas de obras de arte e monumentos.

Para René Martin e Jacques Gaillard⁷⁹, epigrama em seu sentido mais exato do termo era uma inscrição funerária. Vejamos mais esta passagem:

*<<Cléotas dort ici. Pleure sur son tombeau,
Voyageur. Il mourut tout jeune; il était beau.>>
Cette inscription funéraire du VI siècle trouvée à Athènes,
que nous citons dans la traduction de Marguerite Yourcenar,
est le type même de l'épigramme au sens le plus strict du
terme⁸⁰.*

---

⁷⁷ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Préface de Jacques Perret. Tome II. Paris: Scodel, 1981, p. 154.

⁷⁸ “A etimologia da palavra é clara: um epigrama, é uma inscrição, isto é, um texto, em prosa ou em verso, gravado sobre um monumento, em particular sobre um túmulo ou sobre um pedestal de estátua, e destinado a indicar em algumas palavras quem é o personagem sepultado ou representado na estátua”.

⁷⁹ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 154.

⁸⁰ “<<Cléotas dorme aqui. Chora sobre seu túmulo,
Viajante. Ele morreu bem jovem; ele era belo>>.

Um pouco mais abaixo, os autores supracitados⁸¹ consideram o epigrama em seu sentido lato da seguinte maneira:

*Était ainsi considérée comme épigramme, au sens large du terme, tout poème caractérisé par la brièveté et la concision, deux qualités auxquelles s'ajoutait souvent – mais pas nécessairement – l'humour, allant parfois jusqu'à l'ironie mordante*⁸².

Na origem, o epigrama era uma inscrição que se fazia na pedra tumular para preservar o nome e a lembrança do morto; depois em objetos dados em oferenda aos deuses e depositados nos templos. Essas inscrições em sua maioria eram em prosa, mas como nota A. Croiset⁸³:

Se o morto era um grande personagem ou se a oferenda tinha um valor excepcional, a prosa era substituída pelo verso que dava ao pensamento mais relevo e mais duração.

Registramos o pensamento de René Martin e Jacques Gaillard⁸⁴ a respeito do metro adotado, dístico elegíaco⁸⁵:

*En fait, les épigrammes étaient presque toujours versifiées, le mètre adopté étant le plus souvent le distique élégiaque, peut-être en raison de ses origines funéraires*⁸⁶.

Na sua origem, a composição métrica dos epigramas podia se valer apenas dos versos hexâmetros. Concordamos com López Férez⁸⁷, quando dizia que o hexâmetro

---

Esta inscrição funerária do séc. VI encontrada em Atenas, que nós citamos na tradução de Margarida Yorcenar, é um tipo de epigrama no sentido mais estrito do termo.”

⁸¹ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 154-155.

⁸² “Era assim considerado como epigrama, no sentido amplo do termo, todo poema caracterizado pela brevidade e pela concisão, duas qualidades às quais se ligava frequentemente - mas não necessariamente - o humor, indo, às vezes, até à ironia mordaz”.

⁸³ CROISSET, A. *Histoire de La Littérature Grecque*. Paris: Alfontemoing, 1898, p.160.

⁸⁴ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 154.

⁸⁵ Como sabemos, o dístico elegíaco é formado de um hexâmetro e um pentâmetro.

⁸⁶ “De fato, os epigramas eram quase sempre versificados, a métrica adotada mais frequentemente era o dístico elegíaco, talvez em razão de suas origens funerárias”.

⁸⁷ LÓPEZ FÉREZ, J.A. *História de la Literatura Griega*. Madrid: Cátedra, 1988, p. 842.

puro era, de fato, um dos metros utilizados nos epigramas desde a origem epigráfica do gênero, o que é reforçado pelo fato de terem sido compostos em hexâmetros os mais antigos epigramas de que se tem notícia como os monumentos, túmulos e estátuas que datam do século VIII a. C. contudo o mesmo autor afirma que, com o tempo, o dístico elegíaco tornou-se o esquema métrico mais comum do gênero e passou a ser o metro típico desses epitáfios e ex-votos. Com os combates bélicos, já no período clássico grego, esses tipos de inscrições tornaram-se muito comuns devido às homenagens que eram prestadas nos túmulos dos combatentes mortos.

Também diz López Férez que o autor do primeiro epigrama conhecido viveu no século VIII e foi o Íon de Samos. Este compôs⁸⁸ os versos inscritos em uma estátua consagrada por Lisandro.

Afirmamos que indubitavelmente em todas as épocas da literatura grega, existiu o epigrama, contudo destacou-se sobretudo no período helenístico. Sem sombra de dúvida, o epigrama atingiu o seu maior desenvolvimento como gênero literário autônomo na época alexandrina, mas desde o século V a. C. já apresentava uma expressão literária que caracterizava definitivamente o gênero: brevidade e simplicidade. Para René Martin e Jacques Gaillard⁸⁹, a brevidade era a segunda característica evidente do epigrama.

Destacamos uma passagem de Hime Gonçalves Muniz⁹⁰ na qual ele nos mostra que no século III a.C. os poetas adotam o poema epigramático como um gênero especial:

A consequência maior da criação desse gênero em face desse novo caráter é a sua grande difusão no III século a.C., quando os poetas da época acolhem o epigrama, conferindo-lhe um tratamento especial no que demonstram com talento e virtuosismo sua capacidade poética.

É a época em que quase todos os poetas se exercitam nesse gênero.

---

⁸⁸ Íon compôs esses versos na tomada de Atenas.

⁸⁹ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 154.

⁹⁰ HIME, Gonçalves Muniz. *Arte e Significado nos Epigramas Funerários de Calímaco: uma Abordagem Estilística*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989, págs.16-17.

O epigrama deixou de ser inscrição, circunscrito a epitáfio e às dedicatórias e ampliou a sua temática abrigando todos os assuntos possíveis, consoante Hime⁹¹.

João Angelo⁹² em sua dissertação define assim o epigrama:

Forma breve, nascida talvez das inscrições tumulares, teve em Calímaco e em demais helenísticos cultores diligentes e transformou-se em gênero literário autônomo. Seus epigramas guardam aquele traço característico de dar voz à lápide e a objetos votivos, que, em vez de trazer a fala de um narrador alheio, eles mesmos “falam” o texto ali presente (...)

Gian Biagio Conte⁹³, em seu livro *Latin literature: a history*, afirma também que no período helenístico o epigrama, embora continue mantendo a sua brevidade como principal característica, se libertou de sua finalidade prática e de sua vinculação com as inscrições tumulares. Continua ele dizendo que o epigrama começou a abarcar temas⁹⁴ variáveis tornando-se poesias que retratam o momento, os acontecimentos do dia-a-dia de modo que foram mais comuns do que os epigramas fúnebres.

Hime Gonçalves Muniz⁹⁵ também diz que o epigrama amoroso teve destaque especial na inovação do alexandrinismo literário, visto que diz respeito aos sentimentos pessoais, o amor era um assunto constante e tornou-se o tema favorito dos elegíacos alexandrinos. O espaço do epigrama também foi ampliado porque deixa de ser matéria privilegiada para os mortos ilustres ou para os doadores de oferendas ricas e passa a ser espaço aos personagens humildes sem distinção de classe: as crianças, as mulheres, os velhos e os escravos.

A seguir vejamos um pouco da história desse período tão rico e frutífero para a nossa cultura, o período alexandrino ou helenístico, antes de passarmos para os tipos

---

⁹¹ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 17.

⁹² NETO, João Angelo de Oliveira. *O Livro de Catulo: poemas traduzidos*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 1993. p. 16.

⁹³ CONTE, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. Tradução para o inglês de Joseph B. Solodow. Baltimore-London: Johns Hopkins University, 1994, p. 506.

⁹⁴ Havia, segundo Conte, nos epigramas do período helenístico temáticas satírico-jocosas, eróticas, relativas a casamentos destinados a felicitação de amigos por um aniversário, e relativas a restabelecimento de saúde, entre outros.

⁹⁵ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 17.

de epigramas. Para isto destacamos mais uma passagem da tese de Hime⁹⁶ que retrata bem resumidamente esse período:

(...) iniciado em 323 a.C., com a morte de Alexandre e terminado em 30 a.C., com a ascensão de Augusto em Roma.

O ano de 338 a.C. em que os Macedônios venceram a batalha de Queroneia pode ser considerado como o fim do período clássico da literatura grega.

A expansão da civilização grega em direção ao Oriente, levada a efeito pelas conquistas de Alexandre e depois consolidada e cultivada pelos reinos resultantes da fragmentação do império, inaugurou uma literatura grega com características próprias que refletem as novas condições políticas e culturais que emergem com o desaparecimento da cidade-estado.

Foi nesta época que a biblioteca de Alexandria foi criada, e não poderíamos deixar de mencionar que ela foi um caminho aberto para a pesquisa científica e literária da época. Hime Gonçalves Muniz⁹⁷ nos diz sobre a importância da criação dessa biblioteca. Vejamos uma passagem do seu texto:

As obras eram classificadas e anotadas em catálogos para facilitar a consulta e a pesquisa. Os estudos lexicológicos e gramaticais, bem como os comentários críticos e edições de textos deram início à criação da filologia clássica.

---

⁹⁶HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 7- 8.

⁹⁷HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 9.

Hime Gonçalves Muniz⁹⁸ também nos ensina que a poesia alexandrina é impulsionada pelo saber, refletindo o grande progresso das ciências naturais e a pesquisa histórica e literária. Ele também chama a atenção para o fato de que todos estes acontecimentos se refletirão no estilo da poesia alexandrina. Vale a pena destacar mais esta passagem a seguir:

A poesia alexandrina é impulsionada pelo saber e por isso ela reflete de um lado o grande progresso das ciências naturais, da matemática, da filologia; e, do outro lado, a pesquisa histórica e literária, que se fazia nas grandes bibliotecas, torna-se também um fator dominante na própria poesia.

No período helenístico, o poeta que mais se destacou na elaboração de epigramas foi Calímaco. De seu estilo podemos destacar, baseando-nos nas palavras de Hime⁹⁹:

- a) que a poesia de Calímaco era um jogo que levava ao entretenimento do leitor;
- b) que a poesia de Calímaco era um reflexo de fatos do passado literário da Grécia;
- c) que era uma poesia desafiante e sugestiva através da qual tudo era possível de análise.

Enfim, a poesia calimaquiiana era riquíssima de mensagens que dependeria para uma boa interpretação de sua poesia da erudição, da cultura e da reflexão do leitor. Registramos a seguir uma passagem que ratifica a nossa afirmação acima, presente na tese de Hime Gonçalves Muniz¹⁰⁰:

Calímaco foi o poeta que em seu tempo soube melhor explorar esses procedimentos literários e com eles provocar a inteligência e a argúcia de seu público, através de sua arte permanentemente enriquecida pela erudição. Ele procurava extrair das palavras toda a

---

⁹⁸ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 9.

⁹⁹ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit. p.14.

¹⁰⁰ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit. p.14.

capacidade de transmitir efeitos estéticos a partir do aspecto gramatical, quer do seu fonetismo, quer das possibilidades semânticas insertas em cada uma delas.

Também, poderíamos nos questionar: de quem o poeta quer nos falar no epigrama? a quem visa? o que é a literatura epigramática? e a que se assemelha? René Martin e Jacques Gaillard¹⁰¹ nos respondem da seguinte maneira:

Dans tous les cas, le poète parle à ou de quelqu'un que'il connaît personnellement, et vise un public restreint qui est à cet égard dans la même situation. La littérature épigrammatique est éminemment une littérature de sociabilité, et à cet égard c'est de la littérature épistolaire qu'elle est peut-être le plus proche¹⁰² (...)

---

¹⁰¹ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 155.

¹⁰² “Em todos os casos, o poeta fala a ou de alguém que ele conhece pessoalmente e visa a um público restrito que está nesta relação na mesma situação. A literatura epigramática é eminentemente uma literatura de sociabilidade e neste sentido é que a literatura epistolar é talvez a mais próxima”.

2.2. TIPOS:

Consoante a *Antologia Palatina*¹⁰³, Calímaco escreveu 63 epigramas abrangendo quatro tipos a saber: epigramas funerários¹⁰⁴, epigramas votivos, epigramas eróticos e epigramas literários ou morais.

Comecemos pelos epigramas funerários que eram inicialmente inscrições nas quais se mencionava o nome do falecido, o da sua família e o nome da sua cidade natal. Transformado em gênero literário, o epigrama se desprende de sua forma tradicional e passa a expressar-se nas formas literárias mais diversas¹⁰⁵. De todos os epigramas de Calímaco, destacamos o XIX que diz respeito ao epitáfio de Nicoteles, morto com apenas 12 anos e que era toda a esperança do pai Filipe¹⁰⁶. É um epigrama fúnebre belíssimo, embora seja muito triste. Este comovente dístico concentra a expressão da esperança do pai Filipe no futuro do filho que deveria ser vitorioso. (Atenção para a raiz do nome do filho *víκη*= vitória). Apesar da concisão do epigrama, o poeta nos mostra além de grande sensibilidade, uma gama enorme de interpretações.

Passemos aos epigramas votivos. Para João Ângelo Oliva Neto¹⁰⁷, estes apresentam os seguintes *τόποι* específicos:

- a) o oferente;
- b) o voto, compreendido na sua dupla e complementar acepção: a promessa e a oferenda;
- c) o deus a que se oferta;
- d) a graça pela qual se agradece ou que se pede.

Os epigramas votivos gregos na *Priapeia Grega* podem ser subdivididos em seis grupos, denominados “ciclos”, que apresentam seus lugares específicos, consoante João Angelo:

---

¹⁰³ ANTHOLOGIE GRECQUE, *Anthologie Palatine. Texte établi et traduit par Pierre Waltz*. Paris: Les Belles Lettres, Tomes I et II (1928), Tome III (1931).

¹⁰⁴ Os epigramas funerários, literários ou morais e votivos são os que se encontram outrossim nos poemas de Henrique Caiado.

¹⁰⁵ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 18.

¹⁰⁶ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 22.

¹⁰⁷ NETO, João Ângelo Oliva. *Falo no Jardim. Priapeia Grega, Priapeia Latina. Tradução do Grego e do Latim, Ensaios Introdutórios, Notas e Iconografia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p.128.

- 1º.) ciclo votivo das hetairas;
- 2º.) ciclo votivo dos horteleiros;
- 3º.) ciclo votivo dos pescadores/ marinheiros;
- 4º.) segundo ciclo votivo dos pescadores com novidades características;
- 5º.) Do ut des (= dou (a oferenda) para que dê (o benefício). Nesta expressão jocosa e erótica do verbo “dare”, o poema tem conotação sexual, além do mais, ele deixa de ser votivo e passa a apresentar um sentido de barganha.
- 6º.) Quando a promessa, que é feita à divindade, é oferecer ex-votos e sacrifícios em agradecimento pela cura de uma doença.

Para Hime Gonçalves Muniz¹⁰⁸, esses epigramas votivos gregos sobretudo a partir da época alexandrina, já não tinham mais o caráter de simples inscrição, mas como gênero literário, havia uma preocupação do poeta em demonstrar erudição, em exhibir seus dotes literários, enfim em criar poesia como exercício literário e estético:

(...) Os epigramas votivos são considerados como exercício literário que o poeta realiza sob a forma de uma dedicatória, mesmo quando esta não se destina a acompanhar uma oferenda.

O caráter de inscrição, que identificava os antigos epigramas votivos, já não era mais uma característica do epigrama como gênero literário, sobretudo, a partir da época alexandrina. Era então natural que os pigramatistas alexandrinos, e sobretudo Calímaco, se comportassem diante do gênero, encarando-o com a preocupação de fazer erudição e a de exhibir seus dotes literários.

No que tange aos epigramas eróticos, os mesmos foram uma inovação da poesia alexandrina. Em Calímaco, os epigramas eróticos estão vinculados à temática da

---

¹⁰⁸ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p.25.

pederastia e são poucos os poemas ligados aos temas amorosos nos quais se menciona o amor homossexual. Consoante René Martin e Jacques Gaillard¹⁰⁹, os epigramas eróticos foram bem representados na poesia grega.

Quanto aos epigramas morais ou literários, Hime Gonçalves Muniz¹¹⁰ afirma que na obra de Calímaco, existem sete epigramas deste tipo:

Calímaco nos deixou entre seus epigramas uns poucos, em número de sete, considerados tradicionalmente e conhecidos como epigramas literários e morais, cuja análise evidencia o tratamento literário que o poeta soube dar com grande erudição.

Esses epigramas são de inspiração gnômica. O poeta desenvolve um tema de moral prática que após o ensinamento a alguém, deve ser seguido por outros, em todas as situações. Para ilustrar a nossa afirmação, passemos os olhos ao que Hime Gonçalves Muniz¹¹¹, no II Congresso de Letras Clássicas e Orientais, nos apresentou um trabalho intitulado *Sabedoria e Moral no Epigrama I, de Calímaco*. Ele focalizou o primeiro epigrama que diz respeito a um estrangeiro de Atarnes que se deparou no caminho com um velho sábio, denominado Pítaco de Mitilene e o transeunte lhe pediu um conselho sobre como proceder diante de uma proposta dupla de casamento: ele queria saber qual seria a melhor moça para ele se casar, a da mesma condição sócio-econômica dele ou a outra acima do seu nível social. O velho Pítaco acena para alguns garotos que brincavam de pião e que giravam-no quando ele parava e esses meninos foram escolhidos pelo velho como os melhores conselheiros. Aproximando-se dos jovens, o estrangeiro ouviu-os dizerem: “segue a linha de acordo contigo.” Portanto, ele entende que deve se casar com a mulher de seu mesmo nível social. A conclusão de Hime Gonçalves Muniz é a de que o epigrama está vinculado à moral prática de bem viver.

---

¹⁰⁹ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 155.

¹¹⁰ HIME, Gonçalves Muniz. In: Caderno de Resumos: *Leituras do Sagrado na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental*. De 07 a 10 de maio de 2007. III Congresso de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras da UERJ. p. 33-4.

¹¹¹ HIME, Gonçalves Muniz. In: Caderno de Resumos: *Razão e Mito na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental*. De 21 a 24 de novembro de 2005. II Congresso de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras da UERJ. p. 31.

Diz também Hime Gonçalves Muniz que a imagem dos meninos rodando seus piões e cada qual acompanhando sua linha, é viva e oportuna, podendo ser simples resultado de observação ocasional por parte do poeta.

Em seu livro, *Falo no Jardim. Priapeia Grega, Priapéia Latina*, João Angelo Oliva Neto¹¹² nos mostra que além dos epigramas já citados na Antologia Palatina como reconhecidos e nomeados, há outrossim na *Priapeia* os epigramas apoforetos, aretológicos, exortativos, figurados, invectivos, invocativos, precatórios, jocosos e pederásticos. Analisaremos a seguir cada um deles bem brevemente:

1º.) Epigramas apoforetos: (*Επιγράμματα ἀποφορετά*): acompanham presentes. A designação *ἀποφόρετο* provém do livro 14 de Marcial. Assim afirma João Angelo Oliva Neto¹¹³:

Os epigramas apoforetos são os que acompanham presentes, presumidos no poema como suporte necessário da inscrição, que é o epigrama. (...) apophóretos (ἀποφόρετος) é adjetivo que designa presentes, que incluem até mesmo iguarias, que os convidados recebem à mesa para dali levar para casa.

Assim segue o seu raciocínio sobre o termo “apophóretos” e sua dupla interpretação:

O termo em princípio refere-se ao objeto, e não à inscrição nele adscrita, conforme a situação que os epigramas de Marcial constituem. No livro de Marcial, é muito oportuna a ambiguidade do adjetivo substantivado neutro “apophoreta”, que pode significar “presentes”, designando assim os objetos, ou qualificar o elíptico “epigrammata”, designando então os epigramas neles inscritos.

2º.) Epigramas aretológicos¹¹⁴ (*Επιγράμματα ἀρεταλογικά*): consistem no discurso no qual se arrolam as excelências do deus. João Angelo nos diz que a

---

¹¹² NETO, João Angelo Oliva. op. cit. p. 413-4.

¹¹³ NETO, João Angelo Oliva. op. cit. p. 139.

aretologia pode ocorrer em poemas sérios ou não em que Priapo habita o espaço público.

3º.) Epigramas exortativos¹¹⁵ (*Επιγράμματα προτρεπτικά*): são os poemas ligados a um conselho ou exortação positiva, contudo podem estar também associados às ameaças os que contêm dissuasão, a exortação negativa. Para que haja epigrama exortativo são necessários os seguintes elementos: o exortador, a autoridade mediante a qual pode exortar, a pessoa ou pessoas a que exorta e a matéria da exortação.

4º.) Epigramas figurados¹¹⁶(*τεχνοπαίγνια*) : significam literalmente a técnica do jogo. Décimo Magno Ausônio, poeta latino do séc. IV a. C., idealizou este tipo de epigrama que na verdade são brincadeiras verbais que exibem arte e técnica de fazer versos engenhosos, iniciados por monossílabos. Destacamos duas passagens em latim com as suas respectivas traduções para o vernáculo do pensamento de Décimo Magno Ausônio¹¹⁷ sobre este tipo de epigrama:

1.

(...). *In quibus ego, quod ad usum pertinet, lusi, quod ad molestiam, laboravi. Libello Techopaegnii nomen dedi, ne aut ludum laboranti, aut artem crederes defuisse ludenti.*

“Com eles, no que diz respeito à utilidade, brinquei; no que diz respeito à dificuldade, trabalhei. Ao livrinho dei o nome de Tecnopaignion (“jogos de técnica/ arte”), para não pensares que faltasse diversão a quem trabalhou ou arte a quem se divertiu.”

*Misi ad te Techopaegnion, inertis otii mei inutile opusculum.
Versiculi sunt monosyllabis coepti et monosyllabis terminati.*

---

¹¹⁴ NETO, João Angelo Oliva. Op. cit. p. 135.

¹¹⁵ De todos estes epigramas encontrados na *Priapéia Grega ou Latina*, somente os exortativos, considerados morais, se encontram nos epigramas de Henrique Caiado, visto que estes têm por característica os conselhos e exortações positivas ou negativas realizados dentro dos poemas para convencer o leitor a mudar de vida.

¹¹⁶ NETO, João Angelo Oliva. Op. cit. p. 137.

¹¹⁷ NETO, João Angelo Oliva. Op. cit. p. 137-138.

“Envio-te o Tecnopaignion, inútil opúsculo de meu ócio inerte.
São versinhos iniciados por monossílabos e terminados por
monossílabos.”

5º.) Epigramas invectivos: João Angelo¹¹⁸ nos ensina que a invectiva é elemento de um gênero poético autônomo, pois neste tipo de epigrama encontra-se a impreciação motivada pela ira, o elemento material do gênero. João Angelo nos mostra também como essa ira se concretizava e o que se produzia nos desafetos. Vejamos a passagem a seguir:

Embora a poesia arcaica se caracterize pelo cunho religioso, o iambo em sua origem o endossava de modo particular, pois a invectiva imprecatória motivada pela ira, que, como visto, é elemento material do gênero, concretizava-se em fórmulas que, cantadas, supostamente produziam malefício nos desafetos. Essas fórmulas eram propriamente encantos, pois, mediante necessário canto ritual, produziam encantamento contra alguém.

É mister ressaltar que a impreciação ritual contra malfeitores era uma prática muito comum entre os gregos e romanos.

6º.) Epigramas invocativos¹¹⁹ (*Ἐπιγράμματα κλετικά*): acontecem quando numa oração há a invocação a um Deus para que este apareça e a prece seja feita com o uso de imperativos e que possa ser acrescido do adv. *huc*, “aqui”. Portanto, para os epigramas invocativos são necessários três elementos: a) a prece; b) o deus; c) e o suplicante. A prece se materializa por meio do chamamento, isto é, da invocação para que o Deus se faça presente por meio do uso do imperativo *ades* (“vem”) e de advérbios de lugar como *huc*, *hic*, etc.

---

¹¹⁸ NETO, João Angelo Oliva. Op. cit. p. 140.

¹¹⁹ NETO, João Angelo Oliva. Op. cit. p. 134.

7º.) Epigramas precatórios¹²⁰ (*Επιγράμματα εὐκτικά*): possuem os mesmos elementos dos epigramas invocativos, contudo a prece se materializa mediante pedido por meio do imperativo *fac* (“faze”) a fim de que o Deus faça algo em benefício do suplicante.

8º.) Epigramas jocosos¹²¹ (*Επιγράμματα σκωπτικά*): são chamados assim porque visam ao risível, articulado sobretudo na turpitude de Priapo, quanto ao falo e à fala. O ridículo pode incidir no próprio Priapo ou na mulher feia, velha, no pederasta ou na ninfomaníaca.

9º.) Epigramas pederásticos: Nestes epigramas a matéria é proveniente da expressão *μῦσα παιδική*, (musa pueril, poesia do menino). João Angelo Oliva Neto¹²² nos afirma que na *Priapeia Grega* não há epigramas provenientes desse livro. Existem contudo dois epigramas de matéria bucólica - o 12 e 13- que podem ser incluídos na musa erótica pueril pela menção mesma a Dáfnis, divindade bucólica e jovem belíssimo que desperta, no poema 12, o desejo amoroso de Pã e Priapo e, no 13, o de um pastor.

A matéria pederástica¹²³ também se faz presente na *Priapeia Latina* de uma maneira peculiar, visto que lá, Priapo violenta sexualmente por coito anal ou oral o ladrão que for rapaz.

---

¹²⁰ NETO, João Angelo Oliva. Op. cit. p. 134.

¹²¹ NETO, João Angelo Oliva. Op. cit. p. 153.

¹²² NETO, João Angelo Oliva. Op. cit. p. 135-136.

¹²³ Por outro lado, em Caiado não há epigramas eróticos, por sua vez Marcial e Catulo fazem alusões a alguns epigramas de caráter obsceno, que este certamente poderia envergonhar uma mulher.

Extraímos um pequeno trecho de Marcial a seguir:

*Omnia quod scribis castis epigrammata uerbis
Inque tuir **nulla** est **mentula** carminibus*

Porque tu escreves todos os teus epigramas com castas palavras
e **nenhum membro viril** está em teus poemas.
(Marcial, *Epigrama* 69, III, 1-2)

2.3 CARACTERÍSTICAS¹²⁴:

As características dos epigramas de Caiado também estão presentes não só no período helenístico¹²⁵ como também em todas as épocas nas quais ele foi adotado como gênero poético, a saber:

- 1) a preferência pela brevidade dos versos¹²⁶ e pelos arcaísmos;
- 2) a elaboração e seleção de um léxico simetricamente localizado no verso, recurso denominado paralelismo sintático;
- 3) um caráter inovador¹²⁷;
- 4) ser um jogo lúdico, sugerindo¹²⁸ ao leitor diversas leituras e interpretações como um desafio pelo qual tudo é possível;
- 5) exibir um conhecimento do passado literário ou mítico;
- 6) ser um reflexo do progresso das ciências naturais, da matemática, da filologia, da história e da literatura da época¹²⁹;
- 7) caráter gnômico de cunho moralizante;
- 8) a interpelação do transeunte¹³⁰, do viajante. Este constitui o público do epigrama e cuja atenção está assim atraída.

---

¹²⁴ Estas características foram extraídas da tese do prof. Dr. Hime à qual já nos referimos anteriormente, no entanto, houve alguns acréscimos, tendo em vista que fizemos outras leituras.

¹²⁵ Essa poesia cultivada, no século III a.C. do período alexandrino, era dirigida a um público seleto de letra dos, visto que a poesia assim elaborada era pela sua própria natureza uma criação da erudição da época.

¹²⁶ Podemos muitas vezes associar o epigrama em seu conceito estético de poesia curta, a qual deve ser parcimoniosa e extremamente concisa à sua significação ampla e imbuída de inúmeras interpretações e significações. René Martin e Jacques Gaillard, em *Les genres littéraires à Rome*, na página 154, caracterizam o epigrama como breve e assim tem de ser uma inscrição funerária ou votiva com um texto curto e conciso não obstante em Caiado há alguns epigramas mais longos que fogem do padrão do gênero e que serão comentados por nós em tempo oportuno.

¹²⁷ Esse caráter inovador pode ser destacado mormente em sua temática atualizada.

¹²⁸ Jean- Paul Brisson já dizia, nas páginas 85 e 86, em seu livro *Virgile son temps et le nôtre*, que os adeptos dos alexandrinos se preocupavam com a impressão, com o detalhe e com o desenvolvimento de um tema. Também havia a preocupação do poeta epigramático com a sugestão e não com a explicação do poema. Também lembremo-nos da afirmação de Claudie Balavoine, em *Les Éclogues D'Henrique Caiado*, página 18, quando ela diz que Henrique Caiado em suas obras apresenta uma linguagem muitas vezes enigmática, porém, decodificável, como podemos perceber no epigrama no. 6. Ela também diz, na página 29, que a alegoria, no sentido etimológico do termo, oferece a quem entende o duplo prazer da mudança de hábitos e do deciframento. Porém, com o passar do tempo, a alegoria pode correr o risco de se tornar letra “morta” para as gerações futuras, pois perdem-se o contexto e o escopo do texto. Contudo, o público do século XV de Caiado se satisfazia no entendimento dessas alusões codificadas, como acontecia no tempo de Boccace e de Petrarca e Caiado participava em suas poesias ativamente desse jogo. Cf. p. 28.

¹²⁹ O epigrama bem como a poesia alexandrina foram reflexos também da política, da cultura e da sociedade da época.

¹³⁰ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 154.

2.4. POETAS EPIGRAMÁTICOS GREGOS E ROMANOS:

Consoante René Martin e Jacques Gaillard¹³¹, muitos poetas gregos vincularam seu nome neste gênero, especialmente Arquíloco, Simônides e Calímaco. Contudo, na Grécia, o primeiro poeta, segundo Hime Gonçalves Muniz¹³², que escreveu epigrama em dístico elegíaco foi Arquíloco do qual subsistem três epigramas, sendo uma inscrição funerária, uma votiva e uma envolvendo um pensamento satírico.

Para Hime Gonçalves Muniz¹³³, de alguns poetas epigramatistas que mais se destacaram nas várias regiões do mundo helenizado podemos citar: Asclepiades de Samos, Posidipo de Pela, Leônidas de Tarento e Hédilo de Samos com os quais trabalharemos a seguir.

O autor supracitado¹³⁴ faz referência a outros poetas, que também tiveram a sua importância, provenientes das mais variadas regiões da antiga Grécia, podemos citar: Anite de Tegeu, Perses de Tebas, Alceu de Messana, Mnesalces de Sícion, Teodoridas de Siracusa, Riano de Itome; e Calímaco como a todos os seus discípulos de Alexandria que vieram após ele.

Asclepiades de Samos escreveu várias espécies de poesias, mormente, líricas, mas ele foi considerado poeta sobretudo epigramatista. Deste poeta podemos destacar que foi o pioneiro do período helenístico a exprimir na poesia epigramática: 1º.) uma variedade de assuntos tornados comuns a partir dele; 2º.) os sentimentos pessoais; 3º.) uma reflexão das experiências da vida. Com Asclepiades desligou-se a tradição epigráfica a que se prendia o epigrama desde as suas origens para se adequar aos gostos de uma sociedade refinada, como afirma muito bem Hime¹³⁵.

Posidipo de Pela foi discípulo de Asclepiades. Escreveu poemas, elegias e provavelmente dois poemas épicos, *Etiópia e Asópia*, como nos informa Hime Gonçalves Muniz¹³⁶.

Assim diz o mesmo¹³⁷, consoante P.M. Fraser¹³⁸, sobre Posidipo de Pela:

---

¹³¹ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 155.

¹³² HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 15-16.

¹³³ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 17.

¹³⁴ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 17.

¹³⁵ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 43.

¹³⁶ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 45.

¹³⁷ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 45.

¹³⁸ FRASER, P.M. *Ptolemaic Alexandria*. Oxford, 1972, 3v.

um poeta mais desembaraçado e vigoroso do que Asclepiades, quanto ao tratamento do tema, mas indiscutivelmente inferior a este último em perspicácia e sutileza nos temas eróticos.

Vale enfatizar que a poesia de Posidipo está sendo reavaliada, o especialista no assunto Hime Gonçalves Muniz¹³⁹ afirma que novos epigramas do poeta, compreendidos no *Papiro de Milão*, foram encontrados e estudos recentes, sobretudo, a partir da edição feita por G. Bastianni e C. Galazzi de 1993 têm sido feitos.

Sobre Leônidas de Tarento, assim diz Hime¹⁴⁰ em sua tese:

(...) contemporâneo de Asclepiades, é autor de um grande número de epigramas, a maioria de epitáfios e dedicatórias, e alguns poucos epigramas eróticos. Apesar de ter sido um epigramatista popular isso não o impedia de usar uma linguagem elaborada, cheia de expressões raras e sofisticadas, mostrando a sua predileção por nomes compostos.

Ele¹⁴¹ informa um pouco mais abaixo que:

Leônidas não foi modelo para a maioria dos epigramatistas do séc. III a. C. . Sua temática é pastoral na maioria de seus epigramas, com predominância de dedicatórias a Pan, a Hermes e às Ninfas.

De Hédilo de Samos chegaram até nós poucos epigramas, aproximadamente um doze. Destacamos dois satíricos. Vejamos a seguir mais uma passagem do autor supracitado¹⁴² no que diz respeito aos epigramas satíricos:

---

¹³⁹ HIME, Gonçalves Muniz. In: Caderno de Resumos: *Mares de Histórias: Interfaces Poéticas* na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental. Homenagem à professora doutora Ruth Junqueira de Faria. De 11 a 14 de maio de 2009. IV Congresso do Departamento de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras da UERJ. p. 27.

¹⁴⁰ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 44.

¹⁴¹ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 44.

¹⁴² HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 47.

Na Antologia Palatina encontram-se dois epigramas satíricos de Hédilo. O primeiro é um epitáfio que contém uma sátira a um doutor denominado Ágis que não conseguia examinar o seu paciente Aristágoras, que sempre escapava quando Ágis chegava, para lhe aplicar uma lavagem ou apalpá-lo. O segundo se refere à gota, que paralisa os membros, filha nascida de Baco e Afrodite.

Também, vale destacar o epigrama erótico no qual Aglaônice oferece a Cípris bálsamos úmidos que ofereciam ótimos odores, além de suas sandálias, seu porta-seios, enfim, seus pertences como testemunhos de suas noites passadas com o doce amor de Nicágoras¹⁴³.

A tradição teocriteana, para Albin Lesky¹⁴⁴, conservou na *Antologia Palatina*, vinte e dois epigramas, pressupostamente de Teócrito, embora alguns sejam de autoria duvidosa.

Apesar de nos referirmos a esses poetas epigramatistas do período alexandrino, sem dúvida alguma, Calímaco foi o que mais soube ver a força que se concentra nas palavras e foi capaz de irradiar os mais variados efeitos.

Hime Gonçalves Muniz¹⁴⁵ soube muito bem resumir a poesia de Calímaco nestas palavras:

Sendo a poesia de Calímaco fortemente caracterizada pela erudição, o poeta constrói os seus versos, procurando destacar das palavras os aspectos gramaticais e semânticos de que são portadoras, para mostrar ao seu público letrado que a sua poesia é essencialmente um saber (“sophia”) consubstanciado no conhecimento da tradição literária da Grécia.

---

¹⁴³ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 48.

¹⁴⁴ LESKY, Albin. *Historia de la Literatura Griega*. Versión española de José Maria Diaz Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos, S.A. p.754.

¹⁴⁵ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 50.

Vale lembra que a poesia alexandrina exibia refinamento, sofisticação e cuidado com o detalhe. Leveza, precisão e rapidez eram elementos tão presentes e tão desejados na poesia da época e também tão patentes nos epigramas.

Sabemos que Calímaco e Apolônio de Rodes foram bibliotecários em Alexandria. Portanto, podemos concluir que tiveram muito acesso aos livros e ao que tinham de melhor em termos de produção literária do período helenístico e de sua tradição. Havia o legado da tradição que lhes cabia por ofício preservar como já afirmava João Angelo¹⁴⁶.

Um pouco mais à frente, o mesmo autor¹⁴⁷ afirma que Calímaco foi o mais representativo poeta do período helenístico, considerado o poeta alexandrino por excelência, aquele que mais influenciou Catulo e os poetas novos.

Calímaco utilizou a sua poesia para veicular as novas idéias literárias e estéticas que marcaram o período alexandrino no século III a. C. . Calímaco, segundo Hime¹⁴⁸, escreveu epigramas eróticos que não deixaram dúvidas de que ele foi um legítimo representante da poesia amorosa, contudo sua preferência estava voltada para os epigramas funerários, apesar de ter escrito também epigramas votivos e literários ou morais.

Vale destacar o que René Martin e Jacques Gaillard¹⁴⁹ nos recordam a respeito de Claudie Meillier que faz observar em sua tese que lhe consagrou em 1978 sobre Calímaco:

*Plusieurs poètes grecs ont attaché leur nom à ce genre, notamment Archiloque, Simonide, Méléagre et Callimaque. A propos de ce dernier, Claude Meillier fait observer, dans la thèse qu'il lui a consacrée en 1978, qu'il est parfois difficile de décider si telle de ses épigrammes constitue un jeu littéraire ou une inscription réelle, mais note que ces poèmes ont pour caractère commun d'être des pièces de circonstance, composées le plus souvent pour des amis ou pour des proches.*¹⁵⁰ -

---

¹⁴⁶ NETO, João Angelo de Oliva. Op. cit, p. 11.

¹⁴⁷ NETO, João Angelo de Oliva. Op. cit., p. 13.

¹⁴⁸ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 55-58.

¹⁴⁹ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 155.

¹⁵⁰ “Muitos poetas gregos vincularam seu nome a este gênero, especialmente Arquíloco, Simônides, Meleagre e Calímaco. A propósito deste último, Claude Meillier observa, na tese que ele lhe consagrou

Nos epigramas, Calímaco¹⁵¹ usou o dialeto jônico, embora tenha escrito alguns poucos em dórico.

Assim destacamos nas origens do gênero epigramático os poetas de maior relevância da Grécia antiga. Na literatura latina, Conte¹⁵² já dizia que o epigrama não tinha tido uma grande tradição. Além disso, Marcial chega até a citar alguns poetas epigramáticos latinos e epigramas, porém nada chegou até nós. De Catulo sobreviveu uma produção considerável, embora saibamos que ele não escreveu apenas epigramas.

Passaremos a comentar os poetas da Roma antiga que escreveram epigramas. Dois grandes nomes tornaram célebre o epigrama romano¹⁵³: o primeiro foi Catulo no Iº século a. C. e o segundo, Marcial, no início do IIº século d. C., contudo, houve outros poetas romanos, que também escreveram epigramas ou fragmentos deles, entre os quais citamos o poeta Galo, por exemplo, que escreveu dois poemas epigramáticos, segundo René Martin e Jacques Gaillard¹⁵⁴.

E poucos sabem que Virgílio, em suas *Bucólicas*, mais exatamente na quinta, nos versos 42-44, registra um exemplo de epigrama fúnebre. Lembremos o que Márcio Luiz Moitinha Ribeiro¹⁵⁵, em sua dissertação, *A Poesia Pastoril: As Bucólicas de Virgílio*, tem a nos dizer sobre este assunto:

*Alguns poetas romanos se exercitaram no gênero como Catulo, contudo ninguém se igualou a Marcial. Quanto a Virgílio, destacamos abaixo uma inscrição fúnebre, extraída da quinta **bucólica**, nos versos 42 a 44, mas, uma vez que os epitáfios geralmente eram compostos em forma epigramática, podemos considerar a inscrição abaixo de Virgílio como um “falso epigrama”:*
(... et tumulum facite, et tumulo superaddite carmen:

---

em 1978, que é por vezes difícil de decidir se tais epigramas constituem um jogo literário ou uma inscrição real, mas nota que estes poemas têm por natureza comum ser peças de circunstância, compostas o mais frequentemente para os amigos ou para os próximos”.

¹⁵¹ HIME, Gonçalves Muniz. Op. cit., p. 52.

¹⁵² CONTE, Gian Biagio. Op. cit., p. 506-507.

¹⁵³ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 155.

¹⁵⁴ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 155.

¹⁵⁵ RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *A Poesia Pastoril: As Bucólicas de Virgílio*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2006. p. 115-116.

DAPHNIS EGO IN SILVIS HINC VSQUE AD SIDERA
NOTVS

FORMOSI PECORIS CVSTOS FORMOSIOR IPSE.)

(Virg., Buc. V, 42-44)

“(...) e fazei um túmulo, e gravaí um canto sobre o túmulo:

NAS FLORESTAS EU, DÁFNIS, FUI MUITO
CONHECIDO DAQUI AOS ASTROS GUARDADOR DE
UM FORMOSO REBANHO, EU PRÓPRIO MAIS
FORMOSO AINDA.”

Virgílio também escreveu epigramas nos poemas da *Appendix Vergiliana*, compilados sob o nome de *Catalepton*, epigramas da junventude do poeta.

Zelia de Almeida Cardoso¹⁵⁶, em *A Literatura Latina*, nos informa que a obra de Catulo é bastante variada no que diz respeito ao assunto e ao estilo. Catulo escreveu 116 poemas (*carmina*), dedicados ao historiador romano Cornélio Nepos e que podem ser subdivididos em três grupos. No primeiro grupo (1-60), não há epigramas, os poemas compõem-se de polímetros e constituem em sua maioria como poemas de amor e de circunstância.

Vale destacar também que nos poemetos de circunstância, consoante Zelia de Almeida Cardoso¹⁵⁷, são dirigidos frequentemente a conhecidos e amigos, neles há flagrantes da vida romana entre os quais citamos os usos, os costumes e alusões à atividade política.

No segundo grupo de poemas, considerados os mais longos (61-68), há o epigrama 66 no qual o poeta escreve acerca da metamorfose do cacho de Berenice. Fica patente um diálogo do poeta com a porta que o separa da amada.

Para Zelia¹⁵⁸, Catulo se inspirou na moda literária neotérica, importada de Alexandria, cujo estilo era linguagem ornamentada, abundância de figuras e requinte na

---

¹⁵⁶ CARDOSO, Zelia de Almeida. *A Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. p. 58.

¹⁵⁷ CARDOSO, Zelia de Almeida. Op. cit., p. 60.

¹⁵⁸ CARDOSO, Zelia de Almeida. Op. cit., p. 60.

composição de imagens. Assim nos dizem René Martin e Jacques Gaillard¹⁵⁹ sobre os poetas novos aos quais Catulo pertenceu:

Le group auquel appartient Catulle, c'est celui des << nouveaux poètes>>, qui, entre 80 e 50 avant notre ère, définissent la poésie comme un art de la perfection formelle, et, dans cette perspective, choisissent résolument les genres très courts, donc d'abord l'épigramme, contra la grande et lourde poésie épique¹⁶⁰.

Enfim, o terceiro grupo de poemas (69 - 116) apresenta temática igual a do primeiro grupo, contudo, a métrica é diferente. No primeiro, há uma variedade de metros, ao passo que no terceiro grupo, Catulo emprega em sua composição epigramática dísticos elegíacos de praxe¹⁶¹. René Martin e Jacques Gaillard¹⁶² afirmam que se designaram comumente sob este termo quarenta e oito pequenas peças (a mais longa tem seis versos e é uma exceção), escritas em dísticos elegíacos, que levam na coleção de suas obras os números 69 a 116.

Selecionamos, na passagem a seguir, o tom dos epigramas deste terceiro grupo e para quem alguns de seus epigramas são endereçados, consoante Zelia de Almeida Cardoso¹⁶³:

No terceiro grupo ele apresenta epigramas, empregando, na composição, os dísticos elegíacos de praxe. Alguns são dirigidos a amigos e pessoas da sociedade romana da época. O tom galhofeiro se alterna, algumas vezes, com o picante e o mordaz. Em outros, a figura de Léssia volta a aparecer. O amor continua a ser protestado com veemência (...)
A desilusão, todavia, provoca certa amargura que marca numerosos desses textos (...)

---

¹⁵⁹ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 156.

¹⁶⁰ “O grupo ao qual pertence Catulo é aquele dos <<poetas novos>>, que, entre (os anos) 80 e 90 antes da nossa era, definiram a poesia como uma arte da perfeição formal, e, nesta perspectiva, escolhiam deliberadamente os gêneros muito curtos, portanto, em primeiro lugar, o epigrama, contra a grande e pesada poesia épica.”

¹⁶¹ CARDOSO, Zelia de Almeida. Op. cit., p. 61.

¹⁶² MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 155.

¹⁶³ CARDOSO, Zelia de Almeida. Op. cit., p. 61.

Destacamos mais um trecho de Zelia de Almeida Cardoso¹⁶⁴ que expressa objetivamente o estilo de Catulo:

Catulo foi, sem dúvida, um dos maiores líricos romanos. Versátil e talentoso, soube combinar, e alternar, a brincadeira e a seriedade, a ironia e o sentimentalismo, o estilo elegante, caracterizado pela riqueza vocabular e pela abundância de figuras, e a linguagem popular, eivada de modismos, de diminutivos, de expressões do dia a dia, extraídas das formas coloquiais. Com suas qualidades, sensibilidade e técnica, foi Catulo um digno precursor da poesia que iria atingir seu nível mais alto nos dias brilhantes de Augusto.

Sabemos que a alusão era uma técnica da qual Catulo já utilizava com seus jogos de palavras ou com imagens referentes a outro poeta ou personagem. Assim já dizia João Angelo¹⁶⁵:

*Se a imitação era um valor, a alusão era sua técnica. A técnica da alusão consistia em reproduzir um trecho, um verso, ou apenas uma imagem de outro poeta, de maneira que o leitor se comprazia em identificar a proveniência, comparar e avaliar. Tudo isso está no termo grego *paigníon* e no verbo latino correspondente *ludēre* (donde “aludir”, cognato de *lusus*, “jogo”), que enfeixa as noções de compor/cantar os poemas, de com eles jogar/disputar e de brincar/representar, tal como ocorre em Catulo.*

Vale lembrar que o autor que acabamos de mencionar¹⁶⁶ afirma que em Catulo, tudo é antes intertexto, criado rigorosamente nos moldes alexandrinos.

---

¹⁶⁴ CARDOSO, Zelia de Almeida. Op. cit., p. 61.

¹⁶⁵ NETO, João Angelo de Oliva. Op cit., p. 12.

¹⁶⁶ NETO, João Angelo de Oliva. Op cit., p. 21.

Não podemos deixar de afirmar que Catulo foi o poeta, por excelência, do amor e como já dizia Luís Filipe Barata Monteiro¹⁶⁷, o amor é tão misterioso quanto o futuro e tão fugaz quanto ele. Para o autor supracitado, a obra de Catulo em síntese é:

um dilema entre O Amor e o Futuro. O primeiro é uma utopia e o segundo, uma incógnita insolúvel. A solução seria o amor eterno, que tantos e tantos perseguiram sem jamais conseguirem.

João Angelo¹⁶⁸ diz que se percebe o clima de intimidade nos poemas de Catulo, pois é efeito de sua poética.

Vale lembrar que Jeanne Dion¹⁶⁹, em seu artigo, apresenta Catulo como o poeta das confidências.

Mas também é relevante registrar que o epigramatista Catulo não mede as suas palavras, enche seus inimigos de insultos até envergonhar uma pessoa, assim se expressam René Martin e Jacques Gaillard¹⁷⁰:

*Catulle épigrammatiste ne mâche pas ses mots; Il appelle un chat un chat, abreuve ses ennemis d'insultes à faire rougir un corps de garde*¹⁷¹.

Um pouco mais abaixo, os autores supracitados¹⁷² nos informam que Catulo tem um gosto da provocação sem o qual mal se compreendia certos aspectos dele:

(...) et un goût de la provocation sans lequel on comprendrait mal certains aspects de Catulle.

Esse gosto da provocação pode ser explicado pelo pensamento crítico que Catulo demonstra em sua obra construída e unificada, como já afirmava Jeanne Dion¹⁷³. Num

---

¹⁶⁷ MONTEIRO, Luís Filipe Barata. *Carmen na Língua e na Literatura Latinas*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1984. p. 122-123.

¹⁶⁸ NETO, João Angelo de Oliva. Op. cit., p. 20.

¹⁶⁹ DION, Jeanne. *Du Multiple à l'unité l'oeuvre d'infini chez Catulle*. Revue des Études Latines. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1997, p. 127.

¹⁷⁰ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 155.

¹⁷¹ "Catulo epigramatista não mede as suas palavras; ele chama um gato de gato, enche seus inimigos de insultos até envergonhar um corpo de guarda de uma tropa."

¹⁷² MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 156.

outro momento, a autora¹⁷⁴ afirma que a obra de Catulo é de uma extrema diversidade de forma, de tema (político, amoroso) e de tons que vão do mais obsceno ao mais gracioso. Jeanne Dion, em seu artigo, faz referência à Jacqueline Dangel¹⁷⁵ que compreende a diversidade da obra catuliana por causa da estética alexandrina da *ποικιλία*.

Diz Leni Ribeiro Leite¹⁷⁶ em sua dissertação, quanto as duas linhas temáticas de epigramas em Catulo:

Em Catulo configuram-se as duas linhas temáticas que, afastando-se mais e mais da epigramática grega, foram as desenvolvidas pelos latinos: o epigrama amoroso e o epigrama satírico. Na realidade, os satíricos excedem em muito o número dos amorosos, caracterizados sobretudo pela força e violência dos ataques pessoais dirigidos aos desafetos, entre os quais figuras importantes da sociedade romana.

Passemos agora o nosso olhar à vida, obra e estilo do poeta epigramatista, Marcial. Para René Martin e Jacques Gaillard¹⁷⁷, o epigrama chegou ao seu apogeu e encontrou a sua forma mais perfeita com a obra de Marcial.

Jean Bayet¹⁷⁸, no livro denominado *Littérature Latine*, nos apresenta um pouco da vida sofrida do poeta acima referido:

M. Valérius Martialis était venu de Bilbilis (en Espagne, dans la province de Tarraconaise) achever ses études à Rome. Il y resta, séduit par la variété des impressions que la grande ville offrait à sa vivacité naturelle, mais y menant, pour subsister, la vie dure et humiliante du

---

¹⁷³ DION, Jeanne. Op cit., p. 127.

¹⁷⁴ DION, Jeanne. Op cit., p. 127.

¹⁷⁵ DANGEL, Jacqueline. *Catulle, Carmen 51: étude stylistique d'une réécriture de Sapho, dans Euphrosyne* : nova serie vol. XXIV, Lisboa, 1996.

¹⁷⁶ LEITE, Leni Ribeiro. *O Patronato em Marcial*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras Clássicas da UFRJ. Rio de Janeiro: 2003, p. 35-36.

¹⁷⁷ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 157.

¹⁷⁸ BAYET, Jean. *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin, 1965, p. 374.

flatteur et du quémendeur: il flagorna Domitien, fit sa cour aux mêmes riches protecteurs que Stace. Il finit par y gagner, avec beaucoup de dégoûts, une mince aisance; et, par ses Épigrammes, la célébrité¹⁷⁹.

Para Ettore Paratore¹⁸⁰, Marcial tornou-se um *cliens*, um adulator de reis, que beirava a pobreza e a miséria, de todo o seu esforço como poeta só obteve um casebre e um parvo terreno em Nomento:

*Afinal, o que lhe sucedeu foi a condenação ao ofício ingrato de **cliens**, que o consumiu durante trinta e cinco anos em fatigantes corridas de um palácio para outro, em adulações exageradas e vãs, que deviam ser particularmente repugnantes para o seu bom gosto de poeta, numa pobreza que raiava a miséria e que o extenuou e lhe pesou no espírito, tolhendo-lhe talvez os ímpetos mais genuínos. De tanto esforço, não conseguiu obter mais que uma casinha, privada de água, no Quirinal e um pequeno terreno de pouco valor, em Nomento.*

Apesar de seus problemas financeiros, Marcial teve o orgulho de sua profissão, foi erudito, conheceu <<os antigos>>. O aspecto palpitante da vida e o gosto de uma clara sobriedade confirmaram a sua obra, apesar das desigualdades, como Jean Bayet¹⁸¹ nos relata.

Marcial dedicou-se inteiramente a um único tipo de gênero poético: o epigrama. Ettore Paratore¹⁸² tenta explicar o motivo dessa única escolha de forma literária. Vejamos:

Por outro lado, nos salões dos aristocratas, para os quais Marcial olhava sempre ansiosamente, à busca de protetores

---

¹⁷⁹ “M. Valério Marcial tinha vindo de Bílbilis (na Espanha, na província de Tarraconense) para concluir seus estudos em Roma. Ele aí permaneceu, seduzido pela variedade de impressões que a grande cidade oferecia à sua vivacidade natural, porém, aí levou, para subsistir, a vida dura e humilhante de adulator e de pedinte: ele bajulou Domiciano, fez seu cortejo aos mesmos ricos protetores que Estácio. Ele terminou por aí ganhar, com muito desgosto, uma escassa comodidade; e por seus epigramas, a celebridade”.

¹⁸⁰ PARATORE, Ettore. Op. cit., p. 703.

¹⁸¹ BAYET, Jean. Op. cit., p. 376.

¹⁸² PARATORE, Ettore. Op. cit., p. 703-704.

abastados que lhe deitassem a mão, para o tirarem da sua molesta indigência, deviam tornar-se particularmente agradáveis composições breves e mordazes que pudessem ser repetidas facilmente e circular com rapidez na boca de todos, com a fortuna que acompanha as <<más-línguas>>. Esta foi uma das razões mais válidas que levaram Marcial a dedicar-se inteiramente a um tipo de poesia, o epigrama, ao qual talvez todos os outros poetas gregos e latinos que a tinham cultivado haviam consagrado apenas uma parte do seu talento.

Marcial teve como inspiração uma arte toda tecida em aspectos degradantes da sociedade tais como a luxúria, a avidez e as hipocrisias humanas. Desta maneira, podemos concluir que ele tinha um olhar atento a todos os vícios escondidos do próximo¹⁸³.

O sucesso não faltara aos epigramas de Marcial. Diz Ettore Paratore que o próprio poeta gozava com isso, contudo, apesar a) do sucesso dos seus epigramas; b) das dedicatórias ao seu imperador; c) do recebimento de alguma remuneração; d) e da obtenção do título de *tribunus militum*¹⁸⁴, com a consequente inscrição na ordem equestre, tudo isto não foi o bastante para atenuar a indigência do poeta. Domiciano foi, deveras, muito ingrato para com o poeta.

Ettore Paratore¹⁸⁵ também diz que os epigramas de Marcial eram tidos como escritos difamatórios e satíricos, que lisonjeavam o gosto pelo escândalo dos ambientes duma grande cidade. Quiçá, Marcial tenha desenvolvido esse gosto pelo desejo de popularidade. Extraímos mais uma passagem de Ettore Paratore, digna de nota, acerca da elaboração dos epigramas de Marcial e de sua arte:

*(...) ele, por desejo de popularidade, soube ver e desenvolver apenas o lado picante, lascivo e agressivo, de tal maneira que, por efeito da poesia de Marcial, a palavra **epigramma** acabou por assumir o significado de cadência pungente.*

---

¹⁸³ PARATORE, Ettore. Op. cit., p. 703.

¹⁸⁴ PARATORE, Ettore. Op. cit., p. 704.

¹⁸⁵ PARATORE, Ettore. Op. cit., p. 705.

Com o assassinato de Domiciano, Marcial passa a adular o novo imperador em seus epigramas e, o pior, infama a memória de Domiciano, por ele tão celebrado, enquanto vivo. Esse seu procedimento começa a apresentar prova de sua insinceridade na poesia e que deve ter suscitado uma reação de desprezo mais violento para com ele. A repugnância de ordem moral acaba por atacar também a validade humana da sua poesia. Dessa maneira, como afirma Ettore Paratore¹⁸⁶, a sua arte, toda alicerçada no exame implacável dos vícios alheios, começa a nos parecer cada vez mais literária e insincera.

Enquanto Catulo foi um poeta da subjetividade; Marcial foi um poeta desprovido de afetividade na sua poesia. Ele pôs o olhar mais para os outros e para o público do que para si mesmo. Enfim, preocupou-se mais com a realidade do que com os seus próprios sentimentos. Para Jean Bayet¹⁸⁷, Marcial foi um realista, confirmando o que acabamos de afirmar, acima.

O dom de Marcial¹⁸⁸ esteve ligado à exatidão da observação no olhar, na audição e no olfato com igual delicadeza. Ele soube produzir suas impressões no verso com toda a sua força.

Enfim, podemos resumir em cinco pontos relevantes, consoante René Martin e Jacques Gaillard¹⁸⁹, a doutrina Marcial do gênero epigramático – doutrina que consiste essencialmente em fazer do epigrama uma antítese da epopéia. Vale lembrar que, na época de Marcial, o gênero épico exerceu sobre a literatura latina uma dominação esmagadora.

1º.) O primeiro mérito do epigrama de Marcial é a sua brevidade. A enorme épica suscita sem dúvida a admiração, contudo, desanima o leitor. Marcial representa aqui Calímaco e sua fórmula famoas: << um grande livro é um grande mal.>>;

2º.) O epigrama se caracteriza pelo bom humor, contrastando com a austeridade da épica. O epigrama deleita ao passo que a épica suscita tédio;

3º.) O epigrama tem uma função carnavalesca: ele está ligado, no espírito de Marcial, a este período das <<Saturnais>> que ocupava o fim do mês de dezembro e que

---

¹⁸⁶ PARATORE, Ettore. Op. cit., p. 708.

¹⁸⁷ BAYET, Jean. Op. cit., p. 374.

¹⁸⁸ BAYET, Jean. Op. cit., p. 374.

¹⁸⁹ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 157.

caracterizava o abandono da seriedade e das convenções sociais; René Martin e Jacques Gaillard¹⁹⁰ consideram o epigrama como alguma espécie de Saturnal literária;

4º.) O epigrama deve estar voltado para a decência e para a respeitabilidade;

5º.) O último ponto e talvez o mais importante – o epigrama se opõe à epopeia. O primeiro é a imagem mesma da vida, bane toda distanciação, ao passo que a epopeia está mais separada da vida, mais ligada à mitologia e aos tempos heróicos. O epigrama faz aderir à realidade contemporânea, numa perspectiva que se poderia até qualificar como jornalística¹⁹¹.

---

¹⁹⁰ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 157.

¹⁹¹ Neste último aspecto, o epigrama se aproxima da sátira – mais com uma diferença fundamental que esta não tem nenhuma ambição filosófica ou moralizadora: é totalmente e tranquilamente amoral e se lança sobre os indivíduos e a sociedade um olhar irônico. De fato, é um gênero bem romano, tal que Petrônio a cria na mesma época de Marcial, assim afirmam René Martin e Jacques Gaillard, nas páginas 157 e 158.

CAPÍTULO 3: ESTUDO ANALÍTICO DOS EPIGRAMAS

O estudo analítico dos epigramas compreende quatro aspectos: linguísticos (propriamente ditos, helenismos, arcaísmos, expressões idiomáticas e vocábulos compostos); estilísticos com os mais expressivos recursos pelos quais o poeta se valeu. Acrescentamos também as fontes de inspiração de Caiado e comentários gerais, pertinentes ao estilo do poeta; moralizantes; e laudatórios que dizem respeito aos encômios de Caiado ao seu rei e às personagens ilustres de sua época. Fazemos menção portanto ao patronato e ao clientelismo, patentes em alguns de seus epigramas.

Vale ressaltar também que tal estudo analítico tem como base o texto latino original com a sua respectiva tradução para título de exemplificação na comprovação do que está sendo dito. Os fragmentos selecionados são frutos do que consideramos de mais relevantes em nosso estudo.

ASPECTOS LINGUÍSTICOS

PROPRIAMENTE DITOS:

Para os aspectos linguísticos propriamente ditos, destacamos algumas orações infinitivas, subjetivas e exemplos de ablativo absoluto e de interrogação indireta. Também teceremos comentários a respeito de partículas de reforço, de verbos e de suas regências, de modos e de algumas formas nominais, como também destacaremos alguns aspectos de sintaxe dos casos e de outras estruturas linguísticas menores das quais o poeta se valeu em seus epigramas e que achamos mais relevantes para comentários.

Começemos pelas orações infinitivas que podem ser traduzidas para o vernáculo pelas subordinadas substantivas objetivas diretas reduzidas de infinitivo ou desenvolvidas com a conjunção integrante “que”. Preferimos traduzir pelas reduzidas, contudo quando não foi possível tal alternativa nos valem da segunda possibilidade de tradução.

Nos primeiros versos do epigrama 5, encontramos logo dois exemplos de oração infinitiva. Vejamos o fragmento selecionado e a sua respectiva tradução:

*Discere me cogis, Noni, civilia jura,
et donare jubes jam mea plectra rude.*

Tu **me** obrigas **a aprender**, Nônio, **o direito civil**,
e me ordenas agora **a abandonar pela vara meus plectros**.

(I, 5, 1-2)

Como podemos observar nos versos a seguir o *gaudere* também se constrói com oração infinitiva:

*fervet multivago nunc docta Bononia coetu,
et vicos gaudet fronde virere nova.*

agora a douta Bolonha ferve em multívaga assembleia,
e apraz **que as aldeias verdejem com fronde nova**.

(I, 9, 3-4)

Digna de nota é a expressão virgiliana *uirere fronde* (cobrir-se de verdura), mencionada no dicionário de Saraiva, mas para os poetas Horácio, Ovídio e Caiado tem o sentido de “estar verde, verdecer, verdejar”. Preferimos traduzir pelo sentido de “verdejar”.

Por motivo de estilo e para ficar mais próxima do latim a tradução, não desenvolvemos esta oração subordinada substantiva objetiva direta, proveniente da oração infinitiva latina, introduzida pelo verbo *doleo* que pede em sua regência acusativo com infinitivo:

*Est patriae victoria, ait: laetatur, & inquit:
non dole natos sic cecidissee meos.*

“É da pátria a vitória” - diz ele. Ela se alegra e diz:
“não sofro **terem assim morrido filhos meus**”.

(I, 13, 7-8)

O verbo *sinĕre* (permitir) no primeiro verso também se constrói com oração infinitiva: sujeito está no acusativo “me” e o verbo no infinitivo presente passivo “aduri”, seguido do agente da passiva “Getico frigore”:

Si Getico, Tassine, sinis me frigore aduri,
Naso ero: si dederis ligna, Tibullus ero. 2

Se **permities**, Tássino, **que eu seja queimado pelo frio do país dos Getas**,
serei Nasão. Se tiveres dado lenha, Tibulo serei. 2
(I, 43, 1-2)

Destacamos mais essa oração infinitiva introduzida pelo verbo *puto*. Quanto à tradução, vale enfatizar como já afirmamos anteriormente que há preferência pelas reduzidas de infinitivo, forma mais propínqua ao latim:

thessalicaque putes aera crepare manu.
e julgues **o ar crepitar com a força das armas da Tessália**.
(I, 45, 6)

Outra construção com sujeito *me* no acusativo:

sentioque afflari me meliore deo,
e sinto ser bafejado sendo melhor a divindade;
(II, 44, 8)

O ablativo absoluto corresponde no vernáculo às orações subordinadas adverbiais, estas podem ser reduzidas de gerúndio ou de particípio e também podem ser desenvolvidas. Encontramos no primeiro verso do epigrama abaixo o primeiro exemplo. Tendo em vista o que foi dito acima, apresentamos as duas possibilidades de tradução

para o vernáculo: “sendo governante o leão” (forma reduzida) ou “quando o leão governa” (forma desenvolvida). Optamos no texto por traduzir da primeira maneira:

EX GRAECO SENTENTIA.

EPIGRAMMA

VI.

*Prælia cervorum pluris ductore leone,
quam leo quæ cervo sub duce bella gerit.* 2

SENTENÇA DO GREGO

EPIGRAMA

VI.

Há mais lutas de cervos **sendo governante o leão**
do que as guerras que o leão ocasiona sob o cervo comandante. 2
(I, 6, 1-2)

Registramos o seguinte exemplo de ablativo absoluto *te cantante* que pode ser traduzido por “quando tu cantares” ou, em sua forma reduzida de gerúndio, “tu cantando”, preferimos traduzir pela forma desenvolvida:

*Carminibus ventos pariter mulcebis, & undas:
te cantante, cadet protinus ira maris.* 10

Com os cantos acalmarás ao mesmo tempo os ventos e as ondas,
quando tu cantares, a ira do mar cessará imediatamente. 10
(I, 42, 9-10)

O ablativo absoluto do segundo verso: *monstrante tua lampade* (quando a tua lâmpada mostra o caminho da noite), está em sentido figurado. A passagem também poderia ter sido traduzida da seguinte maneira: “mostrando a tua lâmpada” no entanto traduzimos pela oração desenvolvida como se segue:

Percurri silvas variumque, & amabile carmen:

sed monstrante tua lampade noctis iter.

2

Percorri com os olhos as florestas e um variado e amável poema,

mas **quando a tua lâmpada mostra o caminho da noite,** 2

(I, 47, 1-2)

Encontramos nesse exemplo o relativo “qua” substituindo o vocábulo “lampade”:

qua monstrante viam, turpia deseras,

secteris studio, posteritas bona (...)

mostrando esta a via, que abandones as coisas torpes,

que sigas habitualmente com o estudo, a boa posteridade (...)

(II, 43,8-9)

Deixamos registrado mais esse ablativo absoluto patente no epigrama 65: *quo duce* (sendo tu chefe):

Ad te confugiunt divae, tua numina poscunt,

5

quo sperant iterum perdere monstra **duce**.

A ti refugiam-se as deusas, teus numes pedem.

5

Sendo tu chefe, esperam de novo perder os prodígios.

(II, 65, 5-6)

Quanto aos exemplos de interrogação indireta, selecionamos as seguintes passagens:

No terceiro verso do epigrama abaixo, o verbo “quaero” está introduzindo uma oração interrogativa indireta cujo verbo “malim” sempre fica no subjuntivo:

Quaeris uter malim esse. Aestivo tempore Naso.
nunc, quia bruma riget, terse Tibulle, places.

Perguntas qual dos dois eu quero ser. No tempo estivo Nasão.
Agora porque o inverno está rígido, esmerado Tibulo, agradas.
(I, 43, 3-4)

O verbo *rogare* (rogar) se constrói com interrogação indireta nessa passagem:

Quod possim praestare roga, Ludovice, negantem
Juppiter in stygias fulmine trudat aquas.

Roga o que eu posso fornecer, Ludovico,
que Júpiter afaste o que nega para as estígeas águas com o raio.
(I, 46, 3-4)

Interrogação indireta com o verbo característico no subjuntivo *distent* e com advérbio interrogativo *quantum* introdutor da oração:

monstrabunt quantum distent his gaudia vatum,
gaudia divitiis anteferenda Mydae.

mostrarão **quanto** os gáudios dos vates **estão distantes** destas coisas,
gáudios que devem ser levados adiante pelas divícias de Midas.
(II, 51, 17-18)

Configura-se mais um exemplo de interrogação indireta no segundo verso do epigrama 67:

*Per cornu formica bovis dum forte vagatur,
quidnam ageret, quidam quaerit, aramus, ait.* 2

Enquanto a formiga vagueia ao acaso pelo chifre do boi,
Alguém lhe pergunta que estivesse fazendo, “aramos”, diz ela. 2
(II, 67, 1-2)

Passemos agora aos comentários pertinentes aos verbos:

Credo pede dupla regência em acusativo e dativo e o pronome *sese* é uma partícula de reforço com sentido reflexivo:

*Quam bene coelestis tibi sese crederet aula,
quam bene pro Christo jura verenda dares!* 10

Como seria bom se o Palácio Celeste **se entregasse a ti**,
Como seria bom, se em nome de Cristo, promulgasses leis a serem veneradas! 10
(I, 4, 9-10)

Observemos mais um exemplo a seguir: *Credere arma militi* (confiar as armas ao soldado). No fragmento abaixo selecionado, versos 11 e 12, encontramos o verbo *credo* com a mesma regência e sentido exemplificado acima. Vejamos também o pronome *se* reflexivo patente nestes dois últimos versos do terceiro epigrama

*Si renovare deis placet omnia, se tibi, Petre,
alterius credet regia sacra Petri.*

*Se renovar todas as coisas agrada aos deuses,
a basílica sagrada de outro Pedro se confiará a ti.*
(II, 3, 11-12)

A expressão *opus est* pede ablativo de coisa e dativo de pessoa. Por exemplo, se em português tivéssemos a seguinte frase: precisamos de teu conselho, em latim, verteríamos por *opus est consilio tuo nobis*. O pronome pessoal do caso reto vai para o dativo de pessoa pela regência do verbo *opus est* e a coisa representada pela frase *de teu conselho*, irá para o ablativo de coisa. No verso 19, há dois exemplos de ablativo de coisa *divitiis* e *fulvoque metallo*, e o dativo de pessoa *mihi* está presente no verso 20 ao lado do verbo deponente *patiere*:

(...) *est cunctis vitaeque, morsque eadem.*
Quod si divitiis opus est, fulvoque metallo,
esse inopes musas non patiere mihi. 20

(...) e existe uma vida para todos, e a mesma morte.
 Pois, se me são necessários riquezas e o metal dourado,
 tu não me permitirás que minhas musas sejam indigentes. 20
 (I, 5,18-20)

O verbo *manēre* no verso abaixo está com o sentido de “estar reservado a” e constrói-se com acusativo de pessoa; no vernáculo a regência do verbo é diferente, trata-se de um objeto indireto.

Sed tu vel dignas effundis Apolline voces:
sed te Musarum gloria prima manet. 10

Mas tu além disso espalhas dignos cantos de Apolo,
 mas a primeira glória das Musas **te permanece**. 10
 (I, 22, 9-10)

Há outra passagem no epigrama 5 do livro II que o verbo *manēre* desempenha outro sentido: “estar reservado a” e não o de “permanecer”:

Omnia restituet Phoebus: sed vindice Mino,
quem solum facti gloria tanta manet. 10

Febo restituirá todas as coisas, mas sendo protetor Mino,
a quem único tanta glória de feito **está reservada.** 10
(II, 5, 9-10)

Encontramos outra passagem do verbo *manēre* com o sentido de “estar reservado”, nesse caso sendo construído com acusativo de pessoa:

*Digna tuis aliquando **manent te** praemia factis:*
haec possunt Superi reddere, non homines. 4

Dignos prêmios pelos teus feitos notáveis outrora **estão reservados a ti,**
os Deuses Superiores podem conceder estes, não os homens. 4
(II, 94, 3-4)

Lembre-mo-nos outrossim da regência do verbo *docēre* que se constrói com acusativo, duplo acusativo e às vezes com oração infinitiva. Neste exemplo está patente a primeira alternativa:

Non tamen agricolae spernis praedura subire
*munera, Saturnus quae **Latium docuit.***

Contudo não recusas aproximar-te das ocupações muito duras do agricultor,
que Saturno **ensinou ao Lácio.**
(I, 34, 11-12)

Decet constrói-se com acusativo de pessoa bem diferente da estrutura do português:

Nec venisse quidem Rangonis ad alta pigebit 5
*tecta, locus **magnos vel decet iste deos.***

Nem certamente terá pena de ter vindo de Rangão aos altos 5
tetos, lugar esse até **convém aos magnos deuses.**
(II, 7, 5-6)

Quanto ao modo subjuntivo, podemos afirmar que expressa a dúvida. Na frase *aspice quot juvenes veniant*, percebemos que não se sabe quantos vêm, tendo em vista a presença do pronome indefinido “quot”:

*Aspice **quot juvenes veniant**, quam pulchra juvenus, 5*
quorum ne fallas vota probanda, rogo.

Olha quão pulcra a juventude, **quantos jovens venham**, 5
cujos votos que devem ser aprovados, rogo¹⁹² não induzas a erro.
(I, 25, 5-6)

Também é digno de comentário afirmar que o modo subjuntivo além de expressar a dúvida, como vimos anteriormente, também possui o valor de algo possível ou não de realizar de maneira que em alguns momentos optamos para o vernáculo pela tradução no futuro do pretérito, considerando nesses casos a seguir o modo subjuntivo como hipotético. Seleccionamos a título de exemplificação alguns exemplos:

Si nunc ignotas externo carmine gentes
*alloquerer, tempus cum sibi cuncta **velint**.*

Se agora com um estrangeiro canto eu falasse a desconhecidos povos,
então todas as coisas **quereriam** para si um tempo,
(I, 18, 3-4)

Os verbos, *dicam* (que está no sentido de “por que eu cantaria”) no quinto verso e *laudem* no sexto, estão no subjuntivo hipotético, por isto traduzimos para o futuro do pretérito:

versiculis afflant undique dulcisonis.
*Quid Thebaldei **dicam** plectrumque, lyramque? 5*

---

¹⁹² Preferimos traduzir pela oração subordinada substantiva desenvolvida desconexa.

por todos os lados insuflam asas nos versículos de sons doces.

E por que eu *diria* o plectro de Tebaldo? E a lira? 5

(II, 6, 4-5)

Queremos registrar uma estrutura rara do modo imperativo mas que alguns poetas empregam-na: trata-se do *ne* e o imperativo em vez de *noli* + *infinitivo* (=não duvides). Tal afirmação pode ser corroborada, levando-se em conta a leitura do texto In: GEORGIN, CH. E BERTHAUT. *Cours de latin. Grammaire Complète (pour la version et le theme)*. Quatrième édition. Paris: Librairie A. Hatier, 1945, p.217. Observemos atentamente o emprego da estrutura poética de imperativo:

*Eia age, **ne dubita**, veniam comes, ingredere, inquam,*
ingredere, ó mihi me charior, ingredere. 10

“Coragem! vai! **não duvides**: virei como companheiro,
caminha - digo - caminha, ó para mim mais querido do que eu, caminha.” 10

Destacamos mais um exemplo de imperativo negativo, encontrado no epigrama 46 : *Noli* + *infinitivo sollicitare* (não queiras pedir ou não peças). Vejamos mais uma fragmento criado por nós, a título de exemplificação: *noli existimare* (não queiras acreditar ou não acredites):

Tu legum interpres, tu propugnator honesti, 5
***noli**, quam dederim, **sollicitare** fidem.*

Tu das leis intérprete, tu propugnador da honestidade, 5
não queiras solicitar um juramento que eu tenha dado.

(I, 46, 5-6)

No que diz respeito às formas nominais, destacamos *in primo loco* a estrutura e o sentido do particípio futuro ativo. Vejamos o nosso comentário: o verbo depoente destacado a seguir “sectura” está desempenhando valor de adjetivo verbal, pois concorda em caso, número e gênero com o substantivo ao qual se refere “Lachesis”. Sabemos que a forma nominal acima referida tem diversas possibilidades de tradução tais como: “a que vai acompanhar”, “a que há de acompanhar”, “a que acompanhará”, “a que está disposta a acompanhar”, “a que está prestes a acompanhar” e “para acompanhar”. Optamos por esta última possibilidade de tradução:

*Victurum omne mihi promittis nomen in aevum,
Baptista, versu candido:
optas praeterea, ut veniat Lachesis pede claudo
sectura vitae stamina.*

Prometes a mim que todo nome vencerá para sempre,
Batista, com verso cândido.
Optas além disso que Láquesis venha com claudicante pé
para acompanhar os estames da vida.
(I, 31, 1-4)

Tendo por base o conhecimento da sintaxe dos casos, destacamos alguns exemplos dentre os quais citamos:

Caetera (de resto, quanto ao resto, em relação as outras coisas), o vocábulo destacado está no acusativo plural neutro. Trata-se de um acusativo de relação ou ponto de vista.

*Ornetur lauro quamvis ille, ille corymbis,
caeteraque ambobus maior es ipse Deis.* 10

Ainda que seja ornado por louro aquele; por corimbo estoutro,
de resto tu próprio és maior do que ambos os deuses. 10
(I, 36, 9-10)

Registramos mais exemplário de acusativo de relação numa passagem na qual o poeta especifica o lugar da móvel fronde coberta de pâmpanos:

*Autumnus gravidas jam jam calcaverat uvas,
pampinea vinctus mobile fronde **caput**.*

Já já calcara as carregadas uvas o outono,
cingido pela móvel fronde pampínea **quanto ao cimo**.
(II, 44, 1-2)

Há mais um exemplo na seguinte passagem:

*Ille **comas** Daphne vinctus, at ille hedera.*

Este ligado por Dafne **pelas comas**, mas aquele pela hera.
(II, 51 ,36)

O décimo primeiro verso encontra-se no acusativo exclamativo, quando o poeta retrata uma raça ímpia em seu tempo:

mox scelerum ingentes, exitiumque luet. 10
Dedecus ò nostri generis, proh pignora nostra!

em pouco tempo sofrerá castigos ingentes de crimes e exício. 10
Oh! desonra da nossa raça, ah! penhores nossos!
(II, 16, 10-11)

O substantivo “*mali*” no quinto verso está no genitivo singular neutro, trata-se de um genitivo explicativo, pois o poeta explica que coisa ocasionou a primeira queda:

*Prima **mali** labes amor improbus, unicus autor,* 5
excidii tanti praecipuusque fuit.

A primeira queda **do mal** foi o amor ímprobo, único autor, 5
e precípua de excídio tamanho.
(I, 27, 5-6)

O coturno era usado pelos atores na tragédia e representava um estilo elevado de soberanos, de reis, príncipes e rainhas. O substantivo *regum*, presente no décimo verso também se encontra no genitivo explicativo:

*Tunc grandi **regum** mihi gesta superba cothurno
aethera posse super tollere visus eram.* 10

Então, com um grande coturno parecera-me poder
erguer sobre o éter soberbos feitos ilustres **de reis**. 10
(I, 30, 9-10)

A construção do genitivo partitivo “libertatis suae” pode ser encontrada também como complemento do advérbio *nihil*:

*Si bene quis cupiat de se quemcumque mereri
libertatis habet jam **nihil** ille suae.* 2

Se alguém bem deseja por si mesmo merecer seja quem for
ele já **em nada** tem **a sua liberdade**. 2
(I, 80, 1-2)

Um dativo de posse com o verbo *est* oculto na seguinte passagem:

*Quid **tibi** cum chartis? potior cum casside thorax:*

Que **tens** com os papéis? Com o capacete melhor a couraça:
(I, 10,1)

O fragmento latino *Atque auri Croeso magnus acervus erat* do segundo verso, traduz-se literalmente por “e um magno acervo de ouro existia para Croeso”. Portanto trata-se de um dativo de posse:

*Attalus immensas & opes conguessit, & aurum,
atque auri Croeso magnus acervus erat.*

Átalo acumulou não só imensas riquezas como também ouro,
e **Creso tinha magno acervo de ouro.**
(I, 23, 1-2)

Onça (do latim *uncia*) era uma moeda que valia 1/12 do asse. O que o poeta quer dizer é que o valor desta moeda era muito pequeno. Há nos versos 5 e 6, mais um exemplo de dativo de posse. Vejamos esses versos abaixo:

*At mihi candentis fuerat vix una metalli
uncia, quam rapuit nescia lingua mihi.*

A tradução literal seria:

**(mas uma única onça de metal candente existira
para mim que a néscia língua me raptou.)**
(I, 23,5-6)

Não obstante preferimos traduzir de outra maneira, conforme colocamos na tradução do epigrama 23.

Identificamos na expressão: *Haec eadem mortis sit tibi causa, precor*. (Que esta mesma causa de morte exista para ti, suplico) serve como exemplo também de dativo de posse, contudo preferimos traduzir de outra maneira como consta abaixo no décimo segundo verso:

*Crimine fama vacat, mentem versavit Erynnis:
haec eadem mortis sit tibi causa, precor.*

No crime a fama presta atenção, a Erínis mudou o pensamento,
que tu tenhas esta mesma causa de morte, suplico.
(I, 29, 11-12)

Ainda na sintaxe do dativo destacamos a seguir *esse tibi merito* (servir-te de mérito). O verbo *esse* que acabamos de assinalar desempenha função de duplo dativo traduzindo-se por “servir de”, “trazer”:

*Evenit contra nobis, qui, Jane, fatemur
esse tibi merito quidquid honoris habes.*

Sucedendo contrariamente para nós que, Jano, confessamos
servir-te de mérito tudo o que tens de honra.
(II, 37, 7-8)

No epigrama 81, retiramos do terceiro verso um exemplo de ablativo de relação ou de ponto de vista, pouco se vale dessa sintaxe o poeta:

*Sozinus vocat, heus, Liber, recede,
quem jam credideram meum vocari:
sed sum salsus opinione demens?*

Sózino te chama - olá livro! - , desprende-te:
eu já crera o livro ser chamado meu.
Mas eu demente fui enganado **pela opinião?**
(I, 81, 1-3)

Registramos abaixo outras estruturas linguísticas menores que achamos dignas de registro:

1º.) Formas apocopadas:

a) *Donabēre*, forma apocopada e poética de *donaberis* que está no futuro imperfeito passivo, 2ª. pessoa do singular do verbo *donare* (presentear, doar, dar, conceder):

*Nil Styga, nil Lethen metuas, **donabere** caelo
serius, interea te colit Eridanus.* 20

Em nada ao Estige, em nada ao Lete temas, **serás presenteado** no céu
mais tarde, enquanto isto Erídano te cultiva. 20
(II, 6, 19-20)

b) *Tutēre* forma apocopada na 2ª p. do singular do presente do subjuntivo (=tuteris) de *tutor* (protejo):

*Quam bene justitiae partes **tutere**, clientum
in te non modicus testificatur amor.*

Quão bem **protejas** as partes da justiça; dos clientes
um não módico amor em ti é testemunha.
(II, 40, 7-8)

c) *Moriare* no quarto verso está em sua forma poética apocopada na segunda pessoa do singular do presente do subjuntivo:

*Tithoni vives, inquis, vel Nestoris annos:
esto ita: sis locuples, dum **moriare** hodie.* 4

Dizes: “viverás os anos de Titono e de Nestor.”
Sê assim: “sejas rico em terras, até que **morras** hoje.” 4
(II, 100, 3-4)

Em alguns momentos portanto, como pudemos observar, ocorre a forma apocopada do pretérito perfeito do indicativo, muito comum nos poetas clássicos com a terminação em *-ēre*. Assim temos também como exemplos o terceiro verso com *conticuēre* (= *conticuērunt*) e o sétimo verso com o verbo *interiēre* (= *interiērunt*):

*illius Aonides **conticuere** obitu,
mutaque jamdudum lingua latina silet:
Argolicique sales in patriam redeunt: 5
heu nusquam est doctas cernere Pierides!
Interiere heu heu dulcia verba Remi!*

as Aônidas **se calaram** no óbito dele,
e muda, desde há muito, a língua latina silencia
e os saís de Argos voltam à pátria. 5
Ah! /Ele/ já não existe mais para ver claramente as douts Piérides!
Ah! Ah! **Pereceram** as doces palavras de Remo!
(II, 101, 3-7)

2º.) Formas sincopadas:

Formasti (= *formavisti*):

***formasti** ingenium primus, primusque per altos 5*

formaste o engenho primeiro, e primeiro pelos altos 5
(II, 84, 5)

Ausim (*ausiverim*). O verbo em destaque está no perfeito do subjuntivo, forma usada com frequência na época imperial de Roma:

*Dicere at illa tamen nullis non testibus **ausim**:
pro patria gessit fortia bella pater.*

Mas dizer aquelas coisas todavia com nulas testemunhas **que eu não tenha ousado**. Pela pátria o pai fez valorosas guerras.

(II, 96, 3-4)

3º.) Comparativos formados de advérbios com a terminação -ius:

a) proveniente do advérbio *sero* (mais tarde) na seguinte passagem:

Nil Styga, nil Lethen metuas, donabere caelo

***serius**, interea te colit Eridanus.* 20

Em nada ao Estige, em nada ao Lete temas, serás presenteado no céu

mais tarde, enquanto isto Erídano te cultiva. 20

(II, 6, 19-20)

b) formado do advérbio *recte*:

***Rectius** inclusi melioraque carmina fingunt,*

e os contidos de maneira **mais conveniente** moldam os melhores carmes,

(II, 42, 3)

4º.) O pronome relativo *quos* sendo traduzido com função de demonstrativo:

*Contra, corporeis large **quos** dotibus ornat,* 5

hos videas passim cordis habere nihil.

Por sua vez, a natureza orna **estes** largamente com dotes corpóreos. 5

Vejas a cada passo estes nada terem de coração.

(II, 17, 5-6)

5º.) Forma perifrástica *pollicitus fueram* (Eu havia prometido) menos comum, mais registrada nas boas gramáticas latinas com sentido similar ao *pollicitus eram*. Trata-se do tempo mais-que-perfeito do indicativo passivo na primeira pessoa no singular:

*Pollicitus fueram de te mihi multa, sed ipse
maior, quam nobis fama ferebat, ades.*

Eu havia prometido de ti para mim muitas coisas,
mas tu próprio maior do que a fama nos levava te aproxima.

(II, 29, 1-2)

6º.) A partícula temporal *dum* marcando simultaneidade de duas ações em seu desenvolvimento. Atestamos a nossa afirmativa com o seguinte exemplo:

*Versuti sint usque alii, salsique vocentur,
nuda ego dum placeam simplicitate tibi.*

Astutos sejam até outros, e picantes sejam chamados,
desde que eu te agrade com nua simplicidade.

(I, 30, 7-8)

7º.) Construções impessoais:

a) com o verbo *evenit* (sucede, acontece). Observemos que a construção impessoal no verbo destacado abaixo:

*Evenit contra nobis, qui, Jane, fatemur
esse tibi merito quidquid honoris habes.*

Sucede contrariamente para nós, Jano, que confessamos
servir-te de mérito tudo o que tens de honra.

(II, 37, 7-8)

b) com *poeniteat*, construído com acusativo de pessoa:

*haud **te poeniteat** cornu vocitare locorum
Hermicon agrestum, qui modo cultor erat.*

não **te arrependas** de chamar com o chifre
o Henrique dos locais agrestes, que há pouco era cultivador.
(II, 47, 17-18)

c) com *praesto* (ser melhor, ser preferível, valer mais):

*Pro re pauca loqui, Vincenti, **praestitit**: ipse
(facta via est) multo tutior ibis, abi.*

2

Em prol do assunto **foi melhor**, Vicente, falar poucas coisas.
Tu próprio (o caminho foi percorrido) muito mais seguro irás, retira-te. 2
(II, 62, 1-2)

d) com o verbo *vacabit*:

*Otia siqua tibi fuerint, si quando **vacabit**,
versiculos nostros, docte Catalde, leges.*

Se alguns ócios a ti tiverem acontecido, **se quando houver tempo**,
colherás os versículos nossos, douto Cataldo.
(II, 84, 1-2)

e) com *juvet* e *libet*:

*O **juvet**, ò **libeat** fidi meminisse clientis,
cui tu, dum fuerit vita, patronus eris.*

Ó **que dê prazer**, ó **que agrade** ter lembrado do leal cliente
ao qual tu, enquanto tiver existido vida, serás patrono.

(II, 87, 11-12)

f) e finalmente com o gerundivo impessoal destacamos:

Tibi vagandum est, logo nos primeiros versos do livro I, dedicado ao próprio livro de epigramas:

Dixi saepius, ò Libelle, tutum
ne limen properes parentis extra
prodire: haud temere **tibi vagandum est**.

Eu disse muitíssimas vezes, Livrinho,
que não te apressasses em apresentar-te fora do seguro umbral de teu autor;

não debes andar por aí ao acaso.

(I, 1, 1-3)

E *vivendum est* (deve-se viver), literalmente as possibilidades de tradução seriam: “existe o que deve ser vivido” ou “o deve-se viver existe”. No entanto, traduzimos dessa maneira:

Tempore mutandi mores, mutandaque vita:
vivendum est solo temporis arbitrio.

No tempo de mudar os costumes também a vida deve ser mudada.

Deve-se viver pelo único arbítrio do tempo.

(I, 12, 3-4)

8o.) Verbo unipessoal *juvat* (ser agradável, ser útil) que pode construir-se com acusativo e infinitivo nas orações subjetivas como no exemplo que agora vem à luz:

Miserum quid multa poetam
*Scire **juvat**? Patitur nocte, dieque famem.*

Por que **é agradável** o mísero poeta
saber muitas coisas? Sofre de noite e de dia fome.

(II, 42,27-28)

9o.) Pronome anafórico *quae* (=esses males) com função de demonstrativo no início de frase, referindo-se ao que foi dito nos versos anteriores. Destacamos também na oração *Naso suum caneret carmen* (Nasão cantaria como seu carne) o vocábulo “carne” (v. 34) desempenha função de predicativo do objeto direto em relação ao pronome anafórico “*quae*”:

*Quae si divitibus mens omnibus esset, ubique
Naso suum caneret carmen, ubique Maro.*

Esses males se para os ricos todos houvesse discernimento, por toda a parte

Nasão cantaria como seu carne, por toda a parte Marão.

(II, 42, 33-34)

10o.) Por fim, assinalamos um infinitivo exclamativo¹⁹³ com a partícula característica *mene*:

Men nugas audire fori mendacia? Vanis

men praebere aures causidicis faciles?

10

Acaso eu entenderia como nugas as mentiras do foro?

Acaso eu concederia ouvidos favoráveis aos vãos causídicos? 10

(I, 5, 9-10)

Quanto à acentuação interrogativa, não devemos levá-la em consideração por causa dos erros tipográficos daquela época como ocorria também nos textos virgilianos posteriores.

---

¹⁹³ O infinitivo exclamativo encontra-se muito bem exemplificado e explicado em ERNOUT, Alfred et THOMAS, François. *Syntaxe Latine*. Paris: Éditions Klincksieck, 2ª. édition, parágrafo 283. p. 271.

HELENISMOS

Os vocábulos de origem grega presentes nos epigramas de Caiado podem aparecer nos nomes próprios como em Safo (Σαπφώ) ou em divindades de origem grega como em Sático (Σάτυρος), em Febo (**Φοῖβος**) ou até em nomes de personagens mitológicos como Hipólito (**Ἱππόλυτος**), Alcides (Ἀλκείδης), Trifão (Τρύφων), Circe (**Κίρκη**) entre outros.

Vale ressaltar que esses nomes sobretudo compostos como “Actofilax” (II, 2, 14) possuem um sentido etimológico: sentinela guia. Do grego **Ἀκτωρ** (guia, condutor) + **Φύλαξ,-ακος** (sentinela, guardião). Destacamos também “Filomuso” (II, 6, 11), proveniente de **Φιλόμουσος**. Vocábulo composto que significa etimologicamente “o amigo das musas”. Encontram-se helenismos também em vocábulos comuns como em “apoteose”, patente no título do epigrama 79, proveniente do grego **ἀποθέοσις**, solenidade na qual alguém era levado ao número dos deuses.

Registramos a partir de então alguns comentários linguísticos acerca de helenismos nos epigramas de Henrique Caiado para melhor compreensão dos trechos selecionados da tradução.

Apresentamos como primeiro comentário o vocábulo *adamas*, *adamantis* (ferro, diamante). Este vocábulo latino deveria ter o seu acusativo plural em “adamantes” não obstante Caiado se apropria do acusativo grego em **-ας** da terceira declinação de tema consonântico em oclusiva do grupo **-ντ** com alongamento compensatório no nominativo singular. O vocábulo grego é **Ἀδάμας, Ἀδάμαντος** :

*Inde piper, costumque ferunt, duosque adamantas,
largius inde aurum, & sedula mancipia.* 20

De lá carregam pimenta e custo e duros diamantes,
mais copioso de lá o ouro e os solícitos mancípios. 20

(II, 2, 19-20)

Styx, -ygis (-ygos), do grego **Στύξ, Στυγός**, rio dos infernos pelo qual juravam os deuses. Vale lembrar que o acusativo grego possui a terminação em **-α**, daí no verso há a palavra *Styga* no acusativo singular:

*Nil Styga, nil Lethen metuas, donabere caelo
serius, interea te colit Eridanus.* 20

Em nada ao **Estige**, em nada ao Lete temas, serás presenteado no céu
mais tarde, enquanto isto Erídano te cultiva. 20
(II, 6, 19-20)

Strymo (Strymon), -ōnis (-ōnos) (Estrímon ou Estrimão, rio da Trácia). (Cf. Verg. *Geórgicas*, 4, 508). O vocábulo também se encontra no acusativo singular grego com a desinência –a:

En hoc Strymona damnat amne Mavors. 15

Eis que Marte condena por causa deste rio o **Estrímon**. 15
(II, 79, 15)

Gigas, Gigantes (Gigante), derivado do grego *Γίγας, -ντος*. No verso 5 o vocábulo está no acusativo plural grego da 3ª. declinação com a desinência em -ας:

Assertumque Jovem jactat, fusosque Gyantas, 5

E lança o chamado Júpiter e os soltos **Gigantes**, 5
(II, 82, 5)

O vocábulo “Olimpiadas” está desempenhando função de aposto do objeto direto neste epigrama. Vocábulo este que provém do grego *Ολύμπιας, -αδης* e que está desempenhando função de acusativo plural grego com a terminação -ας das palavras gregas de tema consonântico, terminadas em dental:

*praeberem has potius manibus inferias.
Perpetuum nihil est: durat tamen hoc magis illud,
hoc vix autumnum, ast illud olympiadas.*

Eu ofereceria de preferência com as mãos estes sacrifícios em honra dos meus mortos.

Nada é perpétuo, dura todavia isto mais do que aquilo,

Este outono com dificuldade, mas aquilo, as **Olimpíadas** /não duram/.

(II, 96 , 16-18)

Como podemos observar e também queremos deixar registrado o tão relevante conhecimento da língua grega em alguns casos para a correta tradução do texto latino, tendo em vista que muitas vezes o poeta se vale de vocábulos gregos, com a terminação original, transcritos para os caracteres latinos e se não houvesse o conhecimento por parte do tradutor, fatalmente ocorreriam equívocos de tradução. Lembremo-nos também do vocábulo *Amaryllida* patente nos últimos versos da primeira *bucólica* de Vergílio com a terminação **-a**, terminação esta que não se enquadra na tradução como nominativo, vocativo ou ablativo singulares, mas como acusativo grego da terceira declinação. Faz-se necessário portanto que o tradutor tenha conhecimento do grego para traduzir de maneira correta algumas passagens dos poemas de Caiado ou dos poetas e prosadores clássicos da antiguidade romana.

ARCAÍSMOS

Registramos alguns arcaísmos presentes nos dois livros de epigramas, a saber:

O substantivo *Cypros* no nominativo singular arcaico da 2ª. declinação:

Nimirum forma si praestes, Phoebe, Diones

*munus habes: genuit te sua namque **Cypros**.*

Certamente, caso te mostres pela beleza, Febo, tens o favor de Dione,

pois a sua **Chipre** te gerou.

(I, 24, 7-8)

A forma *lunai* de dativo singular arcaico:

Otia magna dabit secessus vatibus ille, 5
*qualia **lunai** non sinus ipse dabit.*

ócios magnos aquele secesso dará aos vates, 5
quais então o próprio recanto não dará **à lua**.
(I, 34, 5-6)

Mavors (Marte), substantivo arcaico e poético também aparece em Vergílio na *Eneida* VIII, 630 e em Cícero, *Nat.* 2, 67:

*Adde quod interdum **Mavors** discedit ab armis:
at sua perpetuo bella Cupido gerit.*

Acréscita a isto que algumas vezes **Marte** se afasta das armas,
mas Cupido gere suas guerras perpetuamente.
(II, 24, 7-8)

O pronome relativo *queis* (aos quais, pelos quais), forma arcaica de dativo e de ablativo plurais:

*Hunc servate, Deae, puerum, **queis** carmina curae,
ne pereat vestri fama, decusque chori.*

Conservai este menino, deusas, **para as quais** existem os carmes da guarda
para que não pereçam a fama e decoro do vosso coro.
(II, 35, 7-8)

Outros exemplos de arcaísmos com o vocábulo *queis* podemos encontrar em (I, 39, 4) e (II, 42, 10).

Foret, forma antiga do imperfeito do subjuntivo (= *esset*):

*Si Mecoenatem te saecula prisca tulissent,
non nunc sola foret virgiliana tuba.*

Se os séculos priscos houvessem-te levado Mecenas
agora a tuba virgiliana não estaria só.
(II, 40, 3-4)

O antigo e desusado *effor* (falar, dizer, anunciar), trata-se de um arcaísmo utilizado pelo poeta. Encontramos no dicionário de Gaffiot o verbo depoente *effaris, -atur, -atus sum* originário do inusitado *effor*:

*Juno effet causa duplice iniqua tibi;
et quia magnanimo clarum genus Hercule ducis,* 15

Juno iníqua **falar-te-á** com uma causa dúplice,
Não só porque tu guias a ilustre raça do magnânimo Hércules, 15
(II, 42, 14-15)

O verbo *fungier* está em sua forma arcaica de infinitivo presente do verbo depoente *fungor*. Deixamos aqui registrado que o único dicionário que faz menção a essa forma arcaica é o *Dictionnaire Latin Français*, de Gaffiot. Há o mesmo verbo segundo o autor do dicionário em Plauto, Cas. 949. Vejamos o fragmento do epigrama no qual se faz presente o arcaísmo:

*Fungier officio grati, Blanchine, nepotis
me longo prohibent obsita saecla situ.* 10

Desempenhar o ofício do agradável neto, Blanquino,
os séculos esquecidos por longa disposição me proibem. 10
(II, 96, 9-10)

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

As expressões latinas são muito comuns nos dois livros de epigramas, comprovando no nosso ponto de vista que o poeta português, Henrique Caiado era um profundo conhecedor do latim, caso contrário, não estaria apto a registrar com perfeição essas expressões.

Post sua terga foi a primeira que aparece nos epigramas, significando “na sua retaguarda”. O texto nos mostra que os inimigos estavam presos na retaguarda dos Romanos e Roma assistia ao triunfo:

*Sic ut devictis spectabat Roma triumphum
hostibus, & vinctas **post sua terga** manus:*

Assim como, vencidos os inimigos, Roma assistia ao triunfo
e às derrotadas tropas **na sua retaguarda**;
(I,9, 1-2)

No dicionário de Torrinha, encontramos *dare verba alicui* (enganar alguém, lograr alguém). Caiado registra essa mesma expressão latina *dare verba* com o sentido de “lograr”, expressão essa que faz parte de uma oração subjetiva que tem como oração principal *nam facile est nimium*:

*Sed poteris per mille dolos huc, Petre, venire,
nam facile est nimium, te **dare verba** seni.*

Mas se tiveres podido por mil dolos vir para este lugar, Pedro,
de fato é fácil demais que tu **logres** o velho.
(I, 19, 3-4)

Registramos outras expressões menores e patentes na obra epigramática de Caiado:

Plus aequo (mais do que é justo):

*Quem non fallit amor? **Plus aequo** jactat amicum
unusquisque suum: non bene censet amor.*

A quem o amor não engana? Cada um despreza o seu amigo
mais do que é justo, o amor não julga bem.
(I, 22, 1-2)

Ex tempore (prematuramente):

*Falleris: insani est **ex tempore** promere versus:*

Estás enganado: publicar **prematuramente** é próprio do verso insano.
(I, 32,9)

Pro tempore (segundo as circunstâncias). No nono verso está no sentido de “conforme o momento”:

*Perge age, commenda **pro tempore** scilicet omnes:
hac jam laudari conditione volo.* 10

Avança, vai, recomenda, **segundo as circunstâncias**, evidentemente a todos,
por esta condição já quero ser louvado. 10
(I, 40, 9-10)

Adde quod que pode significar (além disso):

Adde quod altiloquo sperasti carmine laudes
me celebrare tuas, parque referre pari.

Além disso com antíloquo canto esperaste que eu celebrasse os teus louvores e
que apresentasse um semelhante a outro semelhante.

(I, 70, 3-4)

Quod superest (quanto ao mais, quanto ao resto ou para o futuro), preferimos essa
última possibilidade de tradução como podemos perceber abaixo:

ni strictam cohibent lupata linguam, 30
vitae quod superest, miselle, perdes.

se os freios muito duros e ásperos não coíbem a língua restringida, 30
pobrezinho de vida, **para o futuro**, tu a perdes.

(I, 75, 30-31)

Rettulit pedem (voltar). Ovídio também a emprega poeticamente em Her. 16, 88.
Vejam os a passagem de Caiado:

Aesonides Colchos, rigidique ad Phasidis undas 5
vectus, in Aemoniam rettulit inde pedem.

Levado aos Colcos e às ondas do rígido Fásis, 5
o esônida de lá **voltou** para a Emônia.

(II, 2, 5-6)

No dicionário latim-português de Saraiva há a expressão: *desperare pacem*
(desesperar da paz); em Caiado *desperare nefas* (desesperar do crime):

*Et fibris inhians pallet consultus aruspex,
nec bubus quisquam mille litare potest.
Desperare nefas, placibitur ira Deorum,*

5

E o arúspice consultado que tem a goela aberta com as entranhas empalidece, 5
nem com mil bois alguém pode aplacar os deuses,
nem **desesperar do crime**, será aplacada a ira dos deuses,
(II, 3, 5-7)

Existe a expressão *indulgere iram* (entregar-se aos excessos da ira) nos dicionários. Daí chegamos a conclusão de que a melhor tradução para *se sanguine cives indulgent sibi* (...) seria a que fizemos abaixo:

*Oblitique tuo cretos **se** sanguine cives
indulgent sibi, nos nullo in honore sumus.*

E tendo esquecido os nascidos de teu sangue, cidadãos
se entregam a si, nós estamos em nenhuma honra.
(II, 16, 7-8)

No mesmo epigrama atestamos a expressão *subdēre colla fortunae* (entregar os pescoços à sorte) em outras palavras significa “considerar-se vencido”:

*Ergo ego, Mars inquit, patiar, rex maxime Divum,
Ausoniam **foedo subdere colla jugo**?*

“Portanto eu - Marte diz – permitirei, ó rei máximo dos deuses,
que a Ausônia **entregue os pescoços ao jugo hediondo**?
(II, 16, 13-14)

[*Quid quod* quer dizer *quid /dicam/ quod* (que é que eu diria além disso)] todavia preferimos traduzir por “que então?”. Examinemos os fragmentos selecionados abaixo:

Quid quod virtutem, & formam, Roderice, videmus 5
esse tibi pariter, consimilique modo?

Que então? Vemos a virtude e a beleza, Rui, 5
te serem em modo igual e inteiramente semelhante?
(II, 22, 5-6)

Pessum ire (ir à ruína, ir ao fundo, cair e ser arruinado):

Et tuba pulsa monet redeundum in castra repente
pessum aciem quoties dux videt ire suam; 10

E a tuba tocada adverte a voltar ao acampamento de repente
todas as vezes que o general vê que a sua batalha **vai à ruína**, 10
(II, 24, 9-10)

Usque adeo (=de tal forma):

usque adeo prisca simplicitate placet.

Ele agrada **de tal forma** com prisca simplicidade.
(II, 29, 4)

Potius quam (=antes que):

Emansor potius quam transfuga, Marce, voceris,
ad primique redi signa relictis ducis.

Um soldado¹⁹⁴ **antes que** trãnsfuga, Marco, sejas chamado,
e volta aos sinais deixados do primeiro chefe.
(II, 29,7-8)

---

¹⁹⁴ *Emansor*. A base do vocábulo é *emanēre* (ficar fora, ausentar-se além do prazo marcado). O substantivo *emansor* significa etimologicamente um soldado que fica fora do acampamento ou do quartel além do tempo permitido, portanto é um soldado desertor como o próprio poeta o designa.

Tantum quod (logo que):

***Quod tantum**, Pandulphe, probes epigrammata nostra,
gloriam nequeo dissimulare meam.*

Logo que, Pandolfo, proves os epigramas nossos,
a gloriola minha não posso dissimular.

(II, 31, 1-2)

Ut libet (como te aprouver, como quiseses):

***Ut lubet**, expendant critici mea carmina: nil jam
censoris metuo triste supercilium.*

Como te aprouver, que os críticos ponderem os meus carmes.

Por motivo algum, já temo o triste supercílio do censor.

(II, 31, 7-8)

Nullus non (todo):

*Utque tuum nomen **nullo non** tempore duret,*

E para que o teu nome dure **por todo** o tempo,
(II, 40, 13)

Interea dum (enquanto):

***Interea** volucres posita **dum** decipis esca
rusticus, atque avide pinguis musta bibis,*

15

Entretanto, posto o alimento, **enquanto** tu rústico apanhas aves 15
e avidamente bebes pingues vinhos,
(II, 47, 15-16)

Singula quaeque (coisas uma a uma.) Preferimos traduzir por “cada coisa”:

*Describunt urbes alii, fluviosque, locosque,
et monstrant facili **singula quaeque** nota.*

Outros descrevem as urbes e os rios e os lugares
e mostram com favorável sinal **cada coisa**.
(II, 50, 1-2)

Sic ut (assim ... de maneira que):

*Marcus at ille situm Venetae **sic** tradidit urbis,
cuncta rate **ut** videar, vel peragraré pede.*

Mas aquele Marco assim transmitiu a situação da cidade de Vêneta
de maneira que com todo remo eu pareça até percorrer à pé.
(II, 50, 3-4)

Simul et (em companhia de, juntamente, ao mesmo tempo):

*Accedet Bacchus, **simul &** formosus Apollo,* 35

Aproximar-se-á Baco **em companhia do** formoso Apolo. 35
(II, 51, 35)

Aliquid non facere pili (não fazer cabedal de coisa alguma):

Mors ridet fletus, plauditque superba triumphis 5
ipsa suis: homines non facit illa pili.

Do pranto a morte ri e a própria soberba aplaude aos seus 5
triunfos. **Ela não faz homens do pêlo.**
(II, 52, 5-6)

Macte animo (Coragem! Muito bem!) *Macte* é uma forma de vocativo empregada como advérbio:

Macte animo juvenis, ducibus quem mascula virtus
et superis ipsis conciliare potest.

Coragem, jovem, que a máscula virtude pode conciliar
com os chefes e com os próprios deuses superiores.
(II, 66, 7-8)

Quorsum haec pertinent? (Para que fim estas coisas? A que visa isto?):

Nanus Atlas quoque nomen habet, Barbatia quorsum haec?

O anão Atlas também tem nome, Barbácia. **Para que fim estas coisas?**
(II, 77,3)

Nusquam esse (já não existe mais):

heu nusquam est doctas cernere Pierides!

Ah! Ele **já não existe mais** para ver claramente as douts Piérides!
(II, 101, 6)

VOCÁBULOS COMPOSTOS

Percebemos claramente que Henrique Caiado tem gosto especial pelos vocábulos compostos de raiz verbal, os mais comuns em seus epigramas. Destacamos alguns exemplos a seguir: *nescis* [não sabes (I, 1, 10)], *praeteriisse* [ter passado além (I, 17, 12)], *componere* [compor (I, 34, 3)], *subsidunt* [abaixam-se (I, 37, 11)], *praenoscere* [saber antecipadamente (I, 62, 17)], *praeponat* [ponha à frente de (I, 67, 3)], *redivit* [voltou (I, 73, 19)], *interfata* [interrompida, no sentido etimológico, significa cortar a palavra, falar entre (II, 16, 21)], *sublevat* [subleva (II, 35, 4)], *relegat* [colha de novo (II, 40, 14)], *reddere* [devolver (II, 41, 1)], *proferre* [proferir (II, 42, 1)], *praetulerim* [tenha preferido (II, 42, 19)], *reluceat* [rebrilhe (II, 43, 6)], *renovata* [renovada (II, 44, 7)], *effingere* [retratar (II, 46, 3)], *remittere* [reenviar (II, 50, 9)], *recondam* [ocultarei de novo (II, 51, 11)], *anteferenda* [que devem ser levados adiante (II, 51, 18)], *prospexit* [viu diante de si (II, 51, 43)], *respexit* [volveu novamente os olhos para (II, 51, 67)], *referre* [tornar a levar (II, 51, 72)], *remittes* [reenviares (II, 54, 3)] *producere* [conduzir para diante, elevar às honras, (II, 76, 1)], *adspicit* [olhar para (II, 102, 1)], *exsuperas* [elevar-se acima de (II, 103, 6)], *componit* [compõe, põe juntamente (II, 104, 4)] e *scilicet* [é lícito saber, evidentemente, sem dúvida (II, 106, 3)].

Os compostos formados de substantivos, adjetivos e advérbios não são tão constantes como os verbos aos quais nos referimos anteriormente. Eis alguns exemplos: *auriculas* (orelhinhas (I, 1, 15)), *auriferi* [do aurífero (I, 26, 4)], *armipotens* [armipotente (I, 28, 4)], *mellifluis* [melífluos (I, 36, 3)], *progenies* [progênie, descendência (I, 42, 3)], *magnanimo* [magnânimo (I, 42, 15)], *Philomusus* [Filomuso, o amigo das musas (II, 6, 11)], *stelligerum* [estrelado, que leva os astros (II, 8, 5)], *martigenas* [filhos de Marte (II, 16, 12)], *extempore* [de improviso, prematuramente, à pressa (II, 42, 5)], *dulcisonam* [dulcíssima (II, 43, 27)], *Benedicte* [Benedito (II, 104, 2)], *persaepe* [muito frequentemente (II, 42, 19)], *gangicolas* [habitantes de Ganges (II, 51, 65)], *astríferos* [astríferos, que carregam os astros, (II, 51, 70)] e citamos como último exemplo *praeclaro* [preclara (II, 66, 3)].

Em *genuit te sua namque Cypros* (pois a sua Chipre te gerou), além da prosopopeia, a metonímia também está presente, pois há uma relação do lugar “Chipre” com a própria deusa Vênus, visto que o culto à deusa era praticado intensamente nessa ilha, a ponto de ser chamada com frequência Afrodite Cípria, numa alusão à lenda segundo a qual ela apareceu em Pafos, na ilha de Chipre, quando emergiu do mar:

*Nimirum forma si praestes, Phoebe, Diones
munus habes: genuit te sua namque Cypros.*

Certamente, caso te mostres pela beleza, Febo,
tens o favor de Dione, **pois a sua Chipre te gerou.**
(I, 24, 7-8)

O poeta nos descreve a imagem da terra que grita:

*Nec tellus illic mugit, nec vocibus ullis
turbabit gressus cana Sibylla tuos.*

Nem a terra acolá grita nem com algumas palavras
perturbará os teus passos a velha Sibila.
(I, 60, 7-8)

Não quisemos pôr outra tradução para este adjetivo para não perder de vista o recurso estilístico escolhido pelo poeta: a personificação.

Trade lutum suibus, ranisque loquacibus ulvas:

Entrega lama aos porcos e ulvas **às rãs loquazes.**
(II, 86, 13)

Selecionamos também o loureiro personificado, símbolo da vitória:

*His pro muneribus dabit Camoenas
amanti faciles, dabit poetis,
sacrae militibusque sertae laurus.* 25

Por causa destes presentes, o loureiro dará Camenas
propícias à amante consagrada, dará aos poetas
e aos soldados coroas de flores. 25
(II, 79, 23-25)

METÁFORA

No epigrama abaixo encontramos duas metáforas. O primeiro exemplo está no 6º. verso, nele há a imagem do triste navegante que treme as insanas águas no navio e logo em seguida no 7º. verso aparece a cinosura que representa a metáfora de um porto e rota seguros. Observemos o fragmento selecionado:

*et tremat insanas navita tristis aquas,
ipse Elice quassae fueris cynosuraque puppi,
illa tuo tutum numine carpet iter.*

e o triste navegante trema as insanas águas,
tu próprio terás sido para a batida popa a Elice e a cinosura,
aquela tomará um seguro caminho, segundo o teu nume.
(I, 8, 6-8)

Entendemos que o poeta no nono verso não está se referindo às folhas de papel, mas metafórica e personificadamente às folhas das plantas que são persuadidas a se

tornarem amarelas por causa do frio e da umidade. Não quisemos perder a intenção do poeta, assim como a figura poética do verbo “suadēre” que pede dativo de pessoa:

*Hybernae suadent chartis pallescere noctes,
et vigil in media nocte lucerna vocat.* 10

As hibernais noites persuadem às folhas a desbotar
e no meio da noite o vigilante com seu candeeiro chama: 10
(I, 12, 9-10)

Preferimos deixar a imagem da metáfora dos penhores do amor, isto é, de seus filhos, de sua prole, de suas pessoas queridas.

*Mars erat ad muros urbis, quo foemina misit
bellatum ventris pignora quinque sui:*

Marte estava aos muros da cidade para onde uma mulher enviou
para guerrear **cinco penhores de seu ventre:**
(I, 13, 1-2)

A expressão metafórica “no sono” está significando na verdade “na ociosidade, na indolência”:

*Excipe quae mitto nostri monumenta laboris,
ne **somno** videar praeteriisse dies.*

Acolhe os escritos do nosso labor que envio
para que o dia não pareça ter passado **no sono.**
(I, 17, 11-12)

... *sed rumpimus auras*. Metáfora que significa: “ façamos alguma coisa, andemos, não fiquemos parados”:

*Sum raucus: sine honore cano; sed rumpimus auras,
qualis in Arcadia rudit asellus iners.*

Estou rouco, sem ornamento canto, **mas rompemos as auras**,
tal qual na Arcádia zurra o burrinho inerte.

(I, 22, 7-8)

Deixamos as metáforas do texto: *fulmen*, *pallor* e *lux* para não perder a beleza estilística desse epigrama:

*Hic jacet (heu passus crudelia fata) Camillus,
armipotens hosti terror ubique suo.
Belli fulmen erat, pallorque Vitellus in armis: 5
obfuit huic tantum maxima vis animi.
Lux patriae, generisque decus, spes una suorum*

Aqui jaz (ah! sofreu crueis fados!) Camilo,
armipotente, por toda a parte um terror para o seu inimigo.
Vitelo era **um raio** de guerra e **um palor** nas armas. 5
Prejudicou-lhe apenas a máxima força da alma.
Luz da pátria e honra da raça, única esperança dos seus.
(I, 28, 3-7)

Onus no sétimo verso do epigrama abaixo está desempenhando o sentido de “peso do ventre”, lembrando a gravidez, metaforicamente. Apreciemos o fragmento selecionado:

*Pervigil unus eras, conjux crudelis, ut uno
ense duas animas perderet una manus.*

5

Ventris onus cecidit miserae cum corpore matris:
debueras nato parcere, dure pater.

o único pervigil eras, cônjuge cruel, para que com uma única
espada, uma única mão perdesse duas almas.

O peso do ventre caiu com o corpo da mísera mãe.

Deveras poupar o nascido, duro pai.

(I, 29, 5-8)

Na passagem a seguir encontramos a metáfora “dos incêndios” no poema. Esses incêndios têm o sentido do fogo de uma paixão, de um amor violento que abrasa o coração:

*Poscis aquas, Jacobe, urunt me **incendia**: nempe
compescunt nostram flumina nulla sitim.*

Pedes águas, Jacob, queimam-me **os incêndios**. Certamente,
 nenhuns rios fazem cessar a nossa sede.

(I, 30, 1-2)

O vocábulo *viscera* no v. 12 está em seu sentido figurado, deveríamos traduzir por “corações” no entanto preferimos optar pela forma original para não perder a metáfora do poema. Logo em seguida, o poeta cria a imagem metafórica das flamas, isto é, das paixões que crescem por causa dos dardos lançados por Cupido:

*Sed postquam sperni sensit sua tela Cupido,
succendit tenui **viscera nostra** face.
Crescunt (heu pereō) subjecto stipite flammae,*

mas, depois que Cupido sentiu serem desdenhados os seus dardos,
com um tênue facho inflamou **as nossas vísceras**.

Crescem (ai pereço!) com a lançada estaca as flamas,

(I, 30)

O epigrama 39, como veremos a seguir, está imbuído de metáforas em quase todos os seus versos, encontramos-nas no primeiro em *das lucem* (dás luz), no segundo verso em *sole tuo* (com a tua luz) e no quarto verso em *alas das mihi, quis volitem* (dás a mim asas com as quais eu esvoace). Há também uma comparação que o poeta faz com a figura mitológica de Dédalo. Assim diz: *Naturam arte tua supero, ceu Daedalus* (com a tua arte supero a natureza como Dédalo). Outrossim encontra-se a possibilidade de criação de uma figura estilística denominada hipálage, pois o poeta também poderia ter escrito: *per ora virum doctorum* (pelas bocas dos varões doutos). Vejamos abaixo a riqueza estilística do poeta nesses quatro versos:

*Das operi **lucem**, Luca nitidissime, nostro,*

et potis es noctem pellere sole tuo. 2

*Naturam arte tua supero, ceu Daedalus **alas***

das mihi, quis volitem docta per ora virum.

Dás luz a nossa obra, ó Lucas nitidíssimo,

e és capaz de com a tua luz afastar a noite. 2

Com tua arte supero a natureza, como Dédalo

dás a mim asas com as quais eu esvoace pelas doudas bocas dos varões.

(I, 39, 1-3)

Carina (casca de noz). Também pode ser traduzida por “quilha de navio” (exemplo de metáfora) ou simplesmente por “navio”. Notamos que há quase uma comparação da matéria casca com a própria estrutura do navio:

adsis ó nostris numen venerabile musis, 5

*gaudeat inque tuo **nostra carina** sinu,*

Ó venerável majestade, que tu estejas presente junto às nossas musas, 5

que **o nosso navio** se alegre em tua região,

(I, 42, 5-6)

No epigrama 46 aparece a metáfora *dare vela* (dar as velas) que expressa sentido semântico da aceitação de um pedido:

*Quod poscis, Ludovice, darem, sed jura, fidesque
obsequio prohibent me **dare vela** tuo.*

O que pedes, Ludovico, eu daria, mas as leis e os juramentos
me proíbem **de dar as velas** ao teu obséquio.

(I, 46, 1-2)

Preferimos traduzir o vocábulo *viridis* (verde) por “nova”, levando em consideração o recurso estilístico em questão existente na oração:

*Quis mihi non credit? bona quae fundamina jecit,
aeternum **viridis** durat **amicitia**.* 10

Quem em mim não crê? Os bons fundamentos que construíu,
eternamente a **nova amizade** dura. 10
(I, 55, 9-10)

Registramos abaixo outra belo sentido figurado criado pelo poeta: *lux*, metáfora da vida:

*Hospes ad hunc oculos tumulum converte parumper,
sic **lucis** longas dent tibi fata moras.*

Volta estrangeiro os olhos para este túmulo por pouco tempo.
Assim que os fados deem a ti longos dias **de luz**.
(I, 76, 1-2)

Como de praxe não perdemos de vista na tradução as imagens criadas pelo poeta:

*Sis felix, Galeax, Latiae decus undique gentis:
sis felix patriae **lumen**, & **aura** tuae.* 2

Sejas feliz, Galeace, sob todos os aspectos decoro da raça latina,
sejas feliz **lume** e **aura** da tua pátria. 2
(II, 4, 1-2)

Nos versos abaixo destacamos as “asas nos versículos”, criadas pelo poeta para mostrar que os versículos são céleres:

*Stroziadae natusque, paterque Cupidinis **alas**
versiculis afflant undique dulcisonis.*

E o nascido de Estrozíada e o pai de Cupido
por todos os lados insuflam **asas nos versículos** de sons doces.
(II, 6, 3-4)

Podemos perceber muito bem a linguagem figurada nessa passagem: “Galo oprime o Lácio”. Vale lembrar que sentido primeiro do vocábulo é “apertar”, “comprimir”, “fazer pressão sobre”:

*Gallus adest, Latiumque **premit**, tua moenia, Romam 5
deseruit virtus, deseruitque fides.*

Galo está presente e **opprime** o Lácio e tuas muralhas, 5
a virtude abandonou Roma e a confiança a abandonou.
(II, 16, 5-6)

Configura-se na passagem abaixo o campo semântico metafórico “da escuridão”, “das trevas”, tendo em vista que “com cega caligem” expressa sentido de ignorância:

Fortunam caeca sequitur caligine vulgus, 5
quoque rapit volucer mobile ventus abit.

O vulgo segue **com cega caligem** a fortuna 5
e retira-se móvel para onde o alado vento arrasta.
(II, 37, 5-6)

Apresentamos a seguir mais duas figuras conotativas de sentido metafórico por não representarem o seu sentido real: “o frio humo esconde os erros das palavras raivosas e “coorte” no v.14 está no sentido de “sedicioso grupo de poetas”:

Felices, rabiosa fori qui verba locatis,
Quorumque errores frigida condit humus.
Vos quoque felices, regum qui mollibus aures
*Imbuitis verbis, **seditiosa cohors.***

Felizes vós que do foro preparais as raivosas palavras
cujos erros *o frio humo* esconde.
Também felizes vós que imbuístes as orelhas
dos reis de tenras palavras, **ó sediciosa coorte.**
(II, 42, 11-14)

A passagem abaixo está no sentido real de “qual é a recompensa? qual é o resultado? qual é o proveito? qual é o benefício? Vejamos mais este exemplo:

Quis tamen est fructus?

Contudo qual é o fruto?
(II, 42, 27)

Vigent (vigoram, estão cheios de vida). Em sentido figurado podemos entender também por “florescem”:

unde huc concessi musarum captus amore, 5
*huc ubi Parnassi numina cuncta **vigent**.*

donde para cá retirei-me, capturado pelo amor das Musas, 5
para cá onde os numes todos do Parnaso **vigoram**.
(II, 26, 5-6)

Júpiter para o poeta era considerado corrosivo, acre, cruel:

illa parens rerum, dum meditatur, hebet.
*Ipsa quoque attonita est **salsi** matrona **tonantis**,* 5

Ela mãe das coisas, enquanto medita, está espantada.
A própria também atônita é matrona **do tonante salgado**, 5
(II, 46, 4-5)

Cultior (mais cultivado) está no sentido de “mais tratado”:

Venisti aonios hausturus, Jane, liquores
*e patria, in patriam **cultior** ut redeas.*

Vieste, Jano, para haurir os aônios líquidos
da pátria, a fim de que voltes **mais cultivado** à tua pátria.
(II, 66, 1-2)

Comentamos a seguir os recursos poéticos da metáfora e da personificação empregados pelo poeta Caiado neste segundo verso:

Maiorum venerandus adest de nomine dictus

mensis, & illa dies pulsat amica fores,

Acerca do nome dos antepassados está presente o venerando dito
do mês, e **aquele dia amigo pulsa as entradas**,
(II, 88, 1-2)

Nos dois últimos versos encontramos duas belas metáforas, que denotam a rapidez do quadrúpede, patentes na ideia do verbo *volitare* (esvoaçar) e a outra, no substantivo *ventus* (vento):

*Fraena ferox jam mandit equus volitare paratus:
est quadrupes nunc, da classica, ventus erit.*

O indomável **cavalo** já mastigou os freios, **preparado para esvoaçar**.
É um quadrúpede agora, dá sons da trombeta, **vento será**.
(II, 88,7-8)

Metáfora idealizada pelo poeta com o sentido de um lago límpido, diáfano, transparente:

*Dolia non celebrant musae, sed stagna, sed undas
et natat in vitreo gurgite Calliope.* 4

As musas não celebram as talhas mas, os lagos mas, as ondas
e nada **no vítreo lago** Calíope. 4
(II, 105, 3-4)

SINÉDOQUE

No sexto verso, o vocábulo “velas” , que fazem parte no navio, há sinédoque, pois na verdade o autor quer dizer que as naus são levadas pelo Oceano às terras longínquas:

Nigros usque tuum nomen penetravit ad Indos: 5
vela tua Oceanus fertque, refertque Pater.

Teu nome chegou até mesmo junto aos trigueiros indianos: 5
o Oceano impele tuas **velas** e o Pai as traz de volta
(I, 3, 5 - 6)

Preferimos deixar a tradução da sinédoque no vocábulo *tecta*, para não perder de vista a imagem retratada pelo poeta, não obstante poderíamos ter traduzido por “casas ou moradas”:

esse inopes Musas non patiere mihi. 20
Tecta ducum subeant alii, procerumque penates:
 tu mihi pro cunctis Regibus esse potes.

tu não me permitirás que minhas musas sejam indigentes. 20
Que outros se introduzam nos **tetos** dos chefes e nos Penates dos próceres:
para mim tu podes estar na presença de todos os reis.
(I,5, 20-22)

Deixamos no primeiro verso a tradução do vocábulo poético *almieiro*, pois na verdade o poeta está se referindo à vigorosa nau, no terceiro o poeta registra o vocábulo “remo” mas por extensão seu sentido “o barco”, “a jangada”. Ambos os exemplos dizem respeito ao uso da sinédoque. Há sempre nesse recurso estilístico uma relação intrínseca do objeto que faz parte do mesmo ser.

*Exiguīs validam committere fluctibus **alnum**,
securique times sidera certa poli.*

Est, Tassine, **ratis** tua, quam nec saevus Orion,

Temes confiar às exíguas vagas a vigoroso **almieiro**
e as estrelas fixas do seguro pólo.

Tássino, teu é o **remo** que nem o sevo Orion
(I, 8, 1-3)

Palmes, presente no 9º. verso é a vara da videira que por sinédoque pode ter o sentido da própria “videira”. O vocábulo *lituus* (bastão dos agoureiros sem nós e recurvado) tem o seu sentido primeiro, no entanto preferimos traduzir de outra maneira, tendo em vista a presença da sinédoque e assim colocamos no 10º. verso a seguinte tradução: “recurvada trombeta”, pois esta é semelhante a figura do bastão e feita do mesmo material que é a madeira:

*Pro lauro cornus, placeat pro palmite **quercus**,*

*concedant **lituis** tympana, plectra tubis.*

10

Em vez da coroa de louro, o dardo, **em vez da videira** que a lança te agrade.

Que os tambores cedam o lugar **às recurvadas trombetas**, as liras às tubas. 10

(I, 10, 9-10)

Encontramos no quarto verso *limen* (soleira da porta), o vocábulo para nós tem o sentido de “limiares”. Nessa passagem o poeta está tecendo encômios a Lucas, afirmando que ele é um homem virtuoso, que está sempre disponível ao amor e à prática do bem:

*Officium hoc est, Ripa, tuum: nam te duce **sancta***

***limina** virtutis scandere suetus erat.*

Este ofício é teu, Ripa, pois sendo tu o chefe,

ele tinha sido habituado a escalar **os santos limiares** da virtude.

(I, 11, 3-4)

Chelys (tartaruga), no seu sentido figurado pode ter o sentido de “cítara, lira” (feita da concha da tartaruga). Desta maneira, podemos concluir que a cítara tem a forma de uma tartaruga:

*Intermissa redi, Tassine, ad munera vatum,
Aoniamque juvet sollicitare **chelym**.*

Tássino, volta às interrompidas funções dos vates
e que te agrade mexer frequentemente **a cítara** Aônia.

(I, 12, 1-2)

Nos versos abaixo há o registro do vocábulo *ora* (bocas) contudo o sentido figurado é “face”, pois ninguém lança dardos na boca de seu adversário e sim na face ou no corpo em geral. Como a boca é um elemento constitutivo da face, Caiado criou, portanto uma belíssima imagem de sinédoque no sétimo verso do epigrama 17:

*Carmina nulla placent: sunt curae civibus arma:
sanguinolenta volant arma per **ora** virum.*

Nenhuns cantos agradam, são inquietações para os cidadãos as armas.

Sanguinolentas armas voam **pelas faces** dos varões.

(I, 17, 7-8)

No nono verso, encontramos o vocábulo *tecta*, mais um exemplo de sinédoque). Esses tetos nos remetem a imagem da casa. Além disso, há nesse mesmo verso uma outra figura estilística, denominada hipérbole visto que encontra-se um exagero por parte do poeta quando ele diz: *coelum tangentia tecta*, (tetos que tocam o céu):

indicio tua sint quae colit arva manus.
*Sunt & in urbe tibi coelum tangentia **tecta**,*
et cum divitiis est tibi gentis honos. 10

com um indício, teus sejam os campos que a mão cultiva
e na cidade tu tens **tetos** que tocam o céu,
e com as divícias tu tens a honra do povo. 10

(I, 34, 8-10)

Chelys (tartaruga) no epigrama não está em seu valor primeiro mas passando a desempenhar sentido de “lira”, feita da concha da tartaruga. Trata-se portanto de mais um exemplo de sinédoque. É mister ressaltar também a riqueza vocabular do poeta Henrique Caiado, pois neste mesmo epigrama, ele se apropria de três vocábulos diferentes para expressar o mesmo sentido da palavra lira: *lirae* (v.2), *chitaram* (v.5) e *chelym* (v.8):

Qualis erat rapta serpentis conjuge morsu
Orpheus Threiciae clarus honore **lyrae**:
talis nuper eras Alphei sub imagine, quando
Nympham subripuit improbus ille Gygas.
Sed nunquam **citharam** fregit dolor: ille canoris 5
Euridicen fidibus manibus eripuit.
Ast tibi barbariem cantu nil posse moveri
dum credis, dulcem perculit ira **chelym**.

Qual estava, raptada pela mordida da serpente a cônjuge,
Orfeu da Trácia, famoso pela honra da **lira**,
tal recentemente tu estavas sob a imagem do Alfeu, quando
aquele ímprobo Gíges roubou a Nífa.
Mas a dor nunca partiu **a lira**: aquele 5
do som melodioso libertou Eurídice com as mãos nas cordas da lira.
Mas a ti, enquanto crês que a barbária em nada pode ser comovida pelo canto, a
ira feriu violentamente a doce **lira**.

(I, 40,1-8)

No segundo verso do epigrama 68, surge a imagem da mão que nos sugere ser a do homem ou a de Deus, destarte concluímos que do ponto de vista estilístico esta passagem também serve como exemplo da figura em questão, tendo em vista que trata-se da parte pelo todo de um mesmo ser.

Effigies sacrata diu mortalibus adsis,
seu natura dedit, seu **manus** ora tibi. 2

Tu, efígie sagrada, que durante muito tempo aos mortais estejas presente,
ou a natureza te criou ou uma **mão** te criou esses aspectos. 2
(I, 68, 1-2)

Mucro é, primitivamente, a ponta de uma extremidade pontiaguda. O vocábulo latino ainda é reforçado no poema com a presença no primeiro verso do adjetivo *acutum* (“agudo”, “pontiagudo”), o que nos leva a crer, por sinédoque, que se trata de um gládio cortante e penetrante na jugular do menino:

*Aere cavo natum mulier lavit, alter **acutum**
mucronem imprudens inseruit jugulo.*

Num objeto de bronze côncavo, a mulher lavou um nascido, um outro imprudente inseriu
uma pontiaguda ponta na garganta.
(I, 77, 1-2)

Plectro era uma varinha de marfim com que se tocavam as cordas da lira e por extensão podemos concluir que é a própria lira:

*Quid mirum, si **plectra** movet notissimus Atlas?
Atlas, laurigeri gloria magna Dei?* 4

Que admiração? Se o conhecidíssimo Atlas move **os plectros**?
Atlas, glória magna do laurígeno deus? 4
(II, 9, 3-4)

Ratis (remo, jangada). Também serve como exemplo de sinédoque visto que também podemos traduzir por “nau” ou “navio”, contudo preferimos deixar o recurso estilístico:

*ille domus nostrae columen, quo sospite laeti
vivimus, & nostrae est aura fecunda **rati**.*

Aquele, sustentáculo da nossa casa, sendo tu protetor, alegres
vivemos e a aura favorável existe para o nosso **remo**.
(II, 51,73-74)

Chegamos à conclusão, por meio da sinédoque, de que há uma festa no palácio ou na corte. Logo em seguida aparece a metáfora das estrelas, isto é, das mulheres que dançam com os varões. Vejamos:

*Nuper ut ingenti saltantia vidimus aula
cum personatis sidera bina viris,*

Como recentemente em ingente pátio vimos
estrelas duas a duas que dançavam com os mascarados varões,
(II, 53, 1-2)

METONÍMIA

No primeiro verso do trecho escolhido para análise, encontramos uma comparação seguida de metonímia patente na palavra “Roma” que na verdade representa os próprios Romanos. Vale lembrar que um dos casos de metonímia é a explicação do abstrato pelo concreto. Depois no terceiro verso aparece mais uma metonímia no vocábulo “a douta Bolonha” acompanhada da metáfora do verbo “ferver”. Como podemos perceber são versos muito ricos de beleza estilística:

*Sic ut devictis spectabat **Roma** triumphum*

*hostibus, & vinctas post sua terga manus:
fervet multivago nunc **docta Bononia** coetu,*

Assim como, vencidos os inimigos, **Roma** assistia ao triunfo
e às derrotadas tropas na sua retaguarda;
agora a douta Bolonha ferve em multívaga assembleia,
(I, 9)

Os Deuses *Venus* e *Bacchus* são metonímias do amor e do vinho respectivamente.
Um pouco mais abaixo no último verso, está patente uma metáfora, a dos homens
preguiçosos e de péssimos costumes, representada pelas palavras “lama dos homens”:

*tempora nostra **Venus, Bacchus**, ludusque gubernant,
et quidquid morum deteriora parit.
Hinc, Pestine, liquet, quam sit laudanda vetustas: 5
nos nati (misera ò saecula!) faece hominum.*

Vênus, Baco e o jogo governam os nossos tempos
e tudo de costumes gera coisas piores.
Deste lugar, Pestino, está claro quão a velhice deva ser louvada: 5
nós nascemos (ó míseros séculos!) na lama dos homens.
(I, 15, 3-6)

Caiado no primeiro verso faz alusão a toda a sua obra poética: as *Éclogas*, as *Silvas* e os seus *Epigramas*. No segundo verso queremos destacar para análise a palavra *chartis* (papeis). Entendemos que esses papeis são a parte de um todo, que seria o livro, de maneira que está presente mais um exemplo de metonímia nessa passagem:

*Carmina Pastorum, Silvas, Epigrammata mitto
huic, illi: **in chartis** nomina multa **meis**.*

Envio *Carmina Pastorum, Silvas et Epigrammata*
para este; para ele em meus papeis muitos nomes.
(I, 35, 1-2)

ENUMERAÇÕES

Encontramos nos versos 5 e 6 deste epigrama algumas enumerações do ponto de vista estilístico. Essas enumerações apresentam o significado das leis para o poeta:

Quis praefert nostris jurgia rauca jocis?
Sunt leges lachrymae, questus, perjuria, lites, 5
invetiturque nefas, implicitique doli.

Quem prefere disputas ruidosas a nossos jogos (poéticos)?
As leis são lágrimas, queixas, perjúrios, contestações 5
e crimes permitidos e dolos subentendidos.
(I, 5, 5-6)

Nos versos abaixo as enumerações nos sugerem aos os dias atuais de Caiado um sentimento de muita tristeza e dor:

Nunc pallor, macies, moeror, suspiria, questus,
singultus, lachrymae, sollicitudo, dolor, 10
deformem reddunt, moestum, loca sola petentem,
Calliopenque tuo pectore dejiciunt.

Agora, o palor, a magreza, a tristeza, os suspiros, os gemidos,
os soluços, as lágrimas, as inquietações, a dor, 10
deixam disforme, triste, o que pede lugares solitários
e destroem Calíope em teu coração.
(I, 41, 9-10)

GRADAÇÃO

Neste único exemplo de gradação que indicamos a seguir, percebemos a intenção do poeta em tecer encômios ao personagem Jano, valendo-se de gradações de substantivos como “fama”, “glória”, “louvor” podemos perceber que o seu escopo era de poder chegar ao mais alto nível laudatório: Jano como o mais relevante entre todos. A personagem aludida serve de paradigma a ser seguido pelos seus compatriotas quanto aos bons costumes:

*exemplar morum fies, Jane, **única gentis**
fama tuae, patriae gloria, laus, columen.*

Exemplar dos costumes tornar-te-ás, Jano, **a única**
fama da tua gente, a glória da pátria, o louvor, o mais importante.
(I, 33, 3-4)

ZEUGMA

O zeugma está presente nos dois versos a seguir para não se repetir o verbo *abivit* na estrutura paralelística do quarto verso:

*Hinc novisse potes, **nemo non laetus abivit,**
Nemo non fartus, nemoque non titubans.*

Daqui podes ter conhecimento: **alguém saiu alegre,**
alguém farto e alguém cambaleante.
(I, 7, 3-4)

Mais uma vez o poeta se vale do zeugma verbal com a sua estrutura paralelística. Ambos os recursos estilísticos retratados podem ser constatados no seguinte exemplo:

*Exiguīs validam **committere** fluctibus alnum,
securique times sidera certa poli.*

Temes confiar às exíguas vagas a vigorosa nau
e as estrelas fixas do seguro polo.

(I, 8, 1-2)

HIPÉRBOLE

Caiado, nos dois últimos versos do epigrama 7, se serve da hipérbole para explicar no texto que todos estavam embriagados, o poeta também assim se sentia de modo que “falava então em cem línguas e cantava mil poemas com o pé”:

*Ipse loquebar ego centum tum denique linguis,
Et cecini subito carmina mille pede.*

eu próprio então falava afinal em cem línguas
e cantei subitamente mil poemas com o pé.

(I, 7,7-8)

A hipérbole *per mille dolos* (por mil dolos) no terceiro verso foi criada pelo poeta para afirmar que Pedro tem cometido muitas negligências. As más ações, como o dolo, por exemplo, são fáceis de serem cometidas. O epigrama retrata, enfim o caráter de Pedro que é capaz de lograr até um idoso:

*Sed poteris **per mille dolos** huc, Petre, venire,
nam facile est nimium, te dare verba seni.*

Mas se tiveres podido **por mil dolos** vir para este lugar, Pedro,
de fato é fácil demais que tu logres o velho.

(I, 19, 3-4)

O poeta cria no trecho seguinte uma hipérbole para mostrar que a sede de amar é muito maior do que qualquer água fluvial que possa satisfazer o seu sedento desejo:

*Poscis aquas, Jacobe, urunt me incendia: **nempe**
compescunt nostram flumina nulla sitim.*

Pedes águas, Jacob, queimam-me os incêndios. **Certamente**
 nenhuns rios fazem cessar a nossa sede.

(I, 30, 1-2)

Selecionamos outra passagem com hipérbole, seguida de personificação visto que os mil copos dardânios na verdade são os varões:

*Exhilarare **satis** te **millia** posse putavi* 5
***pocula**, dardania pocula fusa manu.*

Julguei que tu pudesses alegrar **muito mil** 5
copos, dardânios copos, derramados pela mão.
(II, 53, 5-6)

QUIASMO

Identificamos nos dois livros de epigramas a presença de um quiasmo semântico: fim e origem (v.7) X princípio e fim. Com o quiasmo percebemos um jogo de palavras com o deus Jano e com o personagem Jano Reitor, nomes muito parecidos mais de sentido diverso.

*Finis ut anni Janus, ut Janus origo est,
hujus principium, & finis honoris eris.*

fim do ano como Jano, como Jano é origem.

Dessa honra princípio e fim serás.

(I, 9, 7-8)

PROLEPSE

Encontramos no primeiro verso do epigrama 14, o recurso da prolepse utilizado pelo poeta em antecipar o pronome relativo para o início do verso cujo antecedente é munus (presente):

*Quod mitto, noli metiri munus: at ipsum
quo mitto, introrsum perspice, Jane, animum.* 2

Não meças **o presente que** envio, mas medita no íntimo, Jano,
para onde envio o próprio ânimo. 2
(I, 14, 1-2)

É muito comum nos epigramas de Caiado o uso da prolepse que já definimos acima. Vejamos mais uma passagem na qual o poeta se vale desse recurso:

*Excipe quae mitto nostri monumenta laboris,
ne somno videar praeteriisse dies.*

Acolhe **os escritos** do nosso labor **que** envio
para que o dia não pareça ter passado no sono.
(I, 17, 11-12)

Extraímos do epigrama 37 mais um exemplo no terceiro verso:

*Et **qui** perniciem patriae tulit, **ille** salutem
creditus est genti saepe tulisse suae.*

E **aquele que** levou ruína à pátria, foi julgado ter levado
muitas vezes à sua gente a salvação.

(II, 37, 3-4)

Há antecipação do pronome relativo *quae* no quinto verso do epigrama abaixo:

*Fecisti, dices, aliis quamplurima: sed **quae** 5
feci antehac, pendo **carmina** pro nihilo.*

Fizeste - dirás- aos outros muitíssimas coisas, mas pondero 5
por nada **os carmes que** fiz agora.

(II, 44, 5-6)

USO DO DIMINUTIVO

Era uma tópica alexandrina aparecer o termo *libellus*¹⁹⁷ (livrinho) no início de cada livro, como nos aponta João Angelo de Oliva Neto¹⁹⁸. Esse termo *libellus* designava funções afetivas como também o próprio tamanho do livro e do epigrama. Vejamos os fragmentos iniciais:

*Dixi saepius, ò **Libelle**, tutum
ne limen properes parentis extra*

¹⁹⁷ Marcial também se refere a suas obras com o mesmo termo *libellus* (*Epig.* I, 1). Cria ainda qualificativos para os seus livrinhos como *arguti* (engenhosos, espirituosos) (*Epig.* I, 6, 1, 3), por vezes “acres”, “picantes”. Por outro lado nem Caiado e muito menos Catulo em seus epigramas criam tais qualificativos para o vocábulo ao qual nos referimos acima.

¹⁹⁸ NETO, João Angelo de Oliva Neto. Op. cit, p. 35.

prodire: haud temere tibi vagandum est.

Eu disse muitíssimas vezes, ó **Livrinho**,
que não te apressasses em apresentar-te
fora do seguro umbral de teu autor;
(I, 1, 1-3)

Os epigramas de Caiado como os de Catulo caracterizam-se por uma linguagem eivada de diminutivos. Seleccionamos a seguir alguns vocábulos patentes na obra epigramática de Caiado com sentido afetivo, depreciativo ou irônico: *auriculas* [orelhinhas (I, 1, 15)], *miselle* [pobrezinho (I, 1, 10)], *asellus* [burrinho (I, 22, 8)], *tenella* [tenrinhos (I, 72, 2)], *aselli* [do burrinho (I, 73, 22)], *versiculis* [nos versículos (II, 6, 4)], *gloriam* [gloríola (II, 31, 2)], *oscula* [ósculos (II, 40,12)], *notariolis* [de pequenas escrituras (II, 51, 23)], *molliculis* [com tenrinhas (II, 54, 7)], *versiculis* [aos versinhos (II, 54, 11-12) e (I, 50, 10)], *pusilla* [pequeninos (II, 57, 1)], *pallidulae* [um tanto pálidas, branquinhas (II, 71, 2)], *libelli* [livrinhos (II, 74, 1)], *versiculos* [versinhos (II, 74, 2) e (II, 84, 2-3)], *facetulum* [engraçadinho (II, 89, 2)]. *libellos* [livrinhos (II, 106, 1)].

LITOTE

A expressão latina *haud tuto* (não seguro), significa, então que é perigoso. Trata-se de uma figura estilística conhecida como litote.

Calcavitque lutum pedibus, superavit & undas 5
Eridani haud tuto vectus in alveolo:

e calcou com os pés a lama e superou as ondas 5
do Erídano, transportado num leito fluvial estreito **não seguro**:
(I, 20,5-6)

Destacamos mais exemplo desse recurso expressivo denominado litote: “um amor não é moderado”, logo é intenso. Litote bem patente no verso abaixo:

*in te **non modicus** testificatur amor.*

um **não módico** amor em ti é testemunha.

(II, 40,8)

Lugar não derradeiro, em outras palavras: o primeiro ou que não seja o último:

*Sit satis & patria locus **haud postremus** in urbe,*

E seja suficiente a ti um lugar **não derradeiro** na urbe pátria,

(II, 81, 13)

HIPÁLAGE

Meta (extremidade) está em seu sentido metafórico, indicando o movimento do sol do nascente ao poente. Carlos Ascenso André¹⁹⁹ em sua tradução no décimo verso cria uma hipálage quando escreve: “senhor que o sol visita no começo e no fim da jornada”:

*rex ubi sublimi populos ex arce gubernat,
quem dominum Solis utraque meta colit.*

10

onde um rei desde sublime cidadela governa povos,
uma e outra extremidade do sol cultiva este senhor.

10

(II, 83, 9-10)

---

¹⁹⁹ANDRÉ, Carlos Ascenso. *Mal de Ausência (O canto do exílio na lírica do humanismo português)*. Coimbra, 1992, p. 364.

PARALELISMO SINTÁTICO

Destacamos a seguinte estrutura paralelística no verso 18 *est cunctis vitaeque, morsque eadem* (e a vida existe para todos e a mesma morte existe para todos). Entrementes, preferimos a tradução do texto acima para esta reflexão moral:

*Haec ego, Pactolum si quis mihi tradat, & Hermum,
non vendam; est cunctis vitæque, morsque eadem.*

Estas coisas eu não venderia nem mesmo se alguém me entregasse o Pactolo e o Hermo; e **existe a vida para todos, e a mesma morte.**

(I, 5, 17-18)

Não poderíamos deixar de destacar essa belíssima passagem, constituída de paralelismo sintático na qual o poeta está num ambiente bucólico muito propício à elaboração de seus poemas:

Otia magna dabit secessus vatibus ille, 5
qualia Lunai non sinus ipse dabit.

ócios magnos aquele secesso dará aos vates,   5
quais então o próprio recanto não dará à lua.

(I, 34, 5-6)

A estrutura paralelística desses dois versos, que contemplaremos, é bem visível na qual o advérbio *quam*, o adjetivo *grata* e o verbo *fluit* estão presentes nas duas orações. Além disso, temos dois dativos em orações diferentes, um no vocábulo *nautis* e o outro em *piscibus suis*. Vejamos:

Quam nautis Zephyrus Phoebi nascentis ad ortum, 5

et quam grata fluit piscibus unda suis:

Quão grato aos nautas Zéfiro de Febo nascente flui em direção a sua 5

origem e quão grata aos peixes seus flui a onda,

(II, 49, 5-6)

Destacamos também para comentários essa belíssima comparação, feita pelo poeta cuja estrutura paralelística aparecem as expressões *qualis ... talis* mais o verbo *esse* na 3ª. e 2ª. pessoas do singular presentes no primeiro e terceiro versos desse epigrama. O poeta para falar sobre André Magnânimo comenta em primeiro lugar o fatal acontecimento da morte de Eurídice, esposa de Orfeu:

Qualis erat rapta serpentis conjuge morsu

Orpheus Threiciae clarus honore lyrae:

talis nuper eras Alphei sub imagine, quando

Nympham subripuit improbus ille Gygas.

Qual estava, raptada pela mordida da serpente a cônjuge,

Orfeu da Trácia, famoso pela honra da lira,

tal recentemente tu estavas sob a imagem do Alfeu, quando

aquele ímprobo Gíges roubou a Nínia.

(I, 40, 1- 4)

DIGRESSÕES

Em alguns momentos ocorre digressão (mudança de assunto), recurso estilístico muito frequente sobretudo por Ovídio²⁰⁰ e Sêneca²⁰¹ em suas poesias, poetas nos quais Caiado se inspirou. Há versos em que aparece esse recurso expressivo; destacamos no livro I o próprio desejo do poeta em mudar de assunto, vemos isso em I, 25, 11-14; no epigrama I, 26, 7-8 o vate português deixa de fazer alusão à mitologia e afirma que conseguirá um dia os prêmios da milícia.

Apreciemos mais dois exemplos a seguir:

No epigrama 54, comentários sobre Antonio Albergato; mas mudança de assunto a partir do verso 11, como podemos constatar abaixo:

*Inter tot Superos quondam neglecta Diana
ultricem Tydei misit in arva feram.
Dixit, & in tenues furibunda evanuit auras
magnum, Bentivolus ni foret, ausa nefas.*

**Entre tantos Deuses Superiores, um dia, Diana negligenciada
enviou um animal selvagem vingador para os campos de Tideu
e furiosa desapareceu por entre as tênues brisas,**

---

²⁰⁰ R. J. Tarrant, em *Senecan drama ant its antecedents* nas páginas 261 e 262, afirma que existe uma interferência de vocabulário poético nas peças de Sêneca, sobretudo em Virgílio, Horácio e Ovídio, que são fontes não trágicas. No entanto Ovídio foi indubitavelmente a magna referência, o maior modelo de Sêneca. O autor da *Ars amatoria* é uma “chave” para começar a ler as peças senequianas. Nele há a pluralidade dos gêneros literários, as riquezas do estilo, a linguagem elevada e as digressões que também aparecem em Sêneca e posteriormente na poesia novilatina de Caiado..

²⁰¹ Sêneca compôs nove tragédias: *A loucura de Hércules, Hércules no Eta, Édipo, Fedra, Medeia, Tiestes, Agamêmnon e as Troianas*. Todas estas tragédias chegaram até nós na íntegra, menos as *Fenícias*, obra que se encontra incompleta. Só há cinco peças traduzidas para o vernáculo: *O Agamêmnon*, pelo professor José Eduardo dos Santos Lohner; *A Construção de As Troianas*, pela professora Zelia de Almeida Cardoso; *Medeia* traduzida pela Ediouro e pela Série, Os Pensadores; *Hércules no Eta: Uma tragédia estóica de Sêneca*, tese de doutorado, defendida em 2006 na USP, pelo professor José Geraldo Heleno e *Fedra de Sêneca: discurso literário e perspectivas para um estudo filosófico* de Cleonice Furtado de Mendonça. Portanto, podemos chegar a conclusão de que há muito o que pesquisar, estudar e traduzir sobre as obras trágicas de Sêneca. Zelia de Almeida Cardoso, docente titular da USP, tem feito inúmeros pesquisas acerca de Sêneca. Em 2010, sob sua organização e a de Adriane da Silva Duarte, veio à luz uma coletânea de textos acerca do gênero dramático, denominada *Estudos sobre o teatro antigo*. Destacamos dois artigos de Zelia que retratam as tragédias de Sêneca: *Fraudes e falácias nas tragédias de Sêneca* e *Sêneca: a construção psicológica das mulheres nos cantos corais de As Troianas*. Lembramos ainda o livro, *Estudos sobre as tragédias de Sêneca* da autora supracitada, no qual ela apresenta a origem e a história da tragédia latina, além de tecer comentários sobre as tragédias de Sêneca e suas fontes.

disse que um grande crime teria sido empreendido, se não fosse Bentívol.

(I, 54, 11-14)

No epigrama 70, a partir do terceiro verso, percebemos que Alberto espera elogios do poeta como também aguarda que o mesmo fale bem dele a seus compatriotas; entretanto Caiado não está muito preocupado em tecer-lhe comentários, por isto cria digressões mitológicas a partir dos versos 7 ao 16 e só volta a falar de Alberto no final do epigrama, quando afirma que a musa lhe concedeu coisas benignas (Cf. I, 70, 3-18).

No livro II há outros exemplos, mas somente citaremos o epigrama 49; neste há digressão na passagem do quarto para o quinto verso. Nos quatro primeiros versos, o poeta nos fala a respeito dos deuses e da vida, e abruptamente o assunto muda para a personagem Zéfiro de Febo e para a sua origem entre outros assuntos que não eram pertinentes até o quarto verso:

Diis veni auspicibus, sospes gratare clienti

(sic tibi Dii faveant) chare Patrone, tuo.

Hei mihi quam multos videor vixisse per annos

te sine! Si dici te sine vita potest.

Quam nautis Zephyrus Phoebi nascentis ad ortum,

5

et quam grata fluit piscibus unda suis:

Sob os deuses favoráveis vem, são e salvo agradece ao cliente teu

(assim a ti os Deuses favoreçam), caro patrono.

Ai! quanto me parece ter vivido por muitos anos

sem ti! se sem ti se pode dizer vida.

Quão grato aos nautas Zéfiro de Febo nascente flui em direção a sua 5

origem e quão grata aos peixes seus flui a onda,

(II, 49, 1-6)

ANTÍTESE

A antítese presente nesse segundo verso aponta-nos que os antigos vates serão lembrados pela posteridade por causa de seus registros escritos:

Officio vatum, merito praefecte, priorum,

*quos bona posteritas **vivere morte facit.***

Ó chefe com mérito, no ofício dos antigos vates
a boa posteridade faz que esses **vivam na morte**.

(I, 25, 1-2)

Na antítese presente no fragmento abaixo, entendemos que a cada dia envelhecemos um pouco e estamos mais perto da morte não obstante Henrique Caiado deseja viver por um longo tempo com os seus textos escritos. Vale lembrar que há cinco séculos o poeta Henrique Caiado criou estes epigramas, por isto são muito sugestivas as suas palavras no v.10, quando ele diz: “Cotidianamente morro, assim por longo tempo viverei”:

*Suffenus dicar, aut si quid ineptius usquam est,
paratum est jam nomen mihi.
Quotidie morior, sic longo tempore vivam, 10
felicis est mori semel.*

Sufeno serei chamado, ou se de algum modo alguma coisa for mais impertinente,
eu já tenho um nome arranjado.

Cotidianamente morro, assim por longo tempo viverei; 10
morrer uma só vez é próprio do feliz.
(I, 31, 8-11)

SILEPSE

Encontramos no décimo primeiro verso, uma silepse de número com o nominativo plural *cuncti* e o verbo na primeira pessoa do plural no futuro imperfeito do indicativo:

*Hanc muta, **cuncti veniemus**: dummodo nobis
fortia quae gessit bella Iugurtha legas.*

Muda este, **todos nós voltaremos**, contanto que para nós
leias as valorosas guerras que Jugurta gerou.
(I, 25, 11-12)

ANTONOMÁSIA

Reconhecemos o recurso estilístico denominado antonomásia pela seguinte característica: é um emprego de um nome comum em vez do nome próprio e vice-versa. Nessa passagem selecionada, percebemos que o poeta está se referindo às musas, no entanto ele preferiu utilizar a antonomásia com as seguintes palavras: “irmãs aônidas”:

*Vulgi risus eram, **Aonidum** pars una **Sororum**,
nunc perago facili carmina multa pede.*

Eu era a risada do vulgo, era uma única parte **das irmãs aônidas**,
agora levo ao fim muitos poemas com o pé fácil.
(I, 32, 3-4)

O que realmente o poeta queria dizer em relação a expressão “por uma mulher de divina mente” seria: “pela influência de alguma musa”. Para isto o poeta se vale mais uma vez do recurso da antonomásia:

*Si qua movent vatem **divinae femina mentis**:
si vati cuiquam scire futura datur:*

Se algumas coisas movem o vate **por uma mulher de divina mente**,
se para algum vate saber coisas futuras é dado:
(I, 33, 1-2)

“Aquele do som melodioso” em outras palavras é o próprio Orfeu por antonomásia:

*Sed nunquam citharam fregit dolor: **ille canoris** 5*
Euridicen fidibus manibus eripuit.

Mas a dor nunca partiu a lira: **aquele** 5
do som melodioso libertou Eurídice com as mãos nas cordas da lira.
(I, 40, 5-6)

No sétimo verso entendemos pelo vocábulo “tonante” que o poeta está fazendo alusão ao próprio Júpiter:

Interea supplex humili rogo voce tonantem,
pastorem ut faciat te gregis ille sui.

Entretanto com humilde voz rogo súplice ao tonante
pastor que ele te faça de sua grege.
(II, 33,7-8)

SINESTESIA

O uso da sinestesia está bem patente nos vocábulos “meles derramados”, “lábios melífluos”, “doce engenho”, “untados peitos”, “orvalho do ar que exalam um cheiro agradável” ligados respectivamente ao paladar, ao tato e ao olfato. As imagens ao nosso ver são belíssimas, iniciam-se por meio de uma comparação e seguidas dos exemplos de sinestesia que expressam a plasticidade descritiva de um ambiente bucólico, plasticidade esta que nos faz visualizar e sentir muito bem as imagens descritas pelo poeta. Extraímos os seguintes versos para corroborar a nossa afirmação acima:

Indiderunt, Ludovice, tuae cognomina genti
*attica nectareis **mella refusa** favis.*

*Hinc tibi mellifluis resonant tot carmina labris,
et natat Hyblaeo semper in ore melos.
Hinc et dulce tibi ingenium est, atque illita quondam   5
aereo fragrant pectora rore tibi.*

Introduziram, Ludovico, cognomes áticos ao teu povo
como **meles derramados** dos favos de néctar.
Daqui tantos cantos a ti ressoam **dos lábios melífluos**,
e o canto lírico sempre transborda na boca do Hibla.
E daqui tu tens um doce engenho e em certos momentos **os untados**   5
peitos com o orvalho do ar exalam um cheiro agradável a ti.
(I, 36, 1-6)

COMPARAÇÃO

Bela e digna de comentário a comparação feita pelo poeta de que a esperança é mais larga do que o oceano e antecipada pela metáfora do “revolver-se do oceano”:

*Excitor, atque premor spe, spes me fertque, refertque,
scilicet ut refugus volvitur oceanus.
Petre, licet sperare tamen, quo longior illa est,
gaudia eo venient uberiora mihi.*

Sou chamado para fora e pressionado pela esperança; e a esperança me leva, e me torna a levar,
evidentemente que o fugitivo oceano se revolve.
Pedro, é lícito esperar todavia, **do qual mais larga ela é**,
por ele os gáudios chegarão a mim mais copiosos.
(I, 44, 1- 4)

PLEONASMO

No quinto verso consideramos o adjetivo *dirus* (de mau agouro) como exemplo de pleonasma, já que o adjetivo possui o mesmo sentido do vocábulo *occentibus* (chio do rato, que era considerado de mau agouro):

*cristatusque venit **diris occentibus** ales* 5
implens Ausoniam Dardaniosque lares.

e o capacete encimado por um penacho alado vem 5
com chios de mau agouro, imitando Ausônia e os lares Dardânios.
(I, 10, 5-6)

O substantivo *axe* já significa “na região celeste” de modo que não precisava aparecer o adjetivo, com o mesmo sentido semântico, *aethereo* (=celeste), quiçá o poeta tenha-o colocado para fins métricos:

Hac, Benedicte, die nostri tibi luminis auras
stamina ducentes alba dedere Deae:
et volucres placidos fudere per aera cantus,
*dum missum **aethereo** nectar **ab axe** bibunt.*

Neste dia, Benedito, a ti as Deusas deram os brilhos da nossa luz
que conduzem os fios favoráveis das Parcas
e as aves espalharam pelo ar cantos plácidos,
enquanto elas bebem néctar enviado **da região celeste**.
(I, 62, 1-4)

IRONIA

No primeiro verso constatamos um exemplo de ironia do poeta quando este retrata os atos do ditador Jano Francisco Adrovando que apresentou a muitos o império e o crime com o nome de virtude e que levou ruína à pátria:

*Praebuit o quoties virtutis nomine multis
Imperium et clarum nomen in orbe scelus.*

Apresentou - oh! quantas vezes com o nome de virtude! - a muitos
o império e um claro nome no orbe, crime.

(II, 37, 1-2)

Outrossim extraímos do epigrama 42, uma ironia mordaz bem patente no nono verso, quando o poeta afirma que não há alimentos para os míseros poetas:

*Deficit ingenium, cura, labor, pretium.
Nullaque sunt hodie miseris alimenta poetis,*

Falta engenho, cuidado, labor, valor.
e nulos são hoje aos míseros poetas os alimentos.

(II, 42, 8-9)

Nanus (anão), derivado do grego **νόνος**. Ironia do poeta: filho de Júpiter e de Climena, Atlas era um dos gigantes.

*Scribunt quidam heroum sibi nomina, cum sint
Thersitae viles caetera, & Antinoi.
Nanus Atlas quoque nomen habet, Barbatia quorsum haec?*

Certos varões redigem nomes de heróis para si,
ainda que sejam outros Térsites vis, e Antínoos.
O anão Atlas também tem nome, Barbácia. Para que fim estas coisas?

(II, 77, 1-3)

OXÍMORO

Configura-se no verso abaixo um exemplário de oxímoro já que a frase é deveras impossível de realizar:

Nos ventus pascit, pascunt & inania verba, 15
Cogimur in tota nil retinere domo.

O vento nos alimenta e nos alimentam as inanes palavras, 15
em toda casa por motivo algum somos coagidos a reter.
(II, 42, 15-16)

POLISSÍNDETO

A repetição da conjunção *et* no epigrama 43, verso 28, passa musicalidade muito expressiva, consolidada pela pontuação e ritmo dos vocábulos e ratificada pelo campo semântico do verbo “confluunt” (confluir, reunir-se correndo). Também não se pode deixar de destacar a repetição dos sons consonantais

–*m* e –*n* - aliteraões e repetiões - que mais uma vez confirmam não só a expressividade desses versos como também a sua musicalidade bem visível na leitura do fragmento selecionado a seguir:

(...) plectra sed aurea
dum sumit manibus, dulcisonam ad chelim
et sylvae, & fluvii, & marmora confluunt.

(...) mas os áureos plectros
enquanto toma nas mãos, junto à lira de som doce
e as florestas e os rios e os mármore confluem.
(II, 43, 26-28)

O uso do polissíndeto é bem expressivo também nos dois primeiros versos do epigrama 50 e estão no campo semântico da localização geográfica:

Describunt urbes alii, fluviosque, locosque,
et monstrant facili singula quaeque nota.

Outros descrevem as urbes e os rios e os lugares
e mostram com favorável sinal cada coisa.

(II, 50, 1-2)

ALITERAÇÃO

A preocupação com a musicalidade dos versos está bem patente e expressa no dístico selecionado a seguir. Vejamos este exemplo singular que selecionamos:

Annibal, & Galeax, & pulcher Alexis, & Hermes,
nomina sunt ipso semper amanda sono. 2

Aníbal e Galeácio e o pulcro Aléxis e Hermes,
os nomes devem ser amados sempre pelo próprio som. 2
(II, 19, 1-2)

No primeiro verso com o uso do polissíndeto expresso pela repetição da conjunção aditiva “et” somada às consoantes guturais -g (sonora), -ch (aspirada), -x (velar e dupla) e à aspiração do -h, presentes nos respectivos vocábulos “Galeax”, “pulcher”, “Alexis” e “Hermes” encontramos musicalidade bem visível. Também no segundo verso há expressividade patente na repetição das nasais -m e -n, contrastada com a cesura do vocábulo “ipso”, seguida pela derradeira palavra “sono”, fenômenos fonéticos que nos sugerem ritmo e musicalidade bastante significativos, chamando-nos bastante a atenção.

EPÍFORA OU EPÍSTROFE

Diz respeito à repetição de vocábulos no final de dois versos seguidos como em *sumus poetae* (somos poetas) que podemos constatar abaixo:

Jungamusque manus, sumus poetae: 10

vivamusque simul, **sumus poetae**,

e juntemos as mãos, **somos poetas** 10
e vivamos juntamente, **somos poetas**,

(I, 73, 10-11)

EPANALEPSE²⁰²

Extraímos a seguir três exemplos de epanalepse, recurso este que se caracteriza pela repetição de uma palavra no início do verso, e que pode ser repetida também no final de outro verso. O recurso aparece com o escopo de reforçar o significado daquilo que está em destaque.

O poeta no exemplo abaixo se vale da epanalepse para indicar quem é Marulo por meio do pronome demonstrativo “*ille*”:

Hic magnus colitur Marullus, **ille**,
ille, inquam, pater elegantiarum,

Este magno Marulo é cultivado, **ele**,
ele, digo, pai das elegâncias,
(II, 79, 1-2)

No segundo exemplário, percebemos que Caiado reforça os vocativos mais uma vez com a repetição do nome próprio “*Fúrio*” para que este ame Henrique e Sabino:

Furi, Furi, iterum monende **Furi**,
Furi, dilige & Hermicum, & Sabinum.

---

²⁰² A tradução, a seguir com o recurso estilístico da epanalepse, é da autoria do prof. Dr. José Eduardo dos Santos Lohner da Universidade de São Paulo:

*Nequitiam vinosa tuam convivio **narrant**,
narrant in multas conpita secta vias.*

Tua indolência, os banquetes regados a vinho narram,
Narram as encruzilhadas cortadas em muitas vias.
(Ovídio, *Amores*, III, 1, 17-18)

Fúrio, Fúrio, de novo que deve ser advertido **Fúrio**,
Fúrio, ama não só Henrique como também Sabino.
(II, 28, 7-8)

Enfim, como derradeiro exemplo, destacamos dos dois primeiros versos o encômio do poeta a Mino com o recurso da epanalepse:

Unica Pieridum sis felix gloria, **Mine**,
Mine, puellaris dulcis alumne chori.
Única glória das Piérides, que sejas feliz, **Mino**,
Mino, ó doce aluno do coro de menina.
(II, 5, 1-2)

ANTECANTO E BORDÃO

Há um único exemplo de antecanto e bordão nos dois livros de epigramas de Caiado. O primeiro recurso trata da repetição da mesma palavra no início de cada verso.

O poeta embalado por inúmeras repetições do nome próprio Fúrio, deseja chamar a atenção do personagem para que ame não só a Sabino mas também a Caiado. Observemos o epigrama na íntegra para apreciação:

IN FURIUM.

EPIGRAMMA

XXVIII.

Furi, diligis Hermicum? Sabinum,
Furi, dilige, sed stude Sabino,
Furi, dummodo nos quoque abs te amemur:
Furi, quid merui? Quid innocentem,
Furi, carpis? An est boni, probive, 5
Furi, carpere? An est quod ipse carpas?
Furi, Furi, iterum monende Furi,

Furi, dilige & Hermicum, & Sabinum.

CONTRA FÚRIO.

EPIGRAMA

XXVIII.

Fúrio, amas Henrique? A **Sabino**,
Fúrio, ama, mas aplica-te a **Sabino**,
Fúrio, contanto que nós também por ti sejamos amados.
Fúrio, que mereci? Por que a um inocente,
Fúrio, repreendes? Acaso é próprio do bom ou do probo, 5
Fúrio, repreender? Acaso é o que tu próprio repreendes?
Fúrio, **Fúrio**, de novo que deve ser advertido **Fúrio**,
Fúrio, ama não só Henrique como também **Sabino**.
(II, 28, 1-8)

Por sua vez, o bordão diz respeito à repetição de um vocábulo no final do verso. Como podemos perceber nos versos traduzidos, Caiado se apropria desse recurso em três versos, no primeiro, segundo e último do epigrama 28. Como Sabino é o oponente de Caiado, o poeta deixa o nome de Sabino no hemistíquio final do verso para nos passar uma ideia de oposição ao nome Fúrio que está no início de cada verso.

FONTES DE INSPIRAÇÃO E ESTILO²⁰³ DE CAIADO

Caiado se inspirou nos poetas gregos Calímaco e Teócrito e nos poetas latinos da antiguidade, a saber: Virgílio, Sêneca, Ovídio, Horácio, Tibulo e Catulo. Há também

---

²⁰³ São apenas comentários gerais sobre o estilo de Henrique Caiado e suas fontes de inspiração.

como veremos influências de Petrarca, Dante e Boccace. Registramos abaixo uma citação relevante que comprova essas influências²⁰⁴:

*Quanto à imitação dos poetas mais antigos, que está acima da de Sêneca, temos grande cópia de comparações felizes. Sobressai delas, em primeiro lugar, a lição de Vergílio; mas sobressaem também, com brilho, estas três: a lição de Ovídio, importante pela forte influência das **Metamorfoses**; a de Horácio, que deu modelo de muitos conceitos com as **Odes** e os **Epodos**; e a de Tibulo, mais modesta, mas apreciável pela imitação dalgumas descrições bucólicas. Todavia, sempre a lição vergiliana impressiona mais nas páginas do Sr. Mustard, por ser enorme a riqueza de exemplos e por se tratar do mestre do gênero pastoril. Meditando este facto, e associando-o a outras duas influências que Caiado recebeu com arte, a de Catulo, nos epigramas, (...)*

Certamente, a maior influência de Caiado está em Vergílio, podemos comprovar a nossa afirmação com mais esta passagem de Rebêlo Gonçalves²⁰⁵:

*Quer ler Caiado, lê Vergílio ... E já se deixou prever, por alguns paralelos, que esse Vergílio não é só o das **Bucólicas** e as **Geórgicas**, mais ainda o da Eneida: aqueles poemas receberiam, pelo seu próprio gênero, a admiração primeira; porém Caiado, como discípulo fervoroso da latinidade vergiliana, iria mais longe no seu culto. Deste facto fez o Sr. Mustard, nas notas, larga e rica investigação, porque nos revela o Vergílio da epopeia, quando não em conceitos especiais ou pormenores descritivos, ao menos em caracteres de linguagem ou elementos de cultura.*

Também diz Claudie Balavoine²⁰⁶ que Henrique Caiado não indica uma referência textual explícita ao poeta grego Teócrito, contudo há vários detalhes de

---

²⁰⁴ GONÇALVES, Rebêlo. Op.cit. p. 484.

²⁰⁵ GONÇALVES, Rebêlo. Op.cit. p. 484 - 485.

expressão que provam que Caiado havia lido o mesmo. Já a relação do poeta português com Virgílio²⁰⁷ é então, no pleno sentido do termo, referencial e não absolutamente imitativa. Nem as personagens nem a atmosfera nem as descrições deixam confundir os dois universos.

Sêneca também lhe serviu de modelo, apesar de muitos não concordarem com esta ideia. Transcrevemos abaixo um trecho de Rebêlo Gonçalves²⁰⁸ no qual este crítico comprova a influência de Sêneca em Caiado. Vejamos a passagem selecionada:

Julgo este descobrimento importante, porque ele coincide com uma necessidade que já a mim próprio se impôs: a de provar que Sêneca influuiu nos nossos poetas-humanistas do Renascimento – ou de língua latina, ou de língua pátria, - mais do que se pode presumir. (...) O sr. Mustard faz o mesmo sobre Henrique Caiado e dá-nos amiúde identidades convincentes.

Está nesta série o paralelo entre VII,4,

Te sine nulla dies umquam mihi candida fulsit ...

e Sêneca, ***Hércules furioso***, 207-208,

*Nulla lux umquam mihi
secura fulsit ...*

E está também o confronto entre I, 90-91.

*subdita fax igni pallatia celsa cremabit,
squallebunt agri, falces uertentur in arma,*

E Sêneca, ***Hércules furioso***, 365-367,

*... Nihil relinquent bella, tum uastis ager
squalebit aruis, subdita tectis face*

---

²⁰⁶ BALAVOINE, Claudie. Op. cit., p. 21.

²⁰⁷ BALAVOINE, Claudie. Op. cit., p. 26.

²⁰⁸ GONÇALVES, Rebêlo. Op. cit., p. 483 - 484.

altus sepultas obruet gentes cinis.

Das fontes de inspiração mais contemporâneas a Caiado, podemos dizer que não lhe faltaram predecessores célebres no gênero bucólico. Há um século e meio anterior a Caiado, Petrarca já havia composto doze poemas em seu *Bucolicum carmen* com os recursos do jogo alegórico e de seus deciframentos. Dante, por sua vez, utiliza os elementos convencionais da écloga com um valor sistematicamente metafórico e Boccaccio em sua poesia bucólica estava mais nitidamente orientado para a história contemporânea. Para continuar esta tradição, Henrique Caiado poderia ter-se motivado pelo prestígio durável desses poetas como afirma Claudie Balavoine²⁰⁹. Ela também nos informa de que a leitura dessas obras e autores se impõe a quem deseja situar corretamente o projeto de um poeta bucólico do fim do século XV.

Apesar das fontes mencionadas, Caiado foi original em suas obras, escreveu para as pessoas de sua época. A prática da *imitatio* e da *contaminatio* perdurava na época dos humanistas. Vale destacar que o imitador, imitando também pode criar de novo e desta maneira não podemos considerar plágio um labor que tem traços de originalidade.

Quanto ao estilo do poeta português, podemos afirmar que em seus epigramas, há passagens mitológicas, cenas da vida quotidiana, personagens ilustres e problemas sociais da época. O escopo de Caiado era retratar o que foi Portugal em seu tempo com seus pontos positivos e negativos. No epigrama I nos apresenta a sua proposta poética de fornecer aos leitores o seu pensamento e intenção. Em alguns momentos o escopo dele seria poder divertir a plebe com muitas gargalhadas:

(...): *haud temere tibi vasgandum est.*

Ronchis excipieris, & cachinnis

Vulgi, tam cito si cupis vagari

(I,1, 3-5)

“não deves andar por aí, ao acaso.

Se desejares sair por aí tão depressa, serás recebido
pelas zombarias e pelas gargalhadas do povo.”

---

²⁰⁹ BALAVOINE, Claudie. Op. cit., p. 27.

Tomás da Rosa²¹⁰ assim afirma sobre o estilo de Caiado:

A principal fonte do seu colorido é a mitologia; e a sua estilística, no referente ao emprego de figuras e tropos, segue os processos clássicos.

É sobretudo pelo estilo de Caiado se pode considerar um poeta de valor. Ao seu conhecimento profundo do latim, acrescia a posse de todos os segredos da arte. Daí a forma acabada dos seus versos. Há neles às vezes aquela harmonia límpida do bucolismo virgiliano, uma delicadeza de ritmo que deveras encanta, um movimento que emociona e prende.

Henrique Caiado não foi um poeta saudosista para Tomás da Rosa²¹¹, quando diz:

Apontamos o facto, pois não se estranharia que um poeta humanista, coevo da poesia palaciana, cantasse nos seus versos bucólicos a saudade portuguesa, como o fez Bernardim. Mas Caiado não é um poeta da Saudade.

No tocante ao patriotismo de Henrique, podemos afirmar que infelizmente encontramos poucos elementos de carácter nacional, pois o artificialismo dos gêneros cultivados forneceriam ao autor a possibilidade de enquadrar no ambiente de suas poesias maior soma de elementos nacionais.

Há realmente pouquíssimas alusões a coisas portuguesas. Para Tomás da Rosa²¹², isto é digno de pena porque não se evidencia na criação literária do poeta a presença de Portugal e da alma lusíada, que tem nos novilatinos posteriores uma vibração mais

---

²¹⁰ ROSA, Tomás da. Op. cit., p. 9.

²¹¹ ROSA, Tomás da. Op. cit., p. 10-11.

²¹² ROSA, Tomás da. Op. cit., p. 11-12.

intensa. Entrementes, discordamos da opinião de Tomás da Rosa, visto que apesar de haver poucas alusões a Portugal nos epigramas, quando este se recorda em alguns momentos de sua pátria, assim o faz por demonstrar saudades dela. Para nós, Caiado é um poeta saudosista, sim. Seleccionamos a seguir alguns exemplos que ratificam a nossa posição quanto a este assunto. Encontramos louvores ao Tejo (II, 46, 11-12), (II, 63, 2) e (II, 95, 1-4); ao solo pátrio (II, 72, 1-2); à *pietas* e à *hospitalitas* (I, 66, 7-8) ao retorno à pátria do bispo Diogo de Sousa (II, 33, 1-8). É da mesma opinião Carlos Ascenso André²¹³ sobre o que afirmamos acima. Em seu livro, *Mal de Ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português*, em um de seus capítulos²¹⁴, Carlos confirma o nosso ponto de vista de que Caiado é um poeta nostálgico por estar constantemente fora de seu país, sem ser exilado. Assim ele diz:

“Não é este, porém, o sentimento dominante. Ao longo dos versos que escreveu, se acaso a oportunidade é propícia, não esconde a lembrança grata de seu país, ensombrada pela tristeza da ausência.

Assim é nos momentos em que se despede de concidadãos que o têm acompanhado na peregrinação por terras italianas e que regressam, enfim, a Portugal.

*Um deles é Jano Castelo Branco que, como ele, se demorou em Itália a **colere ingenium** e retorna agora, já cultus **doctrina et eloquio**. Não menciona o ponto de partida, mas glorifica o destino, ou seja, a pátria, pretendendo assim enaltecer a sorte de quem tem a dita de regressar. E, ao insistir no apelo ao destinatário (note-se o predomínio da segunda pessoa), revela, implicitamente, o seu próprio sentimento de nostalgia.”*

Enfim podemos concluir este capítulo afirmando que o gênero epigramático é retomado sobretudo com *Hermicus Cayado* em Portugal quando surgem novas ideias, como afirma Sílvia Elia²¹⁵, e diferentes maneiras de ver o mundo. No Renascimento, nasce a imprensa, nasce o Humanismo e o Protestantismo, novas terras são

---

²¹³ ANDRÉ, Carlos Ascenso. Op. cit., p. 364.

²¹⁴ Capítulo 1 - Henrique Caiado: nostalgia de uma pátria que lhe não era vedada.

²¹⁵ ELIA, Sílvia. *A Língua Portuguesa no Mundo*. São Paulo: Ática, 1998, p. 61.

descobertas, começam as viagens ultramarinas. Nesse período o interesse pela antiguidade e pela arte dos gregos e romanos é retomado, e o poeta Henrique Caiado aí se insere e é lembrado por nós pelo seu engenho, pelo seu conhecimento de cultura clássica, pela sua sensibilidade e originalidade. Foi de veras de grande erudição, possuiu cultura geral invejável, dominou o latim como se fosse a sua língua materna. Do latim aliás ele utilizou múltiplos recursos estilísticos..

ASPECTOS MORALIZANTES²¹⁶

Observemos o caráter paidêutico dos ensinamentos. Vejamos o primeiro exemplo de cunho moralizante, patente no sexto verso do epigrama que fala sobre o reinado mítico de Cupido no qual, como no reinado real de Manuel, não há lugar para a inveja. Diz Cupido:

“Possedi semper pharetramque, arcumque sonantem: 5
imperium in nostrum non locus invidiae est (...):”

“Eu sempre fui o senhor da aljava e do arco soante: 5
em meu império não há lugar para a inveja” (...);
(I, 2, 5-6)

Destacamos ao longo dos dois livros de epigramas alguns aspectos moralizantes de mais relevo. Vejamos outros comentários e exemplos a seguir:

Caiado enumera os dotes da alma do ínclito pontífice Pedro, ensinando-nos depois que o tempo jamais devora esses bens nem o próprio deus do fogo:

---

²¹⁶ Estes aspectos moralizantes eram bem típicos da poesia filosófica de Sêneca. Sabemos ter sido ele um apreciador da filosofia estoica; em suas tragédias há elementos que nos levam à reflexão sobretudo nas sentenças e máximas filosóficas. Como veremos a seguir, estas também estão patentes nos epigramas de Caiado. Assim diz Zelia acerca de Sêneca: “Sendo acima de tudo um pensador - um adepto do pensamento estoico, embora ocasionalmente demonstre simpatia por outras doutrinas -, Sêneca impregna suas tragédias de elementos filosóficos. As máximas moralísticas ponteiavam os diálogos. Algumas personagens conferem, amiúde, um tom sentencioso a seu discurso”. Tarrant também faz menção as tão bem conhecidas *sententiae*. (Cf. p. 257).

Destacamos o livro *Sobre a Providência divina e Sobre a Firmeza do homem sábio*, de Ricardo da Cunha Lima, tradução bilíngue num único volume. Nele o autor apresenta Sêneca como filósofo prático e imbuído de conselhos à vida, e também destaca que as sentenças senequianas são porta de entrada para a reflexão filosófica.

*Ingenium, pietas, gravitas, facundia, justum
sunt animi dotes, inclyte Petre, tui.* 2
Haec bona tempus edit numquam, nec Mulciber urit:

(...)

Talento, piedade, dignidade, facúndia, justiça
são os dotes de tua alma, ó ínclito Pedro. 2
Estes bens o tempo nunca devora, nem Mulcíbero destrói.
(I, 4, 1-3)

Por meio do recurso retórico interrogativo, nos versos 3 e 4, leva-nos o presente epigrama moral à reflexão do que é mais relevante: as rixas cruéis e as disputas retumbantes ou a arte musical com os seus doces cantos e os entretenimentos? Eis o exemplo:

***Dulcia quis trucibus permutat carmina rixis?
Quis praefert nostris jurgia rauca jocis?***

**Quem permuta os doces cantos pelas rixas ferozes?
Quem prefere disputas ruidosas a nossos jogos (poéticos)?**
(I, 5, 3-4)

Um pouco mais abaixo encontramos outra sentença moralizante no v. 18, quando o poeta diz que a vida e a morte são comuns a todos de modo que não devem ser valorizadas as divícias:

**est cunctis vitaeque, morsque eadem.
e existe a vida para todos, e a mesma morte.**
(I, 5, 18)

Sentença moralizante bem presente no oitavo verso, afirmando que o varão não deve deixar de auxiliar o próximo nas adversidades:

*Nec te moerori est aequum, aut subcumbere luctu:
turpe viro adversis terga subacta dare.*

**Nem é justo que tu te deixes abater à tristeza ou sucumbas ao luto.
É torpe a um varão dar as costas submetidas às adversidades.
(I, 11, 7-8)**

O poeta faz um convite aos seus contemporâneos para a mudança dos péssimos costumes de sua época:

*Tempore mutandi mores, mutandaque vita:
vivendum est solo temporis arbitrio.*

**No tempo de mudar os costumes também a vida deve ser mudada.
Deve-se viver pelo único arbítrio do tempo.
(I, 12, 3-4)**

Jano Lucas não deve avaliar o presente nem as aparências, porém faz-se necessário examinar o interior de sua alma, desse maneira Jano por causa de seus merecimentos receberá dignos e valiosos presentes:

**Quod mitto, noli metiri munus: at ipsum
quo mitto, introrsum perspice, Jane, animum. 2**

**Não meças o presente que envio mas medita no íntimo, Jano,
porque envio o próprio ânimo. 2
(I, 14, 1-2)**

Comentário sobre os problemas de um país com péssimos costumes. Os contemporâneos e o próprio poeta são “os nascidos na lama dos homens”, metáfora que reflete o mundo renascentista de Portugal com os maus costumes do amor, do vinho e do jogo. Por outro lado no passado com a milícia e com as musas a geração do poeta alegrava-se com as boas artes:

Hinc, Pestine, liquet quam sit laudanda vetustas: 5
nos nati (misera ò saecula!) faece hominum.

Deste lugar, Pestino, está claro quão a velhice deva ser louvada: 5
nós nascemos (ó míseros séculos!) na lama dos homens.
(I, 15, 5-6)

Somos convidados a partir deste epigrama a levar uma vida mais sóbria no campo, lugar de paz e tranquilidade, espaço para aplicar-se aos estudos e “encontrar a causa do cantar”:

Vulgi per strepitum studiis incumbere nemo
urbe potest, ruri promptius ingenium est.

Por causa do estrépito do vulgo, ninguém pode aplicar-se aos estudos
na cidade; no campo o engenho fica mais fácil.
(I, 17, 1-2)

A sociedade de sua época está marcada pelos próprios interesses, pelo individualismo, pela falta de respeito aos costumes dos antigos, pelo estrépito do vulgo, pela guerra e conseqüentemente pela falta de paz:

Hunc morem antiquos quondam servasse poetas
legimus, hunc morem servo, Jacobe, etiam.

Tempo-

Temporibus nostris praesertim, regnat enim Mars: 5
et Pallas tegitur casside saeva comas.
Carmina nulla placent: sunt curae civibus arma:
sanguinolenta volant arma per ora virum.

Outrora lemos que os antigos poetas preservaram este costume,
Diogo, eu também conservo este costume.
Nos nossos tempos especialmente reina de fato Marte   5

**e a seva Palas está revestida nas comas pelo capacete de metal.
Nenhuns cantos agradam, são inquietações para os cidadãos as armas.
Sanguinolentas armas voam pelas faces dos varões.**

(I, 17, 3-8)

Comentário sobre a possível visita de Pedro Antonio Aziarolo a fim de lograr um idoso. Mais uma vez o poeta deseja mostrar um aspecto degradante da sociedade: a falta de amor ao próximo e de solidariedade:

***Sed poteris per mille dolos huc, Petre, venire,
nam facile est nimium, te dare verba seni.***

**Mas se tiveres podido por mil dolos vir para este lugar, Pedro,
de fato é fácil demais que tu logres o velho.**

(I, 19, 3-4)

Crítica aos maus causídicos como Leguleio no epigrama 21. Podemos perceber que ele não exercia as suas funções de causídico de maneira correta e íntegra. Por duas vezes, Caiado desqualifica-o por meio dos adjetivos no vocativo *indocte* (v.3) e *improbe* (v.4).

Nos primeiros versos o poeta afirma que está fatigado das atividades jurídicas do advogado pelo qual nem as leis civis são bem observadas, além disso o caminho utilizado por ele não é reto e profícuo e nem os seus conselhos. Enfim, Leguleio não é um paradigma que deve ser seguido por ninguém:

***Tam male percipies semper civilia jura,
quod nos lassavit, quam male nosis iter. 2
Qualeque consilium nobis, indocte, dedisti,
tale clientelis, improbe, saepe dabis.***
**Tanto mal perceberás sempre os direitos civis
- o que nos cansou- quanto mal conheces o caminho. 2
e qual conselho nos deste, indouto,
tal muitas vezes darás aos clientes, ímprobo.**

(I, 21, 1-4)

Mais dois ensinamentos: o amor e a amizade. O poeta diz que não julga bem o primeiro, quanto à amizade, deve ser valorizada pois não há outro espaço que a substitua:

*Quem non fallit amor? Plus aequo jactat amicum
unusquisque suum: non bene censet amor.
Si quis amat turpem, gaudet praeferre Neerae:
non est, Petre, novum munus amicitiae.*

A quem o amor não engana? Cada um despreza o seu amigo mais do
que é justo, o amor não julga bem.
Se alguém ama uma feia, alegra-se em preferi-la a Neera.
Não existe , Pedro, nova função para a amizade.
(I, 22, 1-4)

Crítica quanto à desigualdade social de Portugal do seu tempo: uma minoria com
riquezas; e outros, como o próprio poeta, que passam fome por falta de pecúnio:

*Attalus immensas & opes congessit, & aurum,
atque auri Croeso magnus acervus erat.
Effecitque Mydas quidquid palpaverat aurum,
nil aurum praeter mensa, cibusque fuit
at mihi candentis fuerat vix una metalli 5
uncia, quam rapuit nescia lingua mihi.*

Átalo acumulou não só imensas riquezas como também ouro,
e Crespo tinha magno acervo de ouro.
E Mydas fez ouro tudo o que apalpara,
Nada além de ouro foi a mesa e o alimento,
mas eu tivera apenas uma única onça de metal candente, 5
que a néscia língua me raptou.
(I, 23, 1-6)

No quinto e sexto versos, há menção aos jovens com sua beleza e de sua relevância nos votos e nas eleições. O poeta faz questão de ressaltar que eles não podem ser induzidos a equívocos:

Aspice quot juvenes veniant, quam pulchra juvenus, 5
quorum ne fallas vota probanda, rogo.

Olha quantos jovens venham, quão pulcra a juventude, 5
cujos votos que devem ser aprovados, rogo que não induzas a erro.
(I, 25, 5-6)

nem podem ficar carentes de cuidado como o epigrama afirma no nono verso :

Est res alta quidem juvenum non indiga curae:
Certamente dos jovens existe assunto elevado, não carente de cuidado;
(I, 25, 9)

A desobediência aos pais levou à morte dos amantes, Píramo e Tisbe da mitologia. Portanto que todos sejam obedientes para que nada de mal lhes aconteça:

Prima mali labes amor improbus, unicus autor, 5
excidii tanti praecipuusque fuit.

A primeira queda do mal foi o amor ímprobo, único autor, 5
e precípua de excídio tamanho.
(I, 27, 5-6)

Sentença moralizante acerca da infidelidade da mulher casada. O derradeiro verso é um conselho às esposas infiéis para que elas aprendam pelo menos a dissimular a fidelidade ao marido:

Ergo jace, & tacitas peragra myrteta per umbras:
ediscatque fidem fallere nupta viro. 20

Portanto jaz e percorre os murtais pelas tácitas sombras
e que a esposa aprenda a dissimular a fidelidade ao marido. 20
(I, 29, 19-20)

Com a verdade todo nome vencerá com verso cândido. Batista promete que todo nome vencerá para sempre, se houver a sinceridade:

Victurum omne mihi promittis nomen in aevum,
Baptista, versu candido.

Prometes a mim que todo nome vencerá para sempre,
Batista, com verso cândido.
(I, 31,1-2)

Necessário se faz ecoar aos leitores o escopo de sua obra: “cantar as coisas que devem ser notadas”:

Humanas moveant mentes miracula: mimus 5
qui fueram, vates ecce notanda cano.

Que os milagres comovam as mentes humanas: um mimo 5
eu que tinha sido, **como vate eis que canto coisas que devem ser notadas.**
(I, 32, 5-6)

Mais uma vez uma reflexão sobre o *modus vivendi* do campo e da cidade. Acrescenta-se aí valor humanístico e universal do homem virtuoso: ser íntegro, formoso, puro e nobre de raça:

Integritas vitae, pulchrae praestantia formae, 15
aetatis candor, nobilitas generis
te mihi conciliant, faciuntque, ut nil magis optem,
omnibus in rebus quam placuisse tibi.

A integridade da vida, a prestância da pulcra forma, 15
a candura da idade, a nobreza da raça
te conciliam a mim e fazem que eu em nada mais opte
em todas as coisas do que ter agradado a ti.
(I, 34, 15-18)

Nem sempre a lira de Orfeu vence quando estão presentes a barbária e a ira:

Sed nunquam citharam fregit dolor: ille canoris 5
Euridicen fidibus manibus eripuit.
Ast tibi barbariem cantu nil posse moveri
dum credis, dulcem perculit ira chelym.

Mas a dor nunca partiu a lira: aquele 5
do som melodioso libertou Eurídice com as mãos nas cordas da lira.
Mas a ti, enquanto crês que a barbária em nada pode ser comovida pelo canto,
a ira feriu violentamente a doce lira.
(I, 40, 5-8)

Exortação à idade íntegra, aos bons costumes e à pudicícia do homem:

Integra conspicuum reddebat in omnibus aetas: 5
adde probos mores, adde pudicitiam.

A idade íntegra deixava-te conspício entre todos, 5
Acrescenta os bons costumes, acrescenta a pudicícia.
(I, 41, 5-6)

Um chamado a todos à defesa da honestidade e da fidelidade à palavra empenhada, direcionada mormente a Luís Passeto e a todos os seus coetâneos:

Tu legum interpres, tu propugnator honesti, 5
noli, quam dederim, sollicitare fidem.

Tu das leis intérprete, tu propugnador da honestidade, 5
não queiras solicitar um juramento que eu tenha dado.
(I, 46, 5-6)

O indivíduo que procura falar demais ou formular perguntas sobre as causas das coisas poderá falecer prematuramente como acontece no epigrama 49:

Politianus in hoc tumulo est, vivitque sepultus,
hoc facit ingenium, facit & facundia triplex 2
dicere seu voluit, seu rerum exquirere causas.

Policiano neste túmulo está e vive sepultado,
este engenho faz, e uma tríplice facúndia faz 2
ou quis dizer ou buscar com cuidado as causas das coisas.
(I, 49, 1-3)

Todos devem valorizar aspectos morais do homem como nobreza, sapiência e virtude:

Est Paulo nostro gravitas, sapientia, virtus:
est vestri magnus cultor & ipse chori.
Quorsum maiores fecere poemata nostri? 5
Scilicet ut virtus praemia magna ferat.

O nosso Paulo tem nobreza, sapiência, virtude,
e ele próprio é o magno cultivador do vosso grupo de poetas,
para que fim os nossos maiores fizeram poemas? 5
Evidentemente para que a virtude traga grandes prêmios.
(I, 49, 3-6)

Do livro II apenas faremos comentários a respeito do ensinamento do vate português com a sua respectiva referência ao epigrama: a liberdade é um dom precioso (II, 14,5); a guerra não leva a nada (II, 16, 3-4); A virtude é deveras mais relevante do que a beleza do corpo (II, 22, 3-4); O amor violento (o furor) é considerado pelo poeta como algo nocivo ao homem (II, 24, 13-14); A traição no conjúgio deve ser provada (II, 36, 4); Servir aos bons é louvável e lucrativo (II, 39, 1- 4); Os probos devem ser favorecidos sempre (II, 40, 16); Conselho do poeta para que todos abandonem as coisas torpes e para que o jovem evite os cuidados estéreis da vida (II, 43, 8-13); É necessário ouvir um conselho ou dizer claramente o que sente (II, 60, 5-6); É lícito pedir a pessoas justas (II, 61, 17-18); É prudente muitas vezes falar poucas coisas (II, 62, 1-2); Se podes, dê auxílio a um necessitado (II, 75, 4); O exílio expia as faltas (II, 81, 8); Todo ser humano tem defeitos como também do rio o lodo mana (II, 84, 9-10); devemos falar a verdade acerca dos acontecimentos (II, 96,7-8) e por fim Caiado nos aponta uma reflexão sobre a vida e a morte (II, 101, 10).

Há outros aspectos moralizantes que poderíamos retratar, porém selecionamos acima os que mais se distinguem na nossa opinião. Agora passemos a analisar os aspectos laudatórios.

ASPECTOS LAUDATÓRIOS

Também faz parte do estilo de Caiado aludir na obra epigramática às grandes personalidades da época - e citar provavelmente sob patrocínio dessas personalidades. Ele frequenta a elite social e cultural da cidade, faz amizades e cria dedicatórias múltiplas para as pessoas eminentes sobretudo para o rei Manuel²¹⁷.

---

²¹⁷ Henrique Caiado tecia encômios: ao rei D. Manuel I, seu patrocinador; a outros patronos aos quais o poeta fazia alusão; e a personagens ilustres da época. Na nossa opinião havia um triplo propósito na elaboração de seus epigramas laudatórios: 1º.) conquistar favores e patrocínios dos mesmos para a sua sobrevivência como cliente adulator; 2º.) fazer parte do círculo de amizades dos poetas que mais se destacavam na época; 3º.) divulgar a mensagem de seus epigramas, retratos do dia a dia de Portugal renascentista. Também vale ressaltar que o poeta português nem sempre elogiava os seus patronos que lhe davam apoio e proteção. Em alguns momentos criticava as divícias dos varões e reis, o *modus regnandi* (I, 33, 9-10) da realeza e os maus patronos como podemos conferir em (I, 21, 1-4), de modo semelhante acontecia com Marcial que criticava sobretudo os considerados indignos de sua época em oposição a

Vejamos a seguir duas passagens do poeta, objeto de nosso estudo, extraídas da obra *As Éclogas de Henrique Caiado*, de Tomás da Rosa²¹⁸ sobre esta questão do patrocínio de Manuel e do amor e gratidão do epigramatista português:

Caiado dedicara-se de preferência às Letras, que o seduziam, pondo de parte a árida disciplina de Direito. Viajou depois pela Itália, satisfazendo a sua ânsia de saber, ao contacto com os mais altos valores do Humanismo Italiano. Visitou, entre outros centros culturais, Roma, Ferrara e Pádua. Seu tio, ao ter conhecimento do facto, suspendeu-lhe a mensalidade. Caiado sofreu privações ... E só por ordem de D. Manuel I, encetou os estudos de Direito Romano, em que, como nas Letras Humanas, primou e triunfou, vindo a doutorar-se pela Universidade de Pádua.

Um pouco mais abaixo afirma Tomás da Rosa²¹⁹:

Caiado jamais esfriou a dedicação ao seu rei, sobretudo a D. Manuel. E em tudo procurou servir ao Humanismo português, e engrandecer Portugal com inteligência e amor.

Selecionamos uma passagem de Carlos Antonio Kalil Tannus²²⁰ em seu artigo, *Um olhar sobre a Literatura Novilatina em Portugal*, que vem a corroborar este

---

patronos benevolentes de outras épocas ou de sua própria ou ainda a crítica poderia estar voltada contra maus hábitos ou comportamentos indevidos dos patronos.

Quanto à questão do patronato em Roma antiga, indicamos para um maior aprofundamento do assunto a seguinte dissertação de Leni Ribeiro Leite, defendida na UFRJ: *O patronato em Marcial*. Em seu trabalho ela nos aponta para a relação de patronato e de clientelismo que já estava ligada às origens lendárias de Roma. Cf. p. 20.

²¹⁸ ROSA, Tomás da. Op. cit., p. 5.

²¹⁹ ROSA, Tomás da. Op. cit., p. 6.

²²⁰ TANNUS, Carlos Antonio Kalil. Op. cit., p. 25.

costume que os reis tinham de patrocinar os poetas portugueses em seus estudos na Europa:

Encontramos também um panegírico de D. João III, em que se ressalta a personalidade ativa, a prudência e agudeza de espírito, e o sendo de justiça do rei, além do seu amor às Humanidades e da sua preocupação com os estudos dos seus bolseiros no Exterior ou com a qualidade do ensino na Universidade conimbricense:

Mirantur omnes tuum grauissimum iudicium atque acerrimam mentis aciem ... Nam et complures adolescentes Parisiorum Lutetiam ad capiendum ingenii cultum tuo sumptu, alendos misisti et nouam hic litterarum academiam erexisti quae non modo externas omnium gentium scholas possit Lacessere sed ueteres etiam Athenas in nostra haec tempora reuocare uideatur.

(Panegírico de D. João III escrito por Pedro Sanches)

Eis a tradução de Carlos Tannus:

“Admiram todos teu seriíssimo julgamento e a agudeza de tua mente. Com efeito, enviaste muitos jovens a Paris, a tuas expensas, para ilustrarem-se e ainda, aqui, fundaste uma nova academia que não somente pudesse congregar os estudos de todas as nações mas que, também, parecesse trazer de volta aos nossos tempos a velha Atenas.”

Claudie Balavoine²²¹ também retrata a questão do patronato, afirmando que é verdadeiro que da Florença a Ferrara, passando por Bolonha, seus apoios haviam acompanhado Caiado. Parece que eles haviam desejado que ele se tornasse poeta oficial do rei Dom Manuel.

---

²²¹ BALAVOINE, Claudie. Op. cit., p. 15.

Vale enfatizar, como afirma a autora supracitada²²², que cada écloga do nosso poeta procura captar a atenção de uma poderosa família, sem que um único mecenas seja sempre visado, pois sobre esse ponto Caiado não terá com que se lamentar de uma falta de proteção. Mas, sua ambição ultrapassa a preocupação de assegurar a sua sobrevivência.

Quanto às relações entre *patronus et cliens*, gostaríamos de destacar uma opinião bem oportuna de Renata Lopez Biazotto Venturini²²³, patente em sua dissertação. Ela afirma que independente da posição social dos clientes, são bem visíveis, na relação entre patrono e cliente, a *fides* e a *amicitia*²²⁴. Na primeira havia uma confiança mútua e indicava laços recíprocos existentes entre aqueles que estavam unidos por uma mesma amizade. O cliente protegido confiava em seu patrono que o protegia e por sua vez o patrono confiava em seu cliente. É digno de registro também ressaltar que nem sempre o cliente tem uma posição social desfavorecida. Em *la poésie et le problème social à la fin du Ier. Siècle: Martial et Juvenal*, Robert Marache²²⁵ nos chama a atenção para o fato de que o laço que une o cliente ao seu patrono é um tipo de relação de dependência entre ambos. Um homem rico e poderoso pode ser o cliente de um outro, ainda mais rico ou mais pobre. Contudo Henrique Caiado²²⁶ e Marcial viviam em condições degradantes e conseguiam sobreviver como clientes, graças à benevolência de seus patronos. Por sua vez, concordamos com Leni Ribeiro Leite²²⁷ em sua tese quando diz: “testemunhos poéticos de pobreza não necessariamente correspondiam à realidade” e em outra passagem continua ela acerca do poeta epigramático a seguir: “(...) em muitos momentos Marcial nega os elementos e valores que o caracterizariam de forma simples e incontestável como um pobre cliente.”

Vejamos algumas passagens dos epigramas de Caiado que configuram em primeiro lugar encômios ao monarca lusitano e depois indicaremos alguns patronos aos quais Caiado faz alusão e por fim apontaremos nomes de homens eminentes de origem

---

²²² BALAVOINE, Claudie. Op. cit., p. 30.

²²³ VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. *Relações de Poder em Roma: o patronato na correspondência pliniana*. São Paulo/Maringá, 2000, p. 33.

²²⁴ Leni Ribeiro Leite, em sua tese acerca de *O Universo do Livro em Marcial*, também destaca a questão da *amicitia* sempre presente na relação entre cliente e patrono. Cf. p. 66.

²²⁵ MARACHE, Robert. *La poésie et le problème social à la fin du Ier. Siècle: Martial et Juvenal*. L'Information Littéraire. Paris: J. B. Baillié et Fils, 1: 12 – 19. Jan/fev. 1961, p. 12.

²²⁶ Cf. em (II, 42, 27-30)

²²⁷ LEITE, Leni Ribeiro. *O Universo do Livro em Marcial*. Tese de Doutorado. Departamento de Letras Clássicas da UFRJ. Rio de Janeiro: 2008, p. 66.

portuguesa e italiana e até espanhola, alemã e inglesa com as suas respectivas referências aos epigramas.

Destacamos o terceiro epigrama do livro I que trata desta questão do mecenato e de louvores ao rei Manuel:

AD EMMANUELEM REGEM.

EPIGRAMMA
III.

Hesperiae, Rex magne, decus, quo praefide virtus
e coelo in terras conciliata venit.
Maiorum superas clarissima facta tuorum:
aurea te redeunt principe saecula iterum.
Nigros usque tuum nomen penetravit ad Indos: 5
vela tua Oceanus fertque, refertque Pater.
Extremique tuis parent confinia mundi
legibus, es Regum maximus, Emmanuel.

AO REI MANUEL

EPIGRAMMA
III.

Ó grande rei, glória da Hespéria, por meio do chefe o valor,
conciliado, veio do céu à terra.
Tu superas os feitos mais ilustres de teus antepassados:
os séculos de ouro de novo retornam, sendo tu o soberano.
Teu nome chegou até mesmo junto aos trigueiros indianos: 5
o Oceano impele tuas velas e o Pai as traz de volta
e os limites do extremo mundo se submetem às tuas
leis, tu és o maior dos reis, ó Manuel.

Outros encômios ao rei encontramos nas seguintes palavras: “e cresce venturoso o governo de meu rei.” (I, 4, 8), “soberbos feitos ilustres de reis” (I, 30, 9,10), “digamos toda esta obra e sentido e intenção a ti, rei, único a quem esse livro suplica” (I, 35, 3-6), “Esta cota parte do magno orbe que tu já desvendas, ínclito rei? Distam em dez passos daquela.” (II, 2, 7-8) e “enfim nada maior do que tu os séculos conheceram.” (II, 2, 27-28), “Também felizes vós que imbuístes as orelhas dos reis de tenras palavras, ó sediciosa coorte.” (II, 42,13-14) e a

derradeira alusão a Manuel, presente na frase: “a ele (a Gradivo) o lusitano rei diz: “não me faltam forças (...)” (II, 82,7).

Há outros patronos patentes nos dois livros de Caiado, destacamos os principais: Luís Teixeira (I, 1, 25-36) e (II, 1, 1-6), Benedito Barbácia (I, 23, 10-12), Pedro Antonio Aziarolo (I, 51, 5-10), o ditador Ângelo Ranúcio (I, 59, 7-8) e (I, 60, 1-10), Constantino Serafino (I, 76, 1-3), Diogo de Sousa (I, 79, 1-4), Sózino (I, 81, 18-20), Mino (II, 5, 9-10), Rangão (II, 15, 1-4), Renério Jacóbolo (II, 40, 1-2), Mecenas (II, 40, 3-6) e Bartolomeu Blanquino (II, 42, 38-38) são alguns exemplos.

No que tange aos elogios a personagens portugueses e italianos citamos alguns: o pontífice Pedro (I, 4, 1-2), o reitor de Bolonha, Jano (I, 7, 1-2) e (I, 9, 5-6), Laurêncio Monízio (I, 16, 7-12), Marcelo Virgílio (I, 25, 1-4), Policiano (I, 26, 7-8), Camilo Vitelo (I, 28, 5-10), Luís de Melo (I, 36, 3-6), Lucas Ripa (I, 39, 1-2), Constâncio Pistoriense (I, 41, 1-2), Marcionissa de Mântua (I, 42, 1-4), Paulo Silovício (I, 50, 3-4), Gabriel Tássino (I, 55, 1-4), Nicolau Rangono (I, 61, 4-5), o pintor Guidão de Bolonha (I, 67, 3-4), Alcides (II, 6, 1-2), Guido (II, 9, 1-2), Alessandro Bentivoglio (II, 11, 1-2), Paulo Silovício (II, 12, 1-2), Benedito Barbácia (II, 21, 3-4), Rui Dubravo Boemo (II, 22, 1-2), Tito Estroza (II, 26, 1-4), Pandolfo Pesarense (II, 31, 3), Diogo de Sousa (II, 33, 5-6), Luís Blanco (II, 34, 1-2), Jano Conovício (I, 33, 3-3) e (II, 35, 1-2), Jano Francisco (II, 37, 7-12), Renério Jacóbolo (II, 40, 9-13), Tito Estroza (II, 44, 3-4), Roberto Lantono (II, 45, 9-12), Hércules Estroza (II, 48, 1-4), aos numes (II, 46, 11-12), seu tio Nônio Caiado, sustentáculo da casa (II, 51, 71-74), Fabiano Caviano (II, 76, 1-2), Marulo (II, 79, 1-2), Luís Caiado (II, 81, 1-4), André (II, 85, 3-4) entre tantos outros.

Não podemos deixar também de registrar que Caiado tece elogios a três outras personagens estrangeiras: o espanhol Francisco Senglada (II, 13, 3-4) e os alemães Alberto (I, 70, 17-18) e Ian Blanford (II, 66, 1-8).

O poeta menciona também um inglês denominado Lantono que chegou à casa de seu amigo Eberaco (I, 20, 1-8).

CONCLUSÃO

Chegamos enfim ao final de nosso labor na certeza de que conseguimos alcançar os nossos escopos como também buscamos ser um contributo no sentido do avanço dos estudos de latim renascentista em nossas universidades mormente na área de pós-graduação *lato e stricto sensu*. Sabemos que há muito ainda para trabalhar acerca dos textos originais dos poetas e prosadores renascentistas que escreveram em latim.

Quanto aos epigramas de Caiado até então nunca antes traduzidos por completo, foi-nos honroso concretizar tal empreitada, tendo em vista que já se passaram mais de 500 anos da elaboração de sua obra epigramática. Muitas dificuldades tiveram de ser superadas, dentre as quais citamos a tradução e sua contextualização, muitas vezes vista e revista com muito gosto e dedicação na certeza de ter sido feita da melhor maneira possível, embora todo trabalho seja passível de equívocos, de imperfeições e de críticas construtivas. Também tivemos algumas dificuldades de visualização dos versos da edição do Padre Antônio dos Reis, pois muitos desses versos chegaram a nós apagados; não obstante por meio do texto de 1501 de Bolonha, digitalizado e disponibilizado pela biblioteca digital da Universidade de Coimbra, conseguimos chegar ao final da tradução desses dois livros de epigramas. Contabilizamos 832 versos do livro I e 1071 do livro II, destarte ao todo foram 1903 versos traduzidos, percebemos neles inúmeros recursos estilísticos que algumas vezes dificultaram a nossa tradução, visto que sempre a preocupação maior de nosso trabalho esteve voltada para não perder de vista as imagens poéticas e intenções do poeta Caiado.

No que tange às notas acadêmicas ao todo foram 621 e estiveram sempre presentes, quando sentimos a necessidade de explicar uma passagem de tradução mais complexa e de difícil entendimento ou mitológica para melhor compreensão do assunto abordado ou ainda a respeito de alguém ou de algo que deveria ser elucidado. Além disso as referências bibliográficas também foram indicadas nas notas com as suas respectivas páginas para comprovar a pesquisa e as fontes nas quais nos baseamos, partes imprescindíveis de trabalho acadêmico. Enfim, as notas também nos foram necessárias para a tradução dos textos acadêmicos em francês e inglês que fizemos ao longo da tese.

Lembramo-nos neste momento de um trecho de Rebêlo Gonçalves²²⁸ que nos convida a refletir sobre as futuras edições ou teses que vierem a surgir a respeito do humanismo, da literatura portuguesa renascentista e dos poemas latinos de Henrique Caiado ou de qualquer outro poeta desta época:

Além disso, de acordo com o que afirmei de começo, a edição das églogas, apreciada no seu conjunto, vale grande serviço prestado às letras pátrias. É por isso mesmo um estímulo de trabalhos congêneres. E, porque assim a julgo, ela serve-me para, considerando o seu valor e oportunidade, fazer agora estas duas perguntas, com esperança no renascimento da nossa cultura clássica:

Quando virá o dia em que tenhamos muitas edições dos humanistas portugueses, quer especiais, como a do Sr. Mustard, quer antológicas ou gerais, como a colectânea de Ugo Paoli?

Quando poderemos, com base nestas, ensaiar dissertações histórico-literárias, (...)

Tendo em vista o que foi dito acima por Rebêlo Gonçalves deixamos não só uma reflexão como também um chamado ao legado de futuros latinistas: precisamos de tradutores de poetas renascentistas e medievais que se sintam motivados para tal tarefa e empreendimento. O esforço é deveras hercúleo para a elaboração de um trabalho acadêmico desta natureza e dificuldades não faltarão, mas a satisfação na conclusão do trabalho, aliada ao amor à pesquisa, à dedicação, à perseverança para a concretização de tal empreitada e sobretudo ao gosto de ter elaborado uma tradução inédita para os estudos renascentistas portugueses já nos recompensam todo o esforço.

Constatamos, quanto ao estudo do texto como um todo, que Caiado soube ser bem original na medida em que os seus epigramas, poemas de circunstância²²⁹, foram o reflexo dos costumes de sua época renascentista, citamos como exemplos a

---

²²⁸ GONÇALVES, Rebêlo. Op.cit., p. 485-486.

²²⁹ Entendemos por poesia de circunstância aquela que produz e se realiza no momento para entretenimento do público (I, 1, 1-5), para tecer encômios a personagens ilustres (I, 63, 7-8), para celebrar fatos (I, 62, 1-6) ou para criticar indivíduos como os maus poetas da sociedade (I, 64, 1-6) e lembremos enfim ter Caiado escrito até para registrar fatos atuais da época em que viveu (I, 66, 7-8 e I, 4, 7-8). Vale lembrar também que os epigramas foram escritos para divertimento do círculo de amigos ou dos patronos do poeta.

desigualdade social entre ricos e pobres (I, 23, 1-6 e I, 23, 11-12), a venda de especiarias dos povos remotos (II, 2,19-20) e os péssimos costumes dos portugueses no que diz respeito à bebida, ao jogo e à concupiscência (I, 15, 3-4). O poeta retrata a vida cotidiana em sua obra epigramática presente: nos acontecimentos reais de sua época como a beleza dos jovens e a relevância dos votos sem influências de outrem (I, 25, 5-6); nas personagens com nomes verídicos²³⁰ da estirpe lusitana, como seu tio Nuno Caiado (I, 82, 1), o rei Manuel (I, 35, 4-6), Luís Teixeira (II, 18, 1), dentre outros, ou da italiana como Mino Rossi (II, 5, 1), Febo Monízio (I, 25, 7), Hércules Estroza (II, 25, 6) - alguns que servem a título de ilustração, todos coetâneos do poeta; a vida cotidiana também se faz presente na paisagem e na atmosfera não gregas ou romanas mas portuguesas ou italianas (cf. II, 95, 1-4 e II, 72, 1-2).

Apesar desses traços de originalidade, os epigramas tiveram alguns aspectos da poesia greco-romana tais como: alusões mitológicas (I, 2, 3-4); políticas (II, 2,15-18); helenismos presentes como em *cynosura*, *Actophylax*, *Tyndaridae* [(II, 2, 13-14) e *adamantas* (II, 2, 19) são pequenos exemplos]; alguns arcaísmos como *queis* (I, 39, 4) e *Cypros*, nominativo singular arcaico²³¹ da 2ª. declinação (I, 24, 8); recursos estilísticos já vistos no capítulo anterior como a personificação, a metáfora, a sinédoque, a metonímia, as enumerações e gradações, o zeugma, a hipérbole, o quiasmo, a prolepse, o uso do diminutivo e seus valores afetivos e depreciativos, a litote, as digressões, a antítese, a silepse, a antonomásia, a sinestesia, a comparação, o pleonismo, a ironia, o oxímoro, o polissíndeto, a aliteração, a epífora ou epístrofe, a epanalepse, o antecanto e bordão. Enfim também não podemos deixar de registrar as estruturas sintáticas paralelísticas bem típicas do latim clássico dos poetas e prosadores romanos que o antecederam e que lhe serviram de paradigma – poetas aos quais também já nos referimos anteriormente.

²³⁰ Por sua vez todos os indivíduos, de alguma forma satirizados por Marcial em seus epigramas, são designados por nomes fictícios (ou pseudônimos). Baseamo-nos no que o próprio poeta diz no prefácio ao Livro I:

2. *Mihi fama uilius constet et probetur in me nouissimum ingenium.* 3. *Absit a iocorum nostrorum simplicitate malignus interpres nec epigrammata mea scribat (...)*

[(Que a fama me custe menor preço e seja louvado em mim um novíssimo engenho. Que esteja ausente da simplicidade de nossas brincadeiras o maligno intérprete nem ele escreva os meus epigramas) (...)] Um pouco antes, Marcial diz que não fará como os seus antecessores: fazer uso de nomes verdadeiros como também de nomes ilustres. Por que tal inovação em relação aos seus predecessores na poesia epigramática? A resposta é simples visto que sabemos o imperador Domiciano ter promovido em seu governo uma reforma nos costumes e na moral romana, mandando destruir todos os livros que atacavam pessoas relevantes e conhecidas. (Cf. Suetônio, *Dom.*,8), por isso Marcial garante que não mencionará os nomes reais das pessoas que satiriza bem como evitará atacar personalidades ilustres.

²³¹ ERNOUT, Alfred. *Morphologie du latin*, 3ª. ed. Paris: Ed. Klincksieck, 1974, p. 25-26.

Fazemos nossas as palavras de Claudie Balavoine²³², quando ela diz que Caiado não procura roubar imagens ou fórmulas ao autor que ele imita, mas ele joga, ao contrário, conscientemente sobre o perfeito conhecimento que seus leitores têm da obra de referência. Citamos a seguir por exemplo o jogo lúdico que o poeta faz com o objeto personificado ou com os nomes próprios, apresentando-lhes duplo sentido: a) “Sobre o cado exaurido” (I, 71, 1-2); b) “A Lucas Ripa”, brincadeira do poeta devido ao seu sentido ambíguo: Ripa sobrenome dele ou a margem do rio? (I, 11, 3-10 e I, 52, 1-8); c) “A Febo Monízio”, outro jogo lúdico com seu nome e beleza, comparados ao deus Febo (I, 24, 1-8); d) “A Marcelo Virgílio”, sobrenome que nos recorda o poeta de Mântua (I, 25, vs 1-4 e 13-14); e) “A Luís de Melo”, imagem poética criada para comparar o sobrenome Melo com os favos de mel:

*Indiderunt, Ludovice, tuae cognomina genti
attica nectareis mella refusa favis.*

Introduziram, Luís, cognomes áticos ao teu povo
como meles derramados dos favos de néctar.
(I, 36, 1-2)

f) “A Hércules Estroza”, nome de um simples mortal ou do magno herói Alcides? (I, 56, 1-6 e II, 25, 1-8); g) e citamos como último exemplo desse recurso estilístico o epigrama dedicado “A Atlante Citaredo”, cujo nome se assemelha a Atlante, rei da Mauritânia a quem o poeta faz alusão (II, 8, 5-8).

Caiado outrossim introduziu nos assuntos da sua obra outras inovações necessárias para atestar a sua capacidade de invenção como fatos reais de sua época existentes em seu discurso. Citamos como exemplos “o céu convexo” (I, 34, 13-14), os descobrimentos de novas terras (II, 2, 16-20), os perigos do além-mar (I, 8, 1-12), a presença de constantes guerras (II, 24, 7-10) e a conseqüente falta de paz em seu tempo (I, 17, 5-8).

Como vimos no segundo capítulo, o gênero epigramático teve como principal característica a sua brevidade típica, relacionada às suas origens como inscrição tumular, depois passando a abordar outros temas mormente atuais. Ainda pudemos

---

²³² BALAVOINE, Claudie. Op. cit., p. 25.

perceber, quanto à brevidade, que a maior parte dos epigramas de Caiado não passaram de 20 versos, no entanto em alguns momentos, uns talvez por inspiração poética e outros por fins laudatórios ou críticos, Caiado se estendeu na elaboração dos versos, fugindo assim do paradigma formal, constituindo para nós dessa maneira outra inovação²³³. Vejamos os exemplos do Livro I com comentários: primeiro epigrama foi deveras extenso e serviu como uma espécie de prólogo, encontrando-se nele a proposta do seu fazer poético (I, 1, 1-36); noutro epigrama dedicado ao tio Nuno Caiado, o poeta comenta o desprezo que tem pela advocacia e prova de fato amor às letras e à poesia (I, 5, 1-22); em outro apresenta-nos um contexto de guerra e de suas consequências como também alguns momentos de paz (I, 63, 1-38); há patente uma crítica mordaz ao poeta Zoilo, epigrama esse, imbuído de alguns momentos de ironia (I, 73, 1-31).

No Livro II, encontramos epigramas tão latos quanto os do primeiro livro; tais são: epigrama laudatório, dedicado ao rei Manuel, apresentando também algumas passagens relacionadas às viagens ultramarinas e aos seus perigos (II, 2); o segundo, intitulado “Altercação de Deuses”, como pudemos perceber no epigrama 16, ainda há muitas palavras do campo semântico da guerra bem como comentários críticos sobre a falta de virtude em Roma; e de honra em Portugal nos tempos do poeta (II, 16); o terceiro diz respeito à crítica de Caiado aos maus poetas com toda espécie de erros na elaboração de seus carmes; Caiado aproveita o momento oportuno para retratar a miséria dos vates que conseguem viver com poucos alimentos na mesa; no final do epigrama, ele retoma a questão da fome e da miséria dos poetas e tece encômios a Bartolomeu Blanquino, afirmando que é o único com engenho na urbe felsínea, sendo protetor aos pintores e aos poetas (II, 42); o quarto epigrama, dedicado “a Célio Calgagnino”, inicia-se com elogios a ele, logo em seguida Caiado aconselha-o, e com certeza a todos nós, ao estudo e ao amor do jovem, que conduz o velho, juventude esta que deve evitar as fugacidades da vida (II, 43);

O quinto epigrama, sem dúvida alguma, é o maior de todos “a Antônio Tebaldo” com 82 versos, inicia-se com o poeta cantando louvores às deusas e à poesia, depois ele critica as atividades jurídicas no fórum. A partir do verso 26, Caiado cria uma digressão

---

²³³ Mas vale lembrar o que o próprio poeta Marcial afirma a Tuca no epigrama 65 do sexto livro que é possível compor epigramas de longa extensão e escritos apenas em hexâmetro (Marcial, *Epig.* VI, 65, 1-6). Marcial preocupava-se em justificar o motivo pelo qual fazia epigramas longos, diferente de Caiado que não dava satisfação ao leitor. Há apenas quatro epigramas em toda obra de Marcial, compostos inteiramente em hexâmetros. Cf. DEZOTTI, José Dejalma. *O Epigrama latino e sua expressão vernácula*. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1990, p. 61.

(mudança de assunto) e passa a tratar temas acerca dos deuses e de Laura. Em seguida afirma que também se esforçará para aprender as leis por ordem real, embora não lhe agrade (II, 51); o sexto epigrama diz respeito à “apoteose de Marulo”, encômios lhe são dedicados, considerado pelo poeta Caiado “o pai das elegâncias”, bom vate e merecedor do epíteto de indígite pelos colonos. Esse último, com 25 versos, coroa os ditos de maior extensão (II, 79).

Ainda quanto à questão da originalidade, recordemos as palavras do português Tomás da Rosa²³⁴ que nos chama a atenção para o fato de que Caiado, também poeta bucólico, não imitou servilmente o seu modelo clássico contudo tentou e conseguiu revestir de aspectos originais as suas *Éclogas* de aspectos originais, seguindo um processo em voga “a imitação criadora”. Quanto a nós, podemos estender essa opinião de Tomás da Rosa aos epigramas que também estão imbuídos de originalidade poética e, muitos, de ensinamentos morais à sociedade portuguesa renascentista: Caiado nos ensina que os aspectos morais jamais serão destruídos (I, 4, 1-3), que os maus costumes devem ser mudados (I, 12, 3-4) e que a mulher deve ser fiel ao marido (I, 29, 20). Esses são alguns exemplos.

Enfim também podemos afirmar com segurança que os epigramas numa visão holística são deveras marcados pela erudição como podemos atestar com sua linguagem culta em “íclita progênie”, “venerável nume”, “pudicícia” (I, 42) entre tantos outros vocábulos espalhados em seus epigramas e pouco conhecidos pela plebe. Também não podemos deixar de destacar a seleção vocabular com a qual o poeta se preocupava em suas poesias: um exemplo bem visível está no epigrama 40 do livro I nos versos 1-8, quando Caiado se vale de três vocábulos diferentes para traduzir “a lira”. Mais um item que comprova a erudição e o conhecimento profundo, que o poeta tinha do latim, eram as expressões latinas muito frequentes em seus epigramas como *adde quod* (II, 6, 18), *pro tempore* (I, 40, 9-10), *rettulit pedem* (II, 2, 5-6), *tantum quod* (II, 31, 1-2) entre tantas outras já citadas anteriormente.

Indubitavelmente pela sua riqueza de estilo e conhecimentos do latim clássico, como acabamos de conferir, Henrique Caiado foi um dos maiores poetas²³⁵ portugueses da sua época. Para corroborar ainda mais a nossa afirmação, queremos

---

²³⁴ ROSA, Tomás da. Op. cit., p. 8-9.

²³⁵ Já dizia o professor doutor Carlos Ascenso André acerca do poeta, objeto de nosso estudo: “Este humanista português foi um dos mais prestigiados na Europa do seu tempo; ensinou em várias universidades italianas e é justamente considerado um dos bons poetas novilatinos da Europa. Infelizmente, a sua obra não foi ainda objeto de um estudo global”.

lembrar o que Carlos Ascenso André retrata num capítulo específico de seu livro²³⁶, *Henrique Caiado: Nostalgia de uma pátria que lhe não era vedada*. Diz o docente português que Caiado, *poeta peregrinus*, pronunciava em Pádua um discurso elogioso aos acadêmicos e aos estudos jurídicos, não na língua materna dos italianos mas em latim. Ascenso André ratifica mais uma vez a segurança do poeta ao se valer do meio de comunicação oral da facúndia da língua dos romanos. Vejamos o exórdio do discurso laudatório de Caiado, extraído da *Oratio cum epistola ad Bartholomeum Blanchinum Bononiensem*²³⁷:

*Si quod tempus umquam fuit quo pronuntiationis maiestatem
Aliquam et orationis copiam mihi ab immortalis Deo dari optauerim,
Hodie id certe usu uenit, magistratus amplissimi, rector moderatissime,
Clarissimi tam diuini quam humani iuris interpretes, uosque omnes, qui
Adestis, commilitones clarissimi. Frequens nam confessus hic uester et
locus ipse ad dicendum ornatissimus, quo me amicorum preces diu
multumque reluctantem traxerunt, uidetur eam eloquentiam postulare*

*quam nec polliceri nec praestare homo peregrinus in quo uix
ullum Romanae facundiae uestigiumprehendas . (...)*

*(...) De quorum laudibus plura in praesentia dissererem, nisi
Lusitanus essem uel hoc solo suspectus nomine ne Venetos plus aequo
mirer. Nulli enim nationi tam cari sunt Veneti quam Lusitanis, nulla
rursus natio est quae Lusitanos honoret magis quam Veneti.*

Se momento houve um dia em que ambicionei que Deus imortal me concedesse alguma majestade no falar e fluência no dizer, hoje ele é chegado, ó mui nobres magistrados, ó reitor de suma prudência na interpretação das gloriosas leis, tanto as divinas como as humanas, ó vós todos que estais aqui presentes, caríssimos companheiros: pois que, mostrando-se tão repleto e sendo de tanto lustre para o uso da

---

²³⁶ ANDRÉ, Carlos Ascenso. Op. cit., p. 361-362.

²³⁷ O exórdio reproduzido a seguir, bem como a tradução de Ascenso André, são do livro referido na nota anterior. Ele é docente especialista em latim renascentista e atual diretor da Universidade de Coimbra.

palavra este vosso lugar, para onde súplicas insistentes de amigos me
arrastaram, mas com muita relutância, parece reclamar aquela
eloquência de que não pode dar garantia nem testemunho um
estrangeiro, em quem a custo se encontrará algum vestígio da
facúndia romana (...)

(...) De cujos louvores (dos Venezianos) mais abundantemente
haveria de dissertar aqui mesmo, não fora eu português, isto é, de
nome suspeito nesta terra para não admirar os Venezianos mais do que
é justo. É que a nenhum outro povo são tão caros os Venezianos
quanto aos Portugueses; nenhum povo existe, por outro lado, que mais
honre os Portugueses do que os Venezianos.

Enfim, no que diz respeito ao estudo analítico dos epigramas podemos concluir
que eles são um reflexo dos sentimentos do poeta pelo amor à verdade, ao seu rei, ao
homem honesto, ao novo e às viagens ultramarinas, pelo amor à pátria, ao passo que o
poeta também deseja deixar registrado os seus ódios e desprezos pelo direito, pelas
ações degradantes da sociedade, pelo excesso de prazeres, pelo homem hostil, pelas
agitações políticas, pela época cheia de conflitos, enfim por tudo aquilo que está em
desacordo com a ordem e a paz. Concluimos desse modo que as mensagens dos
epigramas fazem eco até aos nossos dias e se fazem presentes em nossa realidade
mormente no que diz respeito ao humanismo²³⁸.

---

²³⁸ Vale lembrar que José V. Pina Martins outrossim foi amante das Letras e do Humanismo português. Era-lhe bem conhecido o interesse pelos textos do período renascentista e pelas pesquisas em sebos para aquisição de livros raros à sua biblioteca. Fato curioso que José Pina Martins teve em mãos um pequeno caderno apontado como sendo de um misterioso Henrique Caiado que ninguém conhecia como *Hermicus*, humanista português que passara por Itália e granjeara o aplauso de Erasmo. Cf. NASCIMENTO, Aires A. J. V. *Pina Martins em convívio com os clássicos*. Academia das Ciências de Lisboa, Classe das Letras. Comunicação apresentada à Classe das Letras na sessão de 21 de janeiro de 2010, p. 11.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Obras de Henrique Caiado:

Aeglogae

Siluae

Epigrammata

Oratio cum Epistola ad Ludouicum Leonem Patauinum Iuris Consultum (obra em prosa em defesa de Patávio).

Oratio cum Epistola ad Bartholomeum Blanchinum Bononiensem. Discurso em defesa de Bartolomeu.

Divo Emmanueli Regi, dominoque suo Hermicus Cayado. Epístola dedicada ao rei D. Manuel.

Há uma autobiografia de Caiado denominada *Vita Hermici Cayado, Jure consulti Ulyssiponensis patente no corpus illustrium poetarum lusitanorum* e os *Testimonia (Authorum de Hermico Cayado)* obra esta que diz respeito aos autores que escreveram sobre Henrique Caiado.

2. Fontes de Henrique Caiado:

AEGLOGAE ET SYL/ VAE ET EPIGRAM/ MATA HERMI/ CI/ (Cólofon:) IMPRESSIT Bononiae Benedictus Hectoreus Bononiensis, VII. Kl. Martii. M.D.I.

Carta a Marcelo Virgílio: vd. Biblioteca Marucelliana – Florença, Ms. B III 66.

HERMICI ORATIO CVM EPISTOLA / AD BARTHOLOMEVM BLANCHI/ NUM BONONIENSEM. / (Cólofon:) Impressit Venetiis Bernardinus Vitalis Venetus/ XII. Cal. Iunii/ M.D. IIII. (Ed. em fac-símile por A. Moreira de Sá: Revista da Faculdade de Letras de Lisboa 12, 2ª. série (1956) 289-300).

REIS, Antonio dos & MONTEIRO, Manuel. *Corpus Illustrum Poetarum Lusitanorum*. 1745 – 1748.

CAYADO, Henrique. *Aeglogae et Silvae et Epigrammata Hermici* (disponibilizada na biblioteca digital da Faculdade de Coimbra). 2ª edição de Bolonha, 1501.

3. Estudos:

AGNOLON, Alexandre. *Uns epigramas, certas mulheres: a misoginia nos Epigrammata de Marcial (40 D.C. – 104 D.C.)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2007.

ALMEIDA, Maria da Conceição. *A comparação semântica como estratégia discursiva na Ars Amatoria, de Ovídio*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

-----, *Damião de Góis e seu amigo Zaga-Zabo: a heterogeneidade enunciativa na fides, religio moresque Aethiopum*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

A. MOMIGLIANO, *Enrique Caiado e la falsificazione di C. I. L. II 30*: Athenaeum, nova serie 42 (1964).

ANDRÉ, Carlos Ascenso. *Mal de Ausência (O canto do exílio na lírica do humanismo português)*. Coimbra, 1992.

ANTHOLOGIE GRECQUE, *Anthologie Palatine*. Texte établi et traduit par Pierre Waltz. Paris: Les Belles Lettres, Tomes I et II (1928), Tome III (1931).

ANTONIO, Nicolau. *Bibliotheca Hispana Nova*, Madrid, 1783. Tomo I.

A.P. FARIA. Portugal e Itália. *Litteratos portugueses na Italia ou collecção de subsídios para se escrever a Historia Litteraria de Portugal que dispunha e ordenava Frei Fortunato Monge Cisterciense*. Leorne, Typographia de Raphael Giusti, 1905.

-----, *L'Humanisme Portugais et l'Europe*. Actes du XXIIe. Colloque International D'Études Humanistes. Tours, 3-13 juillet 1978. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Portugais, 1984.

A. PELIZZARI. *Un documento degli Studio di Enrico Caiado in Italia*. Rassegna Bibliografica della Letteratura Italiana 16 (1908).

----- . *Portogallo e Italia nel secolo XVI. Studi e ricerche storiche e letterarie*. Napoli, Società Editrice F. Perrella e C., 1914.

BALAVOINE, Claudie. *Les Églogues D' Henrique Caiado ou L'Humanisme Portugais à la Conquête de la Poesie Néo-Latine*. Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

BAYET, Jean. *Littérature latine*. Paris: Armand Colin, 1965.

BATTAILLON, Marcel. *Études Sur le Portugal au Temps de L'Humanisme*. Paris: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1952.

BELLESSERT, André. *Virgilio: Su obra Y su Tiempo*. Madrid: Editorial Tecnos. S. A., 1965.

BISCETTI, Rita. *Contributo alla storia dell'umanesimo portoghese - il primo libro degli Epigrammi di Henrique Cayado*, Paris - Fundação Calouste Gulbenkian, - 1978, sep. do Arquivo do Centro Cultural Português.

BOMBASSARO, Luiz Carlos *et alii*. *As Fontes do Humanismo Latino (da Antiguidade à Renascença)*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. Vol. 1.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Os Idílios de Teócrito e As Bucólicas de Virgílio*. Tese de concurso à cátedra de latim do colégio Pedro II. Rio de Janeiro: Editores irmãos Pongetti, 1950.

BRISSON, Jean-Paul. *Virgile son temps et le nôtre*. Paris: François Maspero, 1980.

CARDOSO, Zelia de Almeida. *A Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

----- . *As Polivalências léxicas e sintáticas do latim e as traduções dos poemas latinos*. Atas da III Semana de filologia na USP. Universidade de São Paulo. Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. São Paulo: 2010.

----- . *Estudos sobre as tragédias de Sêneca*. São Paulo: Alameda, 2005.

----- . *Estudos sobre o teatro antigo*. Orgs. Zelia de Almeida Cardoso e Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Alameda, 2010.

----- . *A configuração do tirano na Pretexta Otávia*. In: Calíope presença clássica. Rio de Janeiro: UFRJ, Número 10/ Dez de 2001.

CESILA, Robson Tadeu. *Metapoesia nos epigramas de Marcial: Tradução e Análise*. Dissertação de mestrado em Letras Clássicas do departamento de

Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). São Paulo, 2004.

CONTE, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. Tradução para o inglês de Joseph B. Solodow. Baltimore-London: Johns Hopkins University, 1994.

CROISET, A. *Histoire de La Litterature Grecque*. Paris: Alfontemoing, 1898.

CUNHA, Alice da Silva. *O real e o imaginário no espaço-campo da poesia tibuliana*. Dissertação de mestrado em Letras Clássicas. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981.

DANGEL, Jacqueline. *Catulle, Carmen 51: Étude stylistique d'une réécriture de Sapho, dans Euphrosyne : nova serie* vol. XXIV, Lisboa, 1996.

DEZOTTI, José Dejalma. *O Epigrama latino e sua expressão vernácula*. Dissertação de mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1990.

DION, Jeanne. *Du Multiple à l'unité l'oeuvre d'infini chez Catulle*. Revue des Études Latines. Paris: Société d'Édition <<Les Belles Lettres>>, 1997.

ELIA, Sílvio. *A Língua Portuguesa no Mundo*. São Paulo: Ática, 1998.

----- . *Preparação à Linguística Românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

Erasmus. *Opera Omnia*. Leyde, Tomo II: *Adagia*, Chi. IV. Cent. VIII, ad. II: *Vinaria angina*.

FARIA, Ruth Junqueira de. *Aspectos Lexicais e Estilísticos do Bucolismo Vergiliano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.

FAVARO, A. *Atti Instituto Veneto*, S.5, T.6, Venise, 1879-1880.

FRASER, P. M. *Ptolemaic Alexandria*. Oxford, 1972, 3v.

GELIO, Aulo. Noct. Att. XIII, 17.

GONÇALVES, Rebêlo. *As Éclogas de Henrique Caiado*. In: *Filologia e Literatura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

----- . *O Humanismo de Rui Barbosa*. In: *Filologia e Literatura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

H. A. D. J. PIMENTEL. *Contribuição para o estudo do bucolismo em Portugal: as Éclogas de Henrique Caiado*. Lisboa, 1942 (diss. dact. – Fac. Letras – Lisboa).

HELENO, José Geraldo. Dissertação de doutorado: *Hércules no Eta: Uma tragédia estóica de Sêneca*. São Paulo: USP, 2006.

HIME, Gonçalves Muniz. *Arte e Significado nos Epigramas Funerários de Calímaco: Uma Abordagem Estilística*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

----- . In: Caderno de Resumos: *Razão e Mito na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental*. De 21 a 24 de novembro de 2005. II Congresso de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras da UERJ.

----- . In: Caderno de Resumos: *Leituras do Sagrado na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental*. De 07 a 10 de maio de 2007. III Congresso de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras da UERJ.

----- . In: Caderno de Resumos: *Mares de Histórias: Interfaces Poéticas na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental*. Homenagem à professora doutora Ruth Junqueira de Faria. De 11 a 14 de maio de 2009. IV Congresso do Departamento de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras da UERJ.

HUMANITAS, Revista. In: *As Éclogas de Henrique Caiado*. Vols. II e III da Nova Série (Vols. V e VI da Série Contínua). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Clássicos. Coimbra: MCMLIII-IV.

J. CASTRO. *Portugal em Roma*. Lisboa, União Gráfica, 1939.

JAEGER, Werner. *Paideia (A Formação do homem grego)*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEITE, Leni Ribeiro. *O Universo do Livro em Marcial*. Tese de Doutorado. Departamento de Letras Clássicas da UFRJ. Rio de Janeiro: 2008.

----- . *O Patronato em Marcial*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras Clássicas da UFRJ. Rio de Janeiro: 2003.

----- . *Razão e Mito na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental*. De 21 a 24 de novembro de 2005. II Congresso de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras da UERJ.

----- . In: Caderno de Resumos: *Humano mais que profano. Leituras do Sagrado na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental*. De 07 a 10 de maio de 2007. III Congresso de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras da UERJ.

L. BOURDON. *O Humanismo português e as suas relações europeias*. Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros, Lisboa, 1957. Lisboa, I vol. (1959).

LESKY, Albin. *Historia de la Literatura Griega*. Versión española de José Maria Diaz Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos, S.A.

LIMA, Ricardo Cunha. *A presença clássica na poesia neolatina do humanista português Antônio de Gouveia*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, agosto de 2007.

----- . *Sobre a Providência divina e Sobre a Firmeza do homem sábio*. São Paulo: Nova Alexandria, s/d, 136 p.

----- . *A herança clássica nos epigramas renascentistas do humanista português Antônio Gouveia*. In: Aletria - Revista de estudos de literatura. 19 número especial. Herança Classica, julho-dezembro de 2009. Belo Horizonte: Poslit, Faculdade de Letras da UFMG.

LOHNER, José Eduardo dos Santos. *A utilização de recursos formais na tragédia Fedra de Sêneca*. Letras Clássicas 3 (1989).

----- . *A retórica e a poética: a técnica de composição da poesia dramática no Agamêmnon de Sêneca*. Tese de doutorado: São Paulo: USP, 2002.

----- . *Agamêmnon*. 1ª. edição. São Paulo: Globo S. A., 2009, v. 1, 253. P.

LOPES, Oscar & SARAIVA, Antonio José. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, LTDA, s/d.

LÓPEZ FÉREZ, J. A. (ed.). *Historia de la Literatura Griega*. Madrid: Cátedra, 1988.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana*, Lisbonne, 1933. Tomo II.

MARACHE, Robert. *La poésie et le problème social à la fin du Ier. Siècle: Martial et Juvenal. L' Information Littéraire*. Paris: J. B. Bailliére et Fils, 1: 12 - 19. Jan/fev. 1961.

MARCIAL, *Epigramas. Clássicos Gregos e Latinos*. São Paulo: Edições 70, vol. 4.

MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. *Les Genres Littéraires à Rome*. Préface de Jacques Perret. Tome II. Paris: Scodel, 1981.

MARTINS, Paulo. *Literatura Latina*. 1ª. edição. Curitiba: IESDE Brasil. S. A., 2009. Vol. 1, 268 p.

MONTEIRO, Emanuel. *Vita Hermici Cayado iure consulti Ulyssiponensis*. In *Corpus Illustrium Lusitanorum qui latine scripserunt*. Tomo I, Lisbonne, 1745. pp. 35-41.

MONTEIRO, Luís Filipe Barata. *Carmen na Língua e na Literatura Latinas*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1984.

MOTA, Arlete José. In: Caderno de Resumos: *O Erotismo na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental*. De 24 a 27 de novembro de 2003. I Congresso de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras da UERJ.

MUSTARD, Wilfred. *The Eclogues of Henrique Cayado*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1931.

NASCIMENTO, Aires A. J. V. *Pina Martins em convívio com os clássicos*. Academia das Ciências de Lisboa, Classe das Letras. Comunicação apresentada à Classe das Letras na sessão de 21 de janeiro de 2010.

NETO, João Ângelo Oliva. *Falo no Jardim. Priapeia Grega, Priapeia Latina. Tradução do Grego e do Latim, Ensaios Introdutórios, Notas e Iconografia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

-----, *O Livro de Catulo: poemas traduzidos*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1993.

----- . Riso invectivo Vs. Riso anódino e as espécies de iambo, comédia e sátira. In: *Letras Clássicas*. São Paulo: FFLCH/ USP, Humanitas, no. 7, junho de 2003.

NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismos e Anti-Humanismos (Introdução à Antropologia Filosófica)*. Petrópolis: Vozes, 1988.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. II volume - Cultura Romana. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 3ª. ed., 1984.

PIMENTEL, Antonio Marcos Gonçalves. *Amor e Morte em Catulo: Limites e Aproximações*. In: *Anais do IV CLCOIL – UERJ*. Volume Único 2009: IV Congresso de Letras Clássicas e Orientais em homenagem à professora Dr. Ruth Junqueira de Faria.

PLESSIS & LEJAY. *Oeuvres de Virgile. Texte latin*. Paris: Librairie Hachette. S/d.

RAMALHO, Américo da Costa. *A introdução do humanismo em Portugal*. In: *Estudos sobre o século XVI. Temas portugueses*, 2ª. edição aumentada, Lisboa, 1983.

-----, *Latim renascentista em Portugal*. Textos universitários de ciências sociais e humanas. Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª. edição, Coimbra, fevereiro de 1994.

----- . *Miscelânea de estudos em honra do prof. Américo da Costa Ramalho*. Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Coimbra, julho de 1992.

RAMOS, Feliciano. *História da Literatura Portuguesa*. Braga: Livraria Cruz, 1967.

RESENDE, André de. *Oratio pro rostris*, Lisbonne, 1534.

BISCETTI, Rita. *Contributo alla storia dell'umanesimo portoghese - il primo libro degli Epigrammi di Henrique Cayado*, Paris - Fundação Calouste Gulbenkian, - 1978, sep. do Arquivo do Centro Cultural Português.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *A Poesia Pastoral: As Bucólicas de Virgílio*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2006.

ROSA, Tomás da. *As Éclogas de Henrique Caiado*. Separata de Humanitas. Vols. I e II da Nova Série. (Vols. V e VI da Série Contínua). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1954.

SAUVAGE, Odette. *L'itinéraire Érasmien d'Andre de Resende*. Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, 1971.

TANNUS, Carlos Antonio Kalil. *Um olhar sobre a Literatura Neolatina em Portugal*. In: Revista Calíope – Presença Clássica. Número 16, Rio de Janeiro: UFRJ, Dez/2007.

TARRANT, R. J. *Senecan drama and its antecedents*. Harvard Studies in Classical Philology (HSPC) 82.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. *Relações de Poder em Roma: o patronato na correspondência pliniana*. São Paulo/Maringá, 2000.

WEST, Martin. *Studies in Greek elegy and iambus*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 1974.

4. Obras de apoio:

AYMARD, A. & AUBOYER, J. *Roma e seu império*. Vol I. São Paulo: Difel, 1974.

BENOIST, Eugène et GOELZER, Henri. *Nouveau dictionnaire latin-français*. Paris: Garnier, s/data.

BIZOS, M. *Sintaxe latine*. s/e. Paris: Libr. Vuibert, 1965.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

----- . *Dicionário mítico-etimológico da mitología grega* (2 vol.) Petrópolis: Vozes, 1991.

CARDOSO, Zelia de Almeida. *Iniciação ao latim*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étimologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1968-1980. 2v.

CLIMENT, Mariano Bassols de. *Sintaxis Latina*, 8ª. Reim. Madri, Cosejo Superior de Invest. Cient., 1987, vols. I-II.

ERNOUT, Alfred. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1959.

----- & THOMAS, François. *Sintaxe Latine*. Paris: Klincksieck, 1953.

----- . *Morphologie du latin*, 3ª. ed. Paris: Ed. Klincksieck, 1974.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

----- . *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: Campanha Nacional de Materia de Ensino, 1956.

FERREIRA, Antonio Gomes. *Dicionário de latim-português*, s/e. Porto: Porto Ed. 1983.

FILHO, José Rodrigues Seabra & CACHICI, Rogério Cangussu Dantas. *O Latim e o texto jurídico*. São Paulo: Bookseller Editora, 2006.

FREIRE, S. J. *Gramática latina*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia e Livraria A. L. Braga, 1987.

FIGUEIREDO, José Nunes & ALMENDRA, Maria Ana. *Compêndio de gramática latina*. Lisboa: Porto Editora, LTDA, 1952.

GARCIA, Janete Melasso. *Introdução à Teoria e Prática do latim*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

----- . *Língua Latina: A teoria sintática na prática dos textos*. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

GEORGIN, CH. E BERTHAUT. *Cours de latin. Grammaire Complète (pour la version et le theme)*. Quatrième édition. Paris: Librairie A. Hatier, 1945.

GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. 2a. ed. Corrigée. Paris: Presses Universitaires de France, 1958.

GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo: Cultrix, s/d.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica – Grega e Latina*. Tradução de Mário da Gama Kury . Rio e Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

LEITE, Marques & JORDÃO, Novaes. *Dicionário latino vernáculo (Etimologia, literatura, história, mitologia e geografia)*. Rio de Janeiro: Editora Luz Ltda, 1958.

MARTINS, Paulo. *Elegia romana. Construção e efeito*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH, setembro de 2009.

MAROUZEAU, J. *Traité de Stylistique Latine*. Paris: Société D'Édition Les Belles Lettres, 1946.

QUICHÉRAT, L & DAVELUY, A. *Dictionnaire Latin-Français*. Paris: Hachette, 1916.

RAGON. *Gramática latina*. São Paulo: Editora do Brasil S/A., 1961.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha & SIMONETTI, Flora. *Gramática Latina para Seminários e Mosteiros*. Rio de Janeiro: do Autor: 2007, vol 1.

RUBIO, Lisardo. *Introducción a la sintaxis estructural del latin*. Barcelona, Ed. Ariel, 1966, vols I-II.

----- & ROLAND, Tomas Gonzalez. *Nueva gramática latina*. Madri, Editorial Colóquio, 1985.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 2. ed. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, s/data.

SILVA, Amós & CARNEIRO, Francisco da Silva. *Estrutura do latim*: Rio de Janeiro: Copyright c, 1980.

----- & MONTAGNER, Aírto Ceolin. *Dicionário latino português: etimologias, gramáticas, derivações e exemplos*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2009.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1942.

APÊNDICE: Tradução²³⁹ dos *Epigrammata* do livro I de Henrique Caiado

DE HENRIQUE CAIADO

ULISSIPONENSE²⁴⁰

LIVRO I DOS EPIGRAMAS

AO LIVRO.

EPIGRAMA

I.

**Eu²⁴¹ disse muitíssimas vezes, livrinho,
que não te apressasses em apresentar-te fora do seguro umbral de
teu autor; não deves andar por aí ao acaso.
Se desejares sair por aí tão depressa, serás recebido
pelas zombarias e pelas gargalhadas do povo. 5
Contudo agora a lima e a correção te envergonham
e te recusas a ser manchado por breves rasuras;
a tabuinha intacta te agrada mais
e queres partir ornamentado apenas com a tua aparência.
Não sabes o que fazes, pobrezinho, não sabes, 10
enquanto com ouvido insensato andas à procura de aplausos
e foges da aridez e da ordem da biblioteca.
Quantos risos de escárnio provocarás no povo? E que
vaias provocarás na plebe? Quantas patas de burro
apertarão as orelhinhas? E o bico da cegonha? 15
Quantos cães sentirão sede? Quantos murmúrios haverá
aqui e ali?
quão frequente será o sussurro?
Serás obrigado a procurar as trevas e a sustentar as traças
destruidoras, sujo de poeira.
Em vão te advirto, ó livro, a que voltes atrás: 20**

---

²³⁹ O Livro I de Henrique Caiado contém 82 epigramas, subdivididos em literários, morais, votivos e fúnebres e há no livro II mais 106 epigramas com a mesma subdivisão.

²⁴⁰ Que nasceu em Lisboa, o Lisboeta.

²⁴¹ Caiado se dirige ao próprio epigrama numa espécie de conversa entre autor e obra, entre criador e criatura, como o próprio Marcial fazia em alguns de seus epigramas. Vale lembrar que os epigramas iniciais poderiam servir como prefácio para apresentar os escopos do poeta como acontecia na comédia e na tragédia.

**HERMICUS CAYADO.
HERMICI CAYADO
ULYSSIPONENSIS
EPIGRAMMATUM
LIBER I
AD LIBRUM.
EPIGRAMMA
I.**

**Dixi saepius, ò Libelle, tutum
ne limen properes parentis extra
prodire: haud temere tibi vagandum est.
Ronchis excipieris, & cachinnis
vulgi, tam cito si cupis vagari. 5
Sed jam lima tibi, & litura sordet,
offendi brevibus notis recusas,
atque intacta magis placet tabella,
et tantum cute vis decorus ire.
Nescis quid facias, miselle, nescis, 10
dum plausus stolidi aucuparis aure,
squalloremque fugis, situmque nidi:
quos risus populo movebis? & quae
vulgo sibila? quot manus aselli
fingent auriculas? Ciconiaeque 15
rostrum? quot sitient canes? quot hinc &
illinc
illinc murmura? quam frequens susurrus?
Cogeris tenebras sequi, trucesque
blattas pulvere sordidus fovere.
Nequicquam moneo, Liber, recedis: 20**

**estamos falando com surdos: fica, livrinho,
ou, se queres prosseguir, e não permanecer aqui
pelo menos enquanto os leves espargos se amadurecem
pela última vez, guarda na memória este nosso conselho.**

**Que seja teu protetor 25
aquele meu caro Teixeira, não só a glória, mas também a honra
e a esperança e o único sustentáculo dos seus:
em comparação com ele, nada de mais esplêndido ou então de mais
brilhante a nossa Lusitânia criou;
foi o primeiro que mostrou, 30
em um belo discurso,
que a nossa pátria fala o latim e que a nossa raça provém dos latinos;
é quem conhece perfeitamente nossas musas, bem como as gregas
e examina as leis dos Césares
duas e três vezes; sendo ele teu defensor, nada temerás, 35
Vai agora, ó Livrinho; irás com mais segurança.**

A CUPIDO. EPIGRAMA II.

**Os deuses se disfarçaram sob várias aparências
quando a fúria dominava o terrígeno²⁴² e os deuses,
eu gostaria de saber, Cupido, sob que imagem, tu, dissimulado,
terias fugido de mãos insidiosamente hostis?
“Eu sempre fui o senhor da aljava e do arco soante: 5
em meu império não há lugar para a inveja;
os Gigantes²⁴³ puderam ameaçar os reinos de Júpiter,
não os meus, que eu era até mesmo maior que o grande Júpiter”.**

---

²⁴² Alusão a Tifeu, filho da Terra, que ameaçou os deuses e estes foram obrigados a fugir, metamorfoseados (Júpiter se disfarçou em Amon, Apólo em corvo, Dioniso em bode, Febe em gata, Juno em vaca, Vênus em peixe, Mercúrio em Íbis). O fato é relatado por Ovídio (Met. 5, 321-331).

*“emissumque ima de sede Typhoea terrae
caelitibus fecisse metum cunctosque dedisse
terga fugae, donec fessos Aegyptia tellus
ceperit et septem discretus in ostia Nilus.
Huc quoque terrigenam uenisse Typhoea narrat 325
et se mentitis superos celasse figuris;
“duxque gregis” dixit “fit Iuppiter: unde recuruis
nunc quoque formatus Libys est cum cornibus Ammon;
Delius in coruo, proles Semeleia capro,
fele soror Phoebi, niuea Saturnia uacca, 330
pisce Venus latuit, Cyllenius ibidis alis.”*

²⁴³ Os Gigantes rebelaram-se contra os deuses e os atacaram, porém foram derrotados e aprisionados nas profundezas da terra.

**Cum surdis loquimur: mane, ò Libelle,
 vel si pergere, nec hic morari,
 saltem dum asparagi leves coquantur,
 postremum hoc memori reconde mente
 nostrum consilium: Patronus esto 25
 Tessira ille meus, decusque, honorque, &
 spes, & praesidium unicum suorum:
 quo nil splendidius, nitentiusve
 Lusitania nostra procreavit,
 qui primus patriam loqui latine, 30
 et nostrum genus esse de Latinis
 monstravit lepida locutione,
 qui nostras bene callet, & Pelasgas
 musas, juraque Caesarum revolvit
 bis, ter, vindice quo nihil timebis: 35
 i nunc, tutior ibis, ò Libelle.**

AD CUPIDINEM.

EPIGRAMMA

II.

**In varias Superi se mutavere figuras,
 terrigenum premeret cum furor & Superos.
 Scire, Cupido, velim, qua tu sub imagine tectus
 fugeris hostiles insidiose manus?**

Possedi

**Possedi semper pharetramque, arcumque sonantem: 5
 imperium in nostrum non locus invidiae est:
 regna Jovis potuere feri affectare Gygantes,
 non mea, qui magno vel Jove maior eram.**

AO REI MANUEL

EPIGRAMA

III.

**Ó grande rei, glória da Hespéria²⁴⁴, por meio do chefe²⁴⁵ o valor,
conciliado, veio do céu à terra.**

**Tu superas os feitos mais ilustres de teus antepassados:
os séculos de ouro de novo retornam, sendo tu o soberano.
Teu nome chegou até mesmo junto aos trigueiros indianos: 5
o Oceano impele tuas velas e o Pai as traz de volta
e os limites do extremo mundo se submetem às tuas
leis, tu és o maior dos reis, ó Manuel²⁴⁶.**

AO PONTÍFICE PEDRO EGITANIENSE.

EPIGRAMA

IV.

**Talento, piedade²⁴⁷, dignidade, facúndia, justiça
são os dotes de tua alma, ó ínclito Pedro. 2
Estes bens o tempo nunca devora, nem Mulcíbero²⁴⁸
destrói. O restante depende do arbítrio da Fortuna.**

---

²⁴⁴ As regiões do Ocidente são denominadas Hespéria.

²⁴⁵ *Praesis, praesidis* (chefe militar)

²⁴⁶ Vale lembrar que Caiado obteve muitos favores de seu caríssimo rei mormente financeiros.

²⁴⁷ *Pietas* é o sentimento do dever para com os Deuses.

²⁴⁸ É um dos epítetos de Vulcano, deus do fogo.

AD EMMANUELEM REGEM.

EPIGRAMMA

III.

**Hesperiae, Rex magne, decus, quo praefide virtus
e coelo in terras conciliata venit.**

**Maiorum superas clarissima facta tuorum:
aurea te redeunt principe saecula iterum.**

**Nigros usque tuum nomen penetravit ad Indos: 5
vela tua Oceanus fertque, refertque Pater.**

**Extremique tuis parent confinia mundi
legibus, es Regum maximus, Emmanuel.**

AD PETRUM AEGITANIENSEM PONTIFICEM.

EPIGRAMMA

IV.

**Ingenium, pietas, gravitas, facundia, justum 2
sunt animi dotes, inclyte Petre, tui.**

**Haec bona tempus edit numquam, nec Mulciber urit:
fortunae pendent caetera ab arbitrio.**

Felix

Que sejas feliz, ó príncipe, e que seja três e mais vezes feliz   5
aquele que te faz agir a partir de seus conselhos.
Com isso tantos povos se inclinam sob a paz de Palas
e cresce venturoso o governo de meu rei.
Como seria bom se o palácio celeste se entregasse a ti²⁴⁹,
Como seria bom, se em nome de Cristo, promulgasses leis a serem   10
veneradas! Presságios certos movem o adivinho: vejo os tempos sagrados
enrubescerem-se com tua púrpura sidônia.
Além disso, brilhas conspícuo com o tríplice²⁵⁰ diadema!
assim será e Apolo ratificará o prognóstico.

A NUNO CAIADO.

EPIGRAMA

V.

Tu me obrigas a aprender, Nuno, o direito civil,
e me ordenas agora a abandonar pela vara²⁵¹ meus plectros.
Quem permuta os doces cantos pelas rixas ferozes?
Quem prefere disputas ruidosas a nossos jogos poéticos?
As leis são lágrimas, queixas, perjúrios, contestações   5
e crimes permitidos e dolos subentendidos.
Quem pode observar a sordidez dos réus com olhos impassíveis?
Quem pode suportar o pranto com um insensível coração?

---

²⁴⁹ Isto é, se abriria a ti, no sentido de ter confiança.

²⁵⁰ Alusão ao bispo e às suas vestes. Notamos que o poeta mistura elementos cristãos com os pagãos.

²⁵¹ *Rudis*, -is não é uma vara qualquer, os gladiadores recebiam-na do pretor, quando eram licenciados. Na verdade, o poeta não quer deixar de escrever poesias para se sentir na obrigação de ter de obedecer a alguém ou de aprender contrariamente o Direito na Faculdade.

Felix, ò Princeps, felix ter & amplius ille,   5
qui te consiliis admovet usque suis!
Hinc tot Palladia populi sub pace recumbunt,
et crescunt Regis sceptrum beata mei.
Quam bene coelestis tibi sese crederet aula,
quam bene pro Christo jura verenda dares!   10
Certa movent vatem praesagia, cerno rubere
murice Sidonio tempora sacra tibi.
Quid quod conspicuus triplici diademate fulges?
Sic erit, & faciet omen Apollo ratum.

AD NONIUM CAYADUM.

EPIGRAMMA

V.

Discere me cogis, Noni, civilia jura,
et donare jubes jam mea plectra rude.
Dulcia quis trucibus permutat carmina rixis?
Quis praefert nostris jurgia rauca jocis?
Sunt leges lachrymae, questus, perjurium, lites,   5
invetitumque nefas, implicitique doli.
Quis sordes aequis oculis spectare reorum,
quis fletus duro pectore ferre potest?

Acaso eu entenderia como nugas as mentiras do foro?
Acaso eu concederia ouvidos favoráveis aos vãos causídicos? 10
Como é agradável ler histórias, monumentos dos antigos varões,
e desvendar a partir delas os costumes dos homens!
Por que eu falaria de sentimentos escondidos em uma nuvem misteriosa?
Por que eu falaria de mistérios sagrados de forma imposta?
Acrescenta as luzes muito brilhantes da abóbada celeste, 15
e as causas das coisas²⁵² e as informações sobre os deuses.
Estas coisas eu não venderia nem mesmo se alguém me entregasse o
Pactolo²⁵³ e o Hermo; e existe a vida para todos, e a mesma morte.
Pois, se me são necessários riquezas e o metal dourado,
tu não me permitirás que minhas musas sejam indigentes. 20
Que outros se introduzam nos tetos dos chefes e nos Penates dos
próceres:
para mim tu podes estar na presença de todos os reis.

SENTENÇA DO GREGO²⁵⁴

EPIGRAMA

VI.

Há mais lutas de cervos sendo governante o leão
do que as guerras que o leão ocasiona sob o cervo comandante. 2

²⁵² Em Virgílio (*Geórgicas* II, 490) há também referência à expressão “as causas das coisas”: *Felix qui potuit rerum cognoscere causas* (...) (feliz aquele que pode conhecer as causas das coisas). Alusão a Lucrécio, cuja filosofia se propõe a suprimir no homem o medo do inferno. Cf. PLESSIS & LEJAY. *Oeuvres de Virgile. Texte latin*. Paris: Librairie Hachette. S/d, p. 162.

²⁵³ Hermo, rio da Lídia, afluente do Pactolo.

²⁵⁴ Marcial já dizia, em seu epigrama 86 do segundo livro, que os poemas que se prestam a divertir os leitores por meio de sutilezas de leitura, alusões ou compreensão, assim como não se deveria obrigar Ladas, especialista em corrida, a desempenhar as difíceis funções de um equilibrista, não se deve também incluir na poesia ligeira – cuja especialidade é agradar e divertir sem esforço – adivinhações e enigmas que tornem difícil sua compreensão. Conferir também o epigrama 72 do livro I de Caiado.

Men nugas audire fori mendacia? Vanis	
men praeberere aures causidicis faciles?	10
Ut juvat historias veterum monumenta virorum	
perlegere, & mores inspicere inde hominum.	
Quid referam arcana sensus in nube latentes?	
Quid referam obstrusis mystica sacra modis?	
	Adde
Adde & convexi clarissima lumina mundi,	15
et rerum causas, notitiamque Deum.	
Haec ego, Pactolum si quis mihi tradat, & Hermum,	
non vendam; est cunctis vitaque, morsque eadem.	
Quod si divitiis opus est, fulvoque metallo,	
esse inopes Musas non patiere mihi.	20
Tecta ducum subeant alii, procerumque penates:	
tu mihi pro cunctis Regibus esse potes.	

EX GRAECO SENTENTIA.

EPIGRAMMA

VI.

Prælia cervorum pluris ductore leone,	
quam leo quae cervo sub duce bella gerit.	2

AO REITOR DE BOLONHA.

EPIGRAMA

VII.

**Quanta honra tenha sido para ti e quanta glória, Reitor,
e com quantos louvores te tenham todos exaltado.
Daqui podes ter conhecimento: alguém saiu alegre, alguém farto
e alguém cambaleante.**

Todos cantaram a Baco e às coisas sagradas baqueias. 5

**O próprio Bentívolo Galeax²⁵⁵ ficou ébrio,
eu próprio então falava afinal em cem línguas
e cantei subitamente mil poemas com o pé²⁵⁶.**

A ALBERTO TÁSSINO.

EPIGRAMA

VIII.

**Temes confiar às exíguas vagas o vigoroso almieiro
e as estrelas fixas do seguro pólo.
Tássino, teu é o remo que nem o sevo Orion²⁵⁷
nem as Híades²⁵⁸ nem a espécie marinha²⁵⁹ perturbem.
Porque se acaso a ira do mar se lance sobre ti mais violenta 5**

---

²⁵⁵ *Bentivolus Galeax* é o nome e o sobrenome do rapaz que ficou ébrio.

²⁵⁶ Entendemos que o Caiado está se referindo nesta passagem ao mesmo pé métrico.

²⁵⁷ Oríon era caçador, transformado por Diana em uma constelação que possui seu nome.

²⁵⁸ As Híades são as irmãs de Hias também transformadas em uma constelação que anuncia a chuva.

²⁵⁹ Nem a espécie de animais marítimos.

AD RECTOREM BONONIENSEM.

EPIGRAMMA

VII.

**Quantus honos fuerit tibi, quantaque gloria, Rector,
Et quantis te omnes laudibus extulerint;
Hinc novisse potes, nemo non laetus abivit,
Nemo non fartus, nemoque non titubans.
Cantavere omnes Bacchum, Baccheaque sacra: 5
Bentivolus Galeax ebrius ipse fuit:
Ipse loquebar ego centum tum denique linguis,
Et cecini subito carmina mille pede.**

AD ALBERTUM TASSINUM.

EPIGRAMMA

VIII.

**Exiguus validam committere fluctibus alnum,
securique times sidera certa poli.
Est, Tassine, ratis tua, quam nec saevus Orion,
nec turbent Hyades, nec pluviale pecus.
Quod si forte maris violentior ingruat ira, 5**

**e o triste navegante trema as insanas águas,
tu próprio terás estado em Elice²⁶⁰ e aquela cinosura
tomará um seguro caminho para a batida popa, segundo o teu nume.
A minha barca encontra-se há muito tempo sob várias procelas,
e o costumeiro vento que não faz avançar as minhas velas.   10
Estende-me a corda. Pelos teus sinais,
eu, ocioso, terei encontrado um porto no desejado litoral.**

AO REITOR DE BOLONHA.

EPIGRAMA

IX.

**Assim como, vencidos os inimigos, Roma assistia ao triunfo e às
derrotadas tropas na sua retaguarda;
agora a douta Bolonha ferve em multívaga assembleia,
e apraz que as aldeias verdejem com fronde nova.
Jano²⁶¹, este teu decoro como reitor   5
e este teu nome já igualam com aplausos aos Césares e aos celícolas.**

---

²⁶⁰ Consta no dicionário de Saraiva, *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, o vocábulo Elice,-es (Elice), cidade da Acaia na Grécia antiga.

²⁶¹ Caiado se refere ao reitor Jano, modelo e ação do homem renascentista a serviço da cultura e da Igreja. Consoante à nossa pesquisa, ele foi designado reitor durante o período de 1485 a 1489. O centro de seus ataques foi o Concílio Vaticano I.

**et tremat insanas navita tristis aquas,
ipse Elice quassae fueris cynosuraque puppi,
illa tuo tutum numine carpet iter.
Versatur variis dudum mea cymba procellis:
velaque qui solitus non mea ventus agit. 10
Tende mihi restim, tua per vestigia portum
nactus in optato littore deses ero.**

AD RECTOREM BONONIENSEM.

EPIGRAMMA

IX.

**Sic ut devictis spectabat Roma triumphum
hostibus, & vinctas post sua terga manus:
fervet multivago nunc docta Bononia coetu,
et vicos gaudet fronde virere nova.**

Jane

**Jane, tuum decus hoc, Rector: jam plausibus aequant 5
Caesaribus nomen, Coelicolisque tuum.**

**fim do ano como Jano²⁶², como Jano é origem.
Dessa honra princípio e fim serás.**

A PEDRO ANTONIO AZIAROLO.

EPIGRAMA

X.

**Que tens com os papéis? Com o capacete²⁶³ melhor a couraça.
Marte²⁶⁴ largamente reina, a ferida Tália²⁶⁵ foge.
A bélica serpente levanta-se sobre o peito escamante,
e o adriático leão prepara cruentas guerras,
e o capacete encimado por um penacho alado vem 5
com chios de mau agouro, imitando²⁶⁶ Ausônia²⁶⁷ e os lares dardânios²⁶⁸.
A orvalhada noite também ameaça muitas vezes aos eugâneos²⁶⁹.
Que aquela sanguinolenta ameace os seus pelotões.
Em vez da coroa de louro²⁷⁰, o dardo, em vez da videira que a lança te agrade.
Que os tambores cedam o lugar às recurvadas trombetas, as liras²⁷¹ 10
às tubas. Que os ociosos e os inertes corações se dirijam a Castália²⁷².
Agora beber água no meio do Estrímão²⁷³ é tempo.**

---

²⁶² Jano nesta passagem não diz respeito ao personagem de Bolonha acima referido, mas ao deus dos Romanos. Jano era o deus do início e do fim. O templo de Jano nacional era um pequeno santuário de bronze no *Forum*, com portas abrindo para seus lados leste e oeste. As portas permaneciam abertas em tempo de guerra e fechadas em tempo de paz. Caiado na verdade faz um jogo com a palavra Jano de dupla interpretação. Cabe ao leitor interpretar corretamente a intenção do poeta. No último verso, Caiado alude novamente ao reitor que como o deus Jano deve ser o início e o fim desta honra.

²⁶³ *Cassis, cassidis* (capacete de metal). Em seu sentido figurado, o vocábulo pode designar “guerra”.

²⁶⁴ Deus Marte era uma antiga divindade itálica que na Grécia era cotejada com o deus Ares, deus bélico, filho de Juno. Também era considerado pai de Rômulo e do povo romano.

²⁶⁵ Tália, a Musa da poesia, considerada uma das nove Musas que presidia aos banquetes alegres.

²⁶⁶ Os italianos e troianos também usavam um capacete com penacho que fazia estrépito.

²⁶⁷ Ausônia é a Itália atual.

²⁶⁸ Dardânios eram os troianos que veneravam os Deuses Lares dos seus antepassados.

²⁶⁹ Povo da Itália Setentrional.

²⁷⁰ O loureiro era consagrado a Apolo. Com as folhas de loureiro coroavam-se os generais triunfantes.

²⁷¹ *Plectrum* era uma varinha de marfim com a qual se tocavam as cordas da lira. Também pode ser traduzido pela própria lira.

²⁷² Castália, nome de uma fonte da Beócia, consagrada a Apolo e às Musas.

²⁷³ Estrímão, rio da Trácia.

**Finis ut anni Janus, ut Janus origo est,
hujus principium, & finis honoris eris.**

AD PETRUM ANTONIUM AZIAROLUM.

EPIGRAMMA

X.

**Quid tibi cum chartis? potior cum casside thorax:
Mars late regnat, pulsa Thalia fugit.
bellicus insurgit squallenti pectore serpens,
adryacusque parat bella cruenta leo,
cristatusque venit diris occentibus ales   5
implens Ausoniam, Dardaniosque lares.
Euganeis etiam minitatur roscida luna,
efferat illa suos sanguinolenta globos.
Pro lauro cornus, placeat pro palmite quercus,
concedant lituis tympana, plectra tubis.   10
Castaliam segnes adeant, & inertia corda,
nunc bibere in medio Strymone tempus aquam.**

**Convém servir aos tempos, agora narra sobre os ventos
por toda parte, agora o solerte nauta colhe as velas do navio.
agora o vigoroso lavrador fende a terra com uma dura relha²⁷⁴, 15
agora com uma foice agrada-lhe lavrar²⁷⁵ a terra.
Coragem! vai, Pedro, toma as armas na mão e insere o capacete com
penacho; nossa Palas²⁷⁶ também corre às armas.**

A LUCAS RIPA.

EPIGRAMA

XI.

**Pedes coisas justas ao menino egrégio e sacrifícios²⁷⁷ ao sepultado
e lágrimas ao morto e piedosos incensos às piras.
Este ofício é teu, Ripa, pois sendo tu o chefe,
ele tinha sido habituado a escalar os santos limiares da virtude.
Sendo guia tu, ele cultivou o engenho e os excelentes costumes. 5
Portanto, esculpe tu os mármoreos com os seus títulos.
Nem é justo que tu te deixes abater à tristeza ou sucumbas ao luto.
É torpe a um varão dar as costas submetidas às adversidades.
Ele costumou a transcorrer a margem do Pó²⁷⁸ do Vêneto,
agora nada à margem do Eridano²⁷⁹ do Elísio²⁸⁰. 10**

---

²⁷⁴ *Vomer, vomeris* (relha do arado), isto é, a ponta da lâmina que abre os sulcos.

²⁷⁵ O verbo *secare* significa sulcar a terra com arado.

²⁷⁶ Palas Atená ou Minerva, deusa das guerras e das belas artes.

²⁷⁷ São os sacrifícios em honra aos mortos.

²⁷⁸ *Padus* é o Pó, grande rio da Itália, que desemboca no mar Adriático.

²⁷⁹ Eridano é outro nome dado ao Pó, rio da Itália.

²⁸⁰ O Elísio é a morada dos heróis e das pessoas virtuosas, depois da morte.

**Temporibus servire decet: nunc explicat euris
undique, nunc solers carbasa nauta legit.
Nunc duro validus terram proscindit arator 15
vomere, nunc segetem falce secare juvat.
Eia age, Petre, cape arma manu, galeamque comantem
indue, nostra etiam Pallas in arma ruit.**

AD LUCAM RIPAM.

EPIGRAMMA

XI.

**Justa petis puero egregio, inferiasque sepulto,
et cineri lachrymas, & pia thura rogis.
Officium hoc est, Ripa, tuum: nam te duce sancta
limina virtutis scandere suetus erat.
Auspice te ingenium coluit, moresque probatos, 5
tu titulis igitur marmora sculpe suis.
Nec te moerori est aequum, aut subcumbere luctu:
turpe viro adversis terga subacta dare.
Ille Padi solitus Veneti transcurrere ripam:
Eridani ad ripam nunc natat Elysii. 10**

A ALBERTO TÁSSINO.

EPIGRAMA

XII.

**Tássino, volta às interrompidas funções dos vates
e que te agrada mexer frequentemente a cítara Aônia²⁸¹.
No tempo de mudar os costumes também a vida deve ser mudada.**

Deve-se viver pelo único arbítrio do tempo.

**Nas florestas estivemos, as florestas nos deram ócios, 5
quais ócios das Castálides²⁸² a turba deseja.**

**Colhemos no outono frondente doces cachos de uvas
e escolhemos com a desejosa mão doces frutos.**

**As hibernais noites persuadem às folhas a desbotar
e no meio da noite o vigilante com seu candeeiro chama: 10
“Coragem! faze!” Cultivemos as Musas com um purificado coração.**

Lança fora o torpor e a preguiça²⁸³.

**Imita o campo, percebes que os cultivados campos crescem férteis?
Percebes que o solo não cultivado fica estéril e sem os produtos da terra?**

---

²⁸¹ A Aônia localiza-se na Beócia, região da Grécia antiga.

²⁸² *Castalides* são as Musas.

²⁸³ O poeta nesta passagem ordena ao personagem a deixar a preguiça de lado para imitar o trabalho no campo como fazem os agricultores.

AD ALBERTUM TASSINUM.

EPIGRAMMA

XII.

**Intermissa redi, Tassine, ad munera vatum,
Aoniamque juvet sollicitare chelym.
Tempore mutandi mores, mutandaque vita:
vivendum est solo temporis arbitrio.
In silvis fuimus, dederunt silvae otia nobis,   5
otia, Castalidum qualia turba cupit.**

Carpsi-

**Carpsimus autumno dulces frondente racemos,
legimus & cupida mitia poma manu.
Hybernae suadent chartis pallescere noctes,
et vigil in media nocte lucerna vocat.   10
Eia age, purgato foveamus pectore Musas:
ejice torporem, desidiamque foras.
Rus imitare, vides ut culta feracia surgunt,
ut sterile incultum est, & sine fruge solum?**

DA HISTÓRIA GREGA

EPIGRAMA

XIII.

**Marte estava aos muros da cidade para onde uma mulher enviou
para guerrear cinco penhores de seu ventre:
ela deseja saber o resultado da batalha. Eis que
um certo homem diz à rogante que os seus jazem extintos na morte.
Ela diz a ele: “não isto, não isto, covardíssimo, procuro saber, mas   5
em que local tenha sido colocado o acontecimento mais elevado da
pátria?” “É da pátria a vitória” - diz ele. Ela se alegra e diz:
“não sofro terem assim morrido filhos meus”.**

A JANO LUCAS

EPIGRAMA

XIV.

**Não meças o presente que envio mas medita no íntimo, Jano,
porque envio o próprio ânimo²⁸⁴.   2
pois para que alguém envie dignos presentes aos teus méritos,
enviará divícias de Creso²⁸⁵, e este as de Midas²⁸⁶.**

---

²⁸⁴ Henrique Caiado neste epigrama pede que não seja avaliado somente o presente enviado, mas que seja levada em consideração a própria pessoa com o seu ânimo.

²⁸⁵ Creso era rei da Lídia, homem muito opulento.

²⁸⁶ Midas era rei da Frígia e também possuía muitas riquezas.

EX GRAECA HISTORIA.

EPIGRAMMA

XIII.

**Mars erat ad muros urbis, quo foemina misit
bellatum ventris pignora quinque sui:
eventum pugnae desiderat, ecce roganti
quidam ait, extinctos morte jacere suos.
Ad quem: Non hoc, non hoc, ignavissime, quaero,   5
sed quo summa loco sit sita res patriae?
Est patriae victoria, ait: laetatur, & inquit:
non doleo, natos sic cecidisse meos.**

AD JANUM LUCAM.

EPIGRAMMA

XIV.

**Quod mitto, noli metiri munus: at ipsum
quo mitto, introrsum perspice, Jane, animum.   2
Nam meritis ut digna tuis quis munera mittat,
divitias Croesi mittet, & ille Mydae.**

A PESTINO.

EPIGRAMA

XV.

**Com a milícia e com as musas a geração dos antepassados se alegrava,
e com as boas artes cultivou os campos.**

**Vênus, Baco e o jogo governam os nossos tempos
e tudo de costumes gera coisas piores.**

**Deste lugar, Pestino, está claro quão a velhice deva ser louvada: 5
nós nascemos (ó míseros séculos!) na lama dos homens.**

A LAURÊNCIO MONÍZIO.

EPIGRAMA

XVI.

**Um núncio me dissera ter Rombo²⁸⁷ caído com as aéreas flechas,
a mim aquele ingrato núncio.**

**Efetivamente à nossa prefiro a salvação do preceptor²⁸⁸,
por cujo engenho os nossos cantos fluem.**

**tudo de doutrina, tudo que me tocou de arte, 5
aquele notável concedeu e o ornamento gramatical.**

---

²⁸⁷ Trata-se de Gonçalo Rombo, homem muito estimado por Laurêncio e por Henrique Caiado que por sua vez foi discente do próprio Rombo.

²⁸⁸ Caiado refere-se ao seu mestre que lhe ensinou a doutrina e a gramática para que fosse capaz de escrever epigramas e outros tipos de poemas.

AD PESTINUM.

EPIGRAMMA

XV.

**Militia & Musis aetas gaudebat avorum,
cumque bonis agros artibus excoluit:
tempora nostra Venus, Bacchus, ludusque gubernant,
et quidquid morum deteriora parit.
Hinc, Pestine, liquet quam sit laudanda vetustas: 5
nos nati (misera ò saecula!) faece hominum.**

AD LAURENTIUM MONIZIUM.

EPIGRAMMA

XVI.

**Nuntius aeriis Rhombum cecidisse sagittis
dixerat, ingratus nuntius ille mihi.
Praeceptoris enim nostrae praepono salutem,
cujus ab ingenio carmina nostra fluunt.
Quidquid doctrinae, quidquid mihi contigit artis,   5
ille dedit princeps, grammaticumque decus.**

**Laurêncio, a tua letra ensinou Rombo a viver,
letra mergulhada no líquido da bacia da Castália²⁸⁹.
Que Júpiter conceda os anos de Nestor²⁹⁰ a Rombo
e que o próprio Rombo viva os dias de Titono²⁹¹ 10
e a ti, que por acaso trouxeste tamanha alegria,
chegue a honra da longa posteridade.**

A DIOGO DE SOUSA.

**EPIGRAMA
XVII.**

**Por causa do estrépito do vulgo, ninguém pode aplicar-se aos estudos
na cidade; no campo o engenho fica mais fácil.
Outrora lemos que os antigos poetas preservaram este costume,
Diogo, eu também conservo este costume.
Nos nossos tempos especialmente reina de fato Marte²⁹² 5
e a seva Palas está revestida nas comas pelo capacete de metal.
Nenhuns cantos agradam, são inquietações para os cidadãos as armas.
Sanguinolentas armas voam pelas faces dos varões.
Deste lugar eu tomei o assunto e encontrei a causa do cantar,
expus dos pastores as palavras que devem ser anotadas. 10
Acolhe os escritos do nosso labor que envio
para que o dia não pareça ter passado no sono.**

---

²⁸⁹ *Castalius, -a, -ium* (de Castália). Esta é a fonte da Beócia consagrada às Musas e a Apolo, fonte de inspiração e da cultura do mestre.

²⁹⁰ Nestor foi rei de Pilos e um dos heróis do cerco de Tróia.

²⁹¹ Titono era príncipe troiano, esposo de Aurora. A mesma pediu a Zeus para que concedesse ao marido a imortalidade, contudo ela se esqueceu de também solicitar a sua eterna juventude, com o tempo Titono começou a apresentar sintomas de velhice de modo que os deuses preferiram transformá-lo em cigarra.

²⁹² A guerra está sempre patente na época renascentista de Caiado.

**Vivere, Laurenti, docuit tua littera Rhombum,
 littera Castalii tincta liquore lacus.
 Nestoreos Rhombo concedat Jupiter annos,
 Tithoni vivat Rhombus & ipse dies, 10
 et tibi, laetitiam tantam qui forte tulisti,
 contingat longae posteritas honos.**

AD JACOBUM SOUSAM.

**EPIGRAMMA
 XVII.**

**Vulgi per strepitum studiis incumbere nemo
 urbe potest, ruri promptius ingenium est.
 Hunc morem antiquos quondam servasse poetas
 legimus, hunc morem servo, Jacobe, etiam.**

Tempo-

**Temporibus nostris praesertim, regnat enim Mars: 5
 et Pallas tegitur casside saeva comas.
 Carmina nulla placent: sunt curae civibus arma:
 sanguinolenta volant arma per ora virum.
 Hinc ego materiam sumpsi, causamque canendi
 nactus, pastorum verba notanda dedi. 10
 Excipe quae mitto nostri monumenta laboris,
 ne somno videar praeteriisse dies.**

A BARTOLOMEU BARBÁCIA.

EPIGRAMA XVIII.

**Bem dificilmente eu seria julgado de sã mente, Barbácia, na
Antícira²⁹³ e eu seria tido digno de mérito pela riqueza.
Se agora²⁹⁴ com um estrangeiro canto eu falasse a desconhecidos
povos, então todas as coisas quereriam²⁹⁵ para si um tempo²⁹⁶,
ajunta este fato que julgarão obtusos²⁹⁷ na bigorna os versos, 5
não a nossa, somente a língua maligna pode!**

A PEDRO ANTONIO AZIAROLO.

EPIGRAMA XIX.

**Se podes, que te aproximes para ver o velho amigo.
Mas se menos tiveres podido isto, pelo menos queiras ter-te 2
lembrado. Mas se tiveres podido por mil dolos vir para este lugar, Pedro,
de fato é fácil demais que tu logres o velho.**

---

²⁹³ Antícira era o nome de três cidades célebres pela produção da planta medicinal, denominada heléboro. É necessário afirmar que o heléboro era eficaz no tratamento da loucura.

²⁹⁴ Muita atenção para a correlativa *nunc ... cum* = agora ... então.

²⁹⁵ Optamos pela tradução no futuro do pretérito ao invés do subjuntivo.

²⁹⁶ Tudo requer um tempo.

²⁹⁷ A expressão, “os versos como obtusos na nossa bigorna”, está no sentido de versos rudes, grosseiros, construídos pelo poeta.

AD BARTHOLOMAEUM BARBATIAM.

EPIGRAMMA XVIII.

**Vix bene censerer sanae, Barbatia, mentis,
Anticyrae & merito dignus haberer ope.
Si nunc ignotas externo carmine gentes
alloquerer, tempus cum sibi cuncta velint.
Adde quod obtusos versus incude putabunt
non nostra, tantum lingua maligna potest!**

5

AD PETRUM ANTONIUM AZIAROLUM.

EPIGRAMMA XIX.

**Si potes, accedas veterem visurus amicum:
sin minus id poteris, at meminisse velis.
Sed poteris per mille dolos huc, Petre, venire,
nam facile est nimium, te dare verba seni.**

2

A EBERACO.

EPIGRAMA

XX.

**Eberaco, chegou à tua casa²⁹⁸ o estrangeiro Lantono
ao qual a pátria é a terra fértil da Bretanha.
Ele deixou os coros de meninas e os jogos
felsíneos, em nada movido pelo amor da amante.
E calcou com os pés a lama e superou as ondas 5
do Erídano²⁹⁹, transportado num leito fluvial estreito não seguro:
ele sofreu apenas para que visitasse o caro amigo,
para que te agrade ele passaria coisas até mais graves.**

CONTRA LEGULEIO.

EPIGRAMA

XXI.

**Tanto mal perceberás sempre os direitos civis
- o que nos cansou- quanto mal conheces o caminho³⁰⁰. 2
e qual conselho nos deste, indouto,
tal muitas vezes darás aos clientes, ímprobo.**

²⁹⁸ Vale a pena lembrar que o vocábulo *aedes* no plural tem valor de coletivo e indica o conjunto de uma construção como casa, habitação.

²⁹⁹ O Erídano é o nome que os Gregos davam ao Pó, rio da Itália superior.

³⁰⁰ Leguleio despreza o caminho correto a percorrer.

AD EBERACUM.

EPIGRAMMA

XX.

**Eberace, tuas advenit Lantonus aedes
hospes, cui patria est terra Britanna ferax.
Ille puellares choreas, ludosque reliquit
felsineos, dominae motus amore nihil.**

Calcavitque lutum pedibus, superavit & undas

Eridani haud tuto vectus in alveolo:

**viseret ut charum tantum est perpressus amicum,
perseret ut placeat vel graviora tibi.**

IN LEGULEIUM.

EPIGRAMMA

XXI.

**Tam male percipies semper civilia jura,
quod nos lassavit, quam male nosis iter. 2
Qualeque consilium nobis, indocte, dedisti,
tale clientelis, improbe, saepe dabis.**

A PEDRO NICOLEIO.

EPIGRAMA

XXII.

**A quem o amor não engana? Cada um despreza o seu amigo mais do que
é justo, o amor não julga bem.**

Se alguém ama uma feia, alegra-se em preferi-la a Neera.

Não existe , Pedro, nova função para a amizade.

Eu não pude ter dito coisas dignas ao meu Felipe. 5

Nada existe, Cabalo, que julgues digno de louvor.

**Estou rouco, sem ornamento canto, mas rompemos as auras,
tal qual na Arcádia zurra o burrinho inerte.**

**Mas tu além disso espalhas dignos cantos de Apolo,
mas a primeira glória das Musas te permanece. 10**

**Que continues a apoiar a romana língua que cai³⁰¹,
e sê para os teus Faventinos³⁰² esperança e decoro.**

---

³⁰¹ A romana língua que está decadente, que está desaparecendo, que já não tem muito prestígio.

³⁰² Os Faventinos são os habitantes da região denominada Favência.

AD PETRUM NICOLEUM.

EPIGRAMMA

XXII.

**Quem non fallit amor? Plus aequo jactat amicum
unusquisque suum: non bene censet amor.
Si quis amat turpem, gaudet praeferre Neerae:
non est, Petre, novum munus amicitiae.
Non ego digna meo potui dixisse Philippo: 5
nil est quod dignum laude, Caballe, putes.
Sum raucus: sine honore cano; sed rumpimus auras,
qualis in Arcadia rudit asellus iners.
Sed tu vel dignas effundis Apolline voces:
sed te Musarum gloria prima manet. 10
Romanam pergas linguam fulcire cadentem:
esto Faventinis spesque, decusque tuis.**

A BENEDITO BARBÁCIA.

EPIGRAMA

XXIII.

**Átalo³⁰³ acumulou não só imensas riquezas como também ouro,
e Crespo tinha magno acervo de ouro.
E Midas³⁰⁴ fez ouro tudo o que apalpara,
Nada além de ouro foi a mesa e o alimento³⁰⁵,
mas eu tivera apenas uma única onça de metal candente,   5
que a néscia língua me raptou.
Quanto melhor do que a dos causídicos parece a sua língua
que faz que os reis superem as divícias.
Consagro as contestações em juízo, nada ousar dizer contra.
Ah! Já estou proibido de contestar-te, Benedito.   10
Devolve, suplico-te, as moedas, tem compaixão do desprovido poeta.
Se levas as moedas, os cantos acabam.**

---

³⁰³ Átalo tornou-se célebre por sua imensa riqueza. Era também o nome de vários reis de Pérgamo, um dos quais legou os seus bens ao povo romano.

³⁰⁴ Midas, rei da Frígia, célebre pela sua riqueza.

³⁰⁵ Tudo era ouro.

AD BENEDICTUM BARBATIAM.

EPIGRAMMA

XXIII.

**Attalus immensas & opes congegessit, & aurum,
atque auri Croeso magnus acervus erat.**

**Effecitque Mydas quidquid palpaverat aurum,
nil aurum praeter mensa, cibusque fuit
at mihi candentis fuerat vix una metalli
uncia, quam rapuit nescia lingua mihi.**

5

**Causidicis quanto melior sua lingua videtur,
quae facit, ut Reges divitiis superent.**

**Devoveo lites: nil audio dicere contra:
heu certare tibi jam, Benedicte, vector.**

10

**Redde, precor, nummos, vacui miserere poetae:
si nummos aufers, carmina dispereunt.**

A FEBO MONÍZIO.

EPIGRAMA

XXIV.

**Quando contemplo³⁰⁶ os teus costumes, dignos de Apolo
e a face que convém até aos verdadeiros deuses,
acaso serias aquele que Latona³⁰⁷ deu à luz a vagante Delos³⁰⁸,
embora a serpente³⁰⁹ perseguisse o peso do ventre.
Detenho-me, mas a piedade³¹⁰, a facúndia, o rosto   5
cândido e a face insidiosa dão fé.
Certamente, caso te mostres pela beleza, Febo³¹¹, tens o favor de
Dione³¹², pois a sua Chipre³¹³ te gerou.**

---

³⁰⁶ No sentido de “vê e analisa”, sente os acontecimentos ao seu redor.

³⁰⁷ Latona é a mãe de Apolo e de Diana; e Zeus é seu pai.

³⁰⁸ Delos, pequena ilha rochosa do arquipélago das Cíclades no mar Egeu. Terra natal de Apolo. Delos tornou-se centro relevante do culto de Apolo e a sede do oráculo do Deus. No terceiro verso do epigrama XXIV, Delos está personificada (a vagante Delos) e esta passagem está no sentido de “ir a Delos para consagrar um nascituro sob a proteção de Apolo.”

³⁰⁹ Uma serpente foi enviada pela cruel esposa de Zeus, Hera. A pérfida serpente perseguiu implacavelmente a amante Latona por toda a terra, quando esta ainda estava grávida de Apolo.

³¹⁰ *Pietas* é o sentimento do dever para com os deuses, para com os pais e para com a pátria.

³¹¹ Febo é um dos epítetos de Apolo, Deus da juventude, da medicina, da poesia e da música, da lira, do arco, da flecha, dos oráculos e da profecia. É também o Deus da luz, daí o seu epíteto *Foibos* (o brilhante), às vezes ele é identificado pelo sol.

³¹² Dione é um dos epítetos de Vênus, a deusa do amor.

³¹³ Cypre, vasta ilha do mar Egeu (Mediterrâneo), consagrada a Vênus, hoje denominada Chipre.

AD PHOEBUM MONIZIUM.

EPIGRAMMA

XXIV.

**Quando tuos mores contemplor Apolline dignos,
et faciem, veros quae decet usque Deos:
an sis, quem peperit Delo Latona vaganti,
cum ventris serpens persequeretur onus,
haereo, sed faciunt pietas facundia, vultus   5
candidus, & facies insidiosa fidem.
Nimirum forma si praestes, Phoebe, Diones
munus habes: genuit te sua namque Cypros.**

A MARCELO VIRGÍLIO.

EPIGRAMA

XXV.

**Ó chefe com mérito, no ofício dos antigos vates
a boa posteridade faz que esses vivam na morte.**

**Assim, Calíope³¹⁴ te favoreça e te forneça o plectro³¹⁵ e a lira,
e Apolo³¹⁶ dite as fáceis medidas.**

Olha quão pulcra a juventude, quantos jovens venham, 5
cujos votos que devem ser aprovados, rogo³¹⁷ não induzas a erro.

**A primeira eleição representada agrada ao douto mestre;
a outra escolhida por motivo algum pode agradar a um só.**

**Certamente dos jovens existe assunto elevado, não carente de
cuidado; assunto tão precioso tem necessidade do teu engenho. 10**

**Muda este, todos nós voltaremos³¹⁸, contanto que para nós
leias as valorosas guerras que Jugurta³¹⁹ gerou.**

**Assim, Marcelo, cumpris com teu ofício, e nos
terás unido aos teus obséquios durante o tempo todo.**

³¹⁴ Calíope é uma das nove Musas, inspiradora da eloquência, da poesia épica e da lírica. Calíope aparece em algumas alusões como a mãe das sereias e figura em outra lenda como árbitro na disputa entre Afrodite e Perséfone a respeito de Adônis.

³¹⁵ Plectro é o bastãozinho de marfim para tanger a lira.

³¹⁶ O Deus Apolo (conhecido como Febo em seu epíteto), como sabemos também é o patrono da arte, da poesia, da música mormente da lira à qual se refere o epigrama. Apolo e Calíope inspiravam o prefeito Marcelo Virgílio a fazer poesias.

³¹⁷ Preferimos traduzir pela oração subordinada substantiva desenvolvida desconexa.

³¹⁸ O verbo *veniemus* está no sentido de “voltar ao assunto”.

³¹⁹ A guerra de Jugurta, rei da Numídia, foi relatada pelo historiador Salústio.

AD MARCELLUM VIRGILIUM.

EPIGRAMMA

XXV.

**Officio vatū, merito praefecte, priorū,
quos bona posteritas vivere morte facit.
Sic tibi Calliope faveat, plectrumque, lyramque
Praebeat, & faciles dictet Apollo modos.
Aspice quot juvenes veniant, quam pulchra juvenus, 5
quorum ne fallas vota probanda, rogo.
Lectio prima placet docto monstrata magistro:
altera nil uni lecta placere potest.
Est res alta quidem juvenum non indiga curae:
res eget ingenio tam pretiosa tuo. 10
Hanc muta, cuncti veniemus: dummodo nobis
fortia quae gessit bella lugurtha legas.
Sic, Marcelle, tuo fungeris munere, nosque
junxeris obsequiis tempus in omne tuis.**

A ÂNGELO POLICIANO.

EPIGRAMA XXVI.

**Enquanto o Sol, com o carro de guerra que se apressa,
revisita Oceano e precipitado é arrastado por cansados cavalos,
o magno Ulisses construiu elevadas muralhas que
ele próprio avista às margens do aurífero Tejo³²⁰,
donde para cá retirei-me, capturado pelo amor das musas,   5
para cá onde os numes todos do Parnaso vigoram³²¹.
Consequirei um dia os prêmios da milícia até os maiores,
pelos teus auspícios³²² conduzido, Policiano.**

EPITÁFIO DE PÍRAMO & DE TISBE.

EPIGRAMA XXVII.

**Pela espada cai Tisbe³²³, pela qual caiu Píramo: espada
infeliz aquela perdeu duas almas.
erro, pela causa tristíssima de uma e outra morte violenta, a leoa,
sanguinolenta ela deu a causa do erro³²⁴.
A primeira queda do mal foi o amor ímprobo, único autor,   5
e precípua de excídio tamanho.
Enfim, sob gelado sepulcro, um e outro fechados sente gáudio,
e para si eles têm aí³²⁵ os sacrifícios da morte.**

³²⁰ *Tagus* (Tago, rio da Hispânia e da Lusitânia, hoje chamado Tejo)

³²¹ *Vigent* (vigoram, estão cheios de vida). Em sentido figurado podemos traduzir também por “florescem”.

³²² *Auspicium* (auspício) é um sinal fornecido pela observação do voo e do movimento das aves.

³²³ Donzela amada por Píramo.

³²⁴ No quarto verso encontramos os seguintes fragmentos: *Erroris causam sanguinolenta dedit*. Literalmente assim ficou a tradução: “a sanguinolenta deu a causa do erro”, isto é causou, proporcionou a queda de ambos por terem combinado se encontrar às escondidas dos pais.

³²⁵ Preferimos traduzir por “aí”, ao invés de “neste sepulcro”.

AD ANGELUM POLITIANUM.

**EPIGRAMMA
XXVI.**

**Dum Sol Oceanum curru properante revisit:
et vehitur fessis praecipitatus equis,
moenia quae posuit sublimia magnus Ulysses,
auriferi ad ripas conspicit ipse Tagi,
unde huc concessi musarum captus amore,   5
huc ubi Parnassi numina cuncta vigent.
Praemia militiae vel maxima consequar olim,
auspiciis ductus, Politiane, tuis.**

EPITAPHIUM PYRAMI, & THISBES.

**EPIGRAMMA
XXVII.**

**Ense cadit Thisbe, cecidit quo Pyramus: ensis
infelix animas perdidit ille duas.
Error utrique necis moestissima causa leaena,
erroris causam sanguinolenta dedit.
Prima mali labes amor improbus, unicus autor,   5
excidii tanti praecipuusque fuit.
Denique sub gelido conclusus uterque sepulchro
gaudet, & inferias hoc sibi mortis habent.**

EPITÁFIO DE CAMILO VITELO.

EPIGRAMA

XXVIII.

**Tu, sejas quem for, a estas partes vieste por acaso, viajante,
para o pé e lê os cantos esculpidos nos seixos.**

**Aqui jaz (ah! sofreu crueis fados!) Camilo,
armipotente, por toda a parte um terror para o seu inimigo.**

Vitelo era um raio de guerra e um palor nas armas. 5

Prejudicou-lhe apenas a máxima força da alma.

Luz da pátria e honra da raça, única esperança dos seus.

Do meio do trâmite da vida, arrebatado perece.

**A terra tem o cadáver. Durante todo o tempo, ele será o nome da virtude,
o espírito pede coisas elevadas do céu. 10**

EPITAPHIUM CAMILLI VITELLI.

**EPIGRAMMA
XXVIII.**

**Quisquis ad has partes venisti forte, viator,
siste, pedem, & saxis carmina sculpta lege.
Hic jacet (heu passus crudelia fata) Camillus,
armipotens hosti terror ubique suo.
Belli fulmen erat, pallorque Vitellus in armis: 5
obfuit huic tantum maxima vis animi.
Lux patriae, generisque decus, spes una suorum
e medio vitae tramite raptus obit.
Terra cadaver habet, virtutis tempore in omni
nomen erit, coeli spiritus alta petit.   10**

OUTRO EPITÁFIO.

EPIGRAMA

XXIX.

**Olha! Tu que com uma grande lira percorres com as vistas o templo,
olha os sinais que os seixos propínquos conservam.**

**A alta noite dera repouso para todos os animais,
e favorecera pela vez do sono os lânguidos membros,
o único pervigil eras, cônjuge cruel, para que com uma única 5
espada, uma única mão perdesse duas almas.**

O peso do ventre caiu com o corpo da mísera mãe.

Deveras poupar o nascido, duro pai.

**Ah! Que cometeu escondida no materno ventre
a criança, para que tenha existido assim uma mãe que deve ser 10
estrangulada? No crime a fama presta atenção, a Erínis³²⁶ mudou o
pensamento, que tu tenhas esta mesma causa de morte, suplico.**

Por que tão solícitas³²⁷ queixas derramas, adúltera?

**Por que pela violência o pudor não comprime as palavras crueis?
Julgaras impunemente que os juramentos do leito nos lesariam? 15**

Exigiu castigos Juno, rogou Himeneu³²⁸ .

**E o bem-nascido morre. De fato, criado pelo pai contrariado,
em qualquer lugar a desonra de sua mãe aumentaria.**

**Portanto jaz e percorre os murtais pelas tácitas sombras
e que a esposa aprenda a dissimular a fidelidade ao marido. 20**

---

³²⁶ É uma das Fúrias ou Eumênides, vingadoras dos crimes sobretudo dos contra parentes. Elas são representadas como mulheres aladas, às vezes, rodeadas de serpentes.

³²⁷ São as queixas tão inquietas, apreensivas, profundamente perturbadas, imbuídas de ansiedade.

³²⁸ Himeneu é o Deus condutor do cortejo nupcial.

ALIUD EPITAPHIUM.

EPIGRAMMA

XXIX.

Heus tu, qui magna lustras testudine templum,
aspice, quas servant saxa propinqua notas.
Nox dederat cunctis animantibus alta quietem,
foverat de somni languida membra vice.
Pervigil unus eras, conjux crudelis, ut uno 5
ense duas animas perderet una manus.
Ventris onus cecidit miserae cum corpore matris:
debueras nato parcere, dure pater.
Heu quid commeruit materna clausus in alvo
infans, ut fuerit sic jugulanda parens? 10
Crimine fama vacat, mentem versavit Erynnis:
haec eadem mortis sit tibi causa, precor.
Quid tam sollicitos effundis, adultera, questus?
Effera quin rabie comprimit ora pudor?
Laedere jura tori nobis impune putaras? 15
Exegit poenas Juno, rogavit Hymen.
Et bene natus obit; vetito nam patre creatus
augeret matris dedecus usque suae.
Ergo jace, & tacitas peragra myrteta per umbras:
ediscatque fidem fallere nupta viro. 20

A DIOGO PACHECO.

EPIGRAMA

XXX.

**Pedes águas, Diogo, queimam-me os incêndios. Certamente,
nenhuns rios fazem cessar a nossa sede.
Em mim o duro³²⁹ amor maltrata, em mim que, ignorante, confessava
que seus dardos³³⁰ de um momento insignificante³³¹ existiam.
Ah! para mim, eu era casto, douto e puro sacerdote. 5
Seguia habitualmente Palas e os virgíneos coros³³².
Então, Febo dava cítara e plectro para que eu cantasse
Numerosíssimos poemas, poemas dignos de um deus.
Então com um grande coturno parecera-me poder
erguer sobre o éter soberbos feitos ilustres de reis, 10
mas depois que Cupido sentiu serem desdenhados os seus dardos,
com tênue facho inflamou as nossas vísceras.
Crescem (ai pereço!) com a lançada estaca as flamas,
como os meus fogos não cresce bastante a onda do oceano.
Em vão pedes águas, queimam-me os incêndios mas 15
leva tu assistência, se algo na arte medicinal podes.**

---

³²⁹Um duro amor porque este não é correspondido, quiçá o amante tenha falado mau dela.

³³⁰Não havia dardos do amor dela.

³³¹Na verdade, o impulso do amor, representado pelos dardos, era insignificante, nulo.

³³²Coros próprios de donzelas ou meninas virgens.

AD JACOBUM PAQUEQUUM.

EPIGRAMMA

XXX.

**Poscis aquas, Jacobe, urunt me incendia: nempe
compescunt nostram flumina nulla sitim.**

**In me durus amor saevit, qui tela fatebar
momenti imprudens nullius esse sua.**

Hei mihi castus eram, doctus, purusque sacerdos   5
Pallada sectabar, virgineosque choros.

**Tunc citharam, plectrumque dabat quo plurima Phoebus
carmina cantarem, carmina digna Deo.**

**Tunc grandi regum mihi gesta superba cothurno
aethera posse super tollere visus eram. 10**

**Sed postquam sperni sensit sua tela Cupido,
succendit tenui viscera nostra face.**

**Crescunt (heu pereo) subjecto stipite flammae,
ignibus Oceani non satis unda meis.**

**Frustra poscis aquas, urunt me incendia: sed tu
affer opem, medica si quid in arte potes.** **15**

A BATISTA SARRACO.

EPIGRAMA

XXXI.

**Prometes a mim que todo nome vencerá para sempre,
Batista, com verso cândido³³³.
Optas além disso que Láquesis³³⁴ venha com claudicante pé
para acompanhar os estames³³⁵ da vida.
Coragem! Vai! Calculou-se uma e outra coisa que me   5
prometes e optas,
mas, talvez, de uma maneira diferente.
Sufeno serei chamado ou se de algum modo alguma coisa for mais
impertinente, eu já tenho um nome arranjado³³⁶.
Cotidianamente morro, assim por longo tempo viverei;   10
morrer uma só vez é próprio do feliz.**

CONSIGO MESMO.

EPIGRAMA

XXXII.

**Eu era um mascarado³³⁷ ainda há pouco; agora, sou um autor de
poema. Com o vulto³³⁸ depus tão depressa a mente.
Eu era a risada do vulgo, era uma única parte das irmãs aônidas,
agora levo ao fim muitos poemas com o pé fácil³³⁹.**

---

³³³ O relevante no epigrama de Caiado é ser sincero em todas as coisas. A obra dele é eterna porque é franca, sincera, sem dissimulações.

³³⁴ Láquesis era uma das três Parcas. Ela era que fixava o destino dos homens.

³³⁵ Caiado se apropria mais uma vez da linguagem figurada para dizer que Láquesis é responsável pelo acompanhamento dos destinos da vida de cada mortal pelos estames, isto é, por meio dos fios das Parcas.

³³⁶ Quiçá, possa acontecer de forma diversa do que se deseja, aquilo que é prometido e pedido. Por isto, o poeta afirma que pode mudar o nome.

³³⁷ Eu era um personagem de teatro.

³³⁸ Com a máscara ele não era autêntico, não era ele mesmo.

³³⁹ O poeta está se referindo aos pés métricos do epigrama.

AD BAPTISTAM SARRACUM.

EPIGRAMMA

XXXI.

**Victurum omne mihi promittis nomen in aevum,
Baptista, versu candido:
optas praeterea, ut veniat Lachesis pede claudo
sectura vitae stamina.**

Euge age, utrumque ratum est, mihi quod promittis: 5

& optas,

sed dispari forsitan modo.

**Suffenus dicar, aut si quid ineptius usquam est,
paratum est jam nomen mihi.**

**Quotidie morior, sic longo tempore vivam, 10
felicis est mori semel.**

SECUM.

EPIGRAMMA

XXXII.

**Personatus eram modo, nunc sum carminis autor:
cum vultu mentem tam cito deposui.
Vulgi risus eram, Aonidum pars una Sororum,
nunc perago facili carmina multa pede.**

Que os milagres comovam as mentes humanas: um mimo³⁴⁰ 5
eu que tinha sido, como vate eis que canto coisas que devem ser
notadas. Nisto³⁴¹ por acaso crês pouco? A opinião engana. Quão grande
é? É muito: quão grande? Lê do princípio ao fim, a obra dirá.
Estás enganado: publicar prematuramente é próprio do verso insano.
É próprio do insano? O que foi portanto Nasão? De pouca 10
importância³⁴²? Longe disso³⁴³! Nasão tivera um ímpeto sagrado, portanto
o mesmo ímpeto não terá podido existir para mim?

A JANO CONOVÍCIO.

EPIGRAMA XXXIII.

Se algumas coisas movem o vate por uma mulher de divina mente,
se para algum vate saber coisas futuras é dado:
exemplar dos costumes tornar-te-ás, Jano, a única
fama da tua gente, a glória da pátria, o louvor, o mais importante.
Pois pelos elevados Alpes, pelos frios densos, 5
tu, menino, vieste transportado aos antros das Aônidas.
Nos tenros anos privado das delícias da pátria
fazes que tu sejas digno do império do pai.
Existem os que desejem divícias e apenas reinar;
e costas brilham apenas com um velocino de ouro. 10

³⁴⁰ Um ator comediante.

³⁴¹ Isto é, no que acabei de dizer.

³⁴² Nasão foi poeta ligeiro, de pouca relevância, sem peso, insignificante? Quiçá por não ter muita experiência, tendo iniciado sua obra muito jovem.

³⁴³ Literalmente poderíamos traduzir por “esteja distante disso!”

Humanas moveant mentes miracula: mimus	5
qui fueram, vates ecce notanda cano.	
Hoc ne parum credis? Fallit sententia: quantum est?	
Est multum: quantum? Perlege, dicet opus.	
Falleris: insani est ex tempore promere versus:	
insani est? Naso quid fuit ergo? levis?	10
Absit: Nasoni fuerat sacer impetus: ergo	
non idem poterit impetus esse mihi?	

AD JANUM CONOVICIUM.

EPIGRAMMA XXXIII.

Si qua movent vatem divinae femina mentis:	
si vati cuiquam scire futura datur:	
exemplar morum fies, Jane, unica gentis	
fama tuae, patriae gloria, laus, columnen.	
Namque per aereas Alpes, per frigora densa	5
venisti Aonidum vectus ad antra puer.	
Deliciis patriae teneris privatus in annis	
imperio dignum te facis esse patris.	
Sunt qui divitias cupiant, regnareque tantum:	
aurato & tantum vellere terga nitent.	10

A BARTOLOMEU BLANQUINO.

EPIGRAMA

XXXIV.

Quando me será concedido visitar os doces campos³⁴⁴ de Escorneta?

E nos umbrosos lugares poder estar deitado?

E com o teu vate subitamente compor poemas,

Blanquino, poemas agradáveis aos deuses rústicos³⁴⁵?

Ócios magnos aquele secesso³⁴⁶ dará aos vates,

5

quais então o próprio recanto não dará à lua.

Quanto te deleite a rústica vida, e a paz,

Com um indício³⁴⁷, teus sejam os campos que a mão cultiva

e na cidade tu tens tetos que tocam o céu,

e com as divícias tu tens a honra do povo.

10

Contudo não recusas aproximar-te das ocupações muito duras do agricultor,

que Saturno³⁴⁸ ensinou ao Lácio.

Os etéreos cursos, as estrelas do céu convexo,

e de que maneira a terra tenha sido situada, hesito ter conhecido.

A integridade da vida, a prestância da pulcra forma,

15

a candura da idade, a nobreza da raça

te conciliam a mim e fazem que eu em nada mais opte

em todas as coisas do que ter agradado a ti.

---

³⁴⁴ Como Henrique Caiado, Virgílio outrossim pregava o ideal bucólico da ataraxia e do *locus amoenus*, lugar de paz, de amizade verídica e de tranquilidade.

³⁴⁵ *Agricolis*, no dativo plural, como adjetivo, tem aí o sentido de “rústico”.

³⁴⁶ *Secesso*: lugar afastado, de retiro, de paz e de tranquilidade para criar poesias.

³⁴⁷ No sentido de sinal.

³⁴⁸ Saturno era um deus muito antigo da agricultura, identificado mais tardiamente com o Cronos dos gregos. Zeus o destronou e o lançou do alto do Olimpo à terra. Residiu na colina do Capitólio na qual mais tarde existiria Roma. Vale lembrar que Saturno foi rei de Roma durante a Idade de Ouro.

AD BARTHOLOMAEUM BLANCHINUM.

EPIGRAMMA

XXXIV.

**Quando mihi dabitur Scornetae dulcia rura
visere? & umbrosis posse jacere locis?
Cumque tuo subito componere carmina vate,
Blanchine, agricolis carmina grata Deis?
Otia magna dabit secessus vatibus ille, 5
qualia Lunai non sinus ipse dabit.
Rustica te quantum delectet vita, quiesque,
indicio tua sint quae colit arva manus.
Sunt & in urbe tibi coelum tangentia tecta,
et cum divitiis est tibi gentis honos. 10
Non tamen agricolae spernis praedura subire
munera, Saturnus quae Latium docuit.
Aethereos cursus, convexi sidera coeli,
et quo terra modo sit sita, nosse labor.
Integritas vitae, pulchrae praestantia formae, 15
aetatis candor, nobilitas generis
te mihi conciliant, faciuntque, ut nil magis optem,
omnibus in rebus quam placuisse tibi.**

AO REI MANUEL.

**EPIGRAMA
XXXV.**

**Envio *Carmina Pastorum, Silvas et Epigrammata*³⁴⁹
para este; para ele em meus papeis muitos nomes.
Por outro lado digamos toda esta obra e sentido e intenção
a ti, rei, único a quem esse livro suplica.
Existem aí³⁵⁰ os próceres, existem numerosíssimos os reinos. 5
Todavia te honram tanto os próceres quanto os próprios reinos.**

AO LUSITANO LUÍS DE MELO.

**EPIGRAMA
XXXVI.**

**Introduziram, Luís, cognomes áticos ao teu povo
como meles derramados dos favos de néctar.
Daqui tantos cantos a ti ressoam dos lábios melífluos
e o canto lírico sempre transborda na boca do Hibla³⁵¹.
E daqui tu tens um doce engenho e em certos momentos os untados 5
peitos com o orvalho do ar exalam um cheiro agradável a ti.
A cabeleira cingida pelo tomilho e cingida pelo amelo
a de Febo e a de Baco – vence em honra as comas.
cingida pelo amelo, vence em adorno as comas.
Ainda que seja ornado por louro aquele; por corimbos estoutro,
de resto tu próprio és maior do que ambos os deuses. 10**

---

³⁴⁹ Alusões às obras de Caiado. Preferimos não traduzir as obras para o vernáculo.

³⁵⁰ Isto é, nesses livros.

³⁵¹ Monte da Sicília, cujo mel era afamado.

AD EMMANUELEM REGEM.

**EPIGRAMMA
XXXV.**

**Carmina Pastorum, Silvas, Epigrammata mitto
huic, illi: in chartis nomina multa meis.
Ast opus hoc totum, mentemque, animumque dicamus,
rex, tibi, cui soli supplicat iste liber.
Sunt istic proceres multi, sunt plurima regna: 5
te tamen & proceres, ipsaque regna colunt.**

AD LUDOVICUM MELLUM LUSITANUM.

**EPIGRAMMA
XXXVI.**

**Indiderunt, Ludovice, tuae cognomina genti
attica nectareis mella refusa favis.
Hinc tibi mellifluis resonant tot carmina labris,
et natat Hyblaeo semper in ore melos.
Hinc & dulce tibi ingenium est, atque illita quondam 5
aereo fragrant pectora rore tibi.
Caesaries redimita thymo, redimitaque amello
et Phoebi, & Bacchi vincit honore comas.
Ornetur lauro quamvis ille, ille corymbis,
caeteraque ambobus maior es ipse Deis. 10**

AO BARTOLOMEU PORTA PARMENSE.

EPIGRAMA

XXXVII.

**Porta, desejas libar³⁵² o liquor da sagrada fonte
e com casta coroa de folhas cingir as castas comas.
Mas tu, herdeiro, apavorado pela região de vasta montanha,
nem ousas ultrapassar os elevados rochedos do lugar.
Assim, dúbio, nem pões a esperança, nem estás certo de ir,   5
assim, no meio do mar flutua a errante barca.
Entretanto os anos sem se insinuam com as tácitas marchas da barca
e a curvada velhice traz as suas doenças.
“Coragem! vai! não duvides: virei como companheiro,
caminha - digo - caminha, ó para mim mais querido do que eu,   10
caminha.” Eis que as colinas se abaixam para ti; da rocha, Tália
te chama, o próprio Apolo a ti diz - “vem”.**

AO LUSITANO MARTINHO DE FIGUEIREDO.

EPIGRAMA

XXXVIII

**Embora todos os louvores, embora nenhum afinal colhas,
ser por ti louvado nem quero nem desejo.
Confundes, Martinho, a todos, nem escolhes a nenhum.
Tanto para o bom como para o mau existe um único e mesmo caráter.**

---

³⁵² Isto é, desejas beber água.

AD BARTHOLOMAEUM PORTAM PARMENSEM.

EPIGRAMMA

XXXVII.

**Porta, cupis sacri fontis libare liquorem,
et casta castas cingere fronde comas;
sed longi tractu montis conterritus haeres,
nec superare audes ardua saxa loci.
Sic nec spem ponis dubius, nec certus eundi es,   5
fluctuat in medio sic vaga cymba mari.
Interea tacitis obrepunt gressibus anni,
et morbos affert curva senecta suos.
Eia age, ne dubita, veniam comes, ingredere, inquam,
ingredere, ó mihi me charior, ingredere.   10
En tibi subsidunt colles, de rupe Thalia
te vocat, ipse tibi dicit Apollo, veni.**

AD MARTINUM FIGUERETUM LUSITANUM.

EPIGRAMMA

XXXVIII.

**Cum laudes omnes, cum nullum denique carpas:
abs te laudari nec volo, nec cupio.
Confundis, Martine, omnes, nec seligis ullum:
atque bono, atque malo est una, eademque nota.**

**Não há este crime de juízo nem em algum momento estás enganado, 5
além disso nivelas todas as coisas ao igual num prato de balança.**

**Se pudesses servir a Numas, se pudesses punir Nacta,
pelos seus serviços prestados³⁵³, os prêmios se manteriam para cada um.
Avança, vai, recomenda segundo as circunstâncias evidentemente a
todos, por esta condição já quero ser louvado. 10**

A LUCAS RIPA.

**EPIGRAMA
XXXIX.**

**Dás luz a nossa obra, ó Lucas nitidíssimo,
e és capaz de com a tua luz afastar a noite. 2
Com tua arte supero³⁵⁴ a natureza, como Dédalo³⁵⁵
dás a mim asas com as quais eu esvoace pelas doudas bocas dos varões.**

A ANDRÉ MAGNÂNIMO.

**EPIGRAMA
XL.**

**Qual estava, raptada pela mordida da serpente a cónjuge,
Orfeu da Trácia, famoso pela honra da lira,
tal recentemente tu estavas sob a imagem do Alfeu³⁵⁶, quando
aquele ímprobo Giges³⁵⁷ roubou a Ninfa.**

---

³⁵³ Lembrando o que foi dito anteriormente, os serviços são prestados para o bem ou para o mal.

³⁵⁴ O poeta supera a natureza com a arte de Lucas Ripa da mesma maneira que Dédalo.

³⁵⁵ Hábil em todas as artes e inventor de numerosos artefatos engenhosos.

³⁵⁶ Alfeu era um rio da Élide.

³⁵⁷ Giges foi um dos gigantes, nascido da união de Gaia com Urano. Ele participou da luta contra os deuses Olímpicos e foi confinado ao Tártaro sob a guarda de seu próprio irmão Briareu.

Non haec iudicii culpa est, nec falleris unquam,   5
                    praeterea libras omnia lance pari.
Si prodesse Numae posses, si plectere Nactam,
                    pro meritis starent praemia cuique suis.
Perge age, commenda pro tempore scilicet omnes:
                    hac jam laudari conditione volo.   10

AD LUCAM RIPAM.

**EPIGRAMMA
XXXIX.**

Das operi lucem, Luca nitidissime, nostro,
                    et potis es noctem pellere sole tuo.   2
Naturam arte tua supero, ceu Daedalus alas
das mihi, queis volitem docta per ora virum.

AD ANDREAM MAGNANIMUM.

**EPIGRAMMA
XL.**

Qualis erat rapta serpentis conjuge morsu
                    Orpheus Threiciae clarus honore lyrae:
talis nuper eras Alphei sub imagine, quando
                    Nympham subripuit improbus ille Gygas.

Mas a dor nunca partiu a lira: aquele 5
do som melodioso libertou Eurídice³⁵⁸ com as mãos nas cordas da lira.
Mas a ti, enquanto crês que a barbária em nada pode ser comovida pelo
canto, a ira feriu violentamente a doce lira.
Magnânimo, cedeste vencido ao invencível amor;
Certamente ele³⁵⁹ doma³⁶⁰ os deuses superiores e Júpiter. 10

A CONSTÂNCIO PISTORIENSE.

EPIGRAMA

XLI.

Mais belo do que Hipólito³⁶¹, mais formoso do que o próprio Febo,
Constâncio, com qualquer juiz só estavas.
Com um assíduo pente, a ajeitada cabeleira de ouro,
coberta pelo brilho decorava-te a beleza.
A idade íntegra deixava-te conspício entre todos, 5
Acrescenta os bons costumes, acrescenta a pudicícia.
Eu admirava também mais o jovem, fértil outrora
o engenho tinha sido, fértil nos cantos.
Agora, o palor, a magreza, a tristeza, os suspiros, os gemidos,
os soluços, as lágrimas, as inquietações, a dor, 10

³⁵⁸Eurídice era uma dríade, esposa de Orfeu. Ela foi picada por uma serpente e, por conseguinte, vem a falecer. Sua alma desceu à mansão dos mortos e seu marido, Orfeu, não conformado com a sua morte, se atreveu a descer ao inferno para tentar trazê-la de volta ao mundo dos vivos.

³⁵⁹ Certamente trata-se do amor referido anteriormente.

³⁶⁰ Preferimos traduzir por “domar”, embora o verbo domo possa também significar “vencer”, “subjugar”. A intenção do poeta está bem patente pela raiz verbal presente no último verso. Para o poeta o amor só não consegue domar a barbária.

³⁶¹ Hipólito era filho de Teseu com a Amazona Hipólita ou Antíope ou Melanipe, dependendo da versão da lenda. Hipólito herdou da mãe, o amor à caça, aos exercícios físicos e à vida pura. A deusa Afrodite se apaixonou por ele, contudo Hipólito a desprezou de modo que ela, ofendida, criou o seguinte esquema: fez Fedra se apaixonar por Hipólito, mas ele resistiu às tentativas de sedução dela, Fedra com medo de ser denunciada pelo seu enteado a Teseu, rasgou as suas vestes e danificou a porta de seu quarto para dar a impressão de que Hipólito tentou violentá-la. Teseu irado pediu ao deus Poseidon para que exterminasse seu filho, então o deus, ouvindo o seu pedido, fez sair do mar um monstro que assustou os cavalos de Hipólito e em alta velocidade o corpo do jovem e belo rapaz foi arrastado ao chão pedregoso, causando-lhe a morte.

Sed nunquam citharam fregit dolor: ille canoris	5
Euridicen fidibus manibus eripuit.	
Ast tibi barbariem cantu nil posse moveri	
dum credis, dulcem perculit ira chelym.	
Magnanime, invicto cessisti victus amori:	
nimirum, superos ille, Jovemque domat.	10

AD CONSTANTIUM PISTORIENSEM.

EPIGRAMMA

XLI.

Pulchrior Hyppolito, Phoebos formosior ipso,	
Constanti, quovis iudice solus eras.	
Assiduo formam decorabat pectine compta	
caesaries auri sparsa nitore tibi.	
Integra conspicuum reddebat in omnibus aetas:	5
adde probos mores, adde pudicitiam.	
Quoque magis juvenem mirabar, fertile quondam	
ingenium fuerat, fertile carminibus.	
Nunc pallor, macies, moeror, suspiria, questus,	
singultus, lachrymae, sollicitudo, dolor,	10

**deixam disforme, triste, o que pede lugares solitários
e destroem Calíope em teu coração. 12**
**Que os deuses superiores matem o rival e cativem o senhor soberbo
para que tu, senhor do voto³⁶², possas retirar-te.**

À MARCIONISSA DE MÂNTUA.

**EPIGRAMA
XLII.**

**Rainha do lar Piério³⁶³, que o sagrado Míncio³⁶⁴ venera
o qual deve manter-se entre as aônias³⁶⁵ águas,
íclita progênie, glória do pai Alcides³⁶⁶,
outra Elisa³⁶⁷ não moldou qual no Maro³⁶⁸,
ó venerável nume, que tu estejas presente junto às nossas musas, 5
que o nosso navio se alegre em tua região,
contanto que tu favoreças em vão Oríon³⁶⁹ aterrorizará,
que tu sejas a nossa Elice³⁷⁰, que tu sejas a cinosura³⁷¹ ao navio.
Com os cantos acalmarás ao mesmo tempo os ventos e as ondas,
quando tu cantares, a ira do mar cessará imediatamente. 10**

---

³⁶² Entendamos “voto” como promessa, oferenda feita aos deuses por um benefício pedido ou concedido.

³⁶³ Piérioé originário do monte Píero, situado nos confins da Tessália e da Macedônia e consagrado às Musas.

³⁶⁴ Míncio é um rio da Gália que, neste epigrama, está personificado.

³⁶⁵ São as águas da região da Beócia.

³⁶⁶ Alcides era descendente de Alceu (Hércules).

³⁶⁷ Elisa é outro nome dado para Dido.

³⁶⁸ *Marus* é um rio da Germânia.

³⁶⁹ Oríon, segundo o mito, foi um caçador metamorfoseado em constelação pela deusa Diana.

³⁷⁰ Cidade da Achaia.

³⁷¹ *Cynosura* é a parva Ursa, a constelação.

**deformem reddunt, moestum, loca sola petentem,
Calliopenque tuo pectore dejiciunt. 12
Rivalem perdant Superi, dominumque superbum
concilient, voti ut compos abire queas.**

AD MARCHIONISSAM MANTUAE.

**EPIGRAMMA
XLII.**

**Pierii Regina Iaris, quam sanctus adorat
Mincius, Aonias inter habendus aquas,
inclyta progenies, Alcidae gloria patris,
altera non qualem finxit Elisa Maro,
adsis ó nostris numen venerabile musis, 5
gaudeat inque tuo nostra carina sinu,
dum modo tu faveas, frustra terrebit Orion,
sis Elice nostrae, sis cynosura rati.
Carminibus ventos pariter mulcebis, & undas:
te cantante, cadet protinus ira maris. 10**

**Sobressais certamente na pudicícia assim como Safo³⁷² no canto,
daqui louvas muito mas por outro lado de lá louvas menos.
Se tu criasses cisne, touro e sátiro³⁷³ tonante,
Juno iníqua falar-te-á com uma causa dúplice,
não só porque tu guias a ilustre raça do magnânimo Hércules³⁷⁴ 15
como também porque Júpiter queria que tu fosses sua³⁷⁵
mas a sincera fidelidade preservada proíbe ao marido
nem permite que o lugar dos deuses superiores esteja com fraudes,
vivas feliz por muitos anos nesta honra³⁷⁶
e eterna cintilará no orbe a tua estrela. 20**

³⁷² Safo foi uma poetisa, natural da ilha de Lesbos. Escreveu em dialeto eólico odes, epitalâmios, elegias e hinos que chegaram até nós em versos fragmentários. Safo reuniu um grupo de mulheres, quicá com a intenção de cultivar a música e a poesia ou para o culto à Afrodite. O tema central de suas poesias diz respeito ao amor violentamente apaixonado.

³⁷³ Sátiro era uma divindade campestre, companheira do deus Baco, representada com orelhas, rabo e pés de cabra, considerada como um monstro meio homem, meio cabrito e com chifres. Sua morada se localizava nos bosques e montanhas.

³⁷⁴ Hércules foi filho de Júpiter e de Alcmena. Teceremos, a seguir, algumas considerações sobre Hércules. O mito diz que, enquanto Anfitrião estava na guerra, Júpiter teve a aparência de Anfitrião e iludiu Alcmena, deitando-se com ela, dessa relação origina-se Hércules. A esposa de Júpiter, Hera, fez de tudo para matá-lo, desde a sua concepção, porém não conseguiu concretizar o seu escopo.

Hércules se casou com Mégara, uma das princesas reais, depois de algum tempo, Hércules matou-a num acesso de fúria, provocado por Hera. Para expiar o seu crime, ofereceu seus serviços a Euristeu, que o incumbiu das tarefas extremamente arriscadas conhecidas como os doze trabalhos de Hércules. 1º.) ele teve de estrangular um leão, de pele invulnerável, que aterrorizava o vale de Neméia; 2º) depois, matou a hidra de Lerna, monstro de muitas cabeças; 3º.) capturou viva a corça de Cerinéia, de chifres de ouro e pés de bronze; 4º.) capturou vivo o javali de Erimanto; 5º.) limpou os estábulos de três mil bois de rei Augias, da Élide, não cuidados durante trinta anos; 6º.) matou com flechas envenenadas as aves antropófagas de Diomedes; 7º.) capturou vivo o touro de Creta, que lançava chamas pelas narinas; 8º.) capturou as éguas antropófagas de Diomedes; 9º.) levou para Edmeta, filha de Euristeu, o cinturão de Hipólita, rainha das guerreiras amazonas; 10º) levou para o rei de Micenas o imenso rebanho de bois vermelhos de Gerião; 11º.) recuperou as três maçãs de ouro do jardim das Hespérides, por intermédio de Atlas, que sustentava o céu sobre os ombros e executou por ele esse trabalho, enquanto Hércules o substituíra; e por fim no 12º trabalho, apoderou-se do cão Cérbero, guardião das portas do inferno, de três cabeças, cauda de dragão e pescoço de serpente. Hércules realizou outros atos de bravura e participou da viagem dos argonautas em busca do velocino de ouro. No término de sua vida, casou-se com Dejanira, que involuntariamente lhe causou a morte, ao oferecer-lhe um manto impregnado de sangue mortal, que ela acreditava ser o filtro do amor. O corpo de Hércules foi transportado ao Olimpo, onde se reconciliou com Hera e casou-se com Hebe, deusa da juventude.

³⁷⁵ Júpiter deseja que a Marcionissa seja dele.

³⁷⁶ É a honra da fidelidade e da dignidade ao marido.

**Nempe pudicitia ut superas, sic carmine Sappho,
hinc multum laudis, laudis at inde minus.
Tu faceres cygnum, taurum, satyrumque tonantem:
Juno effet causa duplice iniqua tibi;
et quia magnanimo clarum genus Hercule ducis, 15
et quia te vellet Juppiter esse suam.
Sed prohibet sincera fides servata marito,
nec patitur Superum fraudibus esse locum.
Hoc vivas felix multos in honore per annos,
aeternumque micet sidus in orbe tuum. 20**

A GABRIEL TÁSSINO.

EPIGRAMA

XLIII.

Se permites, Tássino, que eu seja queimado pelo frio do país dos Getas³⁷⁷, serei Nasão³⁷⁸. Se tiveres dado lenha, serei Tibulo³⁷⁹. 2 Perguntas qual dos dois eu quero ser. No tempo estivo Nasão. Agora porque o inverno está rígido, esmerado Tibulo, agradas³⁸⁰. 4

A PEDRO ANTONIO AZIAROLO.

EPIGRAMA

XLIV.

Sou chamado para fora e pressionado pela esperança; e a esperança me leva, e me torna a levar, evidentemente que o fugitivo oceano se revolve. Pedro, é lícito esperar todavia, do qual mais larga ela é, por ele os gaudios chegarão a mim mais copiosos. Fatiga os numes (quanto ao que resta) com uma prece santa de jugo³⁸¹ 5 para que o precípite Trifão³⁸² se apresse para os meus votos.

---

³⁷⁷ Alusão ao exílio de Ovídio. Este é condenado ao desterro por Augusto, na distante e selvagem cidade de Tomos, no Ponto Euxino.

³⁷⁸ Trata-se do poeta Públio Ovídio Naso de família equestre. Estudou retórica para ser um exímio advogado por vontade de seu pai, entretanto como Henrique Caiado, era um amante da poesia e das Letras.

³⁷⁹ Tibulo foi um poeta elegíaco romano, contemporâneo de Horácio. Os temas principais de seus poemas são o amor, a paz e a simplicidade rural. Tibulo também celebra a glória e a prosperidade do império romano. Alice da Silva Cunha em sua dissertação, *O real e o imaginário no espaço-campo da poesia tibuliana*, afirma que Tibulo cantou os seus sentimentos, abordando as temáticas em relação ao amor, à religião e ao campo. (Cf. p. 14)

³⁸⁰ Interpretamos o verbo *places* (agradas) da seguinte maneira: agradas (a mim), isto é, eu gostaria de ser Tibulo no inverno.

³⁸¹ Está no sentido de submissão;

³⁸² Usurpador do reino da Síria.

AD GABRIELEM TASSINUM.

**EPIGRAMMA
XLIII.**

**Si Getico, Tassine, sinis me frigore aduri,
Naso ero: si dederis ligna, Tibullus ero. 2
Quaeris uter malim esse? Aestivo tempore Naso:
nunc, quia bruma riget, terse Tibulle, places.**

AD PETRUM ANTONIUM AZIAROLUM.

**EPIGRAMMA
XLIV.**

**Excitor, atque premor spe, spes me fertque, refertque,
scilicet ut refugus volvitur Oceanus.
Petre, licet sperare tamen, quo longior illa est,
gaudia eo venient uberiora mihi.
Numina (quod superest) jugi prece sancta fatiga; 5
ut properet praeceps in mea vota Tryphon.**

PARA O MESMO.

EPIGRAMA XLV.

**Os cantos, Pedro, chamam os venenos de Medeia³⁸³. Circe³⁸⁴
foi acostumada pelos jugos dos Emônios³⁸⁵ a colher tudo,
como voz apta aos seus cantos pela qual os tártaros empalidecem,
pela qual o mar, pela qual o céu, e a máxima terra treme.
Enquanto ela fala, costumas grunhir, deplorar as cigarras, 5
e julgues o ar crepitar com a força das armas da Tessália.**

---

³⁸³ Filha do rei da Cólquida, Eedes. Medéia era uma feiticeira que se apaixonou por Jasão na chegada deste à praia de Iolco, ele estava à frente dos Argonautas em busca do Tosão de Ouro. Jura que será marido dela desde que Medéia o ajude a conquistar o tosão. A feiticeira então traiu o próprio pai por amor a Jasão e ainda levam como refém Apsirto, seu próprio irmão, matando-o para dificultar a perseguição de Eedes.

Passado algum tempo, o rei Creonte resolveu casar a sua filha com Jasão e este aceita o convite de modo que Medéia se sente traída e por vingança decide matar Creúsa por meio de sua feitiçaria e depois extermina os seus próprios filhos que teve com seu amante, Jasão, no templo de Hera e depois ela foge para Atenas num carro puxado por cavalos alados, presente de Hélios.

³⁸⁴ Circe, filha do sol e na ninfa Perseida era uma feiticeira, filha de Hélios (o Sol), era irmã de Eetes, rei da Cólquida, possuidor do Tosão de Ouro. Sua estadia fica na ilha de Eéia, localizada na atual península do monte Circeu na Itália. Passagem inesquecível da Odisséia é a chegada do herói Ulisses e seus companheiros na ilha de Circe, esta transforma vários amigos de Ulisses em porcos, apesar de tudo, Ulisses conseguiu escapar dos sortilégios dela e apaixonada pelo herói, deteve-o durante algum tempo em sua ilha, devolvendo a aparência humana a seus companheiros. Da união entre os dois, nasceu Telégono, que nas lendas italianas fundou a cidade de Túsculo. Depois, a feiticeira deixou-os partir, ensinando-os o caminho de volta à Ítaca.

³⁸⁵ Também denominados Tessálios, habitantes da Trácia.

AD EUNDEM.

**EPIGRAMMA
XLV.**

**Carmina, Petre, vocant Medeae toxica, Circe
quidquid ab Haemoniis carpere sueta jugis,
carminibus vox apta suis, qua tartara pallent,
qua mare, qua coelum, & maxima terra tremit.
Dum loquitur grunnire sues, plorare cicadas,
thessalicaque putes aera crepare manu.**

5

A LUÍS PASSETO.

**EPIGRAMA
XLVI.**

**O que pedes, Luís, eu daria mas as leis e os juramentos
me proíbem de dar as velas ao teu obséquio.
Roga o que eu poderia fornecer, Luís,
que Júpiter com seu raio para as estígeas³⁸⁶ águas empurre o negante.
Tu das leis intérprete, tu propugnador da honestidade, 5
não queiras solicitar um juramento que eu tenha dado.**

A LUCAS RIPA.

**EPIGRAMA
XLVII.**

**Percorri com os olhos *silvas*³⁸⁷ e um variado e amável poema
mas quando a tua lâmpada mostra o caminho da noite. 2
Assim também seja lícito conhecer os combates Tebanos³⁸⁸
com os teus auspícios no braço de mar³⁸⁹, cândido Ripa.**

---

³⁸⁶ Águas estígeas, isto é, do rio Estige ou do inferno.

³⁸⁷ Podemos traduzir por “florestas” ou por “matéria” (duma obra, dum poema), mas optamos por deixar em latim.

³⁸⁸ Do povo que habita em Tebas.

³⁸⁹ Imagem poética que caracteriza a agitação das ondas no mar.

AD LUDOVICUM PASSETUM.

EPIGRAMMA

XLVI.

**Quod poscis, Ludovice, darem, sed jura, fidesque
obsequio prohibent me dare vela tuo.
Quod possim praestare roga, Ludovice, negantem
Juppiter in stygias fulmine trumat aquas.
Tu legum interpres, tu propugnator honesti,   5
noli, quam dederim, sollicitare fidem.**

AD LUCAM RIPAM.

EPIGRAMMA

XLVII.

**Percurri silvas variumque, & amabile carmen:
sed monstrante tua lampade noctis iter.   2
Sic quoque Thebanas liceat cognoscere pugnas
auspiciis freto, candide Ripa, tuis.**

A RUFINO.

**EPIGRAMA
XLVIII.**

**Se, Rufino, desejas parecer encantador e engraçado,
sê³⁹⁰, detém-te³⁹¹, mas em razão da tua fama. 2**

EPITÁFIO DE ÂNGELO POLICIANO.

**EPIGRAMA
XLIX.**

**Policiano neste túmulo está e vive sepultado,
este engenho faz, e uma tríplice facúndia faz 2
ou quis dizer ou buscar com cuidado as causas das coisas.**

HENRIQUE CAIADO.

ACERCA DE PAULO SILOVÍCIO.

**EPIGRAMA
L.**

**Por que hesitas em levar o nome de Paulo, ó minha musa, pelo mundo?
Que o recatado pudor abandone as palavras.
O nosso Paulo tem nobreza, sapiência, virtude,
e ele próprio é o magno cultivador do vosso grupo de poetas
para que fim os nossos maiores fizeram poemas? 5
Evidentemente para que a virtude traga grandes prêmios.**

---

³⁹⁰ Seja você mesmo, Rufino.

³⁹¹ O verbo *habitare*, em seu sentido próprio, designa o sentido de “habitar, ocupar, morar, residir ou povoar”, mas em seu sentido figurado e poético, com o qual o poeta trabalha, passa a desempenhar os seguintes significados “demorar-se e deter-se”.

AD RUFFINUM.

**EPIGRAMMA
XLVIII.**

**Si, Ruffine, cupis lepidus, salsusque videri,
esto, habita famae sed ratione tuae. 2**

EPITAPHIUM ANGELI POLITIANI.

**EPIGRAMMA
XLIX.**

**Politianus in hoc tumulo est, vivitque sepultus,
hoc facit ingenium, facit & facundia triplex 2
dicere seu voluit, seu rerum exquirere causas.**

HERMICUS CAYADO.

DE PAULO SILOVITIO.

**EPIGRAMMA
L.**

**Cur Pauli dubitas nomen, mea musa, per orbem
ferre? Verecundus deserat ora pudor.
Est Paulo nostro gravitas, sapientia, virtus:
est vestri magnus cultor & ipse chori.
Quorsum maiores fecere poemata nostri? 5
Scilicet ut virtus praemia magna ferat.**

Para que frente a frente o vício seja censurado pelo negro carvão.
Que a posteridade canta durante todo tempo os dois.
Por que então mandas colocar Paulo sem louvor?
E ele não é digno de meus versículos? 10
Por este motivo julgas que Paulo se acha sepultado nas trevas
e nesta situação os louvores dele existem.
Por que a tua página ainda não indicou previamente o egrégio nome
dele, digno de casar-se com um homem de Vênus?
Ah! quanto melhor o louvador lhe chega, 15
louvador, até que ponto o maior não tem importância no orbe.
Já Paulo esvoaça reconhecidíssimo aos litorais do Lácio;
já todos levam o nome de Paulo até aos astros.

A PEDRO ANTONIO AZIAROLO.

EPIGRAMA

LI.

Mecenas sustentou Flaco e sustentou Marão;
desde então, desde então, Tália serviu de engenho aos homens.
Mas começaram a viver para si os famosos e doutos poetas;
com o auxílio daqueles, ninguém foi poeta.
Mecenas muitas coisas concedeu a ti, a mim muitas coisas tu 5
concedeste; em que fonte tu bebes, nesta fonte eu bebo.
Nós temos a mesma mesa, nós temos as mesmas ocupações,
nós temos o mesmo desejo, ó Pedro, e a mesma profissão.
Tudo o que tu tens, eu tenho, faço uso da mesma fortuna:
portanto tu és o meu Mecenas³⁹², aquele, o teu. 10

---

³⁹² Mecenas é todo homem considerado como patrocinador e protetor dos poetas.

Ut contra vitium Nigro carbone notetur: quae duo posteritas tempus in omne canit. Cur igitur Paulum jubeas sine laude jacere? Non est versiculis dignus & ille meis? Idcirco tenebris Paulum arbitrare sepultum, inque situ laudes illius esse putas: egregium quoniam nondum tua pagina nomen praescripsit, Veneris nubere digna viro? Ah quanto melior laudator contigit illi, laudator, quo non maior in orbe viget. Jam Paulus volitat Latiis notissimus oris: jam Pauli cuncti nomen ad astra ferunt.	10 15

AD PETRUM ANTONIUM AZIAROLUM.

EPIGRAMMA

LI.

Maecenas Flaccum fulsit, fulsitque Maronem: ingenium inde viris, inde Thalia fuit. Sed vixere sibi clari, doctique poetae, illorum auxilio nemo poeta fuit. Multa dedit tibi Maecenas, mihi multa dedisti: quo tu fonte bibis, hoc ego fonte bibo. Mensa eadem nobis, eadem sunt munera nobis: idem animus nobis, Petre, & idem studium. Quidquid habes, habeo, fortunaque utor eadem: Maecenas ergo tu meus; ille tuus.	5 10

ACERCA DE LUCAS RIPA.

EPIGRAMA

LII.

**Na margem as ninfas Nereidas costumam secar os verdejantes
cabelos e cantar poemas.**

**Na margem para o vigoroso exercício une os membros do corpo
e habituado na margem costuma brincar o belo Hilas.**

**Na margem percebas as úmidas gramas espalhando-se, por 5
aqui e por ali, mais manso, na margem, costumava estender-se, ó sono.**

**Ao Ripa, ó meninos e jovens e velhos, vinde:
os ócios das Piérides³⁹³ Ripa vos dará.**

CONTRA ALGUÉM.

EPIGRAMA

LIII.

Livreiro eu não sou. Quem seja eu procuras conhecer?

Publico o que a ti um livreiro venda.

2

---

³⁹³ Ninfas marinhas, filhas de Nereu e Dóris. Consoante o dicionário do Ernesto Faria, “elas são representadas como donzelas com os longos cabelos entrelaçados de pérolas, cavalgando delfins.”

DE LUCA RIPA.

EPIGRAMMA

LII.

**In ripa virides Nymphae siccare capillos,
et cantare solent carmina Nereides.
In ripa nitidae committit membra palestra,
suetus & in ripa ludere pulcher Hylas.
In ripa cernas humentia gramma passim, 5
blandior in ripa serpere, somne, soles.
Ad Ripam pueri, juvenesque, senesque venite:
Pieridum vobis otia Ripa dabit.**

IN QUENDAM.

EPIGRAMMA

LIII.

**Bibliopola ego non sum: qui sim noscere quaeris?
Edo, quod vendat bibliopola tibi. 2**

SOBRE ANTONIO ALBERGATO.

EPIGRAMA

LIV.

**Minha certa Escrínia descobriu o nome Thespíado por acaso
e leu muitos outros nomes nas minhas cartas:**

**Blanquino³⁹⁴, Barbaciada, Mino, Beroaldo,
Rangão, Blanco, Benévolo, Pepulo.**

**Depois que ela não encontrou o nome de Albergato: diz: “queima, 5
queima”, nas súbitas fogueiras funerárias os profanos escritos.**

Albergato está ausente, ele é a glória da colina de Cirra?

Ele devia ser contado pelos seus cidadãos.

**Se tiveres negligenciado um único dos fautores da turba,
tu próprio não podes escapar à marca da ingratidão. 10**

**Entre tantos Deuses Superiores, um dia, Diana negligenciada
enviou um animal selvagem vingador para os campos de Tideu³⁹⁵**

**e furiosa desapareceu por entre as tênues brisas,
disse que um grande crime teria sido empreendido, se não fosse Bentívolo.**

---

³⁹⁴ Relação de nomes próprios do período renascentista em Portugal da época de Henrique Caiado.

³⁹⁵ Tideu, herói etólio, filho de Eneu e de Eribéia, é pai de Diomedes.

DE ANTONIO ALBERGATO.

EPIGRAMMA

LIV.

**Scrinia Thespiadum quaedam mea forte reclusit,
legit, & in chartis nomina multa meis.
Banchinum, Barbatidas, Minum, Beroaldum,
Rangonem, Blanchum, Bentivolos, Pepulum.
Postquam Albergati nomen non repperit: ure, 5
ure, inquit, subitis scripta profana rogis.
Albergatus abest, Cyrrhaei gloria collis?
Civibus ille suis annumerandus erat.
Fautorum e turba si praetermiseris unum, 10
effugere ingrati non potes ipse notam.
Inter tot Superos quondam neglecta Diana
ultricem Tydei misit in arva feram.
Dixit, & in tenues furibunda evanuit auras
magnum, Bentivolus ni foret, ausa nefas.**

A GABRIEL TÁSSINO.

EPIGRAMA

LV.

**Tássino, a facúndia te uniu a mim, a virtude,
o semelhante estudo e o virtuoso amor me uniram a ti.
Que nenhum dia nem as distâncias dos lugares
nem a má língua nem a erva nociva nos separarão.
Cairão mais rapidamente os astros do mundo convexo 5
e o caos confundirá pela segunda vez todos os elementos,
antes que, Tassino, te pareça caminhar contrário
ou cesse de nosso peito tamanha fidelidade.
Quem em mim não crê? Os bons fundamentos que construiu,
eternamente a nova amizade dura. 10**

A HÉRCULES STROZA.

EPIGRAMA LVI.

**Eu te procurava, Alcides³⁹⁶. Alguém interroga se sou
músico, nego ser; procura saber se sou astrólogo?
Faço sinal que não; se filósofo, nego. Quê? Por ventura não sou poeta?
Eu ri. “E por que pedes estas coisas?” digo. Diz ele: “Vais a Hércules,
que os solitários doutos conheceram e os doutos seguem”. 5**

---

³⁹⁶ Alcides é um dos epítetos de Hércules.

AD GABRIELEM TASSINUM.

EPIGRAMMA

LV.

Me, Tassine, tibi, mihi te facundia, virtus,
par studium, atque pius conciliavit amor.
Quos non ulla dies, non intervalla locorum,
nec mala disjunget lingua, nec herba nocens.
Labentur citius convexi sydera mundi, 5
cunfundetque iterum cuncta elementa chaos,
quam, Tassine, tibi videat contrarius ire,
aut cadat a nostro pectore tanta fides.
Quis mihi non credit? bona quae fundamina jecit,
aeternum viridis durat amicitia. 10

AD HERCULEM STROZAM.

EPIGRAMMA

LVI.

Quaerebam, Alcide, te: quidam interrogat, an sim
musicus, esse nego: quaerit, an astrologus?
Abnuo, philosophus ne? nego, quid? non ne poeta?
Risi, & cur petis haec inquam? ait, Herculem adis,
quem soli norunt docti, doctique sequuntur, 5

o que ama os solitários doutos e protege-os”.
Portanto, o que veio até ti ou é ou julga-se que seja,
filósofo, adivinho, músico, astrólogo.
As provações de Hércules são muitas entretanto não
superam este único título do outro Hércules. 10

PARA O MESMO.

EPIGRAMA
LVII.

Se algum pedinte aproxima-se dos templos de Júpiter
e deseja ter os deuses presentes
e favoráveis aos votos, que a acerra do incenso
esteja cheia e que com preces modestas peça,
que nenhum dos Deuses Superiores possa negar 5
evidentemente os interesses de seus pedidos,
que o navegante concilie os ventos que são favoráveis às popas,
que os reis conciliem as divícias, o lavrador, os bois
que os poetas conciliem às suas musas
seguros ócios nem peçam demais. 10
Venero-te imagem da divindade e a ti
consagro a vida inteiramente, Hércules,
das nossas deusas glória e único auxílio.
Estes versos de presente neste lugar digamos,
quaisquer inquietações amorosas consentem vir, 15
inquietações amorosas, que, sendo tu o chefe, de longe
os mares cessarão a paixão que se arruína com insuportável
grande pesar e com ansiedade e com dor.
Ao cantar os teus louvores mais livre,
confessarei que tu és o artífice³⁹⁷ do meu ócio. 20

---

³⁹⁷ O artífice é a pessoa que exerce uma profissão, neste caso, o artífice do ócio do poeta é o Hércules, mencionado anteriormente no vocativo.

**Qui solos doctos diligit, atque fouet.
Ergo
Ergo qui venit ad te, aut est, aut esse putatur,
philosophus, vates, musicus, astrologus.
Herculis aerumnae sunt multae: non tamen unum
hunc titulum superant Herculis alterius.** 10

AD EUMDEM.

**EPIGRAMMA
LVII.**

**Si quis templa Jovis subit precator;
praesentesque cupit Deos habere,
et votis faciles, acerra thuris
sit plena, & precibus petat modestis,
quae nemo Superum negare possit: 5
rerum commoda scilicet suarum,
ventos navita puppibus faventes,
reges divitias, boves arator,
musis concilient suis poetae
secura otia, nec precentur ultra. 10
Instar te colo numinis, tibi que
vitam devoveo, Hercules, Dearum
nostrarum decus, unicumque lumen.
Versus muneris hos loco dicamus,
qualescumque sinunt venire curae, 15
curae, quae, duce te, procul recedent
liquentes animum gravi labantem
moerore, anxietateque, & dolore.
Laudes liberior tuas canendo,
oti te artificem mei fatebor. 20**

A LUCAS RIPA.

**EPIGRAMA
LVIII.**

**Escrevi sobre ti, não para ti. Por que zombas, ó Ripa?
Que esteja longe da ingênua simplicidade o dolo. 2**

AO DITADOR ÂNGELO RANÚCIO.

**EPIGRAMA
LIX.**

**Ranúcios, que tu, prole, tenhas podido determinar este feliz dia, que
oferece as tuas leis à pátria.
Há este dia, que os cidadãos desejam, por cujo momento decisivo da
vida agrada aproximar-se de cada amor.
Não deve ser celebrado por muitos anos aquele dia, 5
no qual tu, soberano da tua pátria, tenhas determinado existir?
Faze portanto com justiça que o povo repouse sob a foice
e que a pátria permaneça segura sob tua proteção.**

AD LUCAM RIPAM.

**EPIGRAMMA
LVIII.**

**Scripsi de te, non ad te: quid, Ripa, jocularis?
Absit ab ingenua simplicitate dolus.**

2

AD ANGELUM RANUTIUM DICTATOREM.

**EPIGRAMMA
LIX.**

**Hanc tibi felicem poteris, Ranutia, proles
dicere, quae patriae dat tua jura, diem.
Haec est, quam cupiunt cives, ob cujus amorem
discrimen vitae quemque subire juvat.
Non est illa dies multos celebranda per annos,
qua patriae princeps diceris esse tuae?
Fac igitur justo populus sub falce quiescat:
et sedeat gremio patria tuta tuo.**

5

AO MESMO.

**EPIGRAMA
LX.**

**Ó Ângelo, tu, chefe, que conduzes as rédeas da pátria,
vai, procura os tetos ricos da casa de Benévolo
e em minha causa pede suplicante aos oráculos,
a resposta chegará da boca do Deus pacífico.
E que não tenha necessidade (tamanho é o seu brilho) de nenhum 5
intérprete, o nosso Apolo não te profetizará coisas obscuras.
Nem a terra acolá grita nem com algumas palavras
perturbará os teus passos a velha Sibila.
Tu não tens caminho pelas trevas nem por lugares cheios de temor,
não tenhas medo, sendo tu o chefe, seguro estarás. 10**

A NICOLAU RANGONO.

**EPIGRAMA
LXI.**

**Se quando qual Marte dirige os carros de guerra para os litorais
da Trácia, com estrépito pelos mais elevados cimos de uma montanha voa
ou desaparece das vistas de Vênus com uma palavra propícia
ou menos irado toma nas mãos as armas mais tranquilo,
tal Rangono de vista é hoje herói. 5**

AD EUNDEM.

EPIGRAMMA

LX.

**Angele, qui patriae tractas moderator habenas,
i, pete Bentivolae tecta beata domus.
Inque mea causa supplex oracula posce:
responsum veniet mitis ab ore Dei.
Quodque egeat (tantus nitor est) interprete nullo, 5
non perplexa tibi noster Apollo canet.
Nec tellus illic mugit, nec vocibus ullis
turbabit gressus cana Sibylla tuos.
Nec tibi per tenebras, nec per loca plena timoris
est iter: haud metuas, te duce, tutus eris. 10**

AD NICOLAUM RANGONUM.

EPIGRAMMA

LXI.

**Qualis Threicias si quando flectit in oras
Mars currus, strepitu per juga summa volat.
Aut abit a Veneris laeto conspectibus ore:
aut minus iratus mitior arma capit;
est hodie visus talis Rangonius heros. 5**

**Como guiasse com freios³⁹⁸ a boca do fremente cavalo.
Aumenta os justos aplausos do vulgo e os magnos gáudios dos seus
e a letícia do chefe Felsineu.**

**Ó Rangono, tu podes expor esta tua luz inata,
que a ti, que sempre mais resplandescente, chegue. 10**

A BENEDITO BARBÁCIA.

EPIGRAMA LXII.

**Neste dia, Benedito, a ti as Deusas deram os brilhos da nossa luz
que conduzem os fios favoráveis das Parcas
e as aves espalharam pelo ar cantos plácidos,
enquanto elas bebem néctar³⁹⁹ enviado da região celeste.
A própria natureza obediente tomou uma aparência formosa das coisas 5
e agradável aprovou o seu trabalho.
Muitas vezes aos outros Lucina⁴⁰⁰ foi severa mas muito afável à mãe
no tempo em que a hora do parto chegara.
As Piérides⁴⁰¹ conduziram longas danças em coro de menina
nem a tua lira cessou, pulcro Apolo. 10
Narra-se que o inato Atlantiáde⁴⁰² dirigiu-se para um companheiro
e de fato (como contam) ele nasceu num dia semelhante.
E chegando áureo trouxe fulgor e riso venusto
e grandes dons com a mão fácil.
Diz ele: “ Cara criança, aceita com muitos dotes 15
de corpo o engenho e as semelhantes divícias.”
E quanto é lícito dos fados saber antecipadamente: dos costumes
o exemplo, o espécime, a lei e a autoridade serás.**

³⁹⁸ *O frenum* é uma peça que se mete na boca das cavalgaduras.

³⁹⁹ O néctar é a bebida agradável aos deuses.

⁴⁰⁰ Lucina é um epíteto de Juno, deusa que presidia aos partos.

⁴⁰¹ As Piérides são as nove filhas de Píero que tinham os nomes das nove Musas.

⁴⁰² Filho ou descendente de Atlante, isto é, Mercúrio.

**Cum regeret fraenis ora frementis equi.
 Adde pios vulgi plausus, & magna suorum
 gaudia, felsinei laetitiamque Ducis.
 Hanc, Rangone, potes natalem dicere lucem,
 quae tibi, quae semper candidior redeat.**
10

AD BENEDICTUM BARBATIAM.

EPIGRAMMA LXII.

**Hac, Benedicte, die nostri tibi luminis auras
 stamina ducentes alba dedere Deae:
 et volucres placidos fudere per aera cantus,
 dum missum aethereo nectar ab axe bibunt.**
5

**Ipsa parens rerum vultum natura decorum
 induit, atque suum laeta probavit opus.
 Saepe aliis Lucina gravis, mitissima matri
 tempore, quo partus venerat hora, fuit.
 Pierides longas choreas duxere puellae,
 nec tua subticuit, pulcher Apollo, lyra.**
10

**Fertur Atlantiades socium natalis adisse:
 nam simili (ut perhibent) natus & ille die est.
 Fulgoremque tulit veniens, risumque venustum
 aureus, & facili grandia dona manu.**

Accipe, chare puer, multis cum dotibus, inquit,
15

**corporis, ingenium, divitiasque pares.
 Et, quantum licet ex fati praenoscere, morum
 exemplar, specimen, regula, & auctor eris:**

**Com talento Deus cantou, ó Benedito, nem algum homem na cidade
Felsinea ou em toda a terra permanece mais santo. 20**

A TAURELO.

**EPIGRAMA
LXIII.**

**Acampamentos insidiosos da cruel mãe te fatigam
e os cansados membros nunca têm repouso,
mas eu não receio os seixos rompam meus tetos
com o ato de brandir, quando o fogo os leva pelas aéreas vias,
quais a destra de Júpiter pela força enviou raios contra 5
as armas dos sevos gigantes em Solos⁴⁰³ contra os cavalos.
Aí que tu mereças os prêmios da palma⁴⁰⁴ vitoriosa
e aí que tu leves os vossos dignos prêmios com Palas.
Aqui eu sob as asas do plácido Cupido, Taurelo,
viverei, carregando nulos prêmios de desídia. 10
Se há pouco é a desídia, no tenro peito carregar os fachos⁴⁰⁵
que dardos Cupido, armado de aljava, lança.
Nenhuma coisa⁴⁰⁶ dura durante muito tempo, mas tudo sempre volta⁴⁰⁷:
Ora⁴⁰⁸ uma paz profunda se assenta, ora as guerras cruéis fremem.
Ora o céu está nítido mais puro do que todo cristal, 15
ora pesada sombra em todo pólo faz caligem⁴⁰⁹.
O amor vagueia e com incertas penas esvoaça por tudo⁴¹⁰**

⁴⁰³ Cidade da ilha de Chipre. Também pode ser uma cidade marítima da Cilícia, pátria de Menandro e Arato.

⁴⁰⁴ A palma era dada aos vencedores como símbolo da vitória do primeiro lugar.

⁴⁰⁵ No sentido de paixões.

⁴⁰⁶ Preferimos traduzir o nominativo plural neutro “*nulla*” no singular.

⁴⁰⁷ As coisas estão sempre se renovando.

⁴⁰⁸ Atenção para a expressão nunc ... nunc (ora ... ora).

⁴⁰⁹ Faz cerração de novoeiro espesso.

⁴¹⁰ Isto é, “o amor erra e com incertas penas esvoaça por todas as coisas, no coração, em qualquer lugar.”

**Vena Deus cecinit, Benedicte, nec ullus in urbe
Felsinea, aut toto sanctior orbe manet.** 20

AD TAURELLUM.

EPIGRAMMA

LXIII.

**Te saevi Matris castra insidiosa fatigant,
fessaque nil unquam membra quietis habent:
ast ego non vereor, rumpant mea tecta rotatu
saxa, per aereas igne ferente vias,
qualia saevorum vi misit in arma Gygantum, 5
aut in solis equos fulmina dextra Jovis.
Istic victricis merearis praemia palmae,
istic & vestra Pallade digna geras.
Hic ego sub placidi, Taurelle, Cupidinis alis
vivam, nulla ferens praemia desidia. 10
Si modo desidia est, pharetratus tela Cupido
quae jactat, molli pectore ferre faces.
Nulla diu durant, versantur at omnia semper,
nunc pax alta sedet, nunc fera bella fremunt.
Nunc coelum nitidum est crystallo purius omni, 15
caligat toto nunc gravis umbra polo.
Errat & incertis volitatque per omnia pennis,**

e em ordem perpétua em nada reinou o amor.

**Com efeito o amor que há pouco estivera mais calmo do
que a água estagnada e do que o plácido pântano contra o peito 20
mísero faz sevícia. Ai! O que mereci? Ou então, em que crime feri os
numes para que assim eu seja obrigado a ter os deuses irritados?**

**Cessa, cego menino, que tu vejas para onde diriges o arco,
ao menos seja lícito ferir deste modo os corações.**

**Destrói então as feras e os que não temem⁴¹¹ dizer nada 25
serem teus dardos e teus arcos.**

E para que maior te venha a vitória, vence

Palas, logo depois a deusa célebre pela virgindade.

**Faze isto, que cumpras: não debelarás os inermes,
mas dardos que geram, dardos que devem ser geridos pelos deuses. 30**

**Deste lugar, deste lugar, soberbo, procura a ti honrados
triunfos, e deste lugar desejos carregar vitoriosas mãos.**

**Durante este tempo que a clemência da mãe comova o nascido,
pelo exemplo da mãe, aprende a respeitar, menino.**

**Cornos existam aos touros e rijas unhas aos leões 35
e que esteja arrepiado nas cerdas o javali que deve ser temido pelo
dente. Que as bocas tenham sido tingidas pelo reservado pudor do
menino e que o menino espalhe da boca risadas plácidas.**

CONTRA O POETA CLANCOLÁRIO.

EPIGRAMA

LXIV.

Enquanto julgas ter feito mal a mim sobre o éter tiras,

Zoilo, aquilo em que pareço ter desagradado a ti.

**Tu pelas trevas me segues; a ti nosso livro
no meio da luz diz: “canino, cala-te”.**

**Enfim tu, quem quer que sejas, aqui venhas e presente fales: 5
“Mas a coruja não pode levar os raios de Febo”.**

---

⁴¹¹ Oração Infinitiva:

*(...) qui tua tela, tuosque
arcus esse nihil dicere non metuunt.*

(...) os que não temem que os teus dardos e teus arcos são nada.

Ordine rexit amor perpetuoque nihil.
Nam modo qui fuerat stagno, placidaque palude
mitior, in pectus saevit amor miserum. 20
Heu quid commerui, scelere aut quo numina laesi,
ut sic iratos cogar habere deos?
Desine, caece Puer, videas quo dirigis arcum:
hoc saltem liceat corda ferire modo.
Tunc contunde feras, & qui tua tela, tuosque 25
arcus esse nihil dicere non metuunt.
Utque tibi maior veniat victoria, vince
Pallada: mox celebrem virginitate deam.
Hoc fac, efficias: non debellabis inermes:
sed quae tela gerunt, tela gerenda deis. 30
Hinc tibi honoratos, hinc quaere, superbe, triumphos,
victrices cupias hincque referre manus.
Interdum moveat matris clementia natum:
matris ab exemplo parcere disce, puer.
Cornua sint tauris, rigidique leonibus ungues, 35
horreat & fetis dente timendus aper.
Ora verecundo pueri sint tincta rubore,
et risus placidos fundat ab ore puer.

IN POETAM CLANCULARIUM.

EPIGRAMMA

LXIV.

Dum mihi detraxisse putas, super aethera tollis,
Zoile, quod videor displicuisse tibi.
Tu me per tenebras sequeris, tibi nostra papyrus
in media dicit luce: canine, tace.
Denique quisquis es, huc venias, praesensque loquaris: 5
sed Phoebi radios noctua ferre nequit.

SOBRE OS SEUS CARMES.

EPIGRAMA LXV.

**Acreditara que os poemas corrosivos eram louvados por uma voz,
que a nossa camena cantou no meio do Foro. 2
Agora porque sou perseguido pelos iníquos golpes da inveja,
julgo que nada em todo mundo é mais doudo do que eu.**

CONTRA ZOILO.

EPIGRAMA LXVI.

**Zoilo, abstem-te tantas vezes de dilacerar um piedoso poeta:
eu não sou presa que deve ser atacada com a tua mordedura.
Ai de mim! O que fiz? Quem foi lesado pelo nosso canto?
Que disputas provocou a nossa página? Pergunto.
E cantei o chefe Benévolo e cantei os tribunos da plebe. 5
O nosso canto poético por este motivo deve sofrer tantos males?
Assim a piedade à pátria está cultivada? E à pátria do pai?
Assim o direito da hospitalidade assim em sua honra está?
Tu fazes melhores coisas? declaro: por acaso superas Marão?
Isto também confesso: Quem nega? Seja você⁴¹², agrada. 10**

---

⁴¹² Conselho do poeta para que Zoilo seja ele mesmo, sem falsidade porque isto agrada.

DE SUIS CARMINIBUS.

EPIGRAMMA

LXV.

**Credideram salsa laudari carmina voce,
quae cecinit medio nostra camoena foro. 2
Nunc quoniam invidiae telis oppugnor iniquis,
me nihil in toto doctius orbe puto.**

IN ZOILUM.

EPIGRAMMA

LXVI.

**Zoile, parce pium toties lacerare poetam:
non ego sum morsu praeda petenda tuo.
Hei mihi quid feci? nostro quis carmine laesus?
Jurgia quae movit pagina nostra? rogo.
Bentivolumque ducem cecini, cecinique tribunos; 5
nostra ideo debet tot mala musa pati?
Sic pietas patriae colitur? patriaeque parentis?
Sic jus hospitii, sic in honore suo est?
Tu meliora facis? fateor: superasne Maronem?
Hoc etiam fateor: quis negat? Esto, lubet. 10**

**Eu não sou Zoilo, dirás: dá um nome e com o próprio
nome dir-te-ei mais depressa: seja quem for tu serás. Mas, por que razão
muitos? Cala-te: tomo como testemunha as divindades do Parnaso,
tomo como testemunha o Deus coroado de loureiro e o que traz um
tirso: amo os cultivadores das Musas, amo os doutos, 15
e os que são banhados pelas águas Piérias⁴¹³ na costa.**

SOBRE O PINTOR GUIDONI DE BOLONHA.

EPIGRAMA LXVII.

**Que Prisca os seus exalte, que a pintura exalte os mestres.
Que a boa posteridade faz durar mesmo com a morte.
Desde que somente ponha à frente de todos Guidoni,
e essa obra o eleve ao céu com louvores.
E na verdade o dúplice Galeácio vive seguro a glória da pátria 5
por causa da ruína perpétua da urbe.**

DÍSTICO.

EPIGRAMA LXVIII.

**Tu, efígie sagrada, durante muito tempo aos mortais estejas presente,
ou a natureza ou a mão te concedeu esses aspectos. 2**

---

⁴¹³ Do monte Píero, situado nos confins da Tessália e da Macedônia e consagrado às musas.

**Zoilus haud ego sum, dices: da nomen, & ipso
te potius dicam nomine: quisquis eris.
Sed quid plura? tace: Parnassi Numina testor,
testor laurigerum, thyrsigerumque Deum:
diligo Musarum cultores, diligo doctos, 15
et qui Pieriis ora rigantur aquis.**

DE GUIDONE PICTORE BONONIENSI.

**EPIGRAMMA
LXVII.**

**Prisca suos laudet, laudet Pictura magistros;
quos bona posteritas vivere morte facit.
Dum modo Guidonem cunctis praeponat, & illum
efferat in coelum laudibus istud opus.
Namque decus patriae duplex Galeatius urbis 5
perpetuo vivit tutus ab interitu.**

DISTICHON.

**EPIGRAMMA
LXVIII.**

**Effigies sacrata diu mortalibus adsis,
seu natura dedit, seu manus ora tibi. 2**

SOBRE BERNARDO ANASTÁCIO.

EPIGRAMA

LXIX.

**Quem agora mesmo vai à musa silvestre, quem vai às pastagens no campo,
quem vai a ti sob a sombra da faia, Títiro⁴¹⁴,
para que a leda Florença não ceda alguma coisa aos campos de Mântua
não menos fará com o seu parto⁴¹⁵.**

**Em seguida aos agricultores chegará esse novo poeta, 5
e cantará um carne Ascreu⁴¹⁶ e cultivará os campos.**

**Depois atacou os feitos ilustres dos vencidos chefes e os reis soberbos,
mas concederá para cada louvor prêmios.**

**Conservai o menino Bernardo para a douta Camena⁴¹⁷
para que a vossa língua latina não caia inteiramente. 10**

A ALBERTO GERMANO.

EPIGRAMA

LXX.

**Não afastaram a minha intenção poucas ocupações
nem vedaram essas coisas: dar velas ao teu obséquio.
Além disso com antíloquo⁴¹⁸ canto, esperaste eu celebrar os teus
louvores e apresentar um semelhante a outro semelhante.**

⁴¹⁴ O pastor Títiro e a expressão sob a sombra da faia nos lembram da passagem da primeira *Bucólica* virgiliana.

⁴¹⁵ Isto é, com o seu fruto do ventre, futuros filhos, descendentes italianos.

⁴¹⁶ Canto relativo ao poeta Hesíodo.

⁴¹⁷ Como de cantos proféticos, mais tarde, identificada com as Musas. Outrossim, pode ter o sentido da própria poesia.

⁴¹⁸ Do filho de Nestor.

DE BERNARDO ANASTASIO.

EPIGRAMMA

LXIX.

**Qui modo silvestrem musam, qui pascua ruris,
qui te sub fagi tegmine, Tityre, adit,
ne quid Mantois cedat Florentia campis
partu laeta suo non minus, efficiet.
Postmodo ad agricolas veniet novus iste poeta,   5
ascraeumque canet carmen, & arva colet.
Victorum dein gesta Ducum, Regesque superbos
agressus, laudi praemia cuique dabit.
Bernardum doctae Puerum servate Camaenae:
ne vestra omnino lingua Latina cadat.   10**

AD ALBERTUM GERMANUM.

EPIGRAMMA

LXX.

**Distraxere meam non pauca negotia mentem,
vela dare obsequio quae vetuere tuo.
Adde quod altiloquo sperasti carmine laudes
me celebrare tuas, parque referre pari.**

Ter substituído foi melhor, além disso quão vergonhosamente 5
as palavras moveram as forças do meu engenho.
Enfim para que eu não me cale completamente, a douda turba de irmãs
que, a partir de ti, prometa relatar o que te agrada.
Há pouco tempo quem veio do pólo ártico ao Lácio
e faz doce poema com pé alígero, 10
que prossiga o caminho e dos projetos louváveis nunca desista,
a glória do nosso jugo tornar-se-á de fato magna.
E que em terra bárbara em nada ele se envergonhe porque
à luz de Lucina, as mãos arrastaram-no para fora.
Um ar espesso⁴¹⁹ em nada fez obstáculo à pátria 15
de Demócrito, que ele não suba às moradas celestes.
Alberto, enquanto o sono me favorecesse estes membros,
a musa certamente a musa benigna te concedeu coisas benignas.

SOBRE O CADO EXAURIDO.

EPIGRAMA LXXI.

O vinho⁴²⁰ afinal lançou a alma para as tênues auras,
e no cado⁴²¹ nada permaneceu, a não ser suave odor. 2

---

⁴¹⁹ Sentido figurado: um nevoeiro espesso, uma atmosfera pesada da região.

⁴²⁰ O vinho é sinónimo de embriaguez, bebedeira.

⁴²¹ O cado é uma vasilha para o vinho cuja capacidade é equivalente a três urnas. Consoante o dicionário de Ernesto Faria, às vezes, nela guardava-se também mel, óleo, etc.

Subticuisse fuit satius, quam turpiter ultra	5
ingenii vires verba movere mei.	
Denique ne taceam penitus quae docta sororum	
de te promittat turba, referre libet.	
Arctoo nuper Latium qui venit ab axe,	
et facit aligero dulce poema pede,	10
pergat, & incoeptis nunquam desistat honestis,	
fiet enim nostri gloria magna Jugi.	
Barbaricaque nihil pudeat tellure quod illum	
Lucinae in lucem proripuerunt manus.	
Democrito patriae crassus nil obstitit aer,	15
quo minus in superas scanderet ille domos.	
Haec, Alberte, mihi, somnus dum membra foveret,	
musa dedit, certe musa benigna tibi.	

DE CADO EXHAUSTO.

EPIGRAMMA

LXXI.

Vinum animam tandem tenuis efflavit in auras,	
inque cado mansit nil nisi mitis odor.	2

ENIGMA.

EPIGRAMA

LXXII.

**A partir de qual genitor o menino foi gerado, diz mulher, peço-te,
no colo do qual aqueces os membros tenrinhos? 2
A este mesmo meu filho gerou e ele é irmão da cômuge
mas em nada vetando a lei de Cristo. 4**

CONTRA ZOILO.

EPIGRAMA

LXXIII.

**Um carne com risível boca cantemos
com a qual nos segue o nosso poeta,
nosso, evidentemente invejoso, banhado pelo veneno
violento e muito destrutivo,
enquanto um vate deseja criticar 5
os ouvidos de um inocente com dardos⁴²²,
ímprobo, maligno, em nenhuma parte Zoilo é,
retira-se e afastou-se,
tão frequentemente envergonha-se de mentir e tem pesar.
Desculpo-te, quem quer que sejas, volta.
E juntemos as mãos, somos poetas 10
e vivamos juntos⁴²³, somos poetas,**

---

⁴²² Com ataques, com palavras hostis.

⁴²³ Melhor tradução “juntos” ao invés de “juntamente”.

AENIGMA.

**EPIGRAMMA
LXXII.**

Quo satus est genitore puer, dic, foemina, quaeso, in gremio cuius membra tenella foves?	2
Filius hunc genuit meus, est & conjugis idem frater: sed, Christi lege vetante, nihil.	4

IN ZOILUM.

**EPIGRAMMA
LXXIII.**

Carmen ridiculo canamus ore, quo nos insequitur poeta noster, noster, scilicet invidus veneno perfusus rabido, & nimis protervus, dum vatis cupit innocentis aures	5
telis confodere improbus, malignus, nusquam Zoilus est, abit, recessit, mentitum toties pudet, pigetque. Ignosco tibi, quisquis es, redito.	
Jungamusque manus, sumus poetae: vivamusque simul, sumus poetae,	10

embora tu sejas bom, erudito, enérgico,
 até que ponto Meônio não é maior do que Marove,
 embora eu seja mau, mas no entanto poeta
 ah! gratuitamente sou chamado. Irritado pelo furor, 15
 infeliz é arrebatado, ressoam os flagelos,
 sofre castigos de crime, Megera cai
 e no litoral agita incessantemente ardentes fachos,
 acaso um nu sem pele já voltou?
 Salve, Mársia, um vencedor diminuirá estes 20
 castigos, foste vencido mas Apolo venceu.
 Mas por que tens orelhinhas de burrinho?
 Quanto a este fato, vejo um monstro demasiadamente temível?
 Dize Mársia com que culpa ages? E Mydas?
 Mas de novo lembro-me: injustamente dilaceras o poeta Henrique 25
 que em nada merece alguma coisa de tal natureza.
 Toma cuidado, miserável, provoques atrair
 as companheiros das musas e ao mesmo tempo os alunos.
 Enlouquecer uma só vez é bastante e além da medida,
 se os freios muito duros e ásperos não coíbem a língua 30
 contraída, pobrezinho de vida, para o futuro, tu a perdes.

EPITÁFIO DE CONSTANTINO SERAFINO.

EPIGRAMA LXXVI.

Volta estrangeiro os olhos para este túmulo por pouco tempo.
 Assim que os fados deem a ti longos dias de luz.
 Aqui Constantino está revestido, esperança magna dos clientes⁴²⁴,

⁴²⁴ Os clientes estavam sob a proteção de Constantino Serafino.

quanvis tu bonus, eruditus, acer, quo non Maeonius, Marove maior, quanvis sim malus: attamen poeta, heu! Frustra vocor. Percitus furore	15
infelix rapitur, sonant flagella, dat poenas sceleris, Megaera caedit, ardentesque faces in ora quassat, en nudus sine pelle jam redivit, salve, Marsia: victor has levabit	20
poenas: victus es: ast Apollo vicit. Sed cur auriculas habes aselli? Quod monstrum video insuper tremendum? Dic qua Marsiam agis, Mydamque culpa? Sed novi, memini: Hermicum poetam	25
injuste laceras nihil merentem quicquam tale: cave, miser, laccessas musarum comites, simulque alumnos. Insanire semel satis, superque est, ni strictam cohibent lupata linguam, vitae quod superest, miselle, perdes.	30

EPITAPHIUM CONSTANTINI SERAPHINI.

EPIGRAMMA LXXVI.

**Hospes ad hunc oculos tumulum converte parumper,
 sic lucis longas dent tibi fata moras.
 Hic Constantinus tegitur, spes magna clientum,**

ao qual em nada agradou pertencer às causas da fraude.
 O juiz, ó quantas vezes, com harmoniosa voz interrompeu 5
 os debates jurídicos, grandes disputas do clamoroso foro.
 Conselho, virtude, nobreza, prudência, costumes,
 (oh! dor!) no túmulo todas estas coisas sepultadas jazem.
 A família Serafina privada de seu brilho⁴²⁵ mostra pesar
 e alegra-se porque para o céu, Serafino, voltas. 10

A JANO LUCAS.

EPIGRAMA LXXVII.

Num objeto de bronze côncavo a mulher lavou um nascido,
 outro imprudente inseriu pontiaguda ponta na jugular.
 Apavorada pela desgraça, a mãe do nascido abandona aquele
 que ela lavou⁴²⁶ e o outro percebera a cruel ação,
 enquanto no meio das ondas ouve os últimos suspiros do menino, 5
 para que ela não perca um só, perdeu ela dois.

DO AMOR⁴²⁷.

EPIGRAMA LXXVIII.

Sou menino, antes de todos nascido mas durante todo o tempo
 sou menino: outrora a idade que passou, existe hoje. 2
 É meu reino sem fronteira, o triunfo sem fronteira.
 Admiras? Nulos tempos me farão velho. 4

⁴²⁵Entendamos que a beleza, no epigrama, se enquadra em todos os seus sentidos, exterior e mormente interior, imbuída de brilho e magnificência. Esse é o sentido do substantivo latino *nitor*.

⁴²⁶ Isto é, que banhou com o sangue o inocente.

⁴²⁷ Alusão a Cupido.

quem juvit causis fraudis inesse nihil.	
Arbiter ó quoties concordi voce diremit	5
lites, clamosi jurgia magna fori.	
Consilium, virtus, gravitas, prudentia, mores,	
(proh dolor!) in tumulto cuncta sepulta jacent.	
Gens Seraphina suo luget spoliata nitore,	
gaudet &, in Caelum quod, Seraphine, redis.	10

AD JANUM LUCAM.

EPIGRAMMA LXXVII.

Aere cavo natum mulier lavit, alter acutum	
mucronem imprudens inseruit jugulo.	
Clade parens nati conterrita deserit illum,	
quem lavit, & feram senserat alter opem:	
dum mediis pueri singultus audit in undis,	5
unum ne perdat, perdidit illa duos.	

DE AMORE

EPIGRAMMA LXXVIII.

Sum puer ante omnes natus, sed tempore in omni	
sum puer: olim aetas quae fuit, est hodie.	2
Est regnum sine fine meum, sine fine triumphus.	
Miraris? Faciem tempora nulla senem.	4

AO PONTÍFICE DIOGO DE SOUSA.

**EPIGRAMA
LXXIX.**

**Se eu te visse com uma tríplice coroa resplandescente
sublime a ter na mão os cetros de Pedro,
a fortuna, a fortuna concederia ócios às minhas musas,
e cantar-te-ia com o pé mais livre.**

**Sousa, e oxalá que a piedade⁴²⁸ e a fidelidade comovessem os 5
deuses para que eu pudesse ir-me embora possuidor do meu voto.**

SENTENÇA.

**EPIGRAMA
LXXX.**

**Se alguém bem deseja por si mesmo merecer seja quem for
ele já em nada tem a sua liberdade.**

2

---

⁴²⁸ A piedade é o sentimento do dever cumprido para com os Deuses, com os pais e com a pátria.

AD JACOBUM SOUSAM PONTIFICEM.

**EPIGRAMMA
LXXIX.**

**Si te conspicerem triplici splendente corona
sublimem Petri sceptrum tenere manu,
fors fortuna meis concederet otia musis,
cantaremque tibi liberiore pede.**
Sousa, Deos utinam pietasque, fidesque moveret; 5
ut possem voti compos abire mei.

SENTENTIA.

**EPIGRAMMA
LXXX.**

**Si bene quis cupiat de se quemcumque mereri
libertatis habet jam nihil ille suae.** 2

AO LIVRO DE SÓZINO.

EPIGRAMA

LXXXI.

**Sózino te chama - olá livro! - , desprende-te:
eu já crera o livro ser chamado meu.
Mas eu demente fui enganado pela opinião?
sou coagido a te restituir, livrinho, sou coagido.
Ah! quão constrangido vais embora durante muito tempo 5
ligado existiras para a Camena mais encantadora,
as tuas orelhas mais delicadas
em torno de palavras bárbaras já parecem ressoar.
Entre sanguíneas querelas, infeliz,
e entre as gritarias e clamores dos contestantes 10
e entre as lágrimas dos devedores,
entre as disputas deves parar agora.
Tu que foras companheiro do magno Marão
e do meu Nasão e companheiro de Tibulo.
Infeliz serás do grupo de Baldo, 15
companheiro de Rofredi e camarada de Cino.
Oh sorte infeliz!
Mas Sózino, patrono bom de todos,
por quem os pávidos esperam, ordenou isto: os clientes
evitem os dolos. As ordens sigo: livro, desprende-te. 20**

AD LIBRUM SOZINI.

EPIGRAMMA

LXXXI.

Sozinus vocat, heus, Liber, recede, quem jam credideram meum vocari: sed sum salsus opinione demens? Cogor reddere te, Libelle, cogor.	
Heu quam invitus abis, diu camoenae commixtus fueras venustiori, aures barbara delictiores circum verba sonare jam videntur inter sanguineas miser querelas, et convicia, litigantiumque clamores, lachrymasque debitorum, inter jurgia nunc tibi morandum est.	5
Qui magni fueras comes Maronis, Nasonisque mei, & comes Tibulli: infelix eris ex cohorte Baldi, Rophredi socius, Cinique compar.	10
O sortem miseram! sed hoc patronus Sozinus bonus omnium, clientes quo sperant pavidi dolos cavere, jussit: jussa sequor: Liber, recede.	15
	20

A NUNO CAIADO.

EPIGRAMA LXXXII.

**Às leis entrego-me inteiramente, Nuno, segui as tuas ordens;
O fato é que ordenar tu podes e como pai e como senhor. 2**

**Devo a ti o engenho, as musas, a vida. César
não costuma dar mais coisas, nem dar muitas coisas Deus. 4**

AD NONIUM CAYADUM.

**EPIGRAMMA
LXXXII.**

Legibus incumbo, Noni, tua jussa secutus;	
namque jubere potes & pater; & dominus.	2
Ingenium, musas, vitam tibi debeo, Caesar	
non dare plura solet, non dare plura Deus.	4

APÊNDICE: Tradução dos *Epigrammata* do livro II de Henrique Caiado

**DE HENRIQUE CAIADO
O ULISSIPONENSE**

**DOS EPIGRAMAS
LIVRO SEGUNDO**

**A LUÍS TEIXEIRA.
EPIGRAMA
I.**

**O primeiro Teixeira apresentou o segundo audacioso,
pelo teu protetor diz-se aquele seguro.**

**Ou o direito ou a facúndia defendeu a nossa causa
tu sozinho podes mostrar-me um e outro.**

**Assim enquanto te visito muitas vezes, a mim delibero: glória magna é 5
esta tua, pois te fazes ser semelhante aos deuses.**

**Com incenso os homens presenteiam os deuses, e os homens por sua
vez com presentes presenteiam pela piedade de um deus.**

**HERMICI CAYADO
ULYSSIPONENSIS**

**EPIGRAMMATUM
LIBER SECUNDUS**

**AD LUDOVICUM TESSIRAM.
EPIGRAMMA**

I.

**Praebuit audacem primus Tessira secundum:
praesidio tutus dicitur ille tuo.
Defendit nostram aut jus, aut facundia causam:
tu praestare mihi solus utrumque potes.
Sic te dum celebros, mihi consulo, gloria magna est   5
haec tua, nam superis te facis esse parem.
Thure Deos donant homines, hominesque vicissim
muneribus donant pro pietate Dei.**

AO REI MANUEL.

EPIGRAMA

II.

**Narra-se Semíramis⁴²⁹ ter penetrado os extremos da Índia
e Líber⁴³⁰ ter-se aproximado com o general peleu⁴³¹.
E foi procurada durante muito tempo a cabeça do Nilo, & os Garamantes⁴³²
somente outrora conhecidos pelos povos da Hespéria⁴³³.
Levado aos Colcos⁴³⁴ e às ondas do rígido Fásis, 5
o esônida⁴³⁵ de lá voltou para a Emônia⁴³⁶.
Esta cota parte do magno orbe que tu já desvendas,
íclito rei? Distam em dez passos daquela.
Procura-se um caminho desconhecido, e por onde vai a tua popa,
os nautas discernem outro sol, outras estrelas. 10
Existirem ali deuses outros da terra e do mar,
e outros raios eles crêem /lançados/ por torcida mão.
Veem astros não vistos antes, Cinosura⁴³⁷ retirou-se.
Actofilax em nenhuma parte está, e os Tindáridas⁴³⁸ estão escondidos.
E com perigosas procelas o remo lançado erra, 15
só os nubes ensinam o caminho de Manuel.
Aparecem as cidades enfim, e os povos remotos
aos quais chega a aura do teu nome.
De lá carregam pimenta e custo e duros diamantes,
mais copioso de lá o ouro e os solícitos mancípios. 20**

⁴²⁹ Semíramis, mulher de Nino, este rei dos Assírios. Ela fez matar o seu marido para reinar sozinha. Embelezou Babilônia. Depois empreendeu conquistas na Ásia com um exército poderoso por ela própria comandando. Em Ovídio, encontramos referência a Semíramis, no livro das *Metamorfosis* 4, 58.

⁴³⁰ Antiga divindade latina, mais tarde confundida com Baco, deus do vinho. Há uma passagem do deus Líber em Cic. Nat. 2,62.

⁴³¹ Alusão a Alexandre magno. Peleu (=de Pela, da Macedônia, pátria de Alexandre). Em Juvenal, há uma referência ao jovem peleu << *Pellaeus iuuenis* >> isto é, a Alexandre>> (Juv. 10, 168).

⁴³² Povo africano localizado ao sul da Numídia.

⁴³³ Isto é, de toda região situada a oeste, ocidental.

⁴³⁴ São os habitantes da Cólquida, portanto ele foi levado para este país.

⁴³⁵ O descendente masculino de Éson na mitologia é Jasão.

⁴³⁶ Tessália.

⁴³⁷ Cinosura, a Ursa-Menor.

⁴³⁸ São os filhos de Tíndaro

AD EMMANUELEM REGEM.

EPIGRAMMA

11.

**Extremos fertur penetrasse Semyramis Indos,
et cum Pellaeo Liber adisse duce.**

**Quaesitumque diu Nili caput, & Garamantes
vix olim noti gentibus Hesperiiis.**

Aesonides Colchos, rigidique ad Phasidis undas   5
vectus, in Aemoniam rettulit inde pedem.

**Haec quota pars magni quam tu jam detegis orbis,
incline Rex? Distant passibus illa decem.**

**Ignotum tentatur iter, quaque it tua puppis,
solem alium cernunt, sidera nautae alia. 10**

**Esse Deos illic alios terraeque, marisque,
atque alia credunt fulmina torta manu.**

**Astra vident non visa prius, cynosura recessit,
Actophylax nusquam est, Tyndaridaeque latent.**

Cumque ratis dubiis errat jactata procellis,   **15**
numina sola docent Emmanuelis iter.

**Apparent urbes tandem, gentesque remotae,
ad quas pervenit nominis aura tui.**

**Inde piper, costumque ferunt, durosque adamantas,
largius inde aurum, & sedula mancipia. 20**

**Tu soberano digníssimo destas divícias a partir do qual
até as riquezas do melhor tesouro manam.
pois a piedade dará uma única morada do límpido éter
para que possas elevar-te acima de teus antepassados.
Com justiça e na plácida paz governas os povos, 25
e com sincera religião cultivas os deuses.
Enfim nada maior do que tu os séculos conheceram, pois as coisas⁴³⁹
que dificilmente existem em todos os reis, tu único tens.**

A DOM PEDRO DO EGITO.

EPIGRAMA

III.

**Com os nossos crimes piedosos limiars estão maculados
e a casta ara dificilmente em algum lugar suplica a Júpiter.
Que os prodígios ameacem um grande excídio à terra
e nenhuma vítima cai agradável aos celícolas.
E o arúspice consultado que tem a goela aberta com as entranhas 5
empalidece nem com mil bois alguém pode aplacar os deuses,
nem desesperar do crime, será aplacada a ira dos deuses,
um deus, que traz uma foice, reina na região da Hespéria
ao qual Tago⁴⁴⁰ e Ganges⁴⁴¹, confins do mundo, obedecem,
ao qual também um e outro pólo regozija-se de servir. 10
Se renovar todas as coisas agrada aos deuses,
a basílica sagrada de outro Pedro se confiará a ti.**

---

⁴³⁹ Caiado faz alusão às qualidades que só o rei Emanuel possui.

⁴⁴⁰ Rio da Hispânia.

⁴⁴¹ Rio da Índia.

**His tu divitiis princeps dignissimus, a quo
 thesauri manant vel melioris opes.
 Nam pietas liquidi sedem dabit aetheris unam,
 ut proavos possis exuperare tuos.
 Justitia populos, placidaque in pace gubernas, 25
 sinceraque colis relligione Deos.
 Denique nil norunt maius te saecula; nam quae
 vix sunt in cunctis regibus, unus habes.**

AD PETRUM AEGITANIENSEM PONTIFICEM.

EPIGRAMMA

III.

**Criminibus maculata novis pia limina sordent,
 castaque vix usquam supplicat ara Jovi.
 Exitium terris magnum portenta minantur,
 grataque Coelicolis victima nulla cadit.
 Et fibris inhians pallet consultus aruspex, 5
 nec bubus quisquam mille litare potest.
 Desperare nefas, placibitur ira Deorum,
 falciger Hesperio regnat in orbe Deus.
 Cui Tagus, & Ganges, mundi confinia, parent,
 cui servire etiam gaudet uterque polus.
 Si renovare Deis placet omnia, se tibi, Petre, 10
 alterius credet regia sacra Petri.**

A ANTÓNIO GALEAZZO BENTIVOGLIO.

EPIGRAMA

IV.

**Sejas feliz, Galeazzo, sob todos os aspectos decoro da raça latina,
sejas feliz lume e aura da tua pátria. 2**
**Enviaram-te esta saúde os ledos
numes das florestas, que celebravam os jugos de Camaldo. 4**
**Que relata, e já cantou da pátria e da divindade, os teus
louvores, mas Febo tocando a lira. 6**

A MINO ROSSI.

EPIGRAMA

V.

**Única glória das Piérides, que sejas feliz, Mino,
Mino, ó doce aluno do coro de menina.
Há pouco desci das Aônias colinas, donde
tantos vates levam um famoso nome aos astros.
Destruídos vi os santuários das deusas Castálides, 5
e vimos Dáfne⁴⁴² nada ter de fronde⁴⁴³.
Uma imane raça possui estes lugares, além disso -
ah! Ordenou que as próprias musas se retirassem com trépido pé! Febo
restituirá todas as coisas, mas sendo protetor Mino,
a quem único tanta glória de feito está reservada. 10**

---

⁴⁴² Ninfa, filha do rio Peneu. Diz o mito que ela querendo escapar de Apolo, que a amava, invocou a Terra, sua mãe, e foi transformada em loureiro.

⁴⁴³ Isto é, não está ornado com grinalda de folhas, com coroa de folhas.

AD ANTONIUM GALEACEM BENTIVOLUM.

EPIGRAMMA

IV.

Sis felix, Galeax, Latiae decus undique gentis:	
sis felix patriae lumen, & aura tuae.	2
Hanc tibi silvarum miserunt laeta salutem	
numina, Camaldi quae juga concelebrant.	4
Qui fert, jam cecinit patriaeque, patrisque, tuasque	
laudes, sed Phoebos percutiente lyram.	6

AD MINUM ROSCIUM.

EPIGRAMMA

V.

Unica Pieridum sis felix gloria, Mine,	
Mine, puellaris dulcis alumne chori.	
Nuper ab Aoniis descendit collibus, unde	
tot vates clarum nomen ad astra ferunt.	
Diruta Castalidum vidi delubra dearum,	5
vidimus & Daphnen frondis habere nihil.	
Haec immane genus loca possidet, insuper ipsas	
ah! Musas trepido jussit abire pede.	
Omnia restituet Phoebus: sed vindice Mino,	
quem solum facti gloria tanta manet.	10

AO GENERAL HÉRCULES.

EPIGRAMA

VI.

**Congratulo-me, ó magno Alcides⁴⁴⁴, contigo que com tantos alunos
vates, elevas a cabeça até sobre os astros.
E o nascido de Estroziada e o pai de Cupido
por todos os lados insuflam asas nos versículos de sons doces.
E por que eu diria o plectro de Tebaldo? E a lira? 5
Por que de meu Célio eu louvaria os doutos carmes?
Por que de Panizato os divinos poemas?
Por que Batista os espalha ? Ou solto vá
ou que preso pelo pé se apresse menos, sabe por experiência todos⁴⁴⁵
certamente, douto a falar numa ou noutra língua. 10
Filomuso do mesmo modo não foi dito por nenhum poema,
ele faz a matéria⁴⁴⁶ sobre si com os vates.
Outro Aristarco, Ripa, degola os maus carmes,
o próprio faz poemas dignos do deus Clário⁴⁴⁷.
Estes vates todos (Esta faculdade a cada um de falar) 15
não cessam de elevar o teu nome aos astros.
E confessem cada um por si com voz concorde que tu és autor do ócio⁴⁴⁸,
acrescenta isto: sem ti nada é doce.
Em nada ao Estige, em nada ao Lete⁴⁴⁹ temas, serás presenteado no céu
mais tarde, enquanto isto Eridano te cultiva. 20**

⁴⁴⁴ Alcides, neto de Alceu. Epíteto de Hércules.

⁴⁴⁵ Os divinos poemas de Panizato.

⁴⁴⁶ É o assunto.

⁴⁴⁷ Clário é o deus Apolo. Há uma referência ao deus em *Eneida* 3, 360, de Vergílio. Sabe-se também que em Claros fôra erigido um templo em honra de Apolo.

⁴⁴⁸ O vocábulo *oti* está no genitivo singular poético, pois deveria ser *otii*. No sentido primitivo da palavra, “ócio” era o tempo vago para a atividade intelectual.

⁴⁴⁹ Rio dos infernos, cujas águas, bebidas pelos mortos, traziam-lhes o esquecimento da vida passada.

AD HERCULEM DUCEM.

EPIGRAMMA

VI.

**Gratulor, ò magne Alcide, tibi, qui tot alumnis
vatibus, extollis vel super astra caput.
Stroziadae natusque, paterque Cupidinis alas
versiculis afflant undique dulcisonis.
Quid Thebaldei dicam plectrumque, lyramque? 5
Quid caeli laudem carmina docta mei?
Quid Pannizati divina poemata? Quid quae
Baptista effundit? Sive solutus eat,
sive pede astrictus properet minus, omnia callet
nimirum, lingua doctus utraque loqui. 10
Est Philomusus item nullo non carmine dictus,
materiam de se vatibus ille facit.
Alter Aristarchus jugulat mala carmina Ripa,
ipse facit clario carmina digna deo.
Hi vates omnes (quae fandi cuique facultas) 15
non cessant nomen tollere ad astra tuum.
Teque oti autorem concordii voce fatentur
quisque sui, adde quod est te sine dulce nihil.
Nil Styga, nil Lethen metuas, donabere caelo
serius, interea te colit Eridanus. 20**

A BIANCA BENTIVOGLIA.

EPIGRAMA

VII.

**E o sócio arrastou um que, constrangido, devia obedecer ao camarada;
e companheiro lhe foi (conquanto estúpido seja aquele).**

**Pois, eu não me pareço sábio sozinho e sou impelido
para onde o vento me rapta em quaisquer circunstâncias, e a aura leve.**

**Nem certamente terá pena de ter vindo de Rangão aos altos 5
tetos, lugar esse até convém aos magnos deuses.**

**E como vi os teus nascidos, tantas estrelas, eu disse,
tornar-se-ão, quantos penhores do meu senhor percebo.**

**E tu, criadora⁴⁵⁰, serás morta pelos nascidos celícolas
e tornar-te-ás outra mãe, Blanca, dos deuses.**

10

A ATLANTE CITAREDO

EPIGRAMA

VIII.

**Narra-se o éter ser conduzido por concertos que têm sons doces,
e um e outro pólo admirar a arte da palavra.**

**Se verdadeiras as coisas que os vates cantam, nem o erro
Engana os felizes ânimos que sobre os astros voam, 4**

Atlas⁴⁵¹ suspendeu o mundo estrelado com canto,

Atlas, glória primeira da lira de Febo.

**A este obedece o céu que fatiga Atlante⁴⁵² da Maurîtânia;
garante de fato ao longe engenho aos varões. 8**

⁴⁵⁰ Lembremo-nos de que *genitrix* (=criadora, mãe) é um epíteto da deusa Cibele, de Vênus.

⁴⁵¹ Atlas lutou contra os deuses e teve de sustentar, como castigo, sobre os ombros o peso do mundo.

⁴⁵² Atlante foi rei da Maurîtânia e se converteu em pedra por Perseu. (Ovídio, *Met.* 4, 628)

AD BLANCHAM BENTIVOLAM.

EPIGRAMMA

VII.

Invitum traxit sociusque, comesque, sodali
parendum (stultus sit licet ille) fuit.
Namque ego non sapiens videor mihi solus, agorque
quo me cumque rapit ventus, & aura levis.
Nec venisse quidem Rangonis ad alta pigebit
tecta, locus magnos vel decet iste deos.
Utque tuos vidi natos, tot sydera, dixi,
fient, quot domini pignora cerno mei.
Et tu caelicolis, genitrix, laetabere natis:
et mater fies altera, Blanca, Deum.

AD ATLANTA CITHAROEDUM.

EPIGRAMMA

VIII.

**Dulcisonis fertur duci concentibus aether,
mirarique artem vocis uterque polus.
Quae si vera canunt vates, nec decipit error
felices animos, qui super astra volant, 4
stelligerum suspendit Atlas modulamine mundum,
Atlas, Phoebeae gloria prima lyrae.
Huic caelum paret, Maurum quod Atlanta fatigat;
praestat enim longe viribus ingenium. 8**

A GUIDO PEPOLI

EPIGRAMA

IX.

**Guido, decoro da gloriosa pátria, companheiro ínclito, percebes
com doces maneiras que os tetos soberbos ressoem? 2
Que admiração? Se o conhecidíssimo Atlas move os plectros?
Atlas, glória magna do laurígeno deus? 4**

A ROBERTO LANTONO.

EPIGRAMA

X.

**Escreve alguma coisa todas as vezes que a mim dizes e instas⁴⁵³
mais enérgico, restituis a mente ancípíte e o ânimo mais.
Pois se de mim não provenham com fácil lapso os cantos
em vão a mão direita cuidadosa toma nas mãos o cálamo⁴⁵⁴.
Espera, Roberto, portanto com proveito certamente 5
nossa Tália dará aquilo que a ti prometeu.
Então o teu sonípede⁴⁵⁵ atingirá o etéreo Olimpo
e contigo viverá por toda a parte com o meu presente.**

---

⁴⁵³ Pedes com instância, com insistência.

⁴⁵⁴ A flauta ou gaita pastoril, tendo em vista mais uma vez o sentido figurado do poema.

⁴⁵⁵ É o cavalo de pés retumbantes.

AD GUIDUM PEPULUM.

EPIGRAMMA

IX.

Guido, decus clarae patriae, comes inclyte, cernis dulcibus ut resonent tecta superba modis?	2
Quid mirum, si plectra movet notissimus Atlas? Atlas, laurigeri gloria magna Dei?	4

AD ROBERTUM LANTONUM.

EPIGRAMMA

X.

Scribe aliquid quoties mihi dicis, & acrius instas, ancipitem reddis mentem, animumque magis. Nam nisi proveniant facili mihi carmina lapsu, nequicquam calamum sedula dextra capit.	
Exspecta, Roberte, igitur, cum foenore nempe quod tibi promisit, nostra Thalia dabit.	5
Tunc tuus aethereum sonipes aequabit Olympum, et tecum vivet munere ubique meo.	

A ALESSANDRO BENTIVOGLIO.

EPIGRAMA

XI.

**Vai feliz e feliz volta, fortíssimo condutor,
começa já a seguir os valorosos feitos ilustres do pai.
Do sangue de Bentívolo agora confesses que tu nascido,
começa já a equiparar aos teus bisavôs.
Não duvides, com propícias penas chegará a vitória, 5
que restitua o teu glorioso nome no orbe.
A bélica virgem e Marte favorecerão ao seu jovem,
e com novos auspícios que um e outro nume tenha se aproximado.
Com o teu nome, Alexandre, que a fama espalhou pelas urbes etruscas,
acampamento inimigo trepida. 10
Em situações aflitivas, Florê⁴⁵⁶ça alegra-se enfim
e crê que, sendo tu o chefe, Pisas⁴⁵⁷ pode ser tomada.
E aquele que durante muito tempo jazeu sepultado como por gelada
febre⁴⁵⁸, o meônio leão, sendo tu o chefe, já move armas.**

---

⁴⁵⁶ Cidade da Etrúria. É município italiano e maior cidade da região da Toscana e está situada a 230 km ao noroeste de Roma.

⁴⁵⁷ Também é uma cidade da Etrúria.

⁴⁵⁸ Tratando-se da iminência da morte.

AD ALEXANDRUM BENTIVOLUM.

EPIGRAMMA

XI.

**I felix, felixque redi, fortissime ductor,
incipe jam patris fortia gesta sequi.
Sanguine Bentivolo nunc te fateare creatum,
incipe jam proavos aequiparare tuos.
Ne dubita, laetis veniet victoria pennis,
quae clarum reddat nomen in orbe tuum.
Bellica virgo suo juveni, Marvorsque favebunt,
auspiciisque aderit numen utrumque novis.
Nomine, Alexander, Tuscas quod fama per urbes
vulgavit, trepidant castra inimica tuo.
Rebus in afflictis gaudet Florentia tandem,
et Pisas credit, te duce, posse capi.
Quique diu jacuit gelida quasi febre sepultus,
te duce, Moeonius jam movet arma leo.**

A PAULO SILOVÍCIO.

EPIGRAMA

XII.

**Paulo, enquanto com o coração medito comigo os teus louvores
e dotes da alma e do teu engenho,
tomo na mão os plectros e a lira, em seguida começo a estender as
cordas⁴⁵⁹ e a perseguir⁴⁶⁰ as nossas deusas.
Então aparecem a ilustre raça e os preclaros feitos dos teus   5
que somente devem ser referidos com o meônio⁴⁶¹ pé.
Minha mente, tendo admirado a glória de tantos varões,
fica estupefata e cai vencida pelo peso dos feitos notáveis.**

A FRANCISCO SENGLADA HISPANO.

EPIGRAMA

XIII.

**Ao teu engenho, Francisco, e à língua diserta⁴⁶²
congratulo-me, e à raça congratulo-me e à pátria.
E deliberaste hoje à pátria e a ti e aos teus
e tens prêmios magnos de ingente labor.
E mais o Eácida e Príamo e o máximo Heitor   5
do que uma lucerna vigilante no meio da noite tos concedeu.
Do corpo é essa a força, da alma a solércia ao longe
se eleva próxima dos magnos celícolas.**

---

⁴⁵⁹ As cordas de um instrumento musical.

⁴⁶⁰ Está no sentido de procurar.

⁴⁶¹ Isto é, com o pé épico.

⁴⁶² Que se expressa bem, língua bem clara.

AD PAULUM SILOVITIUM.

EPIGRAMMA

XII.

**Paule, tuas laudes mecum dum corde voluto,
atque animi dotes, ingeniique tui:
plectra, lyramque manu capio, mox tendere nervos
incipio, & nostras sollicitare deas.**

**Tunc illustre genus, praeclaraque gesta tuorum 5
moeonio subeunt vix referenda pede.**

**Mens mea tantorum decus admirata virorum
obstupet, & rerum pondere victa cadit.**

AD FRANCISCUM SENGLADAM HISPANUM.

EPIGRAMMA

XIII.

**Ingenio, Francisce, tuo, linguaeque disertae
gratulor, & generi, gratulor & patriae.
Consuluisti hodie patriaeque, tibi, tuisque,
praemiaque ingentis magna laboris habes.
Et tibi quam Aeacides, Priamusque, & maximus Hector 5
plus vigil in media nocte lucerna dedit.
Corporis est ea vis, animi solertia longe
exuperat magnis proxima caelicolis.**

AO AMIGO.

**EPIGRAMA
XIV.**

**Suplício⁴⁶³ nenhum maior, nem mais duro aquele é
do que se graça nenhuma se dá à escravidão.
Sou escravo nem cesso de servir ao senhor soberbo
mas nenhuns prêmios de minha escravidão existem.
Ah! para mim a liberdade mais preciosa do que o   5
ouro pereceu e não havendo de voltar levou deste lugar um nível
pé! ímprobo, ou paga já o preço do nosso labor
ou é lícito que tu confesses muito ingrato.**

AOS SEUS VERSÍCULOS.

**EPIGRAMA
XV.**

**Fautores⁴⁶⁴ não faltam completamente a vós, carmes,
com o coração suplicante espalhai preces a Rangão;
de fato, ele favorece as pessoas de talento⁴⁶⁵ e dos vates admira a
sutileza⁴⁶⁶ e julga que muita do nune existe a vós.
Celestes penhores são também os doces filhos   5
tais quais eu tenha acreditado com esforço Júpiter ter gerado.
Entre esses Guido, o mais belo dos irmãos,
feito vate hauriu de nosso rio as águas.
Ide portanto nem temei as palavras do plácido príncipe.
Nenhuma recusa chegará à vossa prece.   10**

---

⁴⁶³ No sentido de pena, castigo.

⁴⁶⁴ São os protetores.

⁴⁶⁵ *Ingenium* no plural pode ser traduzido por “pessoas de talento”, como também “engenho, talento, inteligência”, optamos pela primeira possibilidade de tradução.

⁴⁶⁶ Está no sentido da agudeza de espírito.

AD AMICUM.

EPIGRAMMA

XIV.

**Supplicium nullum maius, nec durius ullum est,
quam si servitio gratia nulla datur.**

**Servio, nec cesso domino servire superbo,
sed sunt servitii praemia nulla mei.**

**Hei mihi libertas periit pretiosior auro, 5
et tulit hinc niveum non reditura pedem!
Improbe, vel nostri pretium jam solve laboris,
vel nimis ingratum te fateare licet.**

AD SUOS VERSICULOS.

EPIGRAMMA

XV.

**Non penitus vobis fautores, carmina, desunt:
supplice Rangoni fundite corde preces;
nam fovet ingenia, & vatum miratur acumen,
et multum vobis numinis esse putat.**

**Sunt etiam dulces caelestia pignora nati, 5
quales crediderim vix genuisse Jovem.
Inter quos Guido fratrum pulcherrimus hausit
e nostro vates flumine factus aquas.**

**Ite igitur, placidi nec principis ora timete: 10
continget vestrae nulla repulsa preci.**

ALTERCAÇÃO DE DEUSES.

EPIGRAMA

XVI.

**Marte acomoda o capacete de metal na cabeça, Júpiter o
vê e fala ao filho com estas palavras:**

**“Tu, néscio dos fados, preparas em vão as armas, com as armas
nada é preciso; leva-se uma situação⁴⁶⁷ sem soldados.”**

**Galo está presente e oprime o Lácio e tuas muralhas, 5
a virtude abandonou Roma e a confiança a abandonou.**

**E tendo esquecido os nascidos de teu sangue, cidadãos se
entregam a si, nós estamos em nenhuma honra.**

**Pelo Estige, nascido, a ti juro. Uma raça ímpia 10
em pouco tempo sofrerá castigos ingentes de crimes e exício.**

Oh! desonra da nossa raça, ah! penhores nossos!

Eis a ti os Romúlidas⁴⁶⁸ e os varões, filhos de Marte.

**“Portanto eu - Marte diz – permitirei, ó rei máximo dos deuses,
que a Ausônia⁴⁶⁹ entregue os pescoços ao jugo hediondo?**

**Portanto agrada ver de novo o Capitólio⁴⁷⁰ dos Sênones 15
incendiado pelas flamas, de novo os nossos tetos serem queimados?**

**Que os esquecidos Deuses Superiores dos nascidos, e os
esquecidos dos descendentes, que nenhuns numes julguem
merecidamente os mortais. Porque se certa se fixa, genitor, a sentença⁴⁷¹
à mente, por que dardos não forjados não caem de tuas mãos?” 20**

---

⁴⁶⁷ Em outras palavras leva-se um acontecimento.

⁴⁶⁸ Descendentes de Rômulo, portanto são os romanos.

⁴⁶⁹ Uso poético para a própria Itália.

⁴⁷⁰ *Capitolia*, *-iōrum* (Capitólio) era uma das sete colinas de Roma.

⁴⁷¹ A determinada opinião ou parecer ou a maneira de ver.

DEORUM ALTERCATIO.

EPIGRAMMA

XVI.

**Aptabat capiti galeam Mars, Juppiter illum
vidit, & his natum vocibus alloquitur.
Nequicquam arma paras fatorum nescius, armis
nil opus est: geritur res sine militibus.
Gallus adest, Latiumque premit, tua moenia, Romam   5
deseruit virtus, deseruitque fides.
Oblitique tuo cretos se sanguine cives
indulgent sibi, nos nullo in honore sumus.
Per Styga, nate, tibi juro: gens impia poenas
mox scelerum ingentes, exitiumque luet.   10
Dedecus ò nostri generis, proh pignora nostra!
En tibi Romulidas, Martigenasque viros.
Ergo ego, Mars inquit, patiar, rex maxime Divum,
Ausoniam foedo subdere colla jugo?
Ergo incensa iterum Senonum capitolia flammis,   15
uri tecta iterum nostra videre lubet?
Natorum immemores Superi, immemoresque nepotum,
mortales merito numina nulla putent.
Quod si certa sedet, genitor, sententia menti:
quin incussa tuis tela cadunt manibus?   20**

Cloto⁴⁷² assim interrompida dissolveu este litígio:
“Cuida tu do raio, leva tu as ferozes guerras.
de fato o tempo, a mim que há de vir, pelas irmãs gêmeas
foi conhecido, que exerçamos nossa função, cada qual com sua tarefa.”.
Ela disse e furibunda desapareceu dentro das tênues auras. 25
Que farão os homens? Tornaram-se estupefatos os deuses.

A PEDRO FLISCO.

EPIGRAMA XVII.

A mãe natureza das coisas não foi indulgente aos mortais da mesma
maneira, mãe, a mesma dura madrasta.
Quem deu forças de engenho e alma capaz,
para estes a iníqua deu um corpo muito disforme.
Por sua vez a natureza orna estes largamente com dotes corpóreos. 5
Vejas sem ordem que estes nada tem de coração⁴⁷³.
Acrescenta a isto que a vida está obnóxica aos vários crimes dos homens;
de fato ninguém esteve sem vícios.
Pedro, que tu, contente, tenhas podido viver por acaso os teus vícios,
nem, tu próprio, tenhas podido soltar gritos de lamentação sobre 10
as leis da natureza. De fato, ela deu engenho e costumes sem crime hediondo
e a face que convém até ao deus Clário⁴⁷⁴.
Por que traremos de novo as riquezas, os bisavôs e a pátria soberba?
A partir destes, coisas uma a uma te fazem feliz.

---

⁴⁷² Uma das Parcas.

⁴⁷³ Apenas a beleza do corpo.

⁴⁷⁴ Um dos epítetos de Apolo.

**Hanc litem Clotho sic interfata diremit:
tu cura fulmen, tu fera bella gere.
Nam mihi venturum, geminisque sororibus aevum
notum est, fungamur munere quisque suo.
Dixit, & in tenues furibunda evanuit auras: 25
quid facient homines? obstupere Dei.**

AD PETRUM FLISCUM.

**EPIGRAMMA
XVII.**

**Non rerum natura parens mortalibus aequae
indulsit, mater, dura noverca eadem.
Quis dedit ingenii vires, animumque pacem,
his deforme nimis corpus iniqua dedit. 5
Contra, corporeis large quos dotibus ornat,
hos videas passim cordis habere nihil.
Adde quod est hominum variis obnoxia vita
criminibus; vitiis nam sine nemo fuit.
Petre, tua poteris contentus vivere forte, 10
nec de naturae legibus ipse queri;
nam dedit ingenium, & foedo sine crimine mores,
et faciem, Clarium quae decet usque Deum.
Quid referemus opes, proavos, patriamque superbam?
Ex his felicem singula te faciunt.**

A LUÍS TEIXEIRA.

**EPIGRAMA
XVIII.**

Aceitas? Acaso, Teixeira, reenvias o presente a nós?
Aceita, por que duvidas? Tens presentes de cliente. 2
Mas se por acaso demasiado pareço enviar-te presentes parcamente,
dá-nos tu coisas mais proveitosas. 4

SOBRE OS FILHOS DE BENTIVOGLIO

**EPIGRAMA
XIX.**

Aníbal e Galeácio e o belo Aléxis e Hermes,
os nomes devem ser amados sempre pelo próprio som. 2

A ROBERTO LANTONO

**EPIGRAMA
XX.**

Mudar poemas com poemas, Roberto, preparavas, 2
e restituir versículos em lugar de versículos.
Contudo eu quis ir ao encontro desses esforços
para que tu me desses magnas coisas em vez de um pequeno presente. 4

AD LUDOVICUM TESSIRAM.

**EPIGRAMMA
XVIII.**

Accipis? An nobis donum, Tessira, remittis?	
Accipe, quid dubitas? Dona clientis habes.	2
Sed si forte nimis videor tibi munera parce	
mittere, tu nobis uberiora dato.	4

DE FILIIS BENTIVOLIS.

**EPIGRAMMA
XIX.**

Annibal, & Galeax, & pulcher Alexis, & Hermes,	
nomina sunt ipso semper amanda sono.	2

AD ROBERTUM LANTONUM.

**EPIGRAMMA
XX.**

Carmina carminibus mutare, Roberte, parabas,	
et pro versiculis reddere versiculos.	2
Obvius ire tamen volui conatibus istis:	
ut mihi pro parvo munere magna dares.	4

A BENEDITO BARBÁCIA

EPIGRAMA

XXI.

**Se eu quisesse medir com a alma, Barbácia, um presente,
que tu tenhas o penhor e o amor do teu vate.**

**E para mim não julgaria que as divícias de Crespo e de Midas fossem
bastantes nem fossem bastantes como os teus méritos.**

**Então de um pobre quarto pequeno envio tudo isto,   5
aceita mas com mão plácida, meu Benedito.**

**Com incenso piedoso os deuses superiores se alegram, e com
presente os reis. Com presentes habituado a impedir, serias ninguém.**

**Com esse⁴⁷⁵ os deuses superiores e reis se alegram, também te alegrares é
necessário ou se não queres meus presentes, envia os teus.   10**

A RUI DUBRAVO BOEMO.

EPIGRAMA

XXII.

**Caso superes pela beleza a todos do mesmo modo que
superas pela virtude, pela beleza chegue Apolo a ti.**

Mas por que a beleza agrada? É preferível pela virtude agradar.

A beleza perece, a pulcra virtude durante muito tempo permanece.

**Que então? Vemos a virtude e a beleza, Rui,   5
Serem a ti em modo igual e inteiramente semelhante?**

---

⁴⁷⁵ O pronome *quo* no ablativo singular tem como antecedente “com o incenso”.

AD BENEDICTUM BARBATIAM.

EPIGRAMMA

XXI.

**Si metiri animo vellem, Barbatia, munus,
quod tibi sit vatis pignus, amorque tui:
non mihi divitias Croesique, Mydaeque putarem
esse satis, meritis nec satis esse tuis.**

**Hoc quodcumque igitur cella de paupere mitto, 5
accipe: sed placida, mi Benedicte, manu.
Thure pio Superi gaudent, & munere reges:
muneribus solitus claudere nemo fores.**

**Quo Superi & Reges, quoque te gaudere necesse est:
vel mea si non vis munera, mitte tua. 10**

AD RODERICUM DUBRAVUM BOEMUM.

EPIGRAMMA

XXII.

**Si forma superes cunctos, virtute perinde
ut superas, forma cedat Apollo tibi.
Sed quid forma juvat? Praestat virtute placere:
forma perit, virtus pulchra, diuque manet.
Quid quod virtutem, & formam, Roderice, videmus
esse tibi pariter, consimilique modo?**

A LUÍS TEIXEIRA

EPIGRAMA

XXIII.

Quando eu estava livre nem fortemente agitado pelo fogo do amor, não julgava, a não ser os loucos, serem apanhados pelo amor.

Além disso Febo dá-lo-ia, ou Evan⁴⁷⁶ de Sêmele⁴⁷⁷.

eu não acreditava que os corações dos homens fossem arrebatados pelo furor. Agora porquanto seja o amor algo de novo⁴⁷⁸, verteu-se a sentença: 5 o amor não lesou estes peitos, julgo sãos.

Quem é a causa do meu furor, procuras saber, Teixeira?

Direi certamente: menina nascida de não humilde local.

**Para cujas insídias, depois que chegamos,
sofro um cruel jugo de servidão de noite e de dia.**

SOBRE O AMOR

EPIGRAMA

XXIV.

As milícias dizem existirem muitos prejuízos de Marte: dolos, raptos, feridas, danos, mortes violentas.

**No amor também perigos devem ser temidos por nós,
não os que trazem guerras inferiores aos males.**

As armas podem oferecer aos vencidos nada mais triste do que a morte, 5
O violento amor oferece nada melhor do que a morte.

Acrescenta a isto que algumas vezes Marte se afasta das armas, mas Cupido gera suas guerras perpetuamente.

**E a tuba tocada adverte a voltar ao acampamento de repente
todas as vezes que o general vê que a sua batalha vai à ruína,
mas o menino indômito de Vênus no fim, no fim, pressiona as coortes,
(embora estejam iminentes mil perigos).**

⁴⁷⁶ Era um dos nomes do deus Baco. Encontramos uma passagem deste vocábulo nas Metamorfoses de Ovídio 4. 15.

⁴⁷⁷ *Semeleius* (de Sêmele), epíteto de Baco. (Ovídio, *Met.* 3, 520).

⁴⁷⁸ Isto é, o amor pode tornar a pessoa loucamente apaixonada.

AD LUDOVICUM TESSIRAM.

EPIGRAMMA

XXIII.

**Quando ego liber eram, nec amoris percitus igne,
non nisi vesanos rebar amore capi:
praeter quem Phoebus daret, aut Semeleius Aevan,
non credebam hominum corda furore rapi.
Nunc quia quid sit amor novi, sententia versa est: 5
quae non laesit amor pectora, sana puto.
Quae sit causa mei quaeris, Tessira, furoris?
Dicam equidem: haud humili nata puella loco.
Cujus in insidias postquam devenimus, acre
servitii patior nocte, dieque jugum. 10**

DE AMORE.

EPIGRAMMA

XXIV.

**Militiae dicunt incommoda Martis inesse
multa: dolos, raptus, vulnera, damna, neces.
Sunt in amore etiam metuenda pericula nobis,
non quae bella ferunt inferiora malis.
Morte nihil possunt victis dare tristius arma, 5
morte nihil melius dat violentus amor.
Adde quod interdum Mavors discedit ab armis:
at sua perpetuo bella Cupido gerit.
Et tuba pulsa monet redeundum in castra repente
pessum aciem quoties dux videt ire suam; 10
sed Veneris puer indomitus fine fine cohortes,
(immineant quamvis mille pericla) premit.**

**no amor este mal do qual enfim nenhum outro é maior,
perdemos a liberdade da alma e a alma.**

A HÉRCULES STROZA

EPIGRAMA

XXV.

**Que Alcides deixe de lançar a clava cruenta
e o cão do Tártaro e as mãos carrascas.
Pois aos animais selvagens pode chegar a mesma virtude
que somente tem o vigor deste corpo.
sucumbam portanto as aljavas e o despojo do leão,   5
Alcides, e as cítaras com os teus carmes,
com carmes que arrastam os seixos, que retêm os rios,
que ordenam as deusas emigrarem do Hélicon⁴⁷⁹.**

A TITO STROZA.

EPIGRAMA

XXVI.

**Exceto entre dotes felizes da fortuna, do ânimo e do corpo,
ninguém deverá ser considerado.
Real majestade, outro Maro nascido, e riquezas
existem para ti, e peitos plenos de um deus aônio.
Tão manifestos ninguém nega, Tito, nem negará   5
alguém, a quem seja a mente sã, nem tenha inveja.**

---

⁴⁷⁹ Montanha da Beócia, consagrada a Apolo e às musas.

**Hoc in amore malum, quo nullum denique maius:
libertatem animi perdimus, atque animum.**

AD HERCULEM STROZAM.

**EPIGRAMMA
XXV.**

**Desinat Alcides clavam jactare cruentam,
Tartareumque Canem, carnificesque manus.
Quippe feris eadem potuit contingere virtus,
quae robur tantum corporis hujus habet.
Succumbant igitur pharetrae, spoliumque leonis, 5
Alcide, citharae, carminibusque tuis,
carminibus, quae saxa trahunt, quae flumina sistunt,
quae migrare jubent ex Helicone Deas.**

AD TITUM STROZAM.

**EPIGRAMMA
XXVI.**

**Fortunae dotes, animique, & corporis extra
inter felices nullus habendus erit.
Regia maiestas, alter Maro natus, opesque
sunt tibi, & Aonio pectora plena Deo.
Tam manifesta negat nemo, nec, Tite, negabit 5
quisquam, cui sit mens sana, nec invideat.**

A SABINO.

**EPIGRAMA
XXVII.**

**Em nenhuma ocasião lesei alguém com papéis nem com voz, Sabino,
para que não tenham existido dardos antes revirados contra mim.**

**És-me testemunha tu próprio que lanças alguns epigramas
que de preferência devem ser apresentados pelo seu autor.**

**Mas nas trevas estive sempre escondido e sempre estará escondido. 5
Há muito tempo precipitado às estígeas águas.**

CONTRA FÚRIO.

**EPIGRAMA
XXVIII.**

**Fúrio, amas Henrique? A Sabino,
Fúrio, ama, mas dedica-te a Sabino,
Fúrio, contanto que nós também por ti sejamos amados.**

**Fúrio, que mereci? Por que a um inocente,
Fúrio, repreendes? Acaso é próprio do bom ou do probo, 5
Fúrio, repreender? Acaso é o que tu próprio repreendes?
Fúrio, Fúrio, de novo que deve ser advertido Fúrio,
Fúrio, ama não só Henrique como também Sabino.**

AD SABINUM.

**EPIGRAMMA
XXVII.**

**Nusquam aliquem laesi chartis, nec voce, Sabine,
quin fuerint in me tela retorta prius.
Testis es ipse mihi, qui quaedam epigrammata jactas
autori potius objicienda suo.
Sed tenebris latuit semper, semperque latebit, 5
iampridem in Stygias praecipatus aquas.**

IN FURIUM.

**EPIGRAMMA
XXVIII.**

**Furi, diligis Hermicum? Sabinum,
Furi, dilige, sed stude Sabino,
Furi, dummodo nos quoque abs te amemur:
Furi, quid merui? Quid innocentem,
Furi, carpis? An est boni, probive, 5
Furi, carpere? An est quod ipse carpas?
Furi, Furi, iterum monende Furi,
Furi, dilige & Hermicum, & Sabinum.**

A MARCO ANTONIO PARMENSE.

EPIGRAMA

XXIX.

**Eu havia prometido de ti para mim muitas coisas,
mas tu próprio, maior do que a fama nos levava, te aproximas.
Do que aquele carne (se houver alguma fidelidade) vi nada
mais terso. Agrada de tal forma com prisca simplicidade.**

**Julgamento este nosso de sincera mente foi feito   5
progresso. Assim viva o meu nome durante todo o tempo.
Um soldado⁴⁸⁰ antes que tráfuga, Marco, sejas chamado,
e volta aos sinais deixados do primeiro chefe
para que a ti chegue o loureiro nas proximidades dos sagrados
tempos e tua fama que ainda dura, depois das cinzas, vá.   10**

A LUÍS TEIXEIRA

EPIGRAMA

XXX.

**Alguns colhem versículos, porque neles há
numerosos nomes bárbaros que carecem de grega fonte.
Diz este rude vulgo a quem os murmúrios de língua trêmula
e a quem até lúbricas palavras agradam.**

**Nesses assuntos, Teixeira, brinco, não crio nomes,   5
nenhum de fato terá sido lesado pelo nosso canto.
Astutos⁴⁸¹ sejam até outros e picantes sejam chamados,
desde que eu te agrade com nua simplicidade.**

---

⁴⁸⁰ *Emansor* é um soldado que fica fora do acampamento ou do quartel além do tempo permitido.

⁴⁸¹ Refere-se aos poetas.

AD MARCUM ANTONIUM PARMENSEM.

EPIGRAMMA

XXIX.

**Pollicitus fueram de te mihi multa, sed ipse
maior, quam nobis fama ferebat, ades.
Carmine (si qua fides) vidi nil tersius illo:
usque adeo prisca simplicitate placet.
Judicium hoc nostrum sincera ex mente profectum est: 5
sic vivat nomen tempus in omne meum.
Emansor potius, quam transfuga, Marce, voceris,
ad primique redi signa relictata ducis.
Ut tibi contingat circum sacra tempora laurus,
et tua post cineres fama superstes eat.   10**

AD LUDOVICUM TESSIRAM.

EPIGRAMMA

XXX.

**Versiculos carpunt aliqui, quod barbara in illis
plurima, quae graeco nomina fonte carent.
Hoc rude vulgus ait, tremulae cui murmura linguae,
et cui dumtaxat lubrica verba placent.
In rebus, Tessira, jocor, non nomina fingo;   5
nullus enim nostro carmine laesus erit.
Versuti sint usque alii, salsique vocentur,
nuda ego dum placeam simplicitate tibi.**

A PANDOLFO PESAURENSE.

EPIGRAMA

XXXI.

**Logo que, Pandolfo, proves os epigramas nossos,
não posso dissimular a minha gloriola.
Do engenho o preço, e o fruto mais úbere⁴⁸² é ele,
louvais de alguma parte para agradar aos varões.
Para mim conduzo estes prêmios eternos de estudos⁴⁸³, 5
morrem outros nos tempos.
Como te aprouver, que os críticos ponderem os meus carmes.
Por motivo algum já temo o triste supercílio do censor.
Todavia não me surgem por isto na cabeça cristas
nem da grege lusitana serei galo. 10**

SOBRE O AMOR.

EPIGRAMA

XXXII.

**A Marte uns e a Febo outros veneram, adoram.
De Marte eu e sob o pé de Febo abaixo o pescoço.
Eu próprio domei Júpiter, e a pulcra Diana nem se gabaria
verdadeiramente de ter evitado minhas setas,
se pudesse o menino Endimião⁴⁸⁴ confessar as coisas 5
manifestas, mas se cala, mandado a continuar os sonos.**

---

⁴⁸² Isto é, fecundo, fértil, abundante.

⁴⁸³ Dos escritos de seus epigramas, de sua obra epigramática.

⁴⁸⁴ Pastor de rara beleza, amado por Selene. Diz o mito que Diana o visitava no monte Latmo durante o sono. Sabe-se também que Endimião foi condenado por Júpiter a sono perpétuo por amar sua esposa Juno. (Cíc. *Tusc.* 1,92)

AD PANDULPHUM PESAURENSEM.

EPIGRAMMA

XXXI.

**Quod tantum, Pandulphe, probes epigrammata nostra,
gloriam nequeo dissimulare meam.
Ingenii pretium, fructusque uberrimus ille est,
laudatis aliqua ex parte placere viris.
Haec, Pandulphe, mihi studiorum praemia duco 5
aeterna, intereunt caetera temporibus.
Ut lubet, expendant critici mea carmina: nil jam
censoris metuo triste supercilium.
Non tamen idcirco surgunt mihi vertice cristae,
nec lusitano de grege gallus ero. 10**

DE AMORE.

EPIGRAMMA

XXXII.

**Martem alii, Phoebumque alii venerantur, adorant:
Martis ego, & Phoebi sub pede colla premo.
Ipse Jovem domui, nec se vitasse sagittas
jactaret vere pulchra Diana meas,
si posset puer Endymion manifesta fateri:
sed jussus somnos continuare tacet.**

AO PONTÍFICE DIOGO DE SOUSA.

EPIGRAMA

XXXIII.

**Sousa pai⁴⁸⁵, que agora te afastas das praias do Lácio
para ver os doces campos do solo pátrio.
Depois que tendo admirado em Roma os penates de Rômulo,
viste a pátria e os lares dos semideuses,
vai, lembrado do vate, vai ao qual a glória decantada   5
da vossa nação elevará até sobre os astros a cabeça.
Entretanto com humilde voz rogo súplice ao tonante
que ele te faça pastor de sua grege.**

AO DITADOR LUÍS BLANCO.

EPIGRAMA

XXXIV.

**Prêmios da virtude, glória dos magnos feitos,
neste dia foram-te concedidos, Luís.
Já que a própria pátria submete-se ao teu cetro
e transmite todas as coisas que devem ser geridas pelos teus
auspícios. Quanto Jano te assiste feliz, tanto cândidos te sejam   5
(o que restante é de vida) os tempos longos.**

---

⁴⁸⁵ Está no sentido de venerando.

AD JACOBUM SOUSAM PONTIFICEM.

EPIGRAMMA

XXXIII.

**Sousa Pater, Latiis qui nunc discedis ab oris,
visurus patrii dulcia rura soli,
Romuleos postquam miratus in Urbe penates
vidisti patriam, semideumque lares,
i memor, i vatis, vestrae cui gloria gentis
decantata feret vel super astra caput.
Interea supplex humili rogo voce tonantem,
pastorem ut faciat te gregis ille sui.**

5

AD LUDOVICUM BLANCHUM DICTATOREM.

EPIGRAMMA

XXXIV.

**Praemia virtutis, magnarum gloria rerum
hac concessa tibi sunt, Ludovice, die.
Quandoquidem ipsa tuo subdit se patria sceptro,
tradit & auspiciis cuncta gerenda tuis.
Quam tibi Janus adest felix, tam candida sunt
(quod reliquum est vitae) tempora longa tibi.**

5

A JANO CONOVÍCIO.

EPIGRAMA

XXXV.

**A ti, Jano, decoro nosso, esperança magna dos teus,
que não permites as musas serem estéreis a mim,
chegamos a fim de que nós veneremos o templo de nosso Apolo,
templo que subleva os engenhos dos vates.
Salve portanto, venerando menino, menino ínclito, salve, 5
pois a nossa salvação depende da tua salvação.
Conservai este menino, deusas, para as quais existem os carmes da
guarda para que não pereçam a fama e decoro do vosso coro.**

A LUÍS FOLIANO.

EPIGRAMA

XXXVI.

**No conjúgio que eu não me alegre mais ou na celibatária vida,
com bastante custo pode ser claramente descoberto.
Discernirá bem quem tiver explorado uma e outra sorte,
verdadeiramente que apanhes em flagrante, é lícito submeter 5
à prova. Mas quão difícil é tentar um duro processo
e entregar os livres pescoços ao eterno jugo?
Mulher, se rica em terras é, insaníssima das coisas é:
sórdida⁴⁸⁶, se pobre; pródiga⁴⁸⁷, avara mesma.
Crédula é deforme⁴⁸⁸, pulcra provoca Juno,
se de boa família, poderosa, ambiciosa, procaz⁴⁸⁹. 10
Suportar estas coisas, Foliano, é duro mas casar-me certamente
quero por esta única comodidade:
para que eu reconheça finalmente os meus penhores, nascidos
semelhantes a mim e eu mesmo possa discernir.
Demente aquele que consulta a partir da beleza o nítido 15
orbe, mais belamente por este espelho discerne-se a efígie⁴⁹⁰.**

---

⁴⁸⁶ Suja, nojenta, imunda.

⁴⁸⁷ No sentido oposto do período anterior. Pródiga significa ávida, dispendiosa, esbanjadora.

⁴⁸⁸ Aquela que acredita em todos é deforme, desfigurada.

⁴⁸⁹ Está no sentido de ousada, descarada, atrevida, petulante.

⁴⁹⁰ Isto é, o retrato, a imagem, a figura de alguém.

AD JANUM CONOVICIUM.

EPIGRAMMA

XXXV.

**Ad te, Jane, decus nostrum, spes magna tuorum,
qui musas steriles non sinis esse mihi,
venimus, ut nostri veneremur Apollinis aedem,
aedem, quae vatum sublevat ingenia.
Salve igitur, venerande puer, puer inclyte, salve, 5
namque salus pendet nostra salute tua.
Hunc servate, Deae, puerum, queis carmina curae,
ne pereat vestri fama, decusque chori.**

AD LUDOVICUM FOLIANUM.

EPIGRAMMA

XXXVI.

**Conjugio laeter ne magis, an caelibe vita,
compertum liquido vix satis esse potest.
Dignoscet bene qui fortem explorarit utramque;
verum ut deprendas, experiare licet.
Sed quam difficile est durum tentare periculum, 5
liberaque aeterno subdere colla iugo?
Femina, si locuples est, insanissima rerum est:
sordida, si pauper, prodiga, avara eadem.
Credula deformis, Junonem pulchra lacessit:
si generosa, potens, ambitiosa, procax. 10
Haec, Foliane, pati durum est, sed ducere certe
hac una uxorem commoditate volo:
ut similes aliquando mei mea pignora natos
agnoscam, & possim cernere memet ego.
Demens qui nitidum de forma consulit orbem: 15
pulchrius hoc speculo cernitur effigies.**

AO DITADOR JANO FRANCISCO ADROVANDO.

**EPIGRAMA
XXXVII.**

**Apresentou - oh! quantas vezes com o nome de virtude! - a muitos
o império e um claro nome no orbe, crime.
E aquele que levou ruína à pátria, foi julgado ter levado
muitas vezes à sua gente a salvação.
O vulgo segue com cega caligem a fortuna 5
e retira-se móvel para onde o alado vento arrasta.
Sucedem contrariamente⁴⁹¹ para nós, Jano, que confessamos
servir-te de mérito tudo o que tens de honra.
Pois que livres sufrágios são dados pelo povo
felsíneo, que te fez na urbe chefe. 10
E concedeu-te o estandarte⁴⁹² da justiça e, manter os cetros,
e concedeu todas as coisas que devem ser regidas pelo arbítrio teu.
A casa Aldrovanda⁴⁹³ alegra-se, e alegram-se os propínquos⁴⁹⁴,
e alegra-se o que conhecera o teu engenho.
Não, como o feroz Sila, violaste os direitos do senado. 15
Nem para ti foi tão grande a libido de reinar.**

---

⁴⁹¹ Os seis primeiros versos parecer referir-se a ditadores em geral; a partir do sétimo: o homenageado.

⁴⁹² Bandeira da corte.

⁴⁹³ No sentido de a família Aldrovanda se alegra ...

⁴⁹⁴ São os próximos, os convivas, os familiares.

**AD JANUM FRANCISCUM ADROVANDUM
DICTATOREM.**

**EPIGRAMMA
XXXVII.**

**Praebuit ò quoties virtutis nomine multis
imperium, & clarum nomen in orbe scelus.
Et qui perniciem patriae tulit, ille salutem
creditus est genti saepe tulisse suae.
Fortunam caeca sequitur caligine vulgus, 5
quoque rapit volucer mobile ventus abit.
Evenit contra nobis, qui, Jane, fatemur
esse tibi merito quidquid honoris habes.
Libera quandoquidem populo suffragia dantur
Felsineo, qui te fecit in urbe ducem. 10
Justitiaeque dedit vexillum, & sceptrum tenere,
et dedit arbitrio cuncta regenda tuo.
Aldrovanda domus gaudet, gaudentque propinqui,
gaudet quique tuum noverat ingenium.
Non, ut Sylla ferox, violasti jura senatus: 15
nec tibi regnandi tanta libido fuit.**

AO MESMO.

**EPIGRAMA
XXXVIII.**

**Todas as palavras, que puderas, disseste, senador.
Caso alguém queira dizer mais, não terá podido. 2**

A FABIANO CAVIANO.

**EPIGRAMA
XXXIX.**

**Por que servir aos bons, Fabiano, que Renério opte.
Por que perguntas? Eu já te disse, ele lucra. 2
O que ele te dá, é nada. É muito o que o próprio toma nas mãos,
se a máxima probidade do homem é vista em ti. 4**

A RENÉRIO JACÓBOLO.

**EPIGRAMA
XL.**

**Devo-te muito e muito, caro Renério,
de quem tantos prêmios existem para as musas minhas.
Se os séculos priscos houvessem-te levado Mecenas
agora a tuba virgiliana não estaria só
e existiriam muitos líricos, e a língua romana 5
mais rica, e a própria virtude em mais honra.
Quão bem protejas as partes da justiça; dos clientes
um não módico amor em ti é testemunha.
Os assíduos nunes do pupilo⁴⁹⁵ e da viúva com voz rogam
que Júpiter prorogue os teus anos. 10
Que Astreia⁴⁹⁶ conceda a ti pelos méritos doces descendentes,
que fixem ósculos longos no gélido velho**

---

⁴⁹⁵ Órfão ainda menor.

⁴⁹⁶ Deusa da justiça, filha de Zeus e de Tómis. Astreia espalhava entre os homens o sentimento da justiça. (Ovídio. *Met.* 1,150)

AD EUNDEM.

**EPIGRAMMA
XXXVIII.**

**Omnia, quae poteras, dixisti verba Senator:
si quis plura velit dicere, non poterit. 2**

AD FABIANUM CAVIANUM.

**EPIGRAMMA
XXXIX.**

**Cur prodesse bonis, Fabiane, Renerius optet:
quid quaeris? Dixi jam tibi, lucrifacit. 2
Quod tibi dat, nihil est: est multum, quod capit ipse,
maxima si in te hominis conspicitur probitas. 4**

AD RENERIUM JACOBOLLUM.

**EPIGRAMMA
XL.**

**Debeo, chare, tibi nimium, nimiumque, Reneri,
a quo sunt musis praemia tanta meis.
Si Mecoenatem te saecula prisca tulissent,
non nunc sola foret virgiliana tuba.
Essent & plures lyrici, romanaque lingua 5
ditior, & virtus ipsa in honore magis.
Quam bene justitiae partes tutere, clientum
in te non modicus testificatur amor.
Pupilli, viduaeque, tuos ut proroget annos
Juppiter, assidua numina voce rogant. 10
Det tibi pro meritis dulces astraeta nepotes,
qui gelido figant oscula longa seni.**

**e para que o teu nome dure por todo o tempo,
que a posteridade lembrada colha de novo os nossos carmes.
Enquanto isto, vive feliz com a casta cônjuge 15
e, como começaste, prossegue o caminho de favorecer aos bons.**

AO GENERAL HÉRCULES.

**EPIGRAMA
XLI.**

**Alcides, que este presente tenha-me podido devolver o vate,
livre de muitas solitudes. 2**

A BARTOLOMEU BLANQUINO.

**EPIGRAMA
XLII.**

**Os poetas súbitos⁴⁹⁷ muitas vezes costumam proferir os seus carmes nos
quais as próprias palavras carecem de seu peso⁴⁹⁸
e os contidos de maneira mais conveniente moldam os melhores carmes
e que a douda posteridade possa provar.
Não nego a muitos consentimento para dar à luz versos de 5
improviso, enquanto os doces plectros ferem a lira.
Mas em nossos tempos isto apenas chegou a um só.
Falta engenho, cuidado, labor, valor.
E nulos são hoje aos miseráveis poetas os alimentos
com os quais eles possam fugir dos frios ou com o quais possam 10
fugir da fome. Felizes vós que do foro preparais as raivosas palavras,
cujos erros o frio humo esconde.
Também felizes vós que imbuístes as orelhas dos reis
de tenras palavras, sediciosa coorte.**

---

⁴⁹⁷ Que atuam de improviso.

⁴⁹⁸ Palavra que carecem de seu valor, de sua relevância.

**Utque tuum nomen nullo non tempore duret,
nostra memor relegat carmina posteritas.
Interea foelix casta cum conjugē vive,
atque, ut coepisti, perge favere bonis.**

15

AD HERCULEM DUCEM.

**EPIGRAMMA
XLI.**

**Alcide, hoc munus poterit me reddere vatem
exemplum multis sollicitudinibus.**

2

AD BARTHOLOMEUM BLANCHINUM.

**EPIGRAMMA
XLII.**

**Carmina saepe solent subiti proferre poetae,
in quibus ipsa suo pondere verba carent.
Rectius inclusi melioraque carmina fingunt,
et quae posteritas docta probare queat.
Non nego concessum multis extempore versus
fundere, dum feriunt dulcia plectra lyram.
Ast hoc temporibus nostris vix contigit uni:
deficit ingenium, cura, labor, pretium.
Nullaque sunt hodie miseris alimenta poetis,
frigora queis possint, queisve fugare famem.
Felices, rabiosa fori qui verba locatis,
quorumque errores frigida condit humus.
Vos quoque felices, regum qui mollibus aures
imbuitis verbis, seditiosa cohors.**

**5
10**

O vento nos alimenta e nos alimentam as inanes palavras, 15
em toda casa por motivo algum somos coagidos a reter.
Na guerra quão grande tenha sido Aquiles, tu o sabes,
e com tão grande vigor tenha sido Priâmidas:
De um a morte; de outro muito frequentemente o triunfo,
ensinado bem pelo carne do magno Meônidas. 20
Conheceste a dúplice Cila⁴⁹⁹ e a rápida Caribde⁵⁰⁰
e mostra as coisas que devem ser temíveis pelo copioso mar.
E além disso conheces os montes e os campos e os rios
e os costumes frígios e as moradas dos Etíopes.
E todas as coisas que os pólos preservam convexas notaste 25
e aprender as causas das coisas foi o cuidado.
Contudo qual é o fruto? Por que é agradável o mísero poeta
saber muitas coisas? Sofre de noite e de dia fome.
De noite e de dia, o poeta sofre fome, Blanquino,
o mísero poeta quase caminha nu. 30
Aos engenhos, Blanquino, tu sozinho és favorável na urbe
felsínea, só nossos males te comovem.
Esses se para todos os ricos houvesse discernimento, por toda a parte
Nasão cantaria seu carne, por toda a parte Marão⁵⁰¹.
Peço deem a ti os deuses as divícias de Crasso⁵⁰², os deuses, os anos 35
de Nestor⁵⁰³ e que os cisnes levem o teu nome aos astros.
Em ti, uma proteção aos pintores e aos poetas,
aos quais a arte é a mesma, aos quais a intenção é a mesma.
Tu, Francia⁵⁰⁴, glória dos pintores seja para nós testemunha
nem que tu me deixes mentir, Beroaldo. 40

⁴⁹⁹ O poeta pode estar se referindo à filha de Forco, transformada em monstro marinho. (Ov. *Met.* 14, 52) ou à filha de Niso, rei de Mégara, mudada em garça. (Ov. *Met.* 8,8)

⁵⁰⁰ Mulher que roubou os bois de Hércules e foi por essa razão, transformada num sorvedouro do mar da Sicília.

⁵⁰¹ Sobrenome de Vergílio que serve para designá-lo.

⁵⁰² Triúmviro notável pela sua riqueza.

⁵⁰³ Rei de Pilos e um dos heróis do cerco de Troia.

⁵⁰⁴ País dos Francos, uma parte da Alemanha.

Nos ventus pascit, pascunt & inania verba, cogimur in tota nil retinere domo. In bello fuerit quantus cognoscis Achilles, et quanto fuerit robore Priamides: Alterius mortem, alterius persaepe triumphum edoctus magni carmine Meonidae.	15 20
Et duplicem Scyllam nosti, rapidamque Carybdim, et quae sunt largo monstra tremenda freto. Adde quod & montes, & agros, & flumina noscis, et Phrygios mores, Aethiopumque domos. Et quaecumque poli servant convexa notasti, et rerum causas discere cura fuit.	25 30
Quis tamen est fructus? Miserum quid multa poetam scire juvat? Patitur nocte, dieque famem. Nocte, dieque famem patitur, Blanchine, poeta, incedit nudus pene poeta miser.	30 35
Ingeniis, Blanchine, faves tu solus in urbe felsinea, solum te mala nostra movent. Quae si divitibus mens omnibus esset, ubique Naso suum caneret carmen, ubique Maro. Dii tibi divitias Crassi, Dii Nestoris annos dent precor, & Cygni nomen ad astra ferant. In te praesidium pictoribus, atque poetis, ars quibus est eadem, mens quibus est eadem. Gloria pictorum sis testis, Francia, nobis, nec tu mentiri me, Beroalde, sinas.	35 40

A CÉLIO CALCAGNINO.

EPIGRAMA

XLIII.

Célio tu que honras os coros das Castálides
e buscas a fama da pátria e procuras apoiar-te nas forças de
engenho junto às moradas dos deuses superiores
e com méritos, escalar as estrelas
e seguir o lume sagrado de Apolo, 5
lume que no meio da noite rebrilhe,
expelindo as trevas, exibindo a lâmpada⁵⁰⁵,
com a qual que mostra a via: que abandones as coisas torpes,
que sigas com aplicação, que a boa posteridade
recorde os feitos aos tardios netos, 10
Quão digno de louvor o jovem que conduz o velho
e evita os cuidados estéreis e os gáudios,
que além de frágeis, em nada atribuem gracejos.
Feliz o que discernindo bem as encruzilhadas de Pitágoras⁵⁰⁶,
anda no caminho da direita 15
mas é mais feliz e muito mais bem-aventurado
o que pôde alcançar a planície de um lugar
depois de os montes completamente percorridos
e vencedor frui de perpétuo bem,
em nada temendo os jogos da instável deusa. 20
Para cá, ó Piérides, conduzi Célio,
cultivador íntegro do nume da Aônia,
já que com os vossos presentes
ele nada diz, nem ama as coisas que o nosso Tejo ingere
na sua fonte, nem pelas populares 25
auras é erigido, mas os áureos plectros
enquanto ele toma nas mãos, junto à lira dulcíssima
e as *Silvae* e os rios e os mármore confluem.

⁵⁰⁵ Exibindo a tocha, o facho, a luz, a claridade, o esplendor.

⁵⁰⁶ Moralista e legislador grego, que deixou seu nome ligado a um corpo de doutrinas e a um conjunto de instituições célebres. Natural de Samos, viveu no VI séc. a. C.

AD CAELIUM CALCAGNINUM.

EPIGRAMMA

XLIII.

Caeli, qui decoras Castalidum choros, et famam patriae quaeris, & ingeni contendis Superum viribus ad domos inniti, & meritis scandere sydera, sacrum perge sequi lumen Apollinis,	5
lumen, quod media nocte reluceat expellens tenebras, lampada proferens, qua monstrante viam, turpia deseras, secteris studio, posteritas bona quae feris memoret facta nepotibus,	10
quam dignus juvenis laude, senem qui agit, et curas steriles, gaudiaque effugit, quae praeter fragiles nin tribuunt jocos. felix Pythagorae qui bene compita dignoscens graditur limite dextero,	15
Sed felicior est, atque beatior Multo, qui potuit planitiem loci emensis penitus montibus assequi, Et victor fruitur perpetuo bono, Ludos instabilis nil metuens Deae.	20
Huc, ò Pierides, ducite Caelium cultorem Aonii numinis integrum, vestris quandoquidem muneribus nihil Praeponit, nec amat quae Tagus ingerit noster fonte suo, nec popularibus	25
Auris erigitur, plectra sed aurea dum sumit manibus, dulcisonam ad chelim et Sylvae, & fluvii, & marmora confluunt.	

A TITO STROZA.

**EPIGRAMA
XLIV.**

**O rústico leva os primeiros produtos da terra a Ceres⁵⁰⁷ e por que
razão não levaria? As sementes de Ceres são um invento.
Assim eu te dou as primeiras libações das minhas musas,
Tito, glória primeira das Tespiades⁵⁰⁸.
Fizeste - dirás- aos outros muitíssimas coisas, mas pondero 5
em vez do nada os carmes que fiz agora.
A renovada mina de ferro promete novas forças,
e sinto ser bafejado⁵⁰⁹, sendo melhor a divindade;
logo começarei a cantar os divinos poemas, entregarei
deste lugar o dízimo de Alcides e primícias ao pai⁵¹⁰. 10**

A ROBERTO LANTONO.

**EPIGRAMA
XLV.**

**Já já calcara as carregadas uvas o outono,
cingido pela móvel fronde pampínea⁵¹¹ quanto ao cimo.
Com o vulgo trepidam os Sátiros⁵¹², e as Mênades⁵¹³ procuram
agarrar os tirsos⁵¹⁴, e avidamente bebem os vinhos pingues⁵¹⁵.
Os estames alvos conduziram as fatais irmãs 5
e com a tua mãe riram, estando tu dando à luz.
Chegam mais perto as Parcas, viram a ti enrubescente,
Lantono a ti que no berço ainda há pouco nasceras.**

---

⁵⁰⁷ Deusa da agricultura, identificada com a divindade grega Deméter.

⁵⁰⁸ Musas, veneradas em Téspias, na Béócia.

⁵⁰⁹ Sopro poético da divindade.

⁵¹⁰ O vocábulo "*pater*" pode ser entendido como título de respeito dado aos heróis.

⁵¹¹ São ramos tenros da videira.

⁵¹² Semideuses rústicos, companheiros de Baco. São representados com orelhas, rabo e pés de cabra.

⁵¹³ São as Bacantes.

⁵¹⁴ São hastes, talos. O tirso também é o cajado usado pelo deus Baco.

⁵¹⁵ Os vinhos férteis, que têm em abundância.

AD TITUM STROZAM.

EPIGRAMMA

XLIV.

Primas ad Cererem fruges fert rusticus: & cur non ferat? Inventum femina sunt Cereris:

**Sic ego musarum libamina prima mearum
do tibi, Thespiadum gloria prima, Tite.**

**Fecisti, dices, aliis quamplurima: sed quae
feci antehac, pendo carmina pro nihilo.**

**Promittit renovata novas ferraria vires,
sentioque afflari me meliore deo,**

**mox canere incipiam divina poemata, tradam
hinc decimam Alcidae, primitiasque patri. 10**

AD ROBERTUM LANTONUM.

EPIGRAMMA

XLV.

**Autumnus gravidas jam jam calcaverat uvas,
pampinea vinctus mobile fronde caput.**

**Cum trepidant vulgo Satyri, tyrsosque capessunt
Maenades, atque avide pinguis musta bibunt.**

**Stamina duxerunt fatales alba sorores,
matreque riserunt te pariente tua.**

**Accedunt propius Parcae, videre rubentem,
Lantone, te in cunis, qui modo natus eras.**

**Em pouco tempo mais cândido do que ele nem o marfim, nem os lírios,
do que ele não são vistos mais cândidos os mármore de Paros⁵¹⁶.
Vive durante muito tempo feliz, ó menino pulquérrio, disse uma só das
três, com um movimento de cabeça as restantes aprovam as coisas ditas. 12**

A LUÍS TEIXEIRA.

EPIGRAMA XLVI.

**Teixeira, a natureza olha a tua Europa⁵¹⁷,
admira a face, os lumes⁵¹⁸, o pescoço, as mãos.
E de que maneira possa retratar semelhantes semblantes,
Ela mãe das coisas, enquanto medita, está espantada.
A própria também atônita é matrona do tonante⁵¹⁹ salgado, 5
ela julga Europa verdadeira, cornos verdadeiros.
E não esquecida da velha ira obliqua⁵²⁰ os olhos.
Logo retirou-se impaciente de tamanha ferida.
Uma solta gritos de lamentação por ser desprezada, sofre
outra por ser vencida, a tua obra solicitou dois numes de 10
cada vez: numes, do que eles nada é maior, donde todos existem para
nós, ó decoro, ó única glória de nosso Tejo.**

---

⁵¹⁶ Uma das Cíclades, conhecida pelos mármore.

⁵¹⁷ Na mitologia, era a filha de Agenor, rei da Fenícia, irmã de Cadmo e amada por Zeus.

⁵¹⁸ Passagem em sentido figurado, lumen com o sentido de as luzes dos olhos, muito comum esta imagem nos textos líricos.

⁵¹⁹ Epíteto de Júpiter.

⁵²⁰ Torce, volta para o lado os olhos.

**Quo mox candidius nec ebur, nec lilia, quo non
marmora visuntur candidiora pari. 10
Vive diu felix, puer ò pulcherrime, dixit
una trium, nutu dicta probant reliquae.**

AD LUDOVICUM TESSIRAM.

**EPIGRAMMA
XLVI.**

**Europen, Tessyra, tuam natura tuetur,
miratur faciem, lumina, colla, manus.
Quoque modo possit similes effingere vultus,
illa parens rerum, dum meditatur, hebet. 5
Ipsa quoque attonita est salsi matrona tonantis,
Europen veram, cornua vera putat.
Obliquatque oculos veteris non immemor irae:
Mox abiit tanti vulneris impatiens.
Altera postponi queritur, dolet altera vinci,
numina bina tuum sollicitavit opus. 10
Numina, queis maius nihil est, unde omnia nobis,
o decus, ò nostri gloria sola Tagi.**

A ANTÓNIO GALEAZZO BENTIVOGLIO.

EPIGRAMA

XLVII.

**Que fazes, Antônio? Por que frequentas os doces campos?
Por que tantas vezes para o gênio, peço-te, agrada ter tempo?
Ainda que vejas com certos perigos todas as coisas vacilarem,
ainda que vejas o Lácio sofrer tristes guerras.
O magnânimo César procurava tais tempos 5
e a procela que arrebatava os audaciosos de guerra.
A ínclita prole da estirpe de Bentivoglio não aprendeu a
enlanguescer-se na velhice; a escalar sempre está ávida.
Com sangue não se alegra o sacerdote, dirás talvez,
com quem macular as sagradas mãos é crime. 10
Com conselho terás podido conter as iras dos reis,
os teus ditos poderão ajudar o pontífice.
Tornar-se-á assim reconhecidíssima a virtude, toda aquela que está
escondida e a purpúrea honra cingirá os doutos tempos.
Entretanto posto o alimento, enquanto tu rústico 15
apanhas⁵²¹ aves e avidamente bebes pingues vinhos,
não te arrependas de chamar com o chifre o⁵²² Henrique dos
locais agrestes, que há pouco era cultivador.**

---

⁵²¹ *Decipio* (apanho fazendo cair numa armadilha, apanho por meio de um ardil).

⁵²² Pronome demonstrativo “o” especificador, não é artigo. Ex.: O Camões da poesia (=aquele Camões da poesia).

AD ANTONIUM GALEACEM BENTIVOLUM.

EPIGRAMMA

XLVII.

**Quid facis, Antoni? Quid dulcia rura frequentas?
Quid toties genio, quaeso, vacare lubet?
Omnia cum certis videas nutare periclis,
cum videas Latium tristia bella pati.**

**Tempora magnanimus quaerebat talia Caesar: 5
audaces belli quaeque procella rapit.
Bentivolae stirpis proles languere veterno
inclitya non didicit, scandere semper avet.
Sanguine non gaudet, dices fortasse, sacerdos,
quo scelus est sacras commaculare manus. 10
Iras consilio poteris compescere regum,
pontificem poterunt dicta juvare tua:
sic, quaecumque latet, fiet notissima virtus,
doctaque purpureus tempora cinget honos.
Interea volucres posita dum decipis esca 15
rusticus, atque avide pinguia musta bibis,
haud te poeniteat cornu vocitare locorum
Hermicon agrestum, qui modo cultor erat.**

A HÉRCULES STROZA.

EPIGRAMA

XLVIII.

**Salve, Estroza, decoro das Piérides, glória de Apolo,
em comparação com ele nada mais esplêndido, nada melhor a
posteridade cultivará. Salve progênie ínclita dos Estroziadas, nobre,
fama do pai Tito, e não inferior ao vate pai.**

**Eu quereria a ti escrever muitas coisas mas ainda que a brevidade 5
do tempo me⁵²³ negue isto, e ainda que o repouso me chame lânguido,
ponho no chão o cálamo e com o cálamo os versículos rudes,
isto é mais do que bastante, vive, passa bem, e sejas lembrado de mim.**

AO PATRONO.

EPIGRAMA

XLIX.

**Sob os deuses favoráveis vem, são e salvo agradece ao cliente teu
(assim a ti os Deuses favoreçam), caro patrono.**

**Ai! quanto me parece ter vivido por muitos anos
sem ti! se sem ti se pode dizer vida.**

**Quão grato aos nautas Zéfiro de Febo nascente flui em direção à sua 5
origem e quão grata aos peixes seus flui a onda,**

**Tanto para mim doce o amor, com o qual me abraços, e com o qual
(contanto que tu vivas) seja para mim suave morrer.**

**Por nada os pais vênets agradaram, por nada a carta
que levou as moedas, carta enviada do pátrio lar. 10**

**Todas as coisas sem dúvida são sórdidas, estando ausente o meu
patrono, embora existam riquezas do orbe que um assírio possui.**

---

⁵²³ (...) *sed cum brevitatis neget hoc mi temporis*, (...) ((...) ainda que a brevidade do tempo **me** negue isto, (...)). *Mi* (= *mihi*): Dativo singular poético.

AD HERCULEM STROZAM.

EPIGRAMMA

XLVIII.

**Salve, Stroza, decus Pieridum, gloria Apollinis,
quo nil splendidius, nil melius posteritas colet:
salve Stroziadum progenies inclyta, nobilis,
patris fama Titi, vateque non inferior patre.
Vellem multa tibi scribere: sed cum brevitās neget 5
hoc mi temporis, & cum vocitet languidulum quies,
depono calamum, & cum calamo versiculos rudes,
hoc plusquam satis est, vive, vale, sisque mei memor.**

AD PATRONUM.

EPIGRAMMA

XLIX.

**Diis veni auspiciis, sospes gratare clienti
(sic tibi Dii faveant) chare Patrone, tuo.
Hei mihi quam multos videor vixisse per annos
te sine! Si dici te sine vita potest.
Quam nautis Zephyrus Phoebi nascentis ad ortum, 5
et quam grata fluit piscibus unda suis:
tam mihi dulcis amor, quo me complecteris, & quo
(dummodo tu vivas) sit mihi suave mori.
Nil Veneti placuere Patres, nil littera, nummos
quae tulit, e patrio littera missa lare. 10
Omnia nempe meo sordent absente Patrono:
sint licet, Assyrius quas habet orbis, opes.**

AO CAVALEIRO ZACARIAS CONTARENO

EPIGRAMA

L.

**Outros descrevem as urbes e os rios e os lugares
e mostram com favorável sinal cada coisa.**

**Mas aquele Marco assim transmitiu a situação da urbe de Vêneta⁵²⁴
de maneira que com todo remo eu pareça até percorrer à pé.**

Apeles⁵²⁵ não teria pintado de modo melhor a cidade vossa. 5

Ajunta a este fato que estes monumentos⁵²⁶ ignoram morrer.

**Eis que envio a ti as próprias tabuinhas⁵²⁷, Contareno,
para que vejas os lares que te geraram.**

**Porque se por acaso desejas reenviar⁵²⁸ as coisas que envio, faz que eu
não escreva nem permitas o teu ver aquelas coisas. 10**

---

⁵²⁴ Nome de mulher.

⁵²⁵ Considerado o maior pintor da antiguidade, nascido na Jônia.

⁵²⁶ Parece-nos que o poeta está aludindo à obra, aos monumentos escritos que hão de perdurar com o tempo.

⁵²⁷ São as tábuas votivas.

⁵²⁸ Está no sentido de desprezar.

AD ZACHARIAM CONTARENUM EQUITEM.

EPIGRAMMA

L.

**Describunt urbes alii, fluviosque, locosque,
et monstrant facili singula quaeque nota.
Marcus at ille situm Venetae sic tradidit urbis,
cuncta rate ut videar, vel peragrarè pede.
Non urbem melius vestram pinxisset Apelles:** 5
**adde quod ignorant haec monumenta mori.
En ipsas mitto tibi, Contarene, tabellas,
ut videas, qui te progenuere, lares.
Quod si forte cupis quae mitto remittere, fac ne
scribam permittas illa videre tuum.** 10

A ANTÔNIO TEBALDO

EPIGRAMA

LI.

**Está fixo no ânimo, Antônio, e inabalável por um pouco
deserdar os fios canoros da aônia lira.
Mas não creias por esta razão que eu deixo completamente
os numes das Pegásidas⁵²⁹, nossas delícias.
Se as musas foram fáceis, agora espero o futuro 5
para que corram a mim com pé mais livre.
E na verdade eu, lançado pelo proceloso turbilhão de leis
serei obrigado a refugiar-me próximo ao litoral das Hamadríades.
E lá aliviarei as inquietações com um canto amigo 10
e tornarei a pedir carmes levados por ímpares medidas rítmicas.
Então do melhor modo aprenderei todos e no meu interior ocultá-los-ei
de novo e reuni-los-ei, se eu tiver publicado com mais abundância.
Assim como a terra intacta desde há muito por meio dos novilhos
vigorrosos produz abundantes colheitas no mais fértil recanto.
E transportados pelas nossas galhofas os raivosos silêncios 15
e lágrimas e sevas disputas do rouco foro
mostrarão quanto os gáudios dos vates estão distantes destas coisas,
gáudios que devem ser levados adiante pelas divícias de Midas.
Em prol da viúva, que banhada pelas abundantes lágrimas no litoral
deplora, até agora, os tristes funerais do raptado marido. 20
E ela própria arrasta o pupilo que chora puerilmente,
para o qual - cala-te - o tutor terá nulos recursos
e em prol de pequenas escrituras que reivindicam a partir de dura boca
os nomes cobertos por centenas de livros
e em prol destes causídicos que vendem nugas, que 25
julgam os mais elevados gáudios terem confundido os dolos.
As brandas Cárites⁵³⁰, Vênus propícia, o próprio Cupido e as deusas
Tespíades, nossos numes já virão.
Laura virá acompanhada pelas nove irmãs,
equiparando na forma e nos carmes às próprias deusas. 30
Laura, pudicícia do nosso insigne Alcides, pulquérrima Laura,
já celebrada pelas maneiras,**

⁵²⁹ Também são as musas.

⁵³⁰ Isto é, as Graças. (Ov. F. 5, 219).

AD ANTONIUM THEBALDEUM.

EPIGRAMMA

Li.

Est animo fixum, Antoni, immotumque parumper
deserere Aoniae fila canora lyrae.
Non tamen idcirco credas me linquere prorsus
Pegasidum nostras numina delitias:
si faciles fuerunt Musae, nunc spero futurum, 5
ut mihi succurrant liberiore pede.
Nanque procelloso jactatus gurgite legum
confugere ad littus cogar Hamadryadum.
Illic & curas cantu solabor amico,
et repetam imparibus carmina vecta modis. 10
Omnia tunc melius discam, interiusque recondam,
Et quae concipiam, protulero uberius.
Ceu tellus validis jampridem intacta juvencis
fert laetas segetes fertilior sinu.
Et collata jocos rabiosa silentia nostris, 15
et lachrymae, & rauci jurgia saeva fori,
monstrabunt quantum distent his gaudia vatum,
gaudia divitiis antefereunda Mydae.
Pro vidua, lachrymis quae sparsa tumentibus ora
plorat adhuc rapti funera moesta viri, 20
pupillumque trahit flentem pueriliter, ad quem
ipsa, sile, nullas tutor habebit opes,
proque notariolis duro repetentibus ore,
nomina centenis illita codicibus,
et pro causidicis nugas vendentibus his, qui 25
implicuisse dolos gaudia summa putant,
jam venient blandae Charites, Venus alma, Cupido
ipse, & Thespiades Numina nostra Deae.
Laura novem veniet comitata Sororibus ipsas
aequiperans forma, carminibusque Deas. 30
Laura pudicitia insignis, pulcherrima Laura,
Alcidae nostri jam celebrata modis:

**já celebrada pelos meus, se algum nome há a mim em algum lugar,
 já celebrada pelos teus, já celebrada pelos seus.
 Aproximar-se-á Baco em companhia do formoso Apolo. 35
 Este ligado⁵³¹ por Dafne⁵³² pelas comas, mas aquele pela hera⁵³³.
 Ó possa eu viver contente com a minha sorte!
 Ó pereça Crasso tudo aquilo que tinha de riquezas!
 Ó pereça nas fulvas areias tudo o que o Pactolo⁵³⁴
 ingere⁵³⁵ e tudo o que leva o Tejo em seu rio! 40
 Ah! Prevaleçam os poderes e a púrpura fastosa dos reis!
 E que os nossos ócios⁵³⁶ vençam os magnos chefes!
 Que eu não tenha preferido aos dourados laqueares⁵³⁷ as moradas
 com engenho tênue e com meus carmes.
 Pois, Apolo prometeu-me um nome eterno. 45
 Vai agora, ímprobo, reúne as riquezas atálicas.
 Mas no entanto esforçar-me-ei também por aprender as sagradas leis,
 nesta também eu terei podido buscar o caminho até aos astros.
 Certamente isto não agrada: que eu deseje vexar⁵³⁸ clientes
 ou que eu ordene seguir as costas soberbas do patrono. 50
 Nem punir culpados é intenção. Temos doces
 peitos que não devem ser aplicados a condenadas rés⁵³⁹.
 Desses se imundícies, se eu vir esquálidos⁵⁴⁰ queixos,
 em prol dos carmes, direi, seja suficiente esta pena⁵⁴¹.**

⁵³¹ Está no sentido de seduzido.

⁵³² Ninfa, filha do rio Peneu e amada por Apolo. Ela querendo escapar dele, invoca a sua mãe Terra e foi transformada em loureiro. (Ov. *Met.* 1, 452).

⁵³³ Era consagrada a Baco.

⁵³⁴ Rio da Lídia, cujas areias têm ouro. (Verg. *En.* 10, 142).

⁵³⁵ Está no sentido de tudo o que o rio leva, traz para dentro, introduz.

⁵³⁶ São os frutos das horas vagas, isto é, os versos.

⁵³⁷ São os tetos com molduras.

⁵³⁸ Isto é, maltratar, atacar.

⁵³⁹ Mulheres acusadas em juízo.

⁵⁴⁰ Sujas, horríveis, medonhas.

⁵⁴¹ Com o sentido de dor, sofrimento.

jam celebrata meis, si quid mihi nominis usquam est,
 jam celebrata tuis, jam celebrata suis.
 Accedet Bacchus, simul & formosus Apollo, 35
 Ille comas Daphne vinctus, at ille hedera.
 O ego sorte mea contentus vivere possim!
 O pereat Crassus quidquid habebat opum!
 O pereat fulvis quidquid Pactolus arenis
 ingerit, & quidquid fert Tagus amne suo! 40
 Ah valeant fasces, fastosaque purpura Regum!
 Et vincant magnos otia nostra Duces!
 Non ego praetulerim auratis laquearibus aedes
 ingenio tenui, carminibusque meis.
 Namque mihi aeternum nomen promisit Apollo: 45
 i nunc, Attalicas, improbe, confer opes.
 Attamen & sanctas conabor discere leges,
 hac etiam potero quaerere ad astra viam.
 Non placet id certe, ut cupiam vexare clientes,
 patroni aut jubeam terga superba sequi. 50
 Nec sontes punire animus: sunt mitia nobis
 pectora, damnandis non adhibenda reis.
 Quorum si sordes, si squallida menta videbo,
 sit pro carminibus, dicam, ea poena satis.

Mas por ordem do rei a quem é crime não obedecer, 55
sou obrigado a aprender as leis do foro romano.
Evidentemente que discernirei o reto⁵⁴², que eu defenda a honestidade
da justiça e modere⁵⁴³ com meus recursos os tempos da paz.
Aquela máxima comodidade⁵⁴⁴ existe, a facúndia
favorecerá as leis sagradas, a minha tão pequena que existe. 60
Da excelsa cidadela viu diante de si isto o senhor de Palas
A quem a áurea onda do rico Tejo serve,
ele que faz guerras com os mouros, que aterroriza Atlas⁵⁴⁵,
que domou com suas armadas todo o oceano,
cujo nome penetrou até aos habitantes indianos de Ganges⁵⁴⁶ 65
que os árabes temem e os etíopes cultivam.
ele, entre tantos cetros, volveu os olhos para as nossas Camenas.
Ó plácido engenho do douto chefe!
Ninguém melhor do que ele conheceu coisas cônscias do que há de vir
e estrelas e tremores de terra e céus astríferos. 70
Por quê? Porque impele-me para estes estudos aquele Nônio
do qual estive acostumado a tornar a levar muitos a ti.
Aquele, sustentáculo da nossa casa, sendo tu protetor, alegres
vivemos e a aura favorável existe para o nosso remo.
Próximo ele está de nós em consaguinidade e 75
com a mãe dele como uma irmã meu pai alegrava-se.
Muitas vezes tendo relutado, escrevi a fim de que ele não quisesse levar
ao furor os vates e ao estrépito do foro.
Muitas vezes em primeiro lugar ele coagiu o relutado a obedecer,
agora ele não solta o cavalo forçado sob os jugos 80
e que somente se movia com muitos agulhões e com muitos
açoites, julgues que o célere devora os prados.

⁵⁴² O que é direito, o justo, o bem moral.

⁵⁴³ Mantenha na medida os tempos de paz.

⁵⁴⁴ Ocasão favorável.

⁵⁴⁵ Gigante que teve, como castigo por lutar contra os deuses, a pena de sustentar sobre os ombros o peso do mundo.

⁵⁴⁶ Rio da Índia.

Sed jussu regis, cui non parere nefas est, Romani cogor discere jura fori. Scilicet ut rectum dignoscam, ut tuter honestum justitiae & moderer tempora pacis ope. Maxima commoditas illa est, facundia sacras augebit leges quantulacunque mea est. Pallidis hoc dominus celsa prospexit ab arce, aurea cui servit divitis unda Tagi, cum Mauris qui bella gerit, qui terret Atlanta, qui totum domuit classibus Oceanum. Cujus Gangicolas nomen penetravit ad Indos, quem metuunt Arabes, Aethiopesque colunt. Respexit nostras inter tot sceptras camoenas: o placidum docti principis ingenium! Quo nemo melius venturi conscia novit sideraque, & motus, astriferosque polos. Quid? Quod ad haec studia impellit me Nonius ille, de quo sum solitus multa referre tibi: ille domus nostrae columnen, quo sospite laeti vivimus, & nostrae est aura fecunda rati. Proximus est nobis consaguinitate, meusque huius gaudebat matre sorore pater. Saepe reluctatus scripsi, ne ducere vellet ad rabiem vates, ad strepitumque fori; saepe reluctatum primum parere coegit, nunc non invitum sub juga mittit equum. Et qui vix stimulis multis, multisque movebat verberibus, celerem prata vorare putes.	55 60 65 70 75 80

EPITÁFIO.

EPIGRAMA

LII.

**Ossos sob este túmulo, caídos pela doença
Aníbal deixou. Ah! jovem quão depressa raptado pereceu!
Sucumbiu a virtude observada pelo veloz Gradivo⁵⁴⁷,
o povo de Cambia em vão o esqueceu com lágrimas.
Do pranto a morte ri e a própria soberba aplaude aos seus 5
triunfos. Ela não faz homens do pêlo.**

AO CAVALEIRO ZACARIAS CONTARENO.

EPIGRAMA

LIII.

**Como recentemente em ingente pátio vimos estrelas duas a duas que
dançavam com os mascarados varões,
Contareno, o pensamento me tinha sido dizer: “repele para longe
os cuidados de um sagrado peito”, e então me calei.
Julguei que tu pudesses alegrar muito mil 5
copos, dardânios copos, derramados pela mão.
A titubear em nada visitado pelo vinho puro, certamente diluís os copos
com água, precavido pela Aônia de Baco.
Sóbria mente vigia sempre e sempre medita,
que todos julguem digna de um alado leão. 10
Eia! Coragem! Dá descanso ao cansado, depois dos ócios o maior soldado
pouco se entrega às interrompidas armas.**

---

⁵⁴⁷ Epíteto de Marte. Há uma passagem relativa ao epíteto em (Virg., *Eneida*, 10, 542.)

EPIGRAMMA

LII.

**Ossa sub hoc tumulo morbo collapsa reliquit
Annibal: heu juvenis quam cito raptus obit!
Succubuit virtus alacri spectata Gradivo,
Cambia nequicquam est oblita gens lachrymis.
Mors ridet fletus, plauditque superba triumphis
ipsa suis: homines non facit illa pili.**

EPIGRAMMA LIII.

Nuper ut ingenti saltantia vidimus aula
cum personatis sidera bina viris,
Contarene, procul sacro de pectore curas
rejice, mens fuerat dicere, & obticui.
Exhilarare satis te millia posse putavi
pocula, Dardania pocula fusa manu.
Nil titubare mero visus, carchesia certe
diluis Aonia Bacchica cautus aqua.
Sobria mens vigilat semper, semperque volutat,
quae cuncti alato digna leone putent.
Eia age, da requiem fesso, post otia maior
intermissa parum miles in arma furit.

A REINALDO SILVESTRE RODIGINO.

EPIGRAMA

LIV.

**Silvestre, com breves correções damos
nossos versículos que devem ser lidos por ti,
que se nos reenviares com o pé ligeiro,
outros ver-te-ão com passo veloz⁵⁴⁸,
à floresta apressam-se com muito prazer. 5**

**Nas florestas habitam nove irmãs,
Diana alegra-se com as tenrinhas florestas,
doces florestas te recreiam, Apolo,
nas florestas os poetas cantam do melhor modo,
se enfim as florestas verdejantes agradam 10**

**aos cultivados versinhos e aos autores,
presta aos versinhos e aos autores,
Silvestre, rogo, um favor que podes.**

SOBRE CÉSAR MAURO.

EPIGRAMA

LV.

**Quem ensina aqui? César. César aquele doutíssimo,
com o qual vive vivo⁵⁴⁹ o idioma latino. É ele. 2**

---

⁵⁴⁸ Reinaldo Silvestre, poeta ágil que faz versos velozes, outros apressam-se na mesma velocidade de seus versos. Jogo de palavras por meio da comparação.

⁵⁴⁹ No sentido de “vive ativo, cheio de vida”.

AD RENALDUM SYLVESTRUM RHODIGINUM.

EPIGRAMMA

LIV.

Sylvester, brevibus damus lituris
nostros versiculos tibi legendos,
quos nobis pede si cito remittes,
te visent alii gradu citato,
ad silvam properant nimis libenter: 5
in silvis habitant novem sorores,
gaudet molliculis Diana silvis,
te dulces recreant, Apollo, silvae,
in silvis melius canunt poetae,
silvae denique si placent virentes, 10
cultis versiculis, parentibusque,
praesta versiculis, parentibusque
Sylvester, rogo, quem potes favorem.

DE CAESARE MAURO.

EPIGRAMMA

LV.

Quis docet hic? Caesar: Caesar doctissimus ille,
quo vivo vivit sermo latinus? Is est. 2

SOBRE LUÍS MARIA SFORZA.

EPIGRAMA

LVI.

**Falazes⁵⁵⁰ cuidados dos homens, falazes conselhos dos reis,
ó estúpidos guias, peitos cegos!**

Por que agrada manchar os capacetes com sangue humano?

E ter altos cetros com sublime⁵⁵¹ mão?

**O chefe dos ínsubres⁵⁵² (Ah! ele se envergonha de ter-se 5
lembrado!) está atado e teria sido capturado como presa opulenta do
chefe dos Sênones⁵⁵³. Que o mar, que as terras e os deuses superiores
ele movia para as armas, eis que ele suplica aos gauleses com joelho
cativo. Entorpecem-se as hidras⁵⁵⁴, nenhuma serpente já sibila,
já nenhuma ameaça a língua trissulca leva adiante. 10**

**Mauro, jazes, nem de fato o ouro acumulado foi útil,
que não vejas as atadas mãos atrás das tuas costas.**

A BENEDITO CAPUANO.

EPIGRAMA

LVII.

**Seja quem for é ele, crê serem enviados a si magnos presentes,
tu, aquele mau árbitro, julgas ter enviado pequeninos 2**

tu pior, por que de fato contra a vontade continuas a dar presentes?

Se queres dar ao grato, dá, Benedito, a mim. 4

---

⁵⁵⁰ No sentido de pérfido.

⁵⁵¹ Com ilustre, com gloriosa mão?

⁵⁵² Povo da Gália Transpadana.

⁵⁵³ Povo da Gália Lugdunense, situado na Gália Cisalpina.

⁵⁵⁴ Serpente com sete cabeças, morta por Hércules.

DE LUDOVICO MARIA SFORTIA.

EPIGRAMMA

LVI.

**Fallaces hominum curae, fallacia regum
consilia, ò stolidos, pectora caeca, duces!
Quid juvat humano galeas foedare cruore?
Altaque sublimi sceptrā tenere manu?
Insubrum princeps (pudet heu meminisse)! Ligatur, 5
praedaeque sit Senonum captus opima ducis.
Qui mare, qui terras, superosque ciebat in arma,
captivo Gallis supplicat ecce genu.
Torpescunt hydrae, nullus jam sibilat anguis,
jam nullas praefert lingua trisulca minas. 10
Maure, jaces; nec enim congestum profuit aurum,
quin videas vinctas post tua terga manus.**

AD BENEDICTUM CAPUANUM.

EPIGRAMMA

LVII.

**Quisquis is est, credit mitti sibi magna, pusilla
te misisse putas, arbiter ille malus, 2
tu peior, quid enim invito dare munera pergis?
Si dare vis grato, da, Benedicte, mihi. 4**

EPITÁFIO DE ANÍBAL CÂMBIO.

**EPIGRAMA
LVIII.**

**Aníbal aqui está revestido. Que Aníbal? Acaso aquele que
quase esmagou os latinos num extremo exício? 2
É outro, um mesmo em virtude, se os fados não tivessem
Negado não só dias natalícios iguais como também império e riquezas. 4**

A ANTÔNIO TEBALDEO.

**EPIGRAMA
LIX.**

**A Laura Febo ama, mas ela própria a Febo
despreza e ama. Como⁵⁵⁵ acontece isso?
Como Dáfne foge, como a irmã perto está parada perto:
acontecimento bastante admirável e digno de Édipo⁵⁵⁶,
Antônio, odeia e ama a Febo Laura. 5**

---

⁵⁵⁵ Antigo ablativo singular de *quis*.

⁵⁵⁶ Herói de uma das lendas mais célebres da literatura grega, filho de Laio e de Jocasta.

EPITAPHIUM ANNIBALIS CAMBII.

**EPIGRAMMA
LVIII.**

**Annibal hic tegitur: quisnam Annibal? anne Latinos
qui pene extremo contudit exitio? 2
Est alius, virtute idem, ni fata negassent
natalesque pares, imperiumque, & opes. 4**

AD ANTONIUM THEBALDEUM.

**EPIGRAMMA
LIX.**

**Lauram Phoebus amat, sed ipsa Phoebum
aspernatur, amatque, qui fit istud?
Ut Daphne fugit, ut soror prope haeret:
rem miram satis, Oedipoque dignam,
Antoni, odit, amatque Laura Phoebum. 5**

AO PÓSTUMO.

EPIGRAMA

LX.

**Se sempre cultivo somente a ti como a um único diante
de todos, por que tu, próprio, não correspondeste a mim no amor?**

**Se a nossa Tália é indigna de teu favor,
Póstumo, não é porque também tu me desdenhas.**

Usa de nosso conselho ou dize, age abertamente: 5
“Henrique, não te amo; ou ama-me tu amado.”

AO CAVALEIRO ZACARIAS CONTARENO.

EPIGRAMA

LXI.

**De incerta fonte escorre por toda a parte um divulgado
erro, mas muitas qualidades costumam ser creditadas.**

**Na religião tenho escondido os varões, as cordas da lira não comoveram
bem os consagrados aos deuses e à Castália⁵⁵⁷.**

Ensinará esta seita a mentir, bom Contareno,   5
se eu não contasse de forma melhor⁵⁵⁸ todas as coisas conhecidas a ti.
Que não repitamos totalmente os séculos dos antigos antepassados,
sobre os quais falamos, os nossos tempos fazem fé.

**Com febeia boca Vicente canta muitas vezes versos
e junte palavras canoras às maneiras tersas.   10**

E além disso com ritmos⁵⁵⁹ falamos, e livre com os pés⁵⁶⁰,
para que tu julgues debater com o magno Cícero.
**Quão bem ele combate a favor das sagradas virtudes e quão
energicamente contra os costumes ele fulmina os maus.**

Para este é preciso que tu favoreças, é necessário que abracés   15
este, este pode conciliar os celícolas a ti.

**Ele pedir-te-á coisas justas nem que ele de fato não tenha podido
pedir coisas justas, de justos é lícito pedir coisas justas a qualquer homem.**

⁵⁵⁷ Nome de uma fonte da Beócia consagrada a Apolo e às Musas.

⁵⁵⁸ Advérbio comparativo de *bene* (melhor, de forma melhor)

⁵⁵⁹ Fala com harmonia e com ritmo oratório.

⁵⁶⁰ Com os pés métricos, é evidente.

AD POSTHUMUM.

EPIGRAMMA

LX.

**Si colo te semper solum, praeque omnibus unum,
cur non respondes ipse in amore mihi?**

Est indigna tuo si nostra Thalia favore,

Posthume, non est cur me quoque despicias.

Utere consilio nostro, vel dic age aperte,

Hermice, non amo te, me vel amatus ama.

5

AD ZACHARIAM CONTARENUM EQUITEM.

EPIGRAMMA

LXI.

Incerto de fonte fluit vulgatus ubique

error, sed credi qualia multa solent:

relligione viros coelo, Superisque dicatos

non bene Castaliae fila movere lyrae.

Mentiri hanc sectam, bone Contarene, docerem,

ni rerer melius cógnita cuncta tibi.

Saecula ne penitus veterum repetamus avorum,

quae loquimur faciunt tempora nostra fidem.

Phoebeo versus recinit Vincentius ore,

et jungit tersis verba canora modis.

Praeterea & numeris loquimur, pedibusque solutus,

certare ut magno cum Cicerone putes.

Quam bene pro sanctis pugnat virtutibus, & quam

acriter in mores fulminat ille malos.

Huic faveas opus est, hunc complectaris oportet,

hic tibi Coelicolas conciliare potest.

Justa petet, Nec enim poterit non poscere justa:

a justis cuivis poscere justa licet.

5

10

15

AO TEÓLOGO VICENTE.

**EPIGRAMA
LXII.**

**Em prol do assunto foi melhor, Vicente, falar poucas coisas.
Tu próprio (o caminho foi percorrido) muito mais seguro irás, retira-te. 2**

AOS CHEFES CRISTÃOS.

**EPIGRAMA
LXIII.**

**Vós Dormis, chefes, que curvais a vitoriosa Itália
e a profundidade do Ródano⁵⁶¹ e do Tejo? 2
Isto é o que resta: as turcas devastantes tomam nas mãos
Todas as coisas. Prostrado o vêneto leão, todas as coisas se arruinarão. 4**

DA EFÍGIE DE JERÔNIMO CÁSSIO.

**EPIGRAMA
LXIV.**

**O dúplice⁵⁶² Cássio vive sob esta imagem, e é ele próprio:
dá voz, pintor, outras coisas o semblante tem. 2**

---

⁵⁶¹ Grande rio da Gália, que desemboca no mar Mediterrâneo.

⁵⁶² Ardiloso, matreiro, manhoso.

AD VINCENTIUM THEOLOGUM.

**EPIGRAMMA
LXII.**

**Pro re pauca loqui, Vincenti, praestitit: ipse
(facta via est) multo tutior ibis, abi. 2**

AD PRINCIPES CHRISTIANOS.

**EPIGRAMMA
LXIII.**

**Dormitis ne, duces, altum Rhodanique, Tagique,
et qui victricem flectitis Italiam? 2
Quod reliquum est, capiunt vastantes omnia turcae:
prostrato Veneto cuncta leone ruent. 4**

DE EFFIGIE HIERONYMI CASSII.

**EPIGRAMMA
LXIV.**

**Cassius hac duplex vivit sub imagine, & ipse est:
da vocem, pictor, caetera vultus habet. 2**

AO CHEFE HÉRCULES.

**EPIGRAMA
LXV.**

**As urbes da Itália hesitam, um sevo furor por todos os lados
está iminente e agita os trêmulos archotes até aos astros.
Daqui a piedade negligenciada, a fidelidade daqui repelida se queixam,
por isso que nenhum lugar seja cedido em todo orbe.
A ti refugiam-se as deusas, teus numes pedem. 5
Sendo tu chefe, elas esperam de novo perder os prodígios⁵⁶³.
Acolhes, Alcides, as prófugas e os melhores templos
durante este tempo e restituis cultos e ofertas.
Com ele esteja, para que as provações do descendente de Anfitrião,
todas diante da candura de teu nome Hércules acabem. 10**

A IAN BLANFELD GERMANO.

**EPIGRAMA
LXVI.**

**Vieste, Jano, para haurir os aônios líquidos⁵⁶⁴
da pátria, a fim de que voltes à tua pátria mais cultivado.
Não contente de fato com tua preclara origem nobre, tentas
tu próprio com os méritos dos antepassados também aumentar os
teus. Com eloquência agradável⁵⁶⁵ misturas os civis direitos 5
para que te tornes êmulo de Hortêncio e de Masuro.
Coragem, jovem, que a máscula virtude pode conciliar
com os chefes e com os próprios deuses superiores.**

---

⁵⁶³ O vocábulo *monstrum* é um prodígio que revela a vontade dos deuses.

⁵⁶⁴ São os vinhos.

⁵⁶⁵ Com eloquência suave, agradável aos sentidos.

AD HERCULEM DUCEM.

EPIGRAMMA

LXV.

**Italiae nutant urbes, furor undique saevus
ingruit, & tremulas quassat in astra faces.
Hinc pietas neglecta, fides hinc pulsa queruntur,
quod detur toto nullus in orbe locus.
Ad te confugiunt divae, tua numina poscunt, 5
quo sperant iterum perdere monstra duce.
Excipis, Alcide, profugas, melioraque templa
interea, & cultus, donaque restituis.
Quo fit, ut aerumnae Amphitryoniadae Herculis omnes 10
prae candore tui nominis intereant.**

AD JANUM BLANFELDUM GERMANUM.

EPIGRAMMA

LXVI.

**Venisti aonios hausturus, Jane, liquores
e patria, in patriam cultior ut redeas.
Non contentus enim praeclaro stemmate, tentas
maiorum meritis addere & ipse tua.
Eloquio suavi misces civilia jura: 5
Hortensi ut fias aemulus, & Masuri.
Macte animo juvenis, ducibus quem mascula virtus
et superis ipsis conciliare potest.**

SOBRE A FORMIGA.

EPIGRAMA LXVII.

**Enquanto a formiga vagueia ao acaso pelo chifre do boi,
Alguém lhe pergunta que estivesse fazendo, “aramos”, diz ela. 2**

A APOLO.

EPIGRAMA LXVIII.

**Ínclita prole de Latona⁵⁶⁶, sob qual protetor,
as trípodas⁵⁶⁷ de Clário dispersam o fado que há de vir.
Olha, quão grande louvor existe a ti, sob a fortaleza incólume,
e existe a ti da arte medicinal quão grande decoro.
Serás chamado, tendo protegido o aluno do irmão Alcides. 5
Não é nada poder agradar aos magnos deuses.
Um guarda às musas e Mecenas aos poetas
e um protetor a mim com este dom restituis.
Deverão um dia a ti muitos que a tua mão de fortaleza médica
mais santa do que o Orco arrebatará. 10
Em prol destes méritos a ti digamos mente⁵⁶⁸ e ânimo.
Ferir-me-ei melhor do que vítima alguma.**

---

⁵⁶⁶ Mãe de Apolo e Diana, nascidos de seus amores com Júpiter. Juno perseguiu constantemente sua rival.

⁵⁶⁷ Tripeça em que a pitonisa proferia o futuro. Podemos concluir que o poeta está se referindo aos próprios oráculos.

⁵⁶⁸ No sentido de razão e vontade.

DE FORMICA.

**EPIGRAMMA
LXVII.**

**Per cornu formica bovis dum forte vagatur,
quidnam ageret, quidam quaerit, aramus, ait.** 2

AD APOLLINEM.

**EPIGRAMMA
LXVIII.**

**Inclyta Latonae proles, quo praeside, fatum
venturum Clarii discutiunt tripodes.
Aspice, quanta tibi, castello sospite, laus sit,
et quantum medica sit tibi ab arte decus.
Diceris Alcidae fratris tutatus alumnum: 5
Non nihil est magnis posse placere deis.
Aedituum musis, Mecoenatemque poetis,
praesidiumque mihi hoc munere restituis.
Debebunt olim multi tibi, quos manus orco
castelli medici sanctior eripiet. 10
His tibi pro meritis mentemque, animumque dicamus:
quam feriam, melior victima nulla mihi.**

DÍSTICO.

EPIGRAMA

LXIX.

**Alcides venceu, nossos labores pereceram:
os numes do deus terreno assim quiseram.**

2

AO CAVALEIRO ENEIAS.

EPIGRAMA

LXX.

**A beleza que exista a ti, a graça do rosto plácido que exista,
Eneias, com qualquer juiz tu podes ter conhecido.
Para Aurora⁵⁶⁹ Céfalos⁵⁷⁰, para Vênus tu, Adônis, és conhecido, Endímion
para Luna, Triptólemo para Ceres,
para Medeia o esônida, para Helena o priameu herói,
Hipólito para Fedra, para Fílis Demofonte.
Para Narciso sob a água Narciso, para Febo Jacinto⁵⁷¹, tu, menino
frígio, és tido como certo a existir para Júpiter, para Hércules Hylas⁵⁷².
Para Gonzaga que coisa? O amor, quando este te percebe sem o
capacete de metal, e Marte, quando Palas⁵⁷³ te chama para as armas.**

5

10

A NICOLAU BENDEDEO.

EPIGRAMA

LXXI.

**Não se tornarão indigentes as musas para mim e de fato isto é pouco:
mendigas tornar-se-ão e um tanto pálidas pela fome.
De Hércules vício não há, mas deste tempo vício há,
Benedeo, os carmes costumam carregar este preço.
Muda-se bastante o tempo, mudar-se-á o próprio Alcides,
e assim sempre pobre serei.**

5

⁵⁶⁹ Esposa de Titono, deusa da aurora, representada com dedos cômicos de rosa, que abrem as portas do céu ao carro do Sol. (Verg. *Geórgicas*, 1, 446)

⁵⁷⁰ Filho de Éolo e de Mercúrio, e a amado de Aurora. (Ov. *Met.* 6, 681)

⁵⁷¹ Jovem lacedemônio metamorfoseado em flor por Apolo. (Ov. *Met.* 10, 162)

⁵⁷² Companheiro de Hércules, aprisionado no fundo de uma fonte pelas ninfas enamoradas de sua beleza. (Verg. *Buc.* 6, 43)

⁵⁷³ Atená ou Minerva, deusa da guerra e das belas artes. (Verg. *En.* 7, 154)

DISTICHON.

EPIGRAMMA

LXIX.

**Alcides vicit, nostri periere labores:
numina terreni sic voluere Dei.**

2

AD AENEAM EQUITEM.

EPIGRAMMA

LXX.

**Quae sit forma tibi, placidi quae gratia vultus,
Aenea, quovis iudice nosse potes.
Aurorae Cephalus, Veneri censeris Adonis,
Endymion Lunae, Triptolemus Cereri,
Medeae Aesonides, Helenae Priameius heros,
Hippolytus Phaedrae, Phyllidi Demophoon.
Narcisso sub aqua Narcissus, Phoebus Hyacinthus,
crederis esse Jovi Phryx puer, Herculi Hylas.
Gonzagae quid? Amor, cum te sine casside cernit,
et Mavors, cum te Pallas in arma vocat.**

5

10

AD NICOLAUM BENDEDEUM.

EPIGRAMMA

LXXI.

**Non fient inopes Musae mihi, namque parum hoc est:
mendicae fient, pallidulaeque fame.
Herculis haud vitium est, vitium sed temporis hujus,
Bendedee, hoc pretium carmina ferre solent.
Mutatur satis tempus, mutabitur ipse
Alcides, & sic semper egenus ero.**

5

ACERCA DE VERONA.

EPIGRAMA LXXII.

**Amo Verona, mãe da douda Laura,
aquela cara a mim não menos do que o solo pátrio. 2**

A SERAFINO JACOBELLO.

EPIGRAMA LXXIII.

**Pelo egrégio genitor semeado, Serafino, estás sujeito a nada,
exceto perceber e fazer-te digno.
Merecidamente deves pagar integralmente as graças
ingentes à natureza, ela que a ti se mostrou favorável.
Farás isto: quantas vezes imitarás o justo pai 5
na religião, na fidelidade, nos costumes, na eloquência.
As mesmas palavras a ti existem, mesmas sejam as restantes, de
fato assim por toda a parte serás dito pelo direito representar o pai.**

ACERCA DE TEBALDO

EPIGRAMA LXXIV.

**Alegrai-vos ó deveres, ó meus livrinhos,
meus versinhos e minhas nugas
ele narra com pormenores, colhe de novo e aprova e faz crescer,
ele que pretende comparar os meus com os priscos,
Tebaldo, decoro e honra das musas. 5
Porque dificilmente eu tenha confiado a mim trezentos anos de gloriola
ligeira a conceder,
Tebaldo concedeu-me tudo isto, ele,
ele, digo, Tebaldo concedeu-me isto,
por cujo bom e salubre conselho, 10
Hércules protege os litorais do Lácio**

DE VERONA.

**EPIGRAMMA
LXXII.**

**Veronam doctae genitricem diligo Laurae:
chara mihi patrio non minus illa solo.** 2

AD SERAPHINUM JACOBELLUM.

**EPIGRAMMA
LXXIII.**

**Egregio genitore satus, Seraphine, teneris
nil nisi te dignum concipere, & facere.
Naturae merito debes persolvere grates
ingentes, facilem quae tibi se exhibuit.
Hoc facies, justum quoties imitabere patrem 5
relligione, fide, moribus, eloquio.
Ora eadem tibi sunt, eadem sint caetera; nam sic
undique diceris jure referre patrem.**

DE THEBALDO.

**EPIGRAMMA
LXXIV.**

**Gaudete ò numeri, ò mei libelli:
meos versiculos, measque nugas
enarrat, relegit, probatque, & auget,
contendens mea comparare priscis,
musarum decus, atque honor Thebaldus. 5
Quod vix crediderim mihi trecentos
annos gloriolae levis daturos:
totum mi dedit hoc Thebaldus, ille,
ille, inquam, dedit hoc mihi Thebaldus,
cujus consilio bono, & salubri 10
Hercules Latias tuetur oras,**

**e confiado na taciturnidade do varão
e no sincero ânimo e na fidelidade provada
da qual nada é mais puro ou mais nitente.
Alegrai-vos, ó deveres, ó meus livrinhos.**

15

A NICOLAU BENDEDEO.

EPIGRAMA LXXV.

**Assim a ti, Bendedeo, que o onipotente Júpiter atenda
aos piedosos votos, assim que concilies⁵⁷⁴ Alcides a ti.
Volve os olhos para as lançadas musas no agitado turbilhão de água,
quanto podes ah! leva auxílio aos miseráveis destinos.
Acaso os sagrados vates em algum momento terão fome, sendo   5
tu o antístite? A rechaçada Tália no teu lar quando não será
chamada? Nem com as liras tu surdo serás nem os carmes nossos
não puderam ter cativado o ânimo teu.
Os seixos a lira arrastou, Aríon⁵⁷⁵ apertou os golfinhos
acredita-se que a lira solicitou algo aos manes⁵⁷⁶.   10
Nem eu treício⁵⁷⁷ da cítara, nem o lésbio autor,
mal dificilmente com compactos caniços⁵⁷⁸ Mársias⁵⁷⁹.
Para que eu te comova com tão grande esforço não é necessário,
tu que desejas poder favorecer também aos mudos.**

---

⁵⁷⁴ No sentido de reunir, unir.

⁵⁷⁵ Poeta lírico grego que, segundo a lenda, foi salvo por um delfim.

⁵⁷⁶ São os deuses bons, espíritos dos mortos e sobretudo dos pais. Mais tarde, passou a designar as almas dos mortos, veneradas pelos helenos e romanos, que lhes dedicaram o mês de fevereiro.

⁵⁷⁷ Alusão a Orfeu.

⁵⁷⁸ Isto é, com reunidas flautas pastoris.

⁵⁷⁹ Sátiro da Frígia e célebre tocador de flauta.

**et viri taciturnitate fretus,
et sincero animo, & fide probata,
qua nil purius est, nitentiusve,
gaudete, ò numeri, ò mei libelli.**

15

AD NICOLAUM BENDEDEUM.

**EPIGRAMMA
LXXV.**

**Sic tibi, Bendedee, omnipotens pia vota secundet
Juppiter, Alciden sic tibi concilies.**

**Respice jactatas turbato gurgite Musas,
quam potes heu miseris casibus affer opem.
An sacri esurient unquam te antistite vates?**

5

**Dicetur ne tuo pulsa Thalia lare?
Nec fidibus tu surdus eris, nec carmina nostra
non poterunt animum demeruisse tuum.**

**Saxa chelys traxit, pressit delphinas Arion,
creditur & manes sollicitasse lyra.**

10

**Non ego Threicius citharae, nec Lesbius autor,
vix male compactis Marsia Harundinibus.
Ut te commoveam, haud opus est conamine tanto,
qui mutis etiam posse favere cupis.**

A FABIANO CAVIANO.

**EPIGRAMA
LXXVI.**

**Tito Estroza, Fabiano, julga poder elevar às honras⁵⁸⁰
o seu nome, embora censurem outros. 2**
**A este eu obsequio algumas vezes. Dissemos isto para que não
julgues irem com claudicante pé os carmes nossos. 4**

A BENEDITO BARBÁCIA.

**EPIGRAMA
LXXVII.**

**Certos varões ajuntam por escrito nomes de heróis para si, ainda que
sejam outros vis como de Tércites⁵⁸¹, e Antínoo⁵⁸².
O anão Atlas também tem nome, Barbácia. Para que fim estas coisas?
Estes nomes de Cúrio e de Fabrício digam a ti.
E a um só diga Alcides, tendo ameaçado fortemente muitas vezes 5
por todos os lados, acompanhado por mil soldados.**

---

⁵⁸⁰ Lembremo-nos de que o sentido etimológico do prevérbio *producēre* (conduzir para diante, fazer avançar). Daí chegamos à conclusão de que o melhor sentido do vocábulo no epigrama é “elevar às honras”.

⁵⁸¹ Um dos gregos que tomou parte no cerco de Troia, célebre por sua disformidade e má língua. (Ov. *Met.* 13, 233)

⁵⁸² Um dos pretendentes de Penélope, morto por Ulisses num festim.

AD FABIANUM CAVIANUM.

**EPIGRAMMA
LXXVI.**

Stroza Titus, Fabiane, suum producere nomen posse putat, quamvis corripiant alii.	2
Huic ego gratificor nonnunquam: diximus hoc, ne ire putes claudo carmina nostra pede.	4

AD BENEDICTUM BARBATIAM.

**EPIGRAMMA
LXXVII.**

Scribunt quidam heroum sibi nomina, cum sint Thersitae viles caetera, & Antinoi. Nanus Atlas quoque nomen habet, Barbatia quorsum haec? Dicant haec Curii, Fabricique tibi. Dicat & Alcides minitatus fortiter uni undique stipatus Mille satellitibus.	5

ACERCA DO CHEFE HÉRCULES.

EPIGRAMA LXXVIII.

Alcides nosso é vencido e vence. O que é isto?
Eu crera logo os deuses serem invictos. 2
O próprio intêrrito vence as hostis batalhas
pela súplice prece ele algumas vezes é vencido. 4

A APOTEOSE⁵⁸³ DE MARULO.

EPIGRAMA LXXIX.

Este magno Marulo é cultivado, ele,
ele, digo, pai das elegâncias⁵⁸⁴,
que Marte e que Minerva e que os amores
igualmente com insistência sempre e sempre amavam,
invicto tantas vezes e bom vate, 5
e sob fumegante archote um árido rio
fazem passar as Náíades, meninas adoram
este rei do rio e invocam-no aos votos.
Os colonos querem que este próprio indígite⁵⁸⁵
já seja chamado, e existe piáculo⁵⁸⁶, 10
caso alguém nomeie Marulo, deus, deus já é.
Eis que luzem as cinzas no meio das ondas
eis que em volta destes lugares os amores esvoaçam.
Eis que Minerva frequenta a sagrada morada⁵⁸⁷.
Eis que Marte condena o Estrímon por causa deste rio. 15
já os poetas honram-no diante de Apolo
e as coortes chamam o seu Gradivo⁵⁸⁸

⁵⁸³ Do grego *ἀποθέσις*. Solenidade com que alguém era levado ao número dos deuses.

⁵⁸⁴ Isto é, das clarezas de estilo, das correções.

⁵⁸⁵ *Indígites* (Os Indígetes, antigos deuses romanos protetores do país).

⁵⁸⁶ Sacrifício expiatório ou propiciatório. Piáculo é um crime ou maldade que exige um sacrifício purificador.

⁵⁸⁷ Pode ser uma alusão à última morada, isto é, ao túmulo.

⁵⁸⁸ Epíteto de Marte.

DE HERCULE DUCE.

EPIGRAMMA

LXXVIII.

Vincitur Alcides noster, vincitque: quid hoc est?	2
Credideram invictos protinus esse Deos.	
Hostiles vincit acies interritus ipse:	
supplice nonnunquam vincitur ille prece.	4

APOTHEOSIS MARULLI.

EPIGRAMMA

LXXIX.

Hic magnus colitur Marullus, ille,	
ille, inquam, pater elegantiarum,	
quem Mars, quemque Minerva, quemque Amores	
certatim simul usque, & usque amabant	
invictum toties, bonumque vatem,	5
fumantique face aridum sub amnem	
mittunt Naiades, hunc puellae adorant	
Regem fluminis, invocantque votis.	
Hunc ipsum indigetem volunt coloni	
jam dici, estque piaculum, Marullum	10
si quis nominitet, Deus, Deus jam est.	
En lucent mediis favillae in undis,	
en circum volitant loca haec Amores:	
en sacram celebrat Minerva sedem.	
En hoc Strymona damnat amne Mavors.	15
Hunc pro Apolline jam poetae honorant,	
Gradivumque suum vocant cohortes,	

e a casta Neera⁵⁸⁹ teme este deus
que não só produz a aljava como também as armas do Amor.
Levai presentes, amante, poeta, soldado. 20
Mas que presentes, amante, poeta, soldado?
Levai lágrimas e carmes e armas.
Por causa destes presentes, o loureiro dará Camenas
propícias à amante consagrada, dará aos poetas
e aos soldados coroas de flores. 25

CONTRA BALBO

EPIGRAMA LXXX.

Infeliz, Balbo, infeliz oh! e três e quatro vezes
aquele a quem seja até mais duro que o seixo o engenho. 2
Para que alguém diga bem e com aplicação, e com a mente labora:
e esforças-te por dizer pior, não terás podido. 4

---

⁵⁸⁹ Alusão à mulher Neera. (Verg. *Buc.* 3,3)

hunc & casta timet Deum Neaera gerentem pharetramque, & arma Amoris. Ferte munera, amans, poeta, miles. Sed quae munera, amans, poeta, miles? Ferte carmina, lachrymasque, & arma. His pro muneribus dabit Camoenas amanti faciles, dabit poetis, sacrae militibusque sertae laurus.	 20 25

IN BALBUM.

EPIGRAMMA
LXXX.

Infelix, Balbe, infelix ò terque quaterque, cui sit vel saxo durius ingenium. Ut bene quis dicat studioque, & mente laborat: nitaris peius dicere, non poteris.	 2 4

AO ARQUIDIÁCONO LUÍS CAIADO.

EPIGRAMA

LXXXI.

**Se a piedade, se a prisca fidelidade fosse cultivada e estivesse no
apreço a virtude e a santa religião,
conspício no melhor lugar, Ludovico, ficarias
e a tua fronte fulguraria com a tiara purpúrea⁵⁹⁰.
E se para si o curral do tonante te pedisse como pastor 5
e nenhuns lobos errariam pelos teus campos.
Mas, pelo contrário, se os áureos séculos esplendessem com o
fulvo metal, também o crime eterno condenaria ao exílio.
Mas porquanto apenas a sorte ergue para o alto⁵⁹¹ os não-
merecedores e a fortuna faz e desfaz as suas voltas, 10
vive decoro único do bem e nova glória de teu irmão,
vive durante muito tempo, proteção de nossa raça.
E seja suficiente a ti um lugar não derradeiro na urbe pátria
e seja suficiente a ti algo faltar⁵⁹² aos teus méritos.**

---

⁵⁹⁰ Insígnia que os bispos, arcebispos e cardeais põem na cabeça em solenidades e missas.

⁵⁹¹ No nono verso há uma versão diversa de Pe. Antonio dos Reis na edição de Bolonha de 1501, nesta assim está escrito:

Sed quoniam sua fata regunt hominesque, deosque, ... (mas já que os seus fados regem homens e deuses...).

⁵⁹² *Sit satis et meritis deesse tuis aliquid.* (Possa bastar-te, até, que fique um pouco aquém de teus méritos). Essa foi a tradução do prof. Dr. Carlos André da Faculdade de Coimbra.

AD LUDOVICUM CAYADO ARCHIDIACONUM.

**EPIGRAMMA
LXXXI.**

Si pietas, si prisca fides coleretur, & esset
in pretio virtus, sanctaque religio:
conspicius meliore loco, Ludovice, sederes,
fulgeretque apice frons tua purpureo.
Et te pastorem peteret sibi ovile Tonantis, 5
et nulli errarent per tua rura lupi.
Aurea sed fulvo splenderent saecula metallo,
aeternumque scelus exilium lueret.
Sed quia non meritos tantum sors tollit in altum, 10
et fortuna vices fertque, refertque suas,
vive boni solum decus, & nova gloria fratris,
vive diu nostri praesidium generis.
Sit satis & patria locus haud postremus in urbe,
sit satis & meritis deesse tuis aliquid.

ACERCA DE MARTE E DO REI MANUEL.

EPIGRAMA LXXXII.

**Gradivo vira as guerras serem preparadas contra os mouros
e creu a obra⁵⁹³ existir com as suas tropas.
Apresentou as armas a serem levadas e conduziu os micões e os
furiosos geras à plaga da Hespéria na qual ele está visível sempre.
E lança o chamado Júpiter e os soltos gigantes, 5
tendo-se comprometido a perder os mouros com matança conveniente.
A ele o lusitano rei: “não me faltam forças
e os nossos raios vêm com torta mão.
Com nome até único, contundimos o sevo hoste,
os ausentes também temem o acampamento inimigo. 10
Se na guerra os fados me quiserem para marchar contra os mouros
eu desempenharei o ofício de exército e de chefe.
Liberta da escravidão Esparta e a pulcra Corinto⁵⁹⁴,
e dessa minha cidade deixa-me, Gradivo, as partes.”
“Verdadeiramente a tua fama é menor⁵⁹⁵” - Marte diz e retira-se 15
atônito pela fortuna e pelo ânimo do chefe.**

---

⁵⁹³ Está no sentido de obra militar.

⁵⁹⁴ Cidade do Peloponeso sobre o istmo do mesmo nome.

⁵⁹⁵ Entendemos assim: “A tua fama, rei, é menor do que as cidades às quais me refiro.”

DE MARTE, & EMMANUELE REGE.

EPIGRAMMA

LXXXII.

**Viderat in Mauros Gradivus bella parari,
atque opus auxiliis credidit esse suis.
Obtulit arma duci, Myconesque, Gerasque furentes
duxit ad Hesperiam, qua patet usque, plagam.
Assertumque Jovem jactat, fusosque Gygantas, 5
pollicitus Mauros perdere strage pari.
Cui Lusitanus Rex: non desunt mihi vires,
et nostra veniunt fulmina torta manu.
Nomine vel solo saevum contundimus hostem,
absentes etiam castra inimica timent. 10
Si bello me fata volent concurrere Mauris,
officio fungar militis, atque ducis.
Eripe servitio Sparten, pulchramque Corynthon,
quaeque meae partes linque, Gradive, mihi.
Est vero tua fama minor, Mars inquit, abitque 15
fortuna attonitus principis, atque animo.**

AO LUSITANO JANO CASTELO BRANCO.

EPIGRAMA

LXXXIII.

**Até agora cultivaste o engenho, Jano, voltarás
à pátria, cultivado de doutrina e de eloquência.
Ousas além disso expor-te em pulcras armas,
darei: “o que queres para ti?” Minerva é toda tua⁵⁹⁶.
Vai decoro, vai espécime da pátria com o pé destro⁵⁹⁷ prossegue 5
o caminho e com presságios bons e com os bons auspícios.
Que as Tindáridas⁵⁹⁸ conduzam a nau a ti para que com um astro
Certo chegues, incólume, à praia do oceano,
onde um rei desde sublime cidadela governa povos,
uma e outra extremidade do sol cultiva este senhor. 10
Ele oferecer-te-á muníficos prêmios com a destra mão,
e de fato o rei pode, mais opulento do que Cresos e Midas.**

A CATALDO PARÍSIO SÍCULO.

EPIGRAMA

LXXXIV.

**Se alguns ócios a ti tiverem acontecido, se quando houver tempo,
colherás os versinhos nossos, douto Cataldo.
Versinhos, que da tua fonte haurimos e que
tu próprio não dubiamamente me pareceste ditar.
Formaste o engenho primeiro e primeiro pelos altos 5
bosques sagrados o conduziste e pelos antros das Piérides.
A partir de ti princípio da musa, a ti a nossa Tália
suplica e se quer semeada, sendo tu o genitor.
Não queiras admirar, se degeneramos em alguma coisa,
pois algumas vezes o lodo mana do límpido rio. 10**

⁵⁹⁶ Minerva está inteiramente à tua disposição.

⁵⁹⁷ Tratando-se de presságios bons, propícios, favoráveis.

⁵⁹⁸ Filhas de Tíndaro.

AD JANUM CASTELBRANCUM LUSITANUM.

**EPIGRAMMA
LXXXIII.**

Hactenus ingenium coluisti, Jane, redibis
doctrina in patriam cultus, & eloquio.
Audes praeterea pulchris te ostendere in armis:
quid tibi vis dicam? Tota Minerva tua est.
I decus, i patriae specimen, pede pergito dextro, 5
ominibusque bonis auspiciisque bonis.
Tyndaridae navem ducant, ut sydere certo
pervenias sospes littus ad Oceani,
rex ubi sublimi populos ex arce gubernat,
quem dominum Solis utraque meta colit. 10
Is tibi munifica persolvat praemia dextra:
namque potest Croeso, divitiorque Myda.

AD CATALDUM PARISIUM SICULUM.

**EPIGRAMMA
LXXXIV.**

Otia siqua tibi fuerint, si quando vacabit,
versiculos nostros, docte Catalde, leges.
Versiculos, e fonte tuo quos hausimus, & quos
dictare haud dubie visus es ipse mihi.
Formasti ingenium primus, primusque per altos 5
duxisti lucos, antraque Pieridum.
A te principium Musae, tibi nostra Thalia
supplicat, & se vult te genitore satam.
Mirari noli, si degeneravimus usquam,
nam liquido interdum manat ab amne lutum. 10

A JANO ROMEU BARBÁCIA.

**EPIGRAMA
LXXXV.**

**Porque ao egrégio pai tenhas dado, Jano, um neto,
congratulo-me, André vive dúplice no orbe.
Evidentemente o teu André e que com nome conhecido,
encheu as terras e as moradas dos celícolas.
O neto empreenderá dignas coisas ao avô, Barbácia, para que um   5
viva junto aos manes, o outro junto aos deuses superiores.**

A NICOLAU PANIZATO.

**EPIGRAMA
LXXXVI.**

**Panizato, li com candor perene teus versos conspícuos
e três vezes e quatro vezes com gosto.
Nada se não foi decozido, e haurido das sagradas fontes,
nada se não o que Cíntio⁵⁹⁹ queira ser seu.
E louvo o engenho feraz e a veia⁶⁰⁰ fluente 5
e admiro os recursos inclusos de um peito rico.
Acaso (confesso) uma sentença adversa nos agrada,
mas por que razão, caso a onda mais pura sempre seja fluente?
A quem em algum momento prefira tristes névoas e exalação
pestilencial a Eurotas⁶⁰¹, e no lago virgíneo? 10
Que coisa a ti com duros dardos, tu possas colher
de um lado e de outro os doces frutos com disposta mão?
Entrega lama aos porcos e ulvas⁶⁰² às rãs loquazes.
Que me agradem as fontes e as purpúreas rosas.
Dirás existir nada de toda a parte feliz, 15
Isto existe, isto aquilo, que crucifica os míseros.**

⁵⁹⁹ Epíteto de Apolo, venerado no monte Cinto. (Verg. *Buc.* 6, 3)

⁶⁰⁰ Isto é, o talento do poeta, a inspiração.

⁶⁰¹ Rio da Lacônia.

⁶⁰² Certa erva dos pântanos.

AD JANUM ROMEUM BARBATIAM.

**EPIGRAMMA
LXXXV.**

**Egregio patri dederis quod, Jane, nepotem,
gratulor, Andreas vivit in orbe duplex.
Scilicet Andreas tuus, & qui nomine noto
implevit terras, Caelicolumque domos.
Digna nepos conetur avo, Barbatia ut alter
vivat apud manes, alter apud Superos.** 5

AD NICOLAUM PANIZATUM.

**EPIGRAMMA
LXXXVI.**

**Panizate, tuos versus candore perenni
conspicuos legi terque, quaterque lubens.
Nil nisi decoctum, & sacris de fontibus haustum est:
nil nisi quod malit Cynthus esse suum.
Ingeniumque ferax laudo, venamque fluentem, 5
diviteque inclusas pectore miror opes.
En diversa placet (fateor) sententia nobis:
sed quid si semper purior unda fluat?
Quis tristes unquam nebulas, diramque mephytim
praeferat Eurotae, virgineoque lacu? 10
Quid tibi cum duris cornis, cum carpere possis
hinc atque hinc facili mitia poma manu?
Trade lutum suibus, ranisque loquacibus ulvas:
mi placeant fontes, purpureaeque rosae.
Esse nihil dices ex omni parte beatum: 15
hoc est, hoc illud, quod miseros cruciat.**

A JANO LUCAS.

**EPIGRAMA
LXXXVII.**

**Admiras talvez que eu seja mais vigilante do que justo⁶⁰³
e que eu não só te encante com admiráveis modos como também
os teus. Jano, eu não desconfio de ti, mas sou sempre perseguido,
ainda que eu veja com aflição ser oprimido, sendo tu mais forte.**

**Pois Alcides, sendo tu o único acompanhante, suporta 5
os labores, e ele próprio sustentado pelo teu auxílio.
Com seu peso Hércules aliviou Atlanta na posição cervical⁶⁰⁴
Júpiter não renuente.**

**Na função de Hércules algumas vezes desempenhas. Aquele jaz,
irrigado pelo sono plácido, sendo tu vigilante. 10
Ó que dê prazer, ó que agrade ter lembrado do leal cliente
ao qual tu, enquanto tiver existido vida, serás patrono.**

A ANTÔNIO GALEAZZO BENTIVOGLIO.

**EPIGRAMA
LXXXVIII.**

**Acerca do nome dos antepassados está presente o venerando
dito do mês, e aquele dia amigo pulsa as entradas
no qual louvar os tribunos da plebe foi-me permitido,
e dizer feitos ilustres do chefe Bentívolo.
Coragem! Vai! Galeazzo (se houver algum amor) pelas planícies, 5
suplico-te, coloques uma meta para vir às nossas quadrigas⁶⁰⁵.
O indomável cavalo já mastigou os freios, preparado para esvoaçar.
É quadrúpede agora, dá sons da trombeta, vento será.**

---

⁶⁰³ Substantivo *aequum*, -i (equidade, o que é justo).

⁶⁰⁴ Preferimos uma tradução mais livre neste momento.

⁶⁰⁵ Carro puxado por quatro cavalos, usado mormente nas corridas, nos jogos.

AD JANUM LUCAM.

**EPIGRAMMA
LXXXVII.**

**Miraris forsā quod sim vigilantior aequo,
sollicitem & miris teque, tuosque modis.
Non ego, Jane, tibi diffido, sed urgeor usque,
cum videam cura te graviore premi.
Alcides siquidem, te uno comitante, labores 5
sustinet, auxilio fultus & ipse tuo est.
Pondere Atlanta suo posita cervice levavit
Amphitryoniades, non renuente Jove.
Herculis interdum vice fungeris: ille sopore
irriguus placido, te vigilante, jacet. 10
O juvet, ò libeat fidi meminisse clientis,
cui tu, dum fuerit vita, patronus eris.**

AD ANTONIUM GALEACEM BENTIVOLUM.

**EPIGRAMMA
LXXXVIII.**

**Maiorum venerandus adest de nomine dictus
mensis, & illa dies pulsat amica fores,
qua mihi concessum plebis laudare Tribunos,
claraque Bentivoli dicere gesta ducis.
Eia age (siquis amor) Galeax per aperta quadrigas 5
ad metam nostras quaeso venire sinas.
Fraena ferox jam mandit equus volitare paratus:
est quadrupes nunc, da classica, ventus erit.**

A MARTINHO DE FIGUEIREDO.

**EPIGRAMA
LXXXIX.**

**tu me denominas caixa de Apolo:
ó dito encantador e engraçadinho! 2**
**Mas se a verdade a tal ponto existisse como é venusta,
Martinho, para que eu te amasse como o próprio Apolo. 4**

ACERCA DE LAURA.

**EPIGRAMA
XC.**

**Uma serpente gerada do sangue da funesta Píton⁶⁰⁶
matou com sevas dentadas a Louredo.
Convém saber ser o bosque de Febo não mais íncio, por
quem o avô jazeria extinto com a lembrada destruição.
Eis que os arbustos incompletos apresentam folhagens 5
verdejantes e nenhuma seiva se encontra no carvalho todo.
Com o advento de Laura subitamente o bosque começa a
reverdecer. Apolo concedeu este presente a Laura.**

---

⁶⁰⁶ Serpente monstruosa, morta por Apolo perto de Delfos. Este fato deu origem à instituição dos jogos píticos. (Ov. *Met.* 1, 438)

AD MARTINUM FIQUERETUM.

**EPIGRAMMA
LXXXIX.**

Thecam me vocitas Apollinarem:	
o dictum lepidum, facetulumque!	2
Quod si verum adeo esset, ut venustum est,	
te, Martine, ut Apollinem ipsum amarem.	4

DE LAURA.

**EPIGRAMMA
XC.**

Pythonis diri genitus de sanguine serpens	
Lauretum saevis morsibus enecuit.	
Scilicet esse nemus Phoebi non inscius, a quo	
extinctus memori clade jaceret avus.	
En arbusta comas ponunt infecta virentes,	5
nullus & in toto robore succus inest.	
Adventu Laurae subito revirescere silva	
incipit: hoc Laurae munus Apollo dedit.	

CONTRA GARGILIANO.

EPIGRAMA

XCI.

**Por que te vanglorias de que a natureza⁶⁰⁷ concedeu um e outro,
que tenha dado, Gargiliano, um neutro estilo? 2**
Ainda que possas o neutro, a um e outro pareces adepto.
Difícil e fácil é escrever coisa mais insignificante. 4

O LIVRO FALA.

EPIGRAMA

XCII.

Ser breve pareço? junta o primeiro com o segundo.
Por que agrada ser um só? Por que agrada serem dois? 2
Nem crescem, nem decrescem assim, de fato outros tantos
precisamente existem ou queres um só, carmes, ou os dois. 4

A LUCAS RIPA.

EPIGRAMA

XCIII.

**Se alguém fez um naufrágio nas ondas de Netuno,
que cumpra os votos devidos aos deuses marinhos.**
Aqui na realidade, lançado pelo redemoinho de água,
eis que à margem do Erídano ele apenas nada com pé muito tímido.
Ripa, abraça no teu regaço a dilacerada popa, 5
uma tabuinha⁶⁰⁸ pintada trazer-te-á este crédito.

---

⁶⁰⁷ *Natura* (caráter natural, índole, qualidade do poeta).

⁶⁰⁸ Tábua na qual se escrevia o voto.

IN GARGILIANUM.

EPIGRAMMA

XCI.

**Cur tibi naturam jactas utrumque dedisse,
quae neutrum dederit, Gargiliane, stilum? 2
Cum neutrum possis, utrumque videris adeptus:
difficile, & facile scribere nullius est. 4**

LIBER LOQUITUR.

EPIGRAMMA

XCII.

**Esse brevis videor? primum conjunge secundo:
quid juvat esse unum? quid juvat esse duos? 2
Nec crescunt, nec decrescunt sic, nam totidem sunt
sive unum malis, carmina, sive duos. 4**

AD LUCAM RIPAM.

EPIGRAMMA

XCIII.

**Siquis naufragium Neptuni fecit in undis,
aequoreis solvat debita vota Deis.
Hic vero Eridani jactatus vortice multo
ad ripam timido vix natat ecce pede.
Ripa, tuo gremio laceram complectere puppim: 5
acceptum hoc referet picta tabella tibi.**

AO GENERAL HÉRCULES.

**EPIGRAMA
XCIV.**

**Alcides famosíssimo, sendo este o fado, ignoro. Presenteias
a este, àquele, lastima-se aquele outro ou aquele todavia. 2
Dignos prêmios pelos teus feitos notáveis outrora estão reservados
a ti, os deuses superiores podem conceder estes, não os homens. 4**

AO TEÓLOGO LUSITANO GOMES.

**EPIGRAMA
XCV.**

**Agradeço à comum pátria que também se alegra a ter-te como
aluno entre as suas delícias.
Enquanto as gramas tiverem existido à terra, enquanto as constelações
ao céu por causa de ti, o nosso Tejo será elevado aos astros.
Tu conheceste as causas das coisas, tu, as coisas relativas aos 5
mistérios sagrados e que sob obscura nuvem costumam permanecer
escondidos. A natureza ocultou nada a ti, tu não podes de modo
duvidoso escalar os próprios pólos com mente sublime.
Por que relatarei os sagrados costumes? E a vida provada?
Por que relatarei os plectros latinos à tua língua? 10
Com o que é mortal não te preocupes, todos os bárbaros séculos
dos deuses poder-te-iam dizer, Gomes, as línguas divinas.**

AD HERCULEM DUCEM.

EPIGRAMMA

XCIV.

Nescio quo fato, Alcide clarissime, donas huic, illi, queritur ille, vel ille tamen.	2
Digna tuis aliquando manent te praemia factis: haec possunt Superi reddere, non homines.	4

AD GOMETIUM LUSITANUM THEOLOGUM.

EPIGRAMMA

XCV.

Communi grator patriae, quae te quoque alumnum inter delitias gaudet habere suas.	
Gramina dum terrae fuerint, dum sydera caelo, per te tolletur noster ad astra Tagus.	
Tu rerum causas nosti, tu mystica sacra, quaeque sub obscura nube latere solent.	5
Occuluit natura nihil tibi, tu potes ipsos sublimi haud dubie scandere mente polos.	
Quid sanctos referam mores? Vitamque probatam?	
Quid linguae referam plectra latina tuae?	10
Nil mortale sapis, divinas cuncta, Gometi: dicere te possent barbara seacula Deum.	

A BARTOLOMEU BLANQUINO.

EPIGRAMA

XCVI.

**Álvaro é genitor e genitora é Ana, a glória dos pais
nem é para decoro nem para mim vergonhoso.**

**Mas dizer aquelas coisas todavia com nulas testemunhas que eu
não tenha ousado. Pela pátria o pai fez valorosas guerras.**

**Pelos auspícios e pelo seu governo e por terra e por mar 5
com mão invicta pôs de pé mil troféus.**

**Acerca dos bisavôs e dos antepassados nada posso dizer-te,
a nossa página aqui não deseja mentir.**

**Desempenhar o ofício do agradável neto, Blanquino,
os séculos esquecidos por longa disposição me proíbem. 10**

**Feliz, ao qual é lícito ser piedoso. Tu podes escrever com altíloquo
estilo os feitos ilustres dos teus que devem ser memoráveis.**

**Não falta engenho, não falta facúndia, existem situações,
que possam aceitar a luz e dar.**

Esta ocupação supera os lunenses seixos. 15

**Eu ofereceria de preferência com as mãos estes sacrifícios em honra
dos meus mortos. Nada é perpétuo, dura todavia isto mais do que aquilo,
Este outono com dificuldade, mas aquilo, as olimpíadas não duram.**

AD BARTHOLOMAEUM BLANCHINUM.

EPIGRAMMA

XCVI.

**Alvarus est genitor, genitrix est Anna, parentum
gloria nec decori est, nec mihi dedecori.**

**Dicere at illa tamen nullis non testibus ausim:
pro patria gessit fortia bella pater.**

**Auspiciis, ductuque suo, terraque, marique, 5
invicta statuit mille trophaea manu.**

**De proavis, atavisque nihil tibi dicere possum:
non hic mentiri pagina nostra cupit.**

**Fungier officio grati, Blanchine, nepotis 10
me longo prohibent obsita saecula situ.**

**Felix, cui licet esse pio: memoranda tuorum
tu potes altiloquo scribere gesta stilo.**

**Non deest ingenium, non deest facundia, sunt res,
quae lucem possint accipere, atque dare.**

**Hoc munus superat Lunensia saxa, meorum 15
praeberem has potius manibus inferias.**

**Perpetuum nihil est: durat tamen hoc magis illud,
hoc vix autumnum, ast illud olympiadas.**

AO GENERAL HÉRCULES.

EPIGRAMA XCVII.

**Presentes em prol dos méritos de alguém tu te retiraste para dar
a fim de que pudesses agir com censura mais livre.
E não permitirias com preces uma ocasião que
trata das coisas públicas, logo convém existir um vazio de afeto.
Deste lugar vejo-me esperar, general magno, negado 5
evidentemente por indigno, eu que levarei os teus cetros.
Contudo tu tens nume, sendo tu cônsul, para ti tu és Apolo.
Contente aprenderei a viver por acaso as minhas coisas públicas?
Eu solicito comigo estas, enquanto com o coração medito,
ouço, não sei a quem dizer: vencedor serás. 10**

ACERCA DE TEBALDO.

EPIGRAMA XCVIII.

**Ó eu sou feliz duas vezes e três vezes e quatro vezes, Tebaldo
costuma ser intérprete de nosso carne.
Ainda que o meu nome dure por mil séculos,
que tenha podido oferecer nada mais grandioso do que isto a posteri-
dade. Quão grande a mim que repreendo, chegou até às auras etéreas. 5
Depois do túmulo para ninguém a glória foi tanta.
Por causa dos méritos que a pulcra Erycina⁶⁰⁹ ofereça ao varão juventude
perpétua, para que persista o amor que começa bem.
Acima disto pelo magno Alcides assim sempre seja amada
para que a torva inveja possa em nada prejudicar. 10**

---

⁶⁰⁹ Epíteto de Vênus, adorada no monte Eryce.

AD HERCULEM DUCEM.

EPIGRAMMA

XCVII.

**Munera pro meritis cujusque daturus abisti,
censura ut posses liberiore agere.**

**Neve locum precibus sineres, qui publica tractat
affectu vacuum protinus esse decet.**

**Hinc sperare mihi video, dux magne, negatum, 5
scilicet indigno, qui tua sceptrā geram.**

**Sed tu numen habes, te consule, tu tibi Apollo es:
contentus discam vivere forte mea.**

**Haec ego sollicito mecum dum corde voluto,
audio, nescio quem dicere: victor eris. 10**

DE THEBALDO.

EPIGRAMMA

XCVIII.

**O me felicem bis, terque, quaterque, Thebaldus
interpres nostri carminis esse solet.
Mille meum quamvis duret per saecula nomen,
grandius hoc poterit nil dare posteritas.
Quanta mihi aethereas carpenti contigit auras: 5
post tumulum nulli gloria tanta fuit.
Pro meritis Erycina viro det pulchra juventam
perpetuam, ut perstet, qui bene coepit, amor.
Hoc super a magno Alcide sic semper ametur,
invidia ut possit torva nocere nihil. 10**

EPITÁFIO DE SERAFINO.

EPIGRAMA XCIX.

**Espalha as rosas, tu vens quem quer que sejas, Serafino está na urna,
aquele, digo, em relação ao qual quem é mais, ele é menos.
Donde o sono no túmulo? Aqui os Manes cantam de novo os carmes,
e as pedras tumulares costumam para cá apressar-se com as florestas.
Por que a terra está leda? Por que riem estes lugares? Evidentemente 5
com a própria mãe, aqui foi sepultado o próprio Amor.
Acaso perecem os Deuses Superiores? E cinzas e fábula acontecem
e as tênues sombras de outra maneira não, e os homens?
Não! Contudo os enterrados conservam os restos do cultivador.
Sinto as coisas que falas, retiro-me daqui ferido. 10**

A PAULINO.

EPIGRAMA C.

**De modo nenhum, Paulino, temo morrer: sou pobre. Perecerei
o quanto antes, mas no tempo em que for rico. 2
Dizes: “viverás os anos de Titono e de Nestor.”
Sê assim: “sejas rico em terras, até que morras hoje.” 4**

EPITAPHIUM SERAPHINI.

EPIGRAMMA

XCIX.

**Sparge rosas, quicumque venis, Seraphinus in urna est,
ille, inquam, de quo qui magis, ille minus.
Unde sonus tumulo? Recinunt hic carmina Manes,
saxaque cum silvis huc properare solent.
Quid tellus laeta est? Quid rident haec loca? Nempe 5
cum matre ipsa, hic est ipse sepultus Amor.
Anne obeunt Superi? Cineresque, & fabula fiunt,
et tenues umbrae non secus, ac homines?
Non: sed reliquias servant cultoris humati:
sentio quae loqueris, saucius hinc abeo. 10**

AD PAULINUM.

EPIGRAMMA

C.

**Nil Pauline mori timeo: sum pauper: obibo
quamprimum, sed quo tempore dives ero. 2
Tithoni vives, inquis, vel Nestoris annos:
esto ita: sis locuples, dum moriari hodie. 4**

EPITÁFIO DE CODRO URCEU.

EPIGRAMA

CI.

**Para viajante e lê estes poucos carmes.
Sepultado aqui Codro, conhecido por toda a parte, jaz,
as Aônidas se calaram no óbito dele,
e muda desde há muito a língua latina silencia
e os gracejos argólicos voltam à pátria. 5
Ah! Ele já não existe mais para discernir as doudas Piérides!
Ah! Ah! pereceram as doces palavras de Remo!
Não lhe será concedido ouvir os gracejos por mais tempo.
Dura sorte, oh ásperos fados dos homens!
Ah! nascemos com dificuldade e já morremos miseráveis! 10
Espalha com rosas purpúreas o sagrado túmulo,
por que agrada-te derramar estas lágrimas? Vive, vai-te embora.**

ACERCA DE GARCILIANO.

EPIGRAMA

CII.

**Gargiliano olha para mim com o lume oblíquo dos olhos⁶¹⁰,
há a inveja, de um modo ameaçador⁶¹¹ que me faz existir. 2**

---

⁶¹⁰ No sentido de “com a luz invejosa do olhar”.

⁶¹¹ *Torvum* no singular ou no plural pode ser tomado adverbialmente.

EPITAPHIUM CODRI URCEI.

EPIGRAMMA

CI.

**Siste viator, & haec carmina pauca lege:
conditus hic Codrus notus ubique jacet,
illius Aonides conticuere obitu,
mutaque jamdudum lingua latina silet:
Argolicique sales in patriam redeunt: 5
heu nusquam est doctas cernere Pierides!
Interiere heu heu dulcia verba Remi!
Non audire jocos ulterius dabitur.
O sortem duram, ò aspera fata hominum,
nascimur heu vix, & jam morimur miseri! 10
Purpureis sacrum sparge rosis tumulum:
quid juvat has lachrymas fundere? Vivit, abi.**

DE GARGILIANO.

EPIGRAMMA

CII.

**Aspicit obliquo me lumine Gargilianus:
invidia est, torvum, quae facit esse mihi. 2**

A JANO CABALLETO DE BOLONHA.

EPIGRAMA

CIII.

**Pela escultura Fídias⁶¹² é celebrado, pelas cordas da lira, Aríon⁶¹³,
pela pintura Zeuxis⁶¹⁴, pelo carne Meonides⁶¹⁵.**

**Pela escultura, pelas cordas da lira, pela pintura, pelo carne tu
sobressais. É duvidoso em qual arte valhas⁶¹⁶ mais,
aquilo que com custo a tão muitos, a ti unicamente atingiu, tu como   5
único logo te elevas acima da natureza e de ti próprio.**

AO BENEDITO HEITOR LIVREIRO DE BOLONHA.

EPIGRAMA

CIV.

**Quem deseja que seus escritos cheguem aos ferozes descendentes,
conceda a ti, Benedito, livros expostos à venda.**

Tu fazes que os ditos brilhem com doudas figuras de estilo.

Tão bem a mão direita solícita compõe os escritos.

Tu tens um Mercúrio favorável e uma favorável Minerva.   5

Semelhante é o engenho e semelhantes as divícias.

**Em nada os deuses temem as cavalas⁶¹⁷, em nada os incensos seguros
nem em algum momento os nossos carmes temerão a pimenta rugosa.**

⁶¹² Foi o mais célebre dos escultores gregos. Natural de Atenas, viveu no século V a. C.

⁶¹³ Poeta lírico grego de Lesbos que, segundo a lenda, foi salvo por um delfim.

⁶¹⁴ Célebre pintor também do séc. V a. C., natural da Heracleia.

⁶¹⁵ Poeta pouco conhecido, não encontramos referência alguma ao seu nome em nossa pesquisa.

⁶¹⁶ Eis O sentido do fragmento: “É duvidoso em qual arte tenhas mais valor.

⁶¹⁷ Espécie de peixes. (Catulo, *Carm.* 95,8)

AD JANUM CABALLETUM BONONIENSEM.

**EPIGRAMMA
CIII.**

**Sculptura Phydias, fidibus celebratur Arion:
pictura Zeusis: carmine Meonides.**

**Sculptura, fidibus, pictura, carmine polles:
qua valeas dubium est arte, Caballe, magis
quod vix tam multis, uni tibi contigit, unus
naturam, & te ipsum protinus exuperas.**

5

AD BENEDICTUM HECTOREM BONONIENSEM BIBLIOPOLAM.

**EPIGRAMMA
CIV.**

**Qui vult ad seros sua scripta venire nepotes:
venales libros det Benedicte tibi.**

**Tu facis ut doctis niteant dictata figuris:
tam bene componit sedula dextra notas.**

**Est tibi Mercurius facilis, facilisque Minerva:
est par ingenium, divitiaeque pares.**

5

**Nil scombro, nil thura timent securo: nec unquam
rugosum metuent carmina nostra piper.**

A BARTOLOMEU BLANQUINO.

**EPIGRAMA
CV.**

**Não escrevem bem os vinolentos poetas, Blanquino.
Os abstêmios, melhor, por que assim? A causa está próxima. 2
As musas não celebram as talhas mas os lagos mas as ondas
e Calíope⁶¹⁸ nada no vítreo lago. 4**

A FELIPE BEROALDO JÚNIOR.

**EPIGRAMA
CVI.**

**Publicar ao povo engraçados livrinhos, Beroaldo,
o amor inconsulto da posteridade me deseja.
Evidentemente a todos este amor existe; esta única
voluptuosidade de tantos até às cinzas, e fazemos os letreiros⁶¹⁹.
Mas que fama os maus carmes produzirão a mim? Antes 5
quero nada ser, do que ser Mévio⁶²⁰ ou Bávio⁶²¹.**

FIM.

---

⁶¹⁸ Musa da eloquência e da poesia épica, também considerada musa em geral. Esposa de Apolo. Calíope era a mais elevada das nove musas.

⁶¹⁹ Estes letreiros se levavam nos enterros e realçavam os feitos da pessoa falecida.

⁶²⁰ Nome de um mau poeta do tempo de Vergílio. (Verg. *Buc.* 3, 90)

⁶²¹ Outro péssimo poeta, inimigo de Vergílio e de Horácio. (Verg. *Buc.* 3, 90)

AD BARTHOLOMAEUM BLANCHINUM

EPIGRAMMA

CV.

Non bene vinosi scribunt, Blanchine, poetae:	
abstemii melius, cur ita? Causa subest.	2
Dolia non celebrant musae, sed stagna, sed undas	
et natat in vitreo gurgite Calliope.	4

AD PHILIPPUM BEROALDUM JUNIOREM.

EPIGRAMMA

CVI.

Aedere me fatuos populo, Beroalde, libellos	
vult inconsultus posteritatis amor.	
Scilicet omnibus hic amor est; ea sola voluptas	
tanti adeo cineres, & titulos facimus.	
Sed mihi quam famam parient mala carmina? Malo	5
quam nihil esse, esse maevius, aut Bavius.	

FINIS.

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO LIVRO I

LUGARES, MONTES, RIOS e POVOS:

Lusitânia (epigrama I)

Império (epigrama II)

Reinos (epigramas II e IV)

Hespéria (epigrama III)

Terra (epigrama III)

Índia (epigrama III)

Sidonia/ Fenícia (epigrama IV)

Argo (epigrama VIII)

Roma (epigrama IX)

Bolonha (epigrama IX)

Ausonia (epigrama X)

Tróia (epigrama X)

Adríaco (epigrama X)

Castália (epigrama X)

Dardânios (epigrama X)

Eugâneos (epigrama X)

Estrímon (epigrama X)

Troianos (epigrama X)

Pó (epigrama XI)

Erídano (epigrama XI e XX)

Elísio (epigrama XI)

Venetos (epigrama XI)

Aônia (epigrama XII)

Antícira (epigrama XVIII)

Bretanha (epigrama XX)

Arcádia (epigrama XXII)
Faventinos (epigrama XXII)
Febo (epigramas XXIV, XXXVI e XXX)
Delos (epigrama XXIV)
Chipre (epigrama XXIV)
Parnaso (epigrama XXVI e LXVI)
Tejo (epigrama XXVI)
Alpes (epigrama XXXIII)
Escorneta (epigrama XXXIV)
Lácio (epigrama XXXIV e L)
Hibla (epigrama XXXVI)
Trácia (epigramas XL e LXI)
Gético (epigrama XLIII)
Tessálios (epigrama XLV)
Tessália (epigrama XLV)
Tebanos (epigrama XLVII)
Mântua (epigrama LXIX)
Florença (epigrama LXIX)
Cidade Felsinea (epigrama LXII)
Foro (epigramas LXV e LXXVI)
Tessália (epigrama LXVI)

**PERSONAGENS ILUSTRES ITALIANOS, PORTUGUESES,
DIVINDADES, HERÓIS, PASTORES E POETAS:**

Tessira (epigrama I)
Césares (epigrama I)
Sibila (epigrama I)
Cupido (epigramas II e XXX)
Gigantes (epigrama II)
Júpiter (epigrama II)
Oceano (epigrama III)
Emanuel (epigramas III e XXXV)
Júpiter (epigramas III e XVI)
Oceano (epigramas III e XXX)
Palas (epigramas IV, X, XVII e XXX)
Mulcíbero (epigrama IV)
Palas (epigramas IV, X e XVII)
Pedro Egitanense (epigrama IV)
Cristo (epigrama IV)
Nônio Caiado (epigramas V e LXXXII)
Grego (epigrama VI)
Baco (epigrama VII e XXXVI)
Retor Bononiense (epigramas VII e IX)
Bacantes (epigrama VII)
Alberto Tassino (epigramas VIII e XII)
Oríon (epigrama VIII)
Elice (epigrama VIII)
Híades (epigrama VIII)

César (epigramas IX e LXXXII)
Jano (epigrama IX)
Pedro Antônio Aziarolo (epigramas X e XIX)
Marte (epigramas X, XIII e XVII)
Thália (epigramas X e XXXVII)
Lucas Ripa (epigramas XI e XXXIX)
Castálides (epigrama XII)
Musas (epigramas XII, XV e XXII)
Jano Lucas (epigramas XIV e LXXVII)
Creso (epigrama XIV)
Midas (epigramas XIV e LXXIII)
Amor (Vênus) (epigrama XV)
Pestino (epigrama XV)
Vinho (Baco) (epigramas XV e LXXI)
Laurêncio Monizio (epigrama XVI)
Castália (epigrama XVI)
Aurora (epigrama XVI)
Rombo (epigrama XVI)
Nestor (epigrama XVI)
Titono (epigrama XVI)
Jacob Sousa (epigramas XVII e LXXIX)
Bartolomeu Barbácia (epigrama XVIII)
Eberaco (epigrama XX)
Lantono (epigrama XX)
Leguleio (epigrama XXI)
Cabalo (epigrama XXII)
Pedro Nicoleio (epigrama XXII)

Filipe (epigrama XXII)
Neera (epigrama XXII)
Benedito Barbácia (epigrama XXIII)
Átalo (epigrama XXIII)
Croeso (epigrama XXIII)
Mydas (epigrama XXIII)
Febo Monizio (epigrama XXIV)
Febo (epigramas XXIV e XLI)
Calíope (epigrama XXV)
Latona (epigrama XXV)
Díon (epigrama XXV)
Calíope (epigrama XXV)
Apolo (epigramas XXV e XXXVII)
Jugurta (epigrama XXV)
Marcelo Virgílio (epigrama XXV)
Ângelo Policiano (epigrama XXVI)
Ulisses (epigrama XXVI)
Tisbe (epigrama XXVII)
Píramo (epigrama XXVII)
Camilo Vitelo (epigrama XXVIII)
Dédalo (epigrama XXXIX)
Erínis (epigrama XXIX)
Juno (epigrama XXIX)
Himeneu (epigrama XXIX)
Jacob Paqueco (epigrama XXX)
Batista Sarraco (epigrama XXXI)
Sufeno (epigrama XXXI)

Láquesis (epigrama XXXI)
Aônias musas(epigramas XXXII e XXXIII)
Nasão (epigramas XXXII e LXXXI)
Jano Conovício (epigrama XXXIII)
Bartolomeu Blanquino (epigrama XXXIV)
Saturno (epigrama XXXIV)
Emanuel (epigrama XXXV)
Pastores (epigrama XXXV)
Ludovico Melo Lusitano (epigrama XXXVI)
Bartolomeu Porta Parmense (epigrama XXXVII)
Martino Figuereto Lusitano (epigrama XXXVIII)
Nacta (epigrama XXXVIII)
Lucas Ripa (epigramas XI e XXXIX)
Varões (epigrama XXXIX)
André Magnânimo (epigrama XL)
Orfeu (epigrama XL)
Giges (epigrama XL)
Ninfa (epigrama XL)
Hipólito (epigrama XLI)
Constâncio Pistoriense (epigrama XLI)
Piéria (epigrama XLII)
Míncio (epigrama XLII)
Aônias (epigrama XLII)
Alcides (epigrama XLII)
Elisa (epigrama XLII)
Maro (epigrama XLII)
Musas (epigrama XLII)

Oríon (epigrama XLII)
Elice (epigrama XLII)
Safo (epigrama XLII)
Sátiro (epigrama XLII)
Juno (epigrama XLII)
Hércules (epigrama XLII)
Marcionissa de Mântua (epigrama XLII)
Gabriel Tassino (epigrama XLIII)
Pedro Antonio Aziarolo (epigrama XLIV)
Ao Mesmo (epigrama XLV)
Ludovico Passeto (epigrama XLVI)
Lucas Ripa (epigrama XLVII)
Rufino (epigrama XLVIII)
Ângelo Policiano (epigrama XLIX)
Paulo Silovício (epigrama L)
Musa (epigramas L, LVI, LXVI, LXX, LXXIII e LXXXI)
Paulo (epigrama L)
Pedro Antonio Aziarolo (epigrama LI)
Mecenas (epigrama LI)
Flaco (epigrama LI)
Maro (epigrama LI)
Tália (epigrama LI)
Pedro (epigrama LI)
Lucas Ripa (epigrama LII)
Ninfas Nereidas (epigrama LII)
Hylas (epigrama LII)
Ripa (epigrama LII)

Piérides (epigrama LII)
Júpiter (epigrama XLII e XLVI)
Deuses (epigrama XLII)
Naso (epigrama XLIII)
Escrínia (epigrama LIV)
Thespíado (epigrama LIV)
Blanquino (epigrama LIV)
Barbacíada (epigrama LIV)
Mino (epigrama LIV)
Beroaldo (epigrama LIV)
Rangão (epigrama LIV)
Blanco (epigrama LIV)
Bencívolo (epigrama LIV)
Pepulo (epigrama LIV)
Albergato (epigrama LIV)
Cirreu (epigrama LIV)
Diana (epigrama LIV)
Tideu (epigrama LIV)
Benévolo (epigrama LIV)
Tassino (epigrama LV)
Hércules Estroza (epigramas LVI e LVII)
Alcide (epigrama LVI)
Hércules (epigrama LVI)
Júpiter (epigramas LVII e LXIII)
Deuses Superiores (epigrama LVII)
Reis (epigrama LVII)
Deusas (epigramas LVII e LXII)

Lucas Ripa (epigrama LVIII)

Ângelo Ranúcio ditador (epigramas LIX e LX)

Ranúcios (epigrama LIX)

Eurídice (epigrama XL)

Amor (epigrama XL)

Júpiter (epigrama XL)

Deuses Superiores (epigrama XL)

Deus pacífico (epigrama LX)

Apolo (epigramas IV, XXII, XXIV, LX, LXII e LXXIII)

Sibila (epigrama LX)

Nicolau Rangono (epigrama LXI)

Marte (epigrama LXI)

Vênus (epigramas L e LXI)

Felsineu (epigrama LXI)

Benedito Barbácia (epigrama LXII)

Parcas (epigrama LXII)

Lucina (epigrama LXII e LXX)

Piérides (epigrama LXII)

Mercúrio (epigrama LXII)

Taurelo (epigrama LXIII)

Gigantes (epigrama LXIII)

Júpiter (epigrama LXIII)

Cupido (epigrama LXIII)

Deuses (epigrama LXIII)

Palas (epigrama LXIII)

Deusa (epigrama LXIII)

Clancolário (epigrama LXIV)

Zoilo (epigramas LXIV, LXVI e LXXIII)

Febo (epigrama LXIV)

Oceano (epigrama XLIV)

Trifão (epigrama XLIV)

Medéia (epigrama XLV)

Circe (epigrama XLV)

Marão (epigramas LXVI e LXXXI)

Prisca (epigrama LXVII)

Guidão (epigrama LXVII)

Galeato (epigrama LXVII)

Efígie (epigrama LXVIII)

Bernardo Anastácio (epigrama LXIX)

Askra (epigrama LXIX)

Camena (epigrama LXIX)

Títiro (epigrama LXIX)

Alberto Germano (epigrama LXX)

Ursa (epigrama LXX)

Demócrito (epigrama LXX)

Cado Exaurido (epigrama LXXI)

Cristo (epigrama LXXII)

Meônio (epigrama LXXIII)

Marove (epigrama LXXIII)

Megera (epigrama LXXIII)

Mársia (epigrama LXXIII)

Henrique Caiado (epigrama LXXIII)

Constantino Serafino (epigrama LXXVI)

Pedro (epigrama LXXIX)

Sozino (epigrama LXXXI)

Tibulo (epigramas XLIII e LXXXI)

Baldo (epigrama LXXXI)

Rofredi (epigrama LXXXI)

Cino (epigrama LXXXI)

Deus (epigrama LXXXII)

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO LIVRO II

LUGARES, MONTES, RIOS e POVOS:

Índia (epigrama II)
Nilo (epigrama II)
Garamantes (epigrama II)
Hespéria (epigrama II)
Colcos (epigrama II)
Fásis (epigrama II)
Emônia (epigrama II)
Tago (epigrama III)
Ganges (epigrama III)
Estige (epigrama VI, XVI)
Lete (epigrama VI)
Erídano (epigrama VI)
Mauritânia (epigrama VIII)
Olimpo (epigrama X)
Florença (epigrama XI)
Pisas (epigrama XI)
Lácio (epigrama XVI, XXXII, XLVII, LXXIV)
Roma (epigrama XVI, XXXII)
Romúlidas (epigrama XVI)
Ausônia (epigrama XVI)
Capitólio (epigrama XVI)
Sênones (epigramas XVI, LVI)
Tártaro (epigrama XXV)
Hélicon (epigrama XXV)
Povo felsíneo (epigrama XXXVII)

Urbe felsínea (epigrama XLII)
Etíopes (epigrama XLII)
Frância (epigrama XLII)
Tejo (epigramas XLIII, XLVI, LI)
Aônia (epigramas XLIII, LI, LIII)
Assírio (epigrama XLIX)
Vêneta (epigrama L)
Ganges (epigrama LI)
Árabes (epigrama LI)
Etíopes (epigrama LI)
Câmbia (epigrama LII)
Dardânios (epigrama LIII)
Gauleses (epigrama LVI)
Latinos (epigrama LVIII)
Itália (epigramas LXIII, LXIV)
Cristãos (epigrama LXIII)
Ródano (epigrama LXIII)
Tejo (epigramas LXIII, XCV)
Aônios (epigrama LXVI)
Mouros (epigrama LXXXII)
Micões (epigrama LXXXII)
Geras (epigrama LXXXII)
Hespéria (epigrama LXXXII)
Esparta (epigrama LXXXII)
Corinto (epigrama LXXXII)
Tindáridas (epigrama LXXXIII)
Eurotas (epigrama LXXXVI)

Lunenses (epigrama XCVI)

Argos (epigrama CI)

PERSONAGENS ILUSTRES PORTUGUESES E ITALIANOS, DIVINDADES, HERÓIS, PASTORES, POETAS E ANIMAIS:

Luís Teixeira (epigramas I, XVIII, XXIII, XXX, XLVI)

Rei Manuel (epigrama II)

Semíramis (epigrama II)

Líber (epigrama II)

Peleu (epigrama II)

Esônida (epigrama II)

Actofílax (epigrama II)

Tindáridas (epigrama II)

Pedro pontífice (epigrama III)

Júpiter (epigramas III, XV, XVI, XXXII, XL)

Antônio Galeácio Bentívolo (epigrama IV)

Camaldo (epigrama IV)

Febo (epigramas IV, V, VIII, XXIII, XXXII, XLIX, LIX)

Mino Rossi (epigrama V)

Piérides (epigrama V)

Aônias (epigrama V)

Castálides (epigramas V, XLIII)

Dáfne (epigrama V)

Hércules (epigramas VI, XLI, LXV, LXXIV, LXXXVII)

Alcides (epigramas VI, XXV, XLI, XLIV, LI, LXV, LXVIII, LXIX, LXXI, LXXV, LXXVII, LXXVIII, LXXXVII, XCIV, XCVII, XCVIII)

Estrozíada (epigrama VI)

Cupido (epigramas VI, XXIV)
Tebaldo (epigrama VI)
Célio (epigrama VI)
Panizato (epigrama VI)
Batista (epigrama VI)
Filomuso (epigrama VI)
Aristarco (epigrama VI)
Ripa (epigramas VI, XCIII)
Clário (epigrama VI, XVII)
Blanca Bentívola (epigrama VII)
Rangão (epigramas VII, XV)
Atlante Citaredo (epigrama VIII)
Atlas (epigramas VIII, IX, LI)
Atlante rei (epigrama VIII)
Guido Pepoli (epigrama IX)
Roberto Lantono (epigramas X, XX)
Tália (epigrama X, LX)
Alessandro Bentivoglio (epigrama XI)
Marte (epigramas XI, XVI, XXIV, XXXII)
Paulo Silovício (epigrama XII)
Francisco Senglada (epigrama XIII)
Eácida (epigrama XIII)
Príamo (epigrama XIII)
Heitor (epigrama XIII)
Celícolas (epigrama XIII)
Guido (epigrama XV)
Galo (epigrama XVI)

Cloto (epigrama XVI)

Pedro Flisco (epigrama XVII)

Aníbal (epigrama XIX)

Galeácio (epigrama XIX)

Aléxis (epigrama XIX)

Hermes (epigrama XIX)

Roberto Lantono (epigrama XX)

Benedito Barbácia (epigrama XXI)

Creso (epigrama XXI)

Midas (epigrama XXI)

Apolo (epigramas XXII, LI, XXXV, XLIII, XLVIII, LIV, LXVIII, LXXIX, LXXXIX, XCVII)

Rui Dubravo Boêmio (epigrama XXII)

Evan (epigrama XXIII)

Sêmele (epigrama XXIII)

Vênus (epigramas XXIV, LI)

Hércules Estroza (epigramas XXV, XLVIII)

Tito Estroza (epigramas XXVI, XLIV, LXXVI)

Maro (epigrama XXVI)

Sabino (epigramas XXVII, XXVIII)

Fúrio (epigrama XXVIII)

Henrique (epigramas XXVIII, XLVII, LX)

Marco Antônio Parmense (epigrama XXIX)

Pandolfo Pesarense (epigrama XXXI)

Diana (epigrama XXXII)

Endimião (epigrama XXXII)

Jacó Sousa (epigrama XXXIII)

Rômulo (epigrama XXXIII)
Luís Blanco (epigrama XXXIV)
Jano (epigrama XXXIV)
Jano Conovício (epigrama XXXV)
Luís Foliano (epigrama XXXVI)
Juno (epigrama XXXVI)
Jano Francisco Adrovando (epigrama XXXVI)
Aldrovanda (epigrama XXXVII)
Sila (epigrama XXXVII)
Fabiano Caviano (epigrama XXXIX)
Renério (epigrama XXXIX)
Renério Jacóbolo (epigrama XL)
Mecenas (epigrama XL)
Astreia (epigrama XL)
Bartolomeu Blanquino (epigrama XLII)
Aquiles (epigrama XLII)
Priâmida (epigrama XLII)
Meônidas (epigrama XLII)
Cila (epigrama XLII)
Caribde (epigrama XLII)
Nasão (epigrama XLII)
Marão (epigrama XLII)
Crasso (epigrama XLII)
Nestor (epigrama XLII)
Beroaldo (epigrama XLII)
Célio Calcagnino (epigrama XLIII)
Pitágoras (epigrama XLIII)

Piérides (epigramas XLIII, XLVIII)
Ceres (epigrama XLIV)
Tespíades (epigrama XLIV)
Sátiros (epigrama XLV)
Mênades (epigrama XLV)
Parcas (epigrama XLV)
Roberto Lantono (epigrama XLV)
Europa (epigrama XLVI)
Antônio Galeácio (epigrama XLVII)
César (epigrama XLVII)
Bentívolo (epigrama XLVII)
Estrozíadas (epigrama XLVIII)
Tito (epigrama XLVIII)
Patrono (epigrama XLIX)
Deuses (epigrama XLIX)
Zéfiro (epigrama XLIX)
Zacarias Contareno (epigrama L, LIII, LX)
Marco (epigrama L)
Apeles (epigrama L)
Antônio Tebaldo (epigramas LI, LIX)
Pegásidas (epigrama LI)
Musas (epigrama LI)
Hamadríades (epigrama LI)
Midas (epigrama LI)
Cárites (epigrama LI)
Cupido (epigrama LI)
Tespíades (epigrama LI)

Baco (epigramas LI, LIII)
Dáfne (epigrama LI)
Crasso (epigrama LI)
Átalo (epigrama LI)
Palas (epigrama LI)
Camenas (epigrama LI)
Nuno (epigrama LI)
Laura (epigramas LI, LIX, LXXII, XC)
Aníbal (epigrama LII)
Gradivo (epigrama LII)
Reinaldo Silvestre Rodigino (epigrama LIV)
Diana (epigrama LIV)
Silvestre (epigrama LIV)
César Mauro (epigrama LV)
Luís Maria Esfórcia (epigrama LIV)
Mauro (epigrama LVI)
Benedito Capuano (epigrama LVII)
Benedito (epigrama LVII)
Aníbal Câmbio (epigrama LVIII)
Dáfne (epigrama LIX)
Édipo (epigrama LIX)
Antônio (epigrama LIX)
Póstumo (epigrama LX)
Castália (epigrama LX)
Contareno (epigrama LX)
Vicente (epigrama LXI)
Cícero (epigrama LXI)

Vêneto Leão (epigrama LXIII)
Jerônimo Cássio (epigrama LXIV)
Cássio (epigrama LXIV)
Anfitrião (epigrama LXV)
Jano (epigrama LXVI)
Hortêncio (epigrama LXVI)
Masuro (epigrama LXVI)
Ian Blanford (epigrama LXVI)
Formiga (epigrama LXVII)
Boi (epigrama LXVII)
Apolo (epigramas LXVIII, LXXIX, LXXXIX, XCVII)
Latona (epigrama LXVIII)
Clário (epigrama LXVIII)
Musas (epigrama LXVIII)
Mecenas (epigrama LXVIII)
Aurora (epigrama LXX)
Céfalo (epigrama LXX)
Vênus (epigrama LXX)
Adônis (epigrama LXX)
Endímion (epigrama LXX)
Luna (epigrama LXX)
Triptólemo (epigrama LXX)
Ceres (epigrama LXX)
Medeia (epigrama LXX)
Helena (epigrama LXX)
Hipólito (epigrama LXX)
Fedra (epigrama LXX)

Fílis (epigrama LXX)
Demofoonte (epigrama LXX)
Narciso (epigrama LXX)
Febo (epigramas LXX, XC)
Jacinto (epigrama LXX)
Júpiter (epigramas LXX, LXXV, LXXXII)
Hylas (epigrama LXX)
Hércules (epigramas LXX, LXXI, XCIV)
Marte (epigramas LXX, LXXIX, LXXXII)
Gonzaga (epigrama LXX)
Palas (epigrama LXX)
Eneias (epigrama LXX)
Nicolau Bendedeo (epigramas LXXI, LXXV)
Verona (epigrama LXXII)
Serafino Jacobelo (epigrama LXXIII)
Tebaldo (epigrama LXXIV)
Tália (epigrama LXXV)
Aríon (epigrama LXXV)
Mársias (epigrama LXXV)
Fabiano Caviano (epigrama LXXVI)
Benedito Barbácia (epigrama LXXVII)
Tersites (epigrama LXXVII)
Antínoo (epigrama LXXVII)
Atlas (epigrama LXXVII)
Cúrio (epigrama LXXVII)
Fabrício (epigrama LXXVII)
Marulo (epigrama LXXIX)

Minerva (epigramas LXXIX, LXXXIII)
Náiades (epigrama LXXIX)
Estrímon (epigrama LXXIX)
Gradivo (epigramas LXXIX, LXXXII)
Neera (epigrama LXXIX)
Camenas (epigrama LXXIX)
Balbo (epigrama LXXX)
Luís Caiado (epigrama LXXXI)
Gigantes (epigrama LXXXII)
Lusitano rei (epigrama LXXXII)
Jano Castelo Branco (epigrama LXXXIII)
Creso (epigrama LXXXIII)
Midas (epigrama LXXXIII)
Cataldo Parísio (epigrama LXXXIV)
Musa (epigrama LXXXIV)
Tália (epigrama LXXXIV)
Jano Romeu Barbácia (epigrama LXXXV)
André (epigrama LXXXV)
Manes (epigrama LXXXV)
Nicolau Panizato (epigrama LXXXVI)
Cíntio (epigrama LXXXVI)
Jano Lucas (epigrama LXXXVI)
Atlanta (epigrama LXXXVII)
António Galeazzo Bentívoglio (epigrama LXXXVIII)
Bentívolo (epigrama LXXXVIII)
Martinho Figueiredo (epigrama LXXXIX)
Píton (epigrama XC)

Louredo (epigrama XC)
Gargiliano (epigrama XCI)
Netuno (epigrama XCIII)
Gomes lusitano (epigrama XCV)
Bartolomeu Banquino (epigrama XCVI, CV)
Álvaro (epigrama XCVI)
Ana (epigrama XCVI)
Olimpíadas (epigrama XCVI)
Tebaldo (epigrama XCVIII)
Erycina (epigrama XCVIII)
Serafino (epigrama XCIX)
Manes (epigrama XCIX)
Paulino (epigrama C)
Titono (epigrama C)
Nestor (epigrama C)
Codro Urceu (epigrama CI)
Aônidas (epigrama CI)
Piérides (epigrama CI)
Remo (epigrama CI)
Gargiliano (epigrama CII)
Jano Caballeto (epigrama CIII)
Fídias (epigrama CIII)
Aríon (epigrama CIII)
Zeuxis (epigrama CIII)
Meônides (epigrama CIII)
Benedito Heitor (epigrama CIV)
Blanquino (epigrama CV)

Calíope (epigrama CV)

Felipe Beroaldo Júnior (epigrama CVI)

Beroaldo (epigrama CVI)

Mévio (epigrama CVI)

Bávio (epigrama CVI)

ANEXOS:

**CORPUS
ILLUSTRIUM
POETARUM LUSITANORUM**

**- EDIÇÃO DE 1748
DE PORTUGAL -**

ANEXO 2:

EPIGRAMMATA

HERMICI

CALADI

- EDIÇÃO DE 1501

DE BOLONHA –

**E. MAIL DO DOUTORANDO:
marciomoitinha@hotmail.com**